



Curso de formação de Esclarecedores Espíritas (Doutrinadores)

Este é um compêndio de informações úteis e práticas que pode ser utilizado em cursos de formação de Esclarecedores Espíritas – também chamados de Doutrinadores. Baseado em apostila originalmente elaborada pela Coordenação de Ação Mediúnica do Grupo de Fraternidade Leopoldo Machado completa-se com a adição de textos e excertos de livros e pesquisas na internet e com algo de experiência própria.

Valter J. Marques
Dezembro de 2009

| ÍNDICE | |
|--|----|
| UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO À DOCTRINAÇÃO | |
| Necessidade de doutrinação | 4 |
| Objetivos das sessões de doutrinação | 4 |
| Resultados da doutrinação de Espíritos | 5 |
| Métodos a serem utilizados | 6 |
| Hábitos inconvenientes que devem ser abolidos | 9 |
| Resumo | 10 |
| UNIDADE 2 - A REUNIÃO MEDIÚNICA E SEUS COMPONENTES | |
| A Reunião Mediúnica | 13 |
| O Médiun e a Mediunidade | 14 |
| O Doutrinador | 16 |
| O Dirigente | 18 |
| Os assistentes | 19 |
| A equipe espiritual | 20 |
| Tipos de reuniões | 20 |
| Sobre o comportamento recomendado para as reuniões mediúnicas | 21 |
| Relacionamento doutrinador/médiun | 24 |
| Abordagens sobre relacionamentos interpessoais – (Discussão X Diálogo) | 25 |
| Esquemas de comunicação e resolução de conflitos | 26 |
| Concentração | 27 |
| Prontidão para ouvir | 30 |
| Mediunidade Intuitiva e mediunidade de inspiração | 34 |
| Médiuns Intuitivos | 35 |
| Médiuns inspirados | 36 |
| Médiuns de pressentimentos | 36 |
| Médiuns Proféticos | 36 |
| Perguntas freqüentes sobre reuniões mediúnicas | 37 |
| Os comunicantes | 39 |
| A escala espírita | 39 |
| A natureza dos espíritos comunicantes | 43 |
| Ocupações e missões dos Espíritos | 46 |
| Crítica rigorosa da comunicação | 49 |
| Tipos mais comuns de espíritos comunicantes | 52 |
| Zoantropia | 58 |
| UNIDADE 3 – PRÁTICA DA DOCTRINAÇÃO | |
| Influência do Médiun e da mediunidade | 59 |
| O Médiun na Reunião Mediúnica | 60 |
| O Meio | 62 |
| Da influência moral dos médiuns na comunicação | 66 |
| As fases da comunicação mediúnica | 67 |
| As fases da doutrinação | 69 |
| O fechamento da comunicação | 79 |

| UNIDADE 4 – TÉCNICAS COMPLEMENTARES | |
|---|-----|
| A prece | 81 |
| O passe | 83 |
| O choque anímico | 86 |
| Regressão de memória | 87 |
| A hipnose | 89 |
| UNIDADE 5 – OCORRÊNCIAS COMUNS NAS REUNIÕES MEDIÚNICAS | |
| <i>Com o médium psicofônico</i> | |
| Mediunismo | 94 |
| Animismo | 94 |
| Mistificação | 97 |
| Comunicações incompletas e imperfeitas | 101 |
| Charlatanismo e embuste | 101 |
| Médiuns iniciantes | 102 |
| Condicionamentos e viciações na manifestação mediúnica | 103 |
| Desdobramento | 104 |
| <i>Com o doutrinador</i> | |
| Os recém-desencarnados | 107 |
| Informação sobre a morte | 110 |
| APÊNDICE – TEXTOS COMPLEMENTARES | |
| Do livro “Os Mensageiros”, de André Luiz | 113 |
| Do livro “Voltei”, de Irmão Jacob | 113 |
| Do livro “Temas da vida e da morte”, de Manoel P. de Miranda | 114 |
| Do livro “Loucura e obsessão”, de Manoel P. de Miranda | 115 |
| Do livro “Libertação”, de André Luiz | 116 |
| Do livro “Missionários da Luz”, de André Luiz | 117 |
| Do livro “Nos Domínios da Mediunidade”, de André Luiz | 120 |
| Do livro “No Mundo Maior”, de André Luiz | 122 |
| De “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec | 124 |
| Situação do espírito desencarnado | 125 |
| A obsessão e o obsessor | 135 |
| O doutrinador | 142 |
| Para lembrar quando estiver doutrinando | 143 |
| Entrevista com Divaldo Franco | 145 |

UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO À DOCTRINAÇÃO

Necessidade de doutrinação

Alguns espíritas, diz Herculano Pires¹, pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos bons Espíritos no plano espiritual. Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os Espíritos sofredores permanecem apegados à matéria e à vida terrena, razão pela qual os Protetores Espirituais têm dificuldade de comunicar-se com eles. O seu envolvimento com os fluidos e as emanções ectoplásmicas próprias da sessão mediúnica lhes é, portanto, necessário, o que evidencia que a reunião mediúnica e a doutrinação humana dos desencarnados são uma necessidade.

A morte não tem o poder de transformar ninguém. Cada Espírito, ao desencarnar, leva consigo suas virtudes e defeitos, continuando na vida espiritual a ser o que era quando ligado ao corpo, com seus vícios e condicionamentos materiais, dos quais se liberta pouco a pouco. Além disso, confundido pelas lições recebidas das religiões tradicionais, o Espírito não encontra no Além aquilo que esperava: nem céu, nem inferno, muito menos o repouso até o juízo final. Ao contrário, ele aí encontra a dura realidade espiritual, fundamentada na existência da lei de causa e efeito, onde cada qual se mostra como é, sem disfarces, falsas aparências ou o verniz social.

Sua condição espiritual determina sua aura psíquica e seu peso específico, frutos ambos da elevação maior ou menor de seus pensamentos, sentimentos e atos. Quanto mais elevados estes forem, mais rarefeito será seu perispírito, de modo que cada habitante do mundo espiritual se coloca em seu merecido e devido lugar, sem privilégios de qualquer espécie.

Os que se encontram em posição de perturbação por falta de esclarecimento adequado, ou por renitência no mal, necessitam ser orientados, para que, em se modificando mentalmente, melhorem sua condição espiritual. Como muitas vezes estão ainda cheios de condicionamentos materiais, tais Espíritos repelem a ação mais direta dos orientadores desencarnados, razão pela qual requerem um contato com os encarnados, naturalmente mais afeitos aos fluidos densos da matéria. É o que ocorre nas sessões mediúnicas.

Os orientadores desencarnados lhes falam, mas não conseguem atingi-los. Em contato, porém, com um médium, pelo fato de terem vibrações assemelhadas, há a possibilidade de entendimento. Surge, então, a doutrinação, que visa a modificar sua forma de pensar e de agir, buscando sua melhora. Ensinando-lhes o caminho do bem e do perdão, despertando-os para a necessidade de renovação espiritual, ajudamo-los a descobrir o Evangelho de Jesus para a sua libertação integral. É por isso que a doutrinação dos Espíritos desencarnados é de grande importância para apressar o progresso dos companheiros que estagiam no mundo espiritual, trazendo benéficos resultados para o mundo corpóreo.

Objetivos das sessões de doutrinação

Diz-nos Edgard Armond² que as sessões de doutrinação de Espíritos objetivam esclarecer entidades desencarnadas a respeito de sua própria situação espiritual, orientando-as no sentido do seu despertar no plano invisível e o seu subsequente equilíbrio e progresso espirituais.

Para facilitar o seu despertar ou o seu esclarecimento, Espíritos jungidos ao habitat terrestre por força da lei de afinidade são trazidos às sessões de doutrinação e aí ligados momentaneamente a médiuns de incorporação, com o que, no contato com os fluidos benéficos da corrente aí formada, acrescidos dos ensinamentos recebidos do doutrinador encarnado, logram quase sempre despertar e retomar o caminho do aperfeiçoamento espiritual.

Doutrinar Espíritos não é, porém, tarefa fácil, pois exige conhecimentos doutrinários bastante desenvolvidos e senso psicológico para que o doutrinador possa captar com rapidez a verdadeira feição moral do caso que defronta e, em consequência, encaminhar a doutrinação no devido rumo. É necessário ainda ao doutrinador possuir paciência e bondade, humildade e tolerância, porque somente com auxílio dessas virtudes poderá enfrentar os casos mais difíceis em que se manifestam Espíritos maldosos, zombeteiros ou empedernidos.

Segundo observa André Luiz³, a pessoa envolvida nessa tarefa não pode esquecer que a Espiritualidade Superior confia nela e dela aguarda o cultivo de determinados atributos como os que se seguem:

- direção e discernimento;
- bondade e energia;
- autoridade fundamentada no exemplo;
- hábito de estudo e oração;
- dignidade e respeito para com todos;
- afeição sem privilégios;
- brandura e firmeza;
- sinceridade e entendimento;
- conversação construtiva.

A doutrinação, informa Herculano Pires⁴, existe em todos os planos, mas o trabalho mais rude e pesado é o que se processa em nosso mundo. Orgulhoso e inútil, e até mesmo prejudicial, será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo. Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos bons Espíritos. O doutrinador que não compreende esse princípio precisa de doutrinação e esclarecimento, para alijar do seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar Espíritos quem tiver amor e humildade.

Dito isto, Herculano Pires observa que é importante não confundir humildade com atitudes piegas, com melosidade. Muitas vezes a doutrinação exige atitudes enérgicas, não ofensivas nem agressivas, mas firmes e imperiosas. É o momento em que o doutrinador trata o obsessivo com autoridade moral, a única autoridade que podemos ter sobre os Espíritos inferiores, que sentem a nossa autoridade e se submetem a ela, em virtude da força moral de que dispusermos. Essa autoridade, no entanto, só conseguimos adquirir por meio de uma vivência digna no mundo, sendo sempre corretos em nossas intenções e em nossos atos, em todos os sentidos, porquanto as nossas falhas morais não combatidas, não controladas, diminuem nossa autoridade sobre os obsessores.

Resultados da doutrinação de Espíritos

Os benefícios da desobsessão são incalculáveis. André Luiz⁵ assevera: "Erraríamos frontalmente se julgássemos que a desobsessão apenas auxilia os desencarnados que ainda pervagam nas sombras da mente. Semelhantes atividades beneficiam a eles, a nós, bem assim os que nos partilham a experiência cotidiana, seja em casa ou fora do reduto doméstico e, ainda, os próprios lugares espaciais em que se desenvolve a nossa influência".

O referido autor espiritual mostra-nos, então, que a desobsessão areja os caminhos mentais e nos imuniza contra os perigos da alienação, estabelecendo vantagens ocultas em nós, para nós e em torno de nós. Refere ele na mesma obra: “Através dela, desaparecem doenças-fantasmas, empecos obscuros, insucessos, além de obtermos com o seu apoio espiritual mais amplos horizontes ao entendimento da vida e recursos morais inapreciáveis para agir, diante do próximo, com desapego e compreensão”.

Os resultados da doutrinação dependem do ambiente formado pelos pensamentos do dirigente e dos participantes, da condição moral que o dirigente apresente para orientar os Espíritos e da própria condição espiritual da entidade, que pode aceitar ou não os conselhos e esclarecimentos que recebe. O resultado dependerá também dos métodos utilizados, que devem ser aplicados de acordo com a circunstância e a necessidade do momento.

Assevera Herculano Pires⁶: “A doutrinação espírita equilibrada, amorosa, modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a percepção da realidade-real que nos escapa, quando nos apegamos à ilusão das nossas pretensões individuais, geralmente mesquinhas”.

O objetivo da doutrinação dos Espíritos é o esclarecimento da entidade comunicante quanto ao seu estado transitório de perturbação, as causas de seus sofrimentos e a forma pela qual poderá encontrar a solução para seus problemas. O esclarecedor e todos os membros do grupo mediúnicos são chamados a vibrar amorosamente em favor da entidade, demonstrando solidariedade com o seu sofrimento e emitindo pensamentos de auxílio e apoio moral.

Depois de esclarecido e de haver aceito o novo caminho que se lhe abre, o Espírito apresenta mudanças no seu modo de agir. Se empedernido, mostrar-se-á tocado e sensível aos ensinamentos cristãos, buscando nova forma de encarar a vida; se revoltado, mostrar-se-á submisso à Lei suprema, que não é injusta com ninguém; se odioso, observará as conseqüências em si mesmo de sua sementeira infeliz e procurará dominar seus maus sentimentos; se desesperado, notará agora novas possibilidades de alcançar a paz através do trabalho e da fé ativa. A doutrinação abre para os desencarnados um novo panorama de vida, onde novas atividades se descortinam, com possibilidades de trabalho, felicidade e progresso.

Métodos a serem utilizados

Na tarefa de doutrinação dos Espíritos que se comunicam nas sessões mediúnicas não existe regra fixa, pois cada caso é único. Como a doutrinação não objetiva somente Espíritos sofredores, mas igualmente Espíritos ignorantes que ainda permanecem em esferas de embrutecimento, e Espíritos maldosos que se devotam ao mal conscientemente, bem variado deve ser o modo de doutrinar uns e outros.

Há, entretanto, determinadas regras que não podem deixar de ser aplicadas nessa tarefa:

- receber com atenção e interesse as comunicações;
- ouvi-las com paciência e imbuído da melhor intenção de ajudar;
- envolver o comunicante em um clima de vibrações fraternais, dando oportunidade para que ele fale;
- estabelecer em tempo oportuno um diálogo amigável e esclarecedor;
- evitar acusações e desafios desnecessários;
- confortar e amparar através do esclarecimento;
- não discutir com exaltação tentando impor seu ponto de vista;
- não receber a todos como se fossem embusteiros e agentes do mal;
- ser preciso e enérgico na hora necessária, sem ser cruel e agressivo;
- evitar o tom de discurso e também as longas preleções;
- ser claro, objetivo, honesto, amigável, fraterno, procurando dar ao comunicante aquilo que gostaria de receber se no lugar dele estivesse.

André Luiz⁷ atribui o serviço de doutrinação à equipe de médiuns esclarecedores, a quem ele sugere a observância da seguinte postura para o bom cumprimento de sua tarefa:

- guardar atenção no campo intuitivo, a fim de registrar com segurança as sugestões e os pensamentos dos benfeitores espirituais que comandam as reuniões;
- tocar no corpo do médium em transe somente quando necessário;
- cultivar o tato psicológico, evitando atitudes ou palavras violentas, mas fugindo da doçura sistemática que anestesia a mente sem renová-la, na convicção de que é preciso aliar raciocínio e sentimento, compaixão e lógica, a fim de que a aplicação do socorro verbalista alcance o máximo rendimento;
- estudar os casos de obsessão surgidos na equipe mediúnica, que devam ser tratados na órbita da psiquiatria, para que a assistência médica seja tomada na medida aconselhável;
- impedir a presença de crianças nas tarefas da desobsessão.

André Luiz⁸ recomenda ainda a dirigentes e esclarecedores, bem como a todos os que participam das reuniões mediúnicas, que tenham sempre em mente:

- I - desobsessão não se realiza sem a luz do raciocínio, mas não atinge os fins a que se propõe, sem as fontes profundas do sentimento;
- II - o esclarecimento aos desencarnados sofredores se assemelha à psicoterapia e que a reunião é tratamento em grupo, na qual, sempre que possível, deverão ser aplicados os métodos evangélicos;
- III - a parte essencial ao entendimento é atingir o centro de interesse do Espírito preso a idéias fixas, para que se lhes descongestione o campo mental, sendo de todo impróprio, por causa disso, qualquer discurso ou divagação desnecessária;
- IV - os manifestantes desencarnados, seja qual for sua conduta na reunião, são, na realidade, Espíritos carecedores de compreensão e tratamento adequados, a exigir paciência, entendimento, socorro e devotamento fraternais;
- V - cada Espírito sofredor deve ser recebido como se fosse um familiar nosso extremamente querido; agindo assim, acertaremos com a porta íntima através da qual lhe falaremos ao coração;
- VI - pelo que ouça do manifestante, o esclarecedor deduzirá qual o sexo a que o Espírito comunicante tenha pertencido na precedente existência, para que a conversação elucidativa se efetue na linha psicológica ideal;
- VII - os problemas de animismo ou de mistificação inconsciente que porventura surjam no grupo, devem ser analisados sem espírito de censura ou de escândalo, cabendo ao dirigente fazer todo o possível para esclarecer com paciência e caridade os médiuns e os desencarnados envolvidos nesses processos;
- VIII - é preciso anular qualquer intento de discussão ou desafio com os Espíritos comunicantes, dando mesmo razão, algumas vezes, aos manifestantes infelizes e obsessores;
- IX - nem sempre a desobsessão real consiste em desfazer o processo obsessivo, de imediato, porquanto em diversos casos a separação de obsidiado e obsessor deve ser praticada lentamente;
- X - quando necessário, o esclarecedor poderá praticar a hipnose construtiva no ânimo dos Espíritos sofredores, quer usando a sonoterapia para entregá-los à direção e ao tratamento dos instrutores espirituais presentes, com a projeção de quadros mentais proveitosos ao esclarecimento, quer sugerindo a produção e ministração de medicamentos ou recursos de contenção em favor dos manifestantes que se mostrem menos acessíveis à enfermagem do grupo;
- XI - não se deve constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, atentos ao preceito da espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio;
- XII - o esclarecimento não deve ser longo em demasia, perdurando a palestra educativa em torno de dez minutos, ressalvadas as situações excepcionais;

- XIII - se o manifestante perturbado se fixar no braseiro da revolta ou na sombra da queixa, indiferente ou recalcitrante, o esclarecedor solicitará a cooperação dos benfeitores espirituais presentes para que o necessitado rebelde seja confiado à assistência espiritual especializada. Nesse caso, a hipnose benéfica poderá ser utilizada para que o magnetismo balsamizante asserene o companheiro perturbado e o afastamento dele seja efetivado.

Reportando-se aos casos em que os Espíritos comunicantes se mostram demasiado renitentes, a ponto de perturbar os trabalhos, sugere Herculano Pires⁹ que aí o melhor a fazer é chamar o médium a si mesmo, fazendo-o desligar-se do Espírito perturbador. O episódio servirá ainda para reforçar a confiança do médium em si mesmo, demonstrando-lhe que pode interromper por sua vontade as comunicações perturbadoras. O Espírito geralmente voltará em outras sessões, mas então já tocado pelo efeito da doutrinação e desiludido de sua pretensão de dominar o ambiente.

Hermínio C. Miranda¹⁰ afirma que, no início, os Espíritos em estado de perturbação não estão em condições psicológicas adequadas à pregação doutrinária. Necessitam, então, de primeiros socorros, de quem os ouça com paciência e tolerância. “A doutrinação virá no momento oportuno, e, antes que o doutrinador possa dedicar-se a este aspecto específico, ele deve estar preparado para discutir o problema pessoal do espírito, a fim de obter dele a informação de que necessita”, esclarece Hermínio.

Divaldo P. Franco¹¹ concorda: “Não podemos ter a presunção de fazer o que a Divindade tem paciência no realizar. Essa questão de esclarecer o Espírito no primeiro encontro é um ato de invigilância e, às vezes, de leviandade, porque é muito fácil dizer a alguém que está em perturbação: **Você já morreu!** É muito difícil escutar-se esta frase e recebê-la serenamente”. E acrescenta: “A nossa tarefa não é a de dizer **verdades**, mas a de **consolar**, porque dizer simplesmente que o comunicante já desencarnou os Guias também poderiam fazê-lo. Deve-se entrar em contato com a Entidade, participar de sua dor, consolá-la, e, na oportunidade que se faça lógica e própria, esclarecer-lhe que já ocorreu o fenômeno da morte...”

A tarefa assemelha-se, desse modo, ao chamado atendimento fraterno que as Casas espíritas dispensam aos encarnados que as buscam, em que é mais importante ouvir do que falar, idéia essa defendida por Suely Caldas Schubert em recente palestra realizada em Londrina.

A propósito do assunto, Raul Teixeira¹² sugere: “O doutrinador dispensará, sempre, os discursos durante a doutrinação, entendendo-se aqui discurso não como a linha ideológica utilizada, mas sim a falação interminável, que não dá ensejo à outra parte de se exprimir, de se explicar. Muitas vezes, na ânsia de ver as Entidades esclarecidas e renovadas, o doutrinador se perde numa excessiva e cansativa cantilena, de todo improdutiva e exasperante”. “O diálogo com os desencarnados deverá ser sóbrio e consistente, ponderado e clarificador, permitindo boa assimilação por parte do Espírito e excelente treino lógico para o doutrinador.”

Para Roque Jacintho¹³, a paciência inscreve-se como uma das virtudes maiores de todos os que se dedicam à tarefa da doutrinação das entidades desencarnadas. A paciência, diz ele, é filha do amor-sábio. Por isso é que, envolvendo os nossos semelhantes com as vibrações de nosso amor, poderemos ouvi-los dissertar longamente sobre seus problemas, sem nos atirmos à empreitada de demoli-los ou censurá-los, pois sabemos que eles se levantarão um dia. A ironia jamais nos açulará à ação de revide nem a ímpetos de agressão, porque acolheremos a nossa humilhação como degraus da escada evolutiva. Saber ouvir será tão importante quanto falar. Saber calar será tão urgente quanto redargüir. Saber pacificar será tão importante quanto reagir. Saber compreender será tão importante quanto ser compreendido.

O doutrinador e o esclarecedor devem ter, por fim, a consciência de que o bem prodigalizado às entidades em sofrimento vem do mais alto, como ensina Emmanuel¹⁴ nesta

advertência psicografada por Francisco Cândido Xavier: “Que os doutrinadores sinceros se rejubilem, não por submeterem criaturas desencarnadas, em desespero, convictos de que em tais circunstâncias o bem é ministrado, não propriamente por eles, em sua feição humana, mas por emissários de Jesus, caridosos e solícitos, que os utilizam à maneira de canais para a misericórdia divina; que esse regozijo nasça da oportunidade de servir ao bem, de consciência sintonizada com o Mestre Divino, entre as certezas doces da fé, solidamente guardada no coração”.

Hábitos inconvenientes que devem ser abolidos

Diversos autores têm chamado a atenção para hábitos, vícios e práticas que precisam ser abolidos das sessões mediúnicas.

Edgard Armond¹⁵ considera absolutamente inconvenientes as atitudes seguintes:

- exigir o nome do Espírito comunicante;
- crer cegamente no que diz o Espírito;
- o misticismo exagerado;
- a verborragia e o falatório inútil, que são próprios de Espíritos mistificadores e irresponsáveis;
- a agitação por parte dos médiuns que batem mãos e pés, bufam, gemem, gritam, contorcem-se durante a sessão;
- as preces lidas;
- estabelecer ordem para os médiuns darem passividade;
- conferir hegemonia a determinado médium;
- abertura e fechamento da sessão pelos guias;
- o uso de roupas e vestimentas especiais.

Emílio Manso Vieira¹⁶ chama-nos a atenção para uma outra prática igualmente condenável, que é o afastamento dos Espíritos obsessores por meio da violência. Os dirigentes que assim procedem confundem energia serena, fruto da autoridade moral, com processos violentos de forças vibratórias. André Luiz nos mostra em “Libertação”, cap. XIV, qual a maneira correta de agir nesses casos, reabilitando o obsidiado e conquistando o obsessor por meio de elucidações amoráveis e atitudes dignificantes.

Roque Jacintho¹⁷ reporta-se a determinadas informações ou perguntas que alguns doutrinadores apresentam equivocadamente aos comunicantes, tais como:

“Você já morreu e não pode sentir dores”

“Ingresse nas escolas daí para aprender”

“Você está doente. Procure um hospital”

“Por que você não perdoa?”

“Por que você não abandona aquela casa?”

Há doutrinadores, adverte Roque Jacintho¹⁸, que entendem que acordar de súbito o Espírito comunicante para a realidade seja um benefício e, por isso, costumam informá-los, abruptamente, que já estão mortos. O resultado dessa atitude é, amiúde, a loucura que se instala nos infelizes que desconheciam a própria morte. Evitemos, portanto, ferir diretamente a questão da morte com os Espíritos que não sabem que já desencarnaram. Ofereçamos-lhes orientação, conduzindo os entendimentos dentro do âmbito de suas necessidades pessoais e, pouco a pouco, eles mesmos compreenderão o fenômeno pelo qual passaram.

Herculano Pires¹⁹, em apoio a essa idéia, observa que, se o doutrinador disser cruamente a esses Espíritos que eles já morreram, mais assustados e confusos eles ficarão. Devemos, pois, tratar a entidade comunicante como se ela estivesse doente e não desencarnada. Mudando a sua situação mental e emocional, em poucos instantes ela mesma perceberá que já

passou pelo transe da morte e que se encontra amparada por familiares e amigos que procuram ajudá-la.

Doutrinação de espíritos.doc
Londrina, 19-5-2001
Astolfo O. de Oliveira Filho

RESUMO

História

Doutrinação é a técnica moderna baseada no esclarecimento doutrinário contínuo ou pontual desenvolvida por Kardec para substituir técnicas desumanas anteriores.

Técnicas anteriores

Exorcismo – Espancamentos diários – Preces exaustivas – Crucifixos – Relíquias – Rosários e Terços – Medalhas – Aspersão de água benta.

Formas mais conhecidas na antiguidade

Católica (exorcismo) – onde prevalece até hoje a idéia de possessão demoníaca.

Judaica – (Mais racional) – Onde se empregava também o apelo à razão do Dibuk, considerado como *espírito demoníaco ou alma penada*. Os judeus reconheciam e identificavam o espírito obsessivo como espírito humano de pessoa morta que se vingava do obsidiado ou cobrava débitos dele e da família.

Doutrinação

Forma persuasiva de esclarecimento do obsessivo E do obsidiado

Com amor e compreensão trata ambos como criaturas humanas

Cristianizou os tratamentos das doenças mentais

os espíritos sofredores

- Como a maioria dos espíritos sofredores não sabe que uma mente desalinhada e triste impede a visão dos espíritos de amor, pensam, pois, ser normal não vê-los. Por isso, oitenta e cinco por cento dos espíritos com sentimentos desajustados não têm visão clara dos espíritos iluminados.
- Permanecem mais intimamente ligados a terra, portanto, à matéria.
- Precisam se sentir seguros no meio mediúnicamente envolvidos nos fluidos e emanções ectoplásmicas da reunião, para poderem conversar de maneira proveitosa com os espíritos esclarecedores (preparação).
- Os planos espirituais são superpostos – a partir da terra – como regiões destinadas aos vários graus ou ordens de espíritos. A doutrinação existe em todos os planos, mas dá-se no nosso mundo o trabalho mais rude – Com a ajuda dos espíritos do plano imediatamente superior.

Segundo Emmanuel²⁰, “Os Espíritos ao desencarnarem carregam consigo suas virtudes e seus defeitos, continuando, na vida espiritual, a serem o que eram quando encarnados, pois que a morte não tem o condão de transformar a criatura naquilo que ela não é. Assim, a grande maioria dos homens, morrendo para a vida física, adentra o mundo espiritual marcados pelos seus vícios e condicionamentos materiais.

As religiões tradicionais, cheias de fórmulas e de misticismo, calcadas na intenção de assustar para converter, em vez de esclarecer para iluminar, iludem o Espírito que não encontra no além

aquilo que esperava. As idéias falsas sobre o céu e inferno e as de repouso para esperar o julgamento final o decepcionam frente à realidade do mundo espiritual, fundamentada na existência da lei de causa e efeito.

Cada um se mostra tal como é, não havendo possibilidade de engodo pela hipocrisia e pela falsa aparência. A ressonância vibratória marcada no perispírito é traduzida pela aura psíquica de cada um, que reflete a sua condição espiritual e também o chamado peso específico que se fundamenta na elevação dos pensamentos, sentimentos e atos da criatura.

Os que se encontram em posição de perturbação por falta de esclarecimento adequado, ou por renitência normal, ignorantes que são da lei do amor, necessitam ser orientados, para que em se modificando mentalmente, melhorem de situação espiritual. Por estarem ainda cheios de condicionamentos materiais repelem a ação mais direta dos orientadores desencarnados, necessitando, destarte, um contato com os espíritos ainda mergulhados nos fluidos densos da matéria, ou seja, os encarnados, o que acontece no fenômeno mediúnico.

Os desencarnados falam a eles, mas não os atingem. Porém, em contato com um médium, pelo fato das vibrações serem mais similares, há possibilidade de entendimento. Daí a doutrinação avisa a modificação da forma de pensar e de agir aos Espíritos buscando sua melhora, ensinando-lhes o caminho do bem e do perdão, despertando-os para a necessidade da renovação espiritual, ajudando-os a descobrir o Evangelho de Jesus para sua inteira libertação.

Assim, a doutrinação dos Espíritos desencarnados é de grande importância para apressar ainda mais o progresso do mundo espiritual, com resultados benéficos no mundo dos encarnados”.

Técnicas utilizadas

- CONVERSAÇÃO
- DOUTRINAÇÃO PROPRIAMENTE DITA
- EVANGELIZAÇÃO
- PERSUASÃO, INCLUINDO TÉCNICAS DE SUGESTÃO
- PASSE FLUÍDICO
- PRECE
- ECTOPLASMIA
- REGRESSÃO A VIVÊNCIAS PASSADAS (Cuidado)
- INFLUÊNCIA RECÍPROCA NO TRNSE MEDIÚNICO

Métodos utilizados

Na doutrinação das entidades que se comunicam nas sessões mediúnicas, não há regra fixa, pois cada caso é um caso, diferente e especial. Contudo há determinados comportamentos a serem observados, pois são regras cristãs que devem ser empregadas como:

- Receber com atenção e interesse as comunicações;
- Ouvi-las com paciência e imbuído da melhor intenção de ajudar;
- Envolver o espírito em um clima de vibrações fraternais, dando oportunidade a que fale;
- Estabelecer em tempo oportuno um diálogo que deve ser amigo e esclarecedor;

- Evitar acusações e desafios desnecessários;
- Não discutir com exaltação procurando impor seu ponto de vista;
- Confortar e amparar pelo esclarecimento;
- Não receber a todos como se fosse embusteiros ou agentes do mal;
- Ser preciso e enérgico na hora necessária, sem ser cruel e agressivo;
- Evitar tom discursivo, que constrange o Espírito, e as longas preleções;
- Ser claro, objetivo, honesto, amigo, fraternal, procurando dar ao comunicante o que gostaria de receber se no lugar dele estivesse.

NOTAS:

1. "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", págs. 65 e 66.
2. "Trabalhos Práticos de Espiritismo", págs. 59 e seguintes.
3. "Desobsessão", cap. 13.
4. "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", págs. 66 e 67.
5. "Desobsessão", cap. 64.
6. "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", pág. 71.
7. "Desobsessão", cap. 24.
8. "Desobsessão", cap. 32, 33, 34, 36 e 37.
9. "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", págs. 85 e 86.
10. "Diálogo com as sombras", págs. 68 e 69.
11. "Diretrizes de Segurança", questão nº 62.
12. "Diretrizes de Segurança", questão nº 63.
13. "Doutrinação", pág. 45.
14. "Caminho, Verdade e Vida", cap. 145.
15. "Trabalhos Práticos de Espiritismo", págs. 139 e seguintes.
16. "Dirigentes e Sessões e Práticas Espíritas", cap. XIX.
17. "Doutrinação", págs. 22 e 159.
18. "Doutrinação", cap. 27.
19. "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", pág. 77.
20. "Pão Nosso", cap. 177.

UNIDADE 2 - A REUNIÃO MEDIÚNICA E SEUS COMPONENTES

A Reunião Mediúnica

Já foi dito em “O Livro dos Espíritos”¹ que o homem se desenvolve através do contato social e que no isolamento se embrutece e estiola.

A mediunidade sendo como que um sentido do homem é natural que se manifeste no meio social a espriar-se entre as criaturas de modo a cumprir o papel transformador que lhe compete.

Porque nem todos somos capazes de nos interessar, ao mesmo tempo por muitos assuntos, é natural que os que pela mediunidade se interessam, reúnam-se, identifiquem-se em programas específicos de trabalho que constituem objetivos dos Centros Espíritas e mais particularmente dos grupos mediúnicos. É a vivência do ensino de Jesus: “quando duas ou mais pessoas estiverem presentes em meu nome eu estarei entre elas”.

A importância das reuniões mediúnicas, que têm como meta última a regeneração moral da Humanidade, no que se confunde com os objetivos da própria Doutrina Espírita, está a exigir equipes cada vez mais adestradas e conscientes. E isto se dará efetivamente quando todos:

- Possuírem um único desejo: o de se instruírem e melhorarem;
- Compreenderem os objetivos e aderirem aos mesmos, ou seja: perfeita comunhão de vistas e de sentimentos;
- Capacitarem-se, continuamente, para o desempenho da função que executam;
- Pautarem-se exclusivamente nos seus papéis enquanto outros não lhe forem confiados;
- Cooperarem reciprocamente uns com os outros;
- Estimarem-se como verdadeiros irmãos;
- Manterem-se permanentemente motivados e sintonizados com o comando superior que emana da espiritualidade.
- Não esquecer que “uma reunião é um ser coletivo cujas propriedades são as de seus membros e formam como que um feixe”².

Basicamente, as funções existentes numa reunião mediúnica, conforme a feição atual do movimento espírita são:

Médium - Intérprete dos Espíritos e instrumento de que se utilizam para se manifestarem aos homens;

Doutrinador - Terapeuta do esclarecimento e da consolação; pessoa que atende os Espíritos, que se comunicam;

Dirigente - O coordenador do grupo; a pessoa que dirige as reuniões e que, não raro, também atende os Espíritos;

Assistente - Trata-se do auxiliar. Pessoa que participa da reunião na condição de fornecedor de energias vitais e pensamentos elevados, o que, aliás, é obrigação de todos. Muitas vezes entre os assistentes se revelam preciosas mediunidades a cultivar, seja para o exercício da psicofonia, psicografia, vidência, etc., seja para o trabalho de doutrinação.

Caberia colocar-se a função de passista. Todavia o passe se integra tão intimamente com a doutrinação que normalmente é aplicado pelos doutrinadores e dirigentes.

A nossa abordagem sobre as funções se centrará nos seguintes aspectos:

- O porquê da função na vida de cada um;
- As qualidades requeridas;
- As atribuições

É bom deixar claro que todas as pessoas que compõem o grupo, sejam dirigentes, doutrinadores, médiuns ou assistentes têm o compromisso de trabalharem pelo próprio crescimento moral e pelo desenvolvimento das qualidades afetivas, porque somente assim atrairemos os Bons Espíritos às nossas reuniões. Ao colocarmos o rol de qualidades que devem possuir esses companheiros encarregados da doutrinação, de modo algum estamos colocando-os à parte como seres superiores aos demais, nem afirmando (por decreto) que eles são ou devem ser as pessoas mais evoluídas da Equipe. Quantas vezes na descrição de um trabalho silencioso de assistente e na regularidade de uma expressão mediúnica discreta não estará escondido uma alma de escol?

Aliás, uma equipe mediúnica para cumprir eficientemente o seu papel, deve abstrair-se dessas avaliações personalistas, das competições silenciosas ou não, permitindo, assim, que cresça a fraternidade e o sentido irrestrito da cooperação.

O Médium e a Mediunidade

É natural que nos comuniquemos com os espíritos desencarnados e eles conosco, porque também somos Espíritos, embora estejamos encarnados.

Pelos sentidos físicos e órgãos motores, tomamos contato com o mundo corpóreo e sobre ele agimos. Pelos órgãos e faculdades espirituais mantemos contato constante com o mundo espiritual, sobre o qual também atuamos.

Todas as pessoas, portanto, recebem a influência dos espíritos. A maioria nem percebe esse intercâmbio *oculto*, em seu mundo íntimo, na forma de pensamentos, estados de alma, impulsos, pressentimentos, etc.

Mas, há pessoas em que o intercâmbio é *ostensivo*. Nelas, os fenômenos são marcantes, acentuados, bem característicos (psicofonia, psicografia, efeitos físicos, etc.), ficando evidente uma outra individualidade, a do Espírito comunicante. A essas pessoas, Allan Kardec denomina *médiuns*.

Médium é uma palavra neutra, de origem latina; quer dizer mediano, que está no meio. De fato, o médium serve de intermediário entre o mundo físico e o espiritual, podendo ser o intérprete para o Espírito desencarnado.

Mediunidade é a faculdade que permite sentir e transmitir a influência dos Espíritos, ensejando o intercâmbio, a comunicação, entre o mundo físico e o espiritual. (Faculdade: capacidade que pode ou não ser usada).

Quem apresenta perturbação é médium?

Muitas vezes, ao eclodir a mediunidade, a pessoa costuma dar sinais de sofrimento, perturbação, desequilíbrio. Firmou-se até um conceito errado entre o povo: *se uma pessoa se mostra perturbada, deve ter mediunidade*.

Entretanto, a mediunidade não é doença, nem leva à perturbação, pois é uma faculdade natural. Se a pessoa se perturba ante as manifestações mediúnicas, é por sua falta de equilíbrio emocional e por sua ignorância do que seja a mediunidade, ou porque está sob ação de maus Espíritos.

Não se deve colocar em trabalho mediúnico quem apresente perturbações. Primeiro, é preciso ajudar a pessoa a se equilibrar psiquicamente, através de passes, vibrações e esclarecimentos doutrinários. Deve-se recomendar, também, a visita ao médico, porque a perturbação pode ter causas físicas, caso em que o tratamento será feito pela medicina.

Para o desenvolvimento da mediunidade, somente deve ser encaminhado quem esteja equilibrado e doutrinariamente esclarecido e conscientizado.

Sinais Precursores

A mediunidade fica bem caracterizada, quando:

- há vidência ou audição no plano fluídico;
- dá-se o transe psicofônico (fala) ou psicográfico (escrita);
- há produção de efeitos físicos onde a pessoa se encontre.

Mas, nem sempre é fácil e rápido de distinguir as manifestações mediúnicas, quando, em seu início, das perturbações fisiopsíquicas.

Eis alguns sinais que se não tiverem causas orgânicas, podem indicar que a pessoa tem facilidade para a percepção de fluído, para o desdobramento (que favorece o transe) ou que está sob a atuação de Espíritos:

- sensação de “presenças” invisíveis;
- sono profundo demais, desmaios e síncope inexplicáveis;
- sensações ou idéias estranhas, mudanças repentinas de humor, crises de choro;
- “ballonement” (sensação de inchar, dilatar) nas mãos, pés ou em todo o corpo, como resultado de desdobramento perispiritual;
- adormecimento ou formigamento nos braços e pernas;
- arrepios de frio, tremores, calor, palpitações.

Curso de Iniciação ao Espiritismo - Cap. Mediunidade e seu Desenvolvimento

O Espírito João Cleofas³ afirma que “a mediunidade com Jesus é uma porta de esperança no labirinto das aflições”. E poderíamos acrescentar que, o médium é a chave que abre esta porta.

Vejamos alguns sábios conselhos de Allan Kardec⁴:

“Santa é a missão que desempenham os médiuns, rasgar os horizontes da vida eterna... Como intérpretes dos ensinamentos dos Espíritos têm que desempenhar importante papel na transformação moral que se opera...”

Aquele que, médium, compreende a gravidade do mandato, religiosamente o desempenha”

“O médium que compreender o seu dever longe de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence visto que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as coisas boas que obtém...”

Estes conceitos de Kardec⁵ reforçam o ascendente moral que deve prevalecer, sempre, no exercício mediúnico, e remete-nos a uma reflexão acurada sobre as qualidades de caráter predominantes nos bons médiuns, conforme ele mesmo classificou: médiuns sérios, modestos, devotados e seguros.

Alguns autores têm procurado elucidar a razão de algumas pessoas possuírem maior aptidão do que outras para a mediunidade.

No dizer de André Luiz⁶ “a aptidão mediúnica provém de um pronunciamento do campo magnético de certas pessoas, situadas temporariamente em regime de “descompensação vibratória” seja de teor purgativo ou de elevada situação...” Seria uma projeção do perispírito para fora do corpo carnal⁷ daí André Luiz ter afirmado que “mentes integralmente afinadas com a esfera física possuem campo magnético reduzido”.

Que o teor das experiências de vidas anteriores concorre para o surgimento da mediunidade confirma o Espírito Odilon Fernandes⁸ ao dizer: “Existem pessoas que, seja pelo débito cármico, seja pelo seu merecimento, trazem a mediunidade a flor da pele”... Elas tiveram um tipo de vida que lhes possibilitou o progresso nesse sentido.

“Aprenderam a exercitar a mente, viveram de forma solitária, foram vampirizados por entidades espirituais que lhe precipitaram as forças psíquicas”.

Refletindo sobre esse caráter provacional de grande número de médiuns Hermínio Miranda⁹ escreveu: “A mediunidade longe de ser uma marca de nossa grandeza espiritual, é, ao contrário, o indício de renitentes imperfeições. Representa uma capacidade concedida para abreviar o resgate de faltas passadas... O médium não é um ser aureolado pelo dom divino, mas depositário desse dom, que lhe é concedido em confiança para uso adequado”.

É como se a Lei Divina, colocasse na própria dor decorrente de nossas quedas, o princípio qualitativo, automático, regularizador da nossa evolução. Assim, a mediunidade de provas de hoje poderá ser a mediunidade-missão do amanhã. O instrumento insipiente (forças vibratórias frágeis) desta encarnação poderá vir a ser o instrumento afinado do futuro.

O Doutrinador

É aquele que doutrina, que orienta. Num grupo mediúnico, chama-se doutrinador a pessoa que se incumbe de dialogar com as desencarnados necessitados de ajuda e esclarecimento.

A doutrinação é a técnica usada para conduzir para a luz os espíritos já desencarnados, inclusive os obsessores, através do esclarecimento. Essa técnica foi criada e desenvolvida por Allan Kardec para substituir as praticas arbitrias do exorcismo. A doutrinação espírita humanizou o tratamento das doenças mentais e psíquicas, inclusive perante a medicina.

Nos tempos atuais a doutrinação não e feita somente para espíritos obsessores, mas também para espíritos sofredores, ignorantes e viciados na pratica do mal. E para todos aqueles que buscam respostas para uma nova forma de viver. Para aqueles que partiram e não sabem, para aqueles que buscam esclarecimentos, para aqueles que suplicam pelo perdão e necessitam falar de sua culpa para poderem partir em busca de paz e luz.

Nunca, jamais, um doutrinador deve se julgar capaz de doutrinar sozinho, pois se tornará orgulhoso, inútil, e até mesmo prejudicial. Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permitirá compreender a necessidade de ser auxiliado pelos bons espíritos, nossos queridos amigos e protetores, que dentro das necessidades do momento nos transmitem, através da intuição, a que aquele espírito incorporado precisa ouvir ou saber, mostrando-nos o caminho que devemos seguir para a sucesso de nosso trabalho.

O doutrinador que não compreender esse princípio precisa ser doutrinado e esclarecido, para tirar de seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar espíritos quem tiver amor, humildade e fé no seu coração.

O doutrinador nunca deve esquecer que o espírito que comparece em busca de soluções para de e aflições, não está em condições, logo de inicio, de receber instruções acerca da Doutrina Espírita. Ele não está disposto a ouvir uma pregação, nem predisposto ao aprendizado. Ele está desesperado em busca de explicações e resultados.

Muitos espíritos quando chegam em uma sessão de doutrinação já chegam com conhecimento da Doutrina Espírita. Muitos são inteligentes, bem preparados e experimentados

em diferentes técnicas de debate, tendo um linguajar sem igual. Isto não significa que todo doutrinador tem de ser um gênio, de enorme capacidade intelectual e de impecável formação filosófica.

Se o doutrinador estiver bem familiarizado com as obras fundamentais do Espiritismo, e com o coração aberto, encontrara sempre a que dizer, ainda que não esteja no mesmo nível intelectual do obsessor. O confronto aqui, não é de inteligências, nem de culturas; e de corações, de sentimentos.

A doutrinação, não é um amontoado de palavras difíceis ou decoradas. A doutrinação é simples: é puro amor, compreensão e harmonia.

A doutrinação deve manter sempre um critério de caráter geral, individualizando-se na medida da necessidade e das peculiaridades de situações especiais que aparecerem no decorrer do trabalho.

O doutrinador deve ser alguém de muita fé e preparado para exercer este mister, transbordando sempre em seu trabalho a fé que possui, que deverá ser percebida e alcançada por nossos irmãos em tratamento.

Texto adaptado do livro Instruções Básicas para um doutrinador, de Doris Carajilescov Pires

Orgulhoso e inútil e até mesmo prejudicial será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo. Sua eficiência depende sempre da HUMILDADE que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos espíritos bons.

- O doutrinador necessita ter o cuidado de USAR PALAVRAS de acordo com o grau de entendimento do ouvinte, para não assustá-lo. Usar palavras simples, fáceis, comuns do dia a dia, usadas entre nós,
- A palavra do doutrinador deve SEMPRE estar revestida de AMOR e HUMILDADE e transmitir estímulo moral ao espírito.
- Doutrinar não é julgar; não podemos julgar ninguém. Doutrinar é ensinar e amparar irmãos desorientados. Se a doutrinação não for feita com sobriedade, com humildade e COM FIRMEZA, dentro da verdade, o obsessor não confiará no que vai ouvir.
- Doutrinar não é acusar, mas em alguns casos, quando o espírito obsessor já estiver enxergando o ambiente espiritual da Casa, e já recebido toda orientação possível e continua renitente, às vezes é preciso ser mais firme com ele, tal como um pai ou um irmão mais experiente o faz. Nunca se esquecer de CONFIAR na continuação do processo de acolhimento pela espiritualidade.
- AUTORIDADE MORAL é a única autoridade que podemos ter com os espíritos inferiores. As nossas falhas morais não combatidas, não controladas, diminuem a nossa autoridade sobre os obsessores. Isso nos mostra o que é a moral: *poder espiritual que nasce da retidão do espírito*. Não se trata da moral convencional, das regras da moral social, mas da moral individual, íntima e profunda, que realiza a integração espiritual do ser voltado para o bem e a verdade.
- Deve-se EXPLICAR e NUNCA ameaçar.
- A doutrinação espírita EQUILIBRADA e AMOROSA modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a realidade-real que nos escapa.
- A prática da doutrinação é uma arte em que o doutrinador vai se aprimorando na medida em que se esforça para dominá-la.
- Não basta dizer que já morreram, citar trechos evangélicos, ou pedir para acompanhar uma prece, ou ainda induzir o sono.

- Há que se esclarecer dos perigos que correm de serem utilizados por espíritos malfeitores. (A ameaça da perda de liberdade os amedronta e os leva a buscar mais esclarecimento sobre a situação em que se encontram).

O doutrinador não pode deixar de dispor destas qualidades, ou aptidões básicas:

- Formação doutrinária muito sólida, com apoio insubstituível nos livros da Codificação Kardequiana;
- Familiaridade com o Evangelho de Jesus;
- Autoridade Moral;
- Fé;
- Amor.

As demais são desejáveis, importantes também, mas não tão críticas:

- Paciência;
- Sensibilidade;
- Tato;
- Energia;
- Vigilância;
- Humildade;
- Destemor;
- Prudência.

DIÁLOGO COM AS SOMBRAS (HERMÍNIO C. MIRANDA)

O Dirigente

A figura que dirige, é de muita importância para todo o grupo. Deve ser uma pessoa que conheça profundamente a Doutrina Espírita e, mais que isto, que viva os seus postulados, obtendo assim a autoridade moral imprescindível aos labores dessa ordem. Esta autoridade é fator primacial, pois uma reunião dirigida por quem não a possui será, evidentemente, ambiente propício aos Espíritos perturbadores. Diz-nos Kardec que a verdadeira superioridade é a moral e é esta que os Espíritos realmente respeitam. É ela que irá infundir nos integrantes da equipe a certeza de uma direção segura e equilibrada.

O dirigente precisa ser, pois, alguém em quem o grupo confie, uma pessoa que represente para os encarnados a diretriz espiritual, aquela que na realidade sustenta e orienta tudo o que ocorre. Ele é o representante da direção existente na Espiritualidade, o pólo catalisador da confiança e da boa-vontade de todos.

Ao dirigente cabe ainda a tarefa de conscientizar a equipe quanto à necessidade do seu entrosamento com o Centro Espírita onde trabalha, para que o grupo não fique apartado das atividades da Casa. É de bom alvitre que a equipe seja integrada ao Centro onde funciona.

O dirigente deve preparar um companheiro para auxiliá-lo e substituí-lo em seus impedimentos.

Algumas das qualidades indispensáveis ao dirigente: autoridade fundamentada no exemplo; conhecimento do Espiritismo; fé; facilidade de se expressar; amor à tarefa e ao próximo; hábito de estudo e oração; delicadeza; calma; firmeza; precisão.

Vejamos o dirigente e os doutrinadores como companheiros que, por necessidades evolutivas, não raro de natureza provocacional, estão investidos de tais responsabilidades no presente momento.

As mesmas obras consultadas permite-nos alinhar as seguintes atribuições para o dirigente:

- Oração inicial e final;

- O comando da palavra;
- Apelos à cooperação mental, sempre que necessário;
- Solicitar instruções dos mentores;
- Controlar as situações mais difíceis;
- Escolher os doutrinadores que lhe auxiliarão;
- Orientação geral ao grupo;
- Analisar, com o grupo, as passividades;
- Promover o estudo;
- Participar das atividades do Centro e estimular todos para esta participação.

O dirigente das tarefas de desobsessão não pode esquecer que a Espiritualidade Superior espera dele o apoio fundamental da obra com direção e discernimento, bondade e energia.

Certo, não se lhe exigirão qualidades superiores à do homem comum; no entanto, o orientador da assistência aos desencarnados sofredores precisa compreender que as suas funções diante dos médiuns e freqüentadores do grupo, são semelhantes às de um pai de família, no instituto doméstico.

Os assistentes

Os assistentes quando conscientes do papel que desempenham fazem-se “dínamos de vibrações amorosas” no dizer de Hermínio Miranda¹⁰.

Ouçamos o que nos ensina o Espírito Odilon Fernandes¹¹. “Os médiuns de sustentação são aqueles que se especializam no sentido de manterem o bom padrão vibratório da reunião, através da prece silenciosa e dos pensamentos fraternos que emitem. Têm uma importância muito maior do que comumente se pensa”.

As instruções seguintes são de André Luiz¹²:

“Os assistentes mantenham harmoniosa união de pensamentos, oferecendo base às afirmativas do dirigente ou doutrinador”.

“Dispensem simpatia e solidariedade para com os comunicantes como se fossem parentes queridos”.

“Não perpassem em suas mentes idéias de censura ou crueldade, ironia ou escândalo”.

E Hermínio Miranda¹³ completa esse quadro de instruções com uma advertência das mais importantes:

“Os assistentes não devem se envolver mentalmente na conversa a ponto de interferir no difícil diálogo entre o doutrinador e o Espírito”.

A leitura dos capítulos 7 e 11 de “Nos Domínios da Mediunidade” e 17 de “Missionários da Luz” nos ensinará compreender a gama de providências e recursos que se podem movimentar numa reunião mediúnica com as energias oferecidas pelos que dela participam, ou seja:

- - Reproduzir através do “condensador ectoplásmico” as imagens fluídicas projetadas pela mente dos Espíritos comunicantes, para análise dos Mentores e do Doutrinador;
- - Tornar visíveis aos Espíritos sofredores os Mentores e Espíritos familiares em serviço de ajuda;
- - Composição de idéias-formas e quadros transitórios para serem mostrados aos Espíritos sofredores com finalidades educativas ou coercitivas;
- - Compôr vestimentas de médiuns em desdobramento.

A equipe espiritual

A parte da seção mediúnica que se desdobra no plano físico nem de leve se equipara à complexidade dos labores que se dão no plano espiritual.

Hermínio Miranda¹⁴ afirma que “o trabalho que nos trazem (os mentores) obedece a planejamentos cuidadosos, cuja vastidão e seriedade nem podemos alcançar para entender... embora se portem com “discrição e seriedade, interferindo o mínimo possível”.

Somente a observação atenta no decorrer dos anos permite-nos avaliar parcialmente a importância da presença desses benfeitores queridos.

São algumas de suas atribuições:

- Escolha dos Espíritos que se comunicarão em função das possibilidades da equipe de encarnados;
- Preparação do ambiente (asepsia, defesas, etc.);
- Preparação dos médiuns e doutrinadores para a reunião;
- Instruções diretas ao Grupo (manifestações);
- Manipulação de recursos vitais (ectoplasma);
- Acoplagem mediúnica e sustentação do processo da comunicação (Guias dos Médiuns);
- Concentração magnética de Espíritos desarvorados;
- Participação direta no serviço da doutrinação;
- Ampliação da voz dos doutrinadores e Espíritos Bons em serviço para as regiões sombrias do Mundo Espiritual.

Tipos de reuniões

Kardec classificou em frívolas e instrutivas¹⁵ de acordo com o grau de conscientização das pessoas que delas participam, e experimentais, aquelas voltadas para a pesquisa dos fenômenos de efeito físico.

Como nosso propósito é tratar apenas das reuniões instrutivas sérias, poderíamos dizer que as mesmas, no Brasil foram se ajustando a determinados projetos de trabalho ganhando características particulares e designações próprias, ou seja:

Educação Mediúnica

São as reuniões para onde convergem os médiuns principiantes, que em convivência com alguns médiuns mais experientes se educam. Costuma-se fazer aprendizado teórico concomitante ao prático, dividindo-se o tempo entre o estudo e a prática ou exercício da mediunidade.

Desobsessão

Especializadas no atendimento de casos de obsessão. Somente médiuns adestrados participam destas reuniões. Pode-se trabalhar de forma direcionada para atender determinadas pessoas encarnadas que reclamam o socorro do grupo, pode-se trabalhar em desobsessão exclusiva dos trabalhadores da Casa, ou podem-se operar os casos espontâneos programados pelos Espíritos Superiores.

Pronto-socorro espiritual

É uma reunião espontânea em que se atendem os Espíritos que são trazidos ao grupo pelos Mentores. Espíritos de qualquer natureza podem ser trazidos, obsessores, sofredores, etc., a depender da programação Espiritual da preparação da equipe. Há instituições que fazem a educação mediúnica em reuniões desta natureza, quando não as têm específicas para tal mister.

Fluidoterapia

Visam atender especificamente os encarnados, seja com passes ou bioenergia ou através da atuação magnética dos Espíritos.

Experimentais

Ainda prevalece a percepção de Kardec. Estas reuniões estão voltadas para a obtenção do fenômeno físico e das materializações (inexistentes ou pouco difundidas no tempo de Kardec).

Mistas

Destinam-se à exposição doutrinária (no primeiro momento) e ao socorro mediúnico (no segundo) aos Espíritos que possam ser atendidos, conforme o ambiente fluídico da Reunião. Estas reuniões são muito utilizadas como estágios provisórios de instituições em formação ou situadas em regiões de difícil locomoção, em que as oportunidades não se renovam com facilidade.

Sobre o comportamento recomendado para as reuniões mediúnicas

Preparação

De todos os integrantes da reunião espera-se uma atitude de confiança, atenção, meditação, concentração no bem, paciência e compreensão, durante o desenrolar dos trabalhos. Além disso, são recomendáveis e de extrema ajuda à manutenção energética da reunião as seguintes observações:

Na vida íntima:

- Moralidade;
- Estudo;
- Trabalho;
- Dedicção ao bem.

Na vida social:

- Vigilância quanto às companhias;
- Lugares que freqüenta;
- Natureza das conversações.

Ao se integrar numa equipe de reunião mediúnica, cada componente deve compenetrar-se da necessidade de uma preparação adequada à importância do trabalho que se propõe realizar.

Desde o despertar:

- Orar ou acolher idéias de natureza superior;
- Procurar ter intenções e palavras puras, atitudes e ações limpas;
- Evitar rugas e discussões, sustentando paciência e serenidade.

Alimentação:

- Leve (Estômago cheio, cérebro inábil);
- Pratos ligeiros e quantidades mínimas para facilitar a digestão, sem comprometimento para o trabalho, evitando o sono, o cansaço e o desconforto prejudiciais;
- Totalmente impróprio o uso de álcool ou quaisquer outras drogas;
- Se não puder abster-se, reduzir ao mínimo o uso de carne, café, condimentos.

Repouso Físico e Mental:

- Após o trabalho profissional, se possível, reservar alguns minutos para o refazimento do corpo e da alma. (Preparo externo e interno) através de leituras salutares, prece e Meditação;
- Pelo menos, durante alguns minutos, no lar, no dia da reunião dedicar-se à prece e meditação;
- Evitar vulgaridades, ligando as tomadas do pensamento ao mais alto.

Superação de impedimento:

- Chuva ou frio não devem constituir impedimentos insuperáveis;
- Frente a visitas inesperadas ou pedidos de socorro, ajudar e prosseguir para a tarefa;
- Surgindo contratempos, superá-los buscando as obrigações espirituais que nos aguardam.

No Centro Espírita e na reunião:

- Evitar discussões, vozerios, críticas, comentários alheios à tarefa, queixas, azedume, apontamentos irônicos;
- Conscientizar-se de que é um ponto de ligação entre os dois planos de vida;
- Ser intermediário fiel para os bons espíritos evitando deformar-lhes as instruções;
- Ser intermediário caridoso para ajudar em verdade os sofredores;
- Lembrar-se de que gostaria de ser auxiliado se estivesse no lugar dos espíritos menos felizes;
- Isolar a mente de quaisquer idéias para expressar livremente o pensamento do comunicante;
- Lembrar que qualquer entidade merece simpatia e respeito, amor e carinho;
- Evitar qualquer fanatismo que pode levar à exaltação religiosa;
- Evitar entregar-se cegamente à direção de qualquer espírito;
- Não aceitar orientações e comportamento do dirigente menos esclarecido, embora bem intencionado, e não atribuir todos os males da existência à influência espiritual;

- Não confiar cegamente em si mesmo, desprezando o estudo, o bom senso, a lógica e os conselhos dos companheiros;
- Lembrar sempre que o trabalho espiritual depende do conjunto, assim sendo a falha de um componente pode prejudicar o esforço de muitos gerando às vezes o insucesso.

Na reunião

Nas reuniões mediúnicas, muito mais do que as palavras que o doutrinador possa dizer ou os participantes possam ouvir das entidades manifestantes, nomeadamente dos guias espirituais, são as emoções que contam. Grupo mediúnico em que os elementos componentes do mesmo não se coloquem em sintonia e disponíveis para o auxílio a eventuais entidades sofredoras, sob a direção espiritual do orientador dos trabalhos, em nome de Jesus, no mínimo, pouca produtividade terá, isto se não cair em mistificações e numa obsessão coletiva, de consequências imprevisíveis.

Quando nos encontramos numa reunião em que existe intercâmbio entre os dois planos temos que ter sempre consciência da suma importância e responsabilidade de que se reveste e de que se trata de algo de transcendental, com a permissão de Deus, nosso Pai. Já André Luiz nos alertava para a leviandade com que muitas vezes os participantes encarnados encaravam as reuniões de intercâmbio mediúnico.

Como se disse no início, aqui, muito mais do que as palavras que possam ser proferidas ou ouvidas, são as emoções e os sentimentos que contam.

As vibrações de amor sinceras por nós emanadas, o desejo profundo em colaborar para o auxílio de um companheiro desencarnado em sofrimento, a alegria sentida quando esse auxílio se concretiza, a satisfação que sentimos quando um companheiro enredado em sentimentos de ódio e desejos de vingança, concede o perdão ao antigo carrasco ou quando um outro reencontra seres queridos que há muito não via, mudando nesse momento o padrão mental que o retinha estacionado no tempo e no espaço... dizem sobre o grau de envolvimento sincero que decorre da nossa entrega ao exercício da caridade activa, com Jesus.

A nossa disponibilidade ao auxílio ao próximo, que deve estar sempre presente, o nosso comportamento diário, com bons pensamentos e actos, a nossa entrega total, que deve começar muito antes da reunião mediúnica propriamente dita, ditam sobre o bom sucesso da mesma, se todos os participantes se guiarem pelos mesmos princípios que, afinal, todos nós há muito conhecemos do Evangelho.

Seres carregados de defeitos e imperfeições, que somos, temos, muitas vezes, dificuldade em seguir as lições básicas de Jesus e, frequentemente, resvalamos, no dia-a-dia para pensamentos e atos em que nos condenamos e de que nos arrependemos. Mas, o fato de termos consciência deles já é um progresso e pode representar o início da transformação. Os amigos espirituais são extraordinariamente compreensivos e tomam em consideração a nossa sincera boa vontade, contando-nos entre os aprendizes do Evangelho que somos e tomando-nos como colaboradores com muitos defeitos, mas também com alguns talentos que eles aproveitam para a boa execução dos trabalhos.

Boa vontade e desejo sincero na prática da caridade, eis duas condições essenciais que devem estar sempre presentes em quem pretenda participar numa reunião mediúnica séria.

O desejo egoísta em receber auxílio, a ânsia da comunicação, a curiosidade mórbida... tudo isto, se estiver na mente de algum ou alguns dos participantes, frustra o objetivo verdadeiro da reunião que é o exercício ativo da Caridade.

Sabemos do que falamos, pois, infelizmente, há quem deseje participar numa reunião mediúnica com o desejo íntimo, escondido lá no fundo, de ouvir a comunicação (se possível a si dirigida) ou receber o auxílio ou benefícios pessoais. E se tal não sucede a quem vai com estas intenções, mesmo que inconscientemente, surge a desilusão e a frustração. Porque o

real objetivo dessa pessoa, não manifesto e muitas vezes auto-justificado era o de receber e não o de dar.

Sejamos, pois, sinceros e honestos para conosco próprios e para com os outros e perguntemo-nos se, de fato, o objetivo com que participamos ou pretendemos participar em reuniões mediúnicas é o do exercício ativo da Caridade, tendo em atenção que esta implica, muitas vezes, carregar com pesados fardos e suportar experiências dolorosas. Mas com a certeza de que não estamos sós, que Jesus nos acompanha e que depois vem a compensação e a alegria de termos sido úteis ao nosso semelhante.

Mário

Núcleo Espírita Familiar Amigo Amén

Relacionamento doutrinador/médium

Os cuidados de inter-relacionamento do grupo (ou da dupla) na harmonia do ideal comum de amar e servir são requisitos comuns a todos os componentes.

Pela natureza íntima, pela proximidade de médium e doutrinador em um trabalho essencialmente coloquial, ambos devem estimar-se e respeitar-se. Estima sem servilismo e sem fanatismo; respeito sem temores e sem reservas íntimas.

Quando o relacionamento médium-doutrinador é imperfeito ou sofre abalos mais sérios, põe-se em risco a qualidade do trabalho mediúnic. A razão é simples e óbvia: ao incorporar-se, o espírito manifestante vem trabalhar com os elementos ou instrumental que encontra no médium e no doutrinador. Ele pressente, através da energia emanada por ambos quaisquer sombras de conflitos e – quando mais sagaz e inteligente – utiliza-se disto para desencaminhar o trabalho de socorro. Não devemos esquecer de que na maioria das vezes o espírito comunicante sente-se ameaçado e a sua primeira reação é defender-se. Se existe ali alguma reserva com relação à afinidade entre os trabalhadores, ou pior ainda, alguma hostilidade mais declarada, é claro que a sua tarefa negativa será bastante facilitada.

Da mesma forma que um médium mais culto fornece melhores recursos para uma manifestação de teor mais erudito, um médium de temperamento mais violento oferece condições mais propícias a manifestações violentas.

Pela mesma razão, se existe entre médium e doutrinador um vínculo mais forte de afeição, o espírito agressivo fica algo contido, e ainda que agrida o doutrinador com palavras ou gestos, não consegue fazer tudo quanto desejava. Muitos são os comunicantes que se queixam disso, durante suas manifestações, exatamente porque não logram dar vazão aos seus impulsos e intenções, porque as vibrações afetivas entre médium e doutrinador arrefecem inevitavelmente tais impulsos.

É preciso ainda considerar que se o médium realiza esse trabalho de impregnação fluídica no perispírito do manifestante, este também traz uma carga, às vezes, pesada e agressiva que atua energeticamente sobre o perispírito do médium,

Com freqüência, nossos médiuns declaram que, ao sentirem a aproximação do espírito manifestante, experimentaram tal ou qual sensação: força, ódio, tristeza, angústia ou amor, paz, serenidade. Da mesma forma, os resíduos vibratórios que permanecem na intimidade do perispírito do médium, após a desincorporação, são bastante conhecidos, sendo necessário, quase sempre, quando são desagradáveis e agressivos, dispersá-los por meio de passes, a fim de que o médium se recomponha.

Afora isso, o médium terá cuidado de falar em tom audível, não tão baixo que force o atendente aproximar-se muito pela dificuldade em ouvir. Manter-se distâncias convenientes indicadas pela boa educação.

Quanto ao doutrinador, caso o Espírito chegue violento, agressivo e o médium se exceda na exteriorização, cabe-lhe, educada e firmemente convidá-lo a que fale mais baixo, que se utilize do mesmo tratamento respeitoso que está recebendo, etc.

Nesse trabalho de resgate, a solidariedade precisa ser exercida para que o socorro se efetue com eficácia. Participando das reuniões caridosas de intercâmbio com sofredores desencarnados, aprende-se a aquilatar o valor do amor. Percebe-se a "não-violência" poderosa do amor, o resultado dos fluidos magnéticos manipulados pelos sentimentos e, acima de tudo, a magia sublime da presença da espiritualidade, pelos laços criados através da oração.

É a atividade do coração. Não há espaço para meias-verdades, indiferença ou comodismo.

Algumas sugestões para o bom inter-relacionamento médium/doutrinador

1. Ser atento e só formular observações objetivando a cooperação
2. Ser um conhecedor da doutrina, ou pelo menos, ser suficientemente honesto acerca do conhecimento que possui.
3. Ser confiante, claro e coerente na interação com o seu parceiro de trabalho.
4. Irradiar cordialidade, amizade, aceitação e empatia.
5. Ser dinâmico, espontâneo e aberto.
6. Utilizar uma abordagem positiva.

Abordagens sobre relacionamentos interpessoais – (Discussão X Diálogo)

Dialogar: trocar opiniões, comentários, etc., com alternância dos papéis de falante e ouvinte; conversar; buscar entender-se com outras pessoas ou outros grupos.

Discutir: analisar questionando; defender pontos de vista contrários sobre algo; debater; por em dúvida algo; contestar; conversar de maneira exaltada e apaixonada; alterar; desentender-se, brigar.

No Dicionário Houaiss encontramos:

1 – Comunicação reativa – Forma de comunicação egóica e centrada no individualismo.

Foca-se principalmente a divergência de opiniões.

O comunicador tem a intenção de convencer os demais que a sua opinião é a correta.

Age com julgamento de certo ou errado.

Não abre espaço mental para ouvir a opinião dos outros

2 – Comunicação passivas – fuga à discussão – Também forma egóica de comunicação caracterizada por sentimentos de insegurança e impotência.

Foca-se na fuga à divergência de opiniões

Desperta sentimentos de impotência, timidez, pseudo-humildade e auto-anulação que evitam o conflito por permanecer calado.

Cria um conflito interno porque todo processo de anulação é falso em si mesmo.

Cria uma pseudo-harmonia com o comunicante reativo e transforma isto em um conflito interno crescente.

Sentimentos relacionados à comunicação egóica.

Egocentrismo, egoísmo, orgulho, raiva, irritação, mágoa, ressentimento, prepotência, autoritarismo, ansiedade

3 – Comunicação pró-ativa - Diálogo - Objetiva a busca do consenso, o compartilhamento de opiniões diferentes.

Foca-se na convergência de várias opiniões para se chegar a um resultado único.

Difícil de praticar, pois os nossos sentimentos egóicos ainda gritam dentro de nós.

Objetiva dar vazão aos sentimentos da individualidade em harmonia com a coletividade, amizade, respeito, serenidade, afeto, solidariedade, tolerância, paciência, mansidão, humildade, compaixão, compreensão, aceitação.

Esquemas de comunicação e resolução de conflitos

| <u>COMO SURGEM OS CONFLITOS</u> | | <u>FORMA FALSA DE SE ADMINISTRAR CONFLITOS</u> | <u>FORMA ESSENCIAL PROATIVA DE SE ADMINISTRAR CONFLITOS</u> |
|---|---|---|---|
| <p>- SENTIMENTOS EGÓICOS EVIDENTES:</p> <p>- ORGULHO, EGOÍSMO, EGOCENTRISMO, ETC. LEVAM O INDIVÍDUO A IMPOR O SEU PONTO DE VISTA SOBRE O OUTRO</p> <p>- ISSO GERA UM CONFLITO IMEDIATO NA REAÇÃO COM O OUTRO QUE SERÁ MANIFESTADO DE DUAS FORMAS NA PESSOA QUE É ALVO DO CONFLITO</p> | | <p>(MOVIMENTO EGÓICO MASCARADO)</p> <p>- IMPOSIÇÃO DO PONTO DE VISTA</p> <p>- O OUTRO BUSCA SOLUCIONAR O CONFLITO COM PSEUDO-HUMILDADE E AUTO-ANULAÇÃO</p> <p>- PSEUDO-ACEITAÇÃO DO PONTO DE VISTA DO OUTRO</p> <p>- O CONFLITO É ADIADO, POIS UMA DAS PESSOAS ENVOLVIDAS ESTÁ SE AUTO-ANULANDO</p> <p>- CEDO OU TARDE O CONFLITO SE MANIFESTA, POIS NINGUÉM CONSEGUE SE AUTO-ANULAR DURANTE MUITO TEMPO</p> <p>- APÓS ESGOTADO O MOVIMENTO DE AUTO-ANULAÇÃO, OCORRE UMA INSURREIÇÃO MUITO MAIS VIOLENTA CONTRA O OUTRO, POIS O CONFLITO FOI REPRIMIDO E AGORA SURGE COM TODA A FORÇA</p> | <p>- CONFLITO GERADO PELA IMPOSIÇÃO DO PONTO DE VISTA DE UM INDIVÍDUO SOBRE O OUTRO</p> <p>- IDENTIFICAÇÃO DA PESSOA ENVOLVIDA COM O SENTIMENTO DE AMOR ESSENCIAL GERADOR DE HUMILDADE E ACEITAÇÃO DO OUTRO COMO ELE É, COM DEFEITOS E QUALIDADES</p> <p>- ACEITAÇÃO DA PESSOA QUE ESTÁ QUERENDO SE IMPOR SEM CONTUDO, ACEITAR A SUA IMPOSIÇÃO, POIS ISSO SERIA UMA AUTO-ANULAÇÃO</p> <p>- COMPREENSÃO DO MOVIMENTO EGÓICO DO OUTRO, BUSCANDO EQUACIONAR O CONFLITO ATRAVÉS DO CONSENSO, ONDE CADA UM VAI CEDER NO SEU PONTO DE VISTA PARA BUSCAR UM PONTO DE VISTA ÚNICO QUE SEJA UM CONSENSO ENTRE AMBOS</p> <p>- RESOLUÇÃO DO CONFLITO</p> |
| <p>PASSIVA:</p> <p>CONFORMAÇÃO EXTERNA, MAS COM UMA GRANDE REVOLTA INTERIOR.</p> <p>O CONFLITO PERMANECE DE FORMA OCULTA</p> | <p>REATIVA</p> <p>INSURREIÇÃO CONTRA O OUTRO, CONTRAPONDO COM O SEU PRÓPRIO PONTO DE VISTA.</p> <p>O CONFLITO TORNA BASTANTE EVIDENTE</p> | | |

Comportamentos desejados na inter-relação doutrinador / médium

| | | |
|----------------------------|-------------------------------------|-----------------------|
| Simpatia | Identificação | Sinceridade |
| Observação crítica amorosa | Comunicação franca, clara e fluente | Compreensão |
| Amizade | Respeito | Compaixão |
| Humildade | Paciência | Solidariedade |
| Tolerância | Serenidade | Mansidão |
| AFINIDADE | CONFIANÇA | DIÁLOGO (falar baixo) |

Observações importantes:

Se não há afinidade entre o médium e o doutrinador, é de fundamental importância que isto seja reservadamente comunicado ao dirigente da reunião a fim de que sejam tomadas as medidas necessárias de substituição. **IMPORTANTE** observar que se a necessidade de substituição for muito freqüente, o problema de incompatibilidade pode estar em si e não no outro.

Procuremos sempre manter vigilância quanto à nossa apresentação corporal detectando a existência de odores indesejáveis (corpo, axilas, mau hálito), roupas inadequadas (apertadas que prejudiquem o movimento e o conforto), sensuais demais (a ponto de afetar a concentração dos outros – principalmente do parceiro de trabalho).

Sugerimos que o trabalhador de reuniões mediúnicas tenha sempre à disposição uma pastilha, cravo da índia ou algum higienizador bucal a fim de evitar sensações desagradáveis visto que às vezes a doutrinação pode assumir um caráter de maior proximidade física.

É importante que o doutrinador tenha conhecimento teórico e prático da aplicação de passes a fim de ajudar, quando necessário, ou ao espírito comunicante ou ao médium que às vezes permanece com resíduos vibratórios no seu perispírito após a desincorporação.

Concentração

Para criaturas que, como nós, somos novos e inexperientes nos campos do psiquismo, pedir-nos simplesmente que nos concentremos é quase bater às portas de nossa ignorância.

Raramente sabemos o que seja concentrar. Quando o sabemos, estamos pouco habilitados a fazê-lo.

Deveremos, pois, tornando mais inteligíveis os indispensáveis apelos de harmonia aos companheiros que nos integram o agrupamento de comunicações mediúnicas, trocar os termos, suplicando:

- Oremos mentalmente!
- Esqueçamos o cotidiano e oremos a Jesus.
- Ouçamos com atenção a mensagem que nos é transmitida.

- Leiamos uma página de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", enquanto aguardamos a comunicação mediúnica.

Quem dirige uma reunião sabe que o silêncio dos lábios e a quietude do corpo nem sempre correspondem à disciplina interior. A mente é assaltada ininterruptamente pelos nossos pensamentos habituais e, por vezes, é preferível estarmos falando ou cantando ou orando, para que não fiquemos a moer e remoer idéias nem sempre dignas e nem sempre justas ao serviço a que nos propusemos.

O dirigente sabe, também, que concentrar é reunir fluidos e pensamentos em tomo de um propósito único e que tal empenho não nos é fácil, à vista da falta de ordem que existe em nosso mundo íntimo. Por isso prefere ser mais claro em seus apelos, a fim de que nós, os inexperientes, não nos quedemos simplesmente de olhos fechados, sem saber o que fazer com as idéias que se atropelam em nosso cérebro nesses instantes.

Após o início das comunicações, instrui-nos o dirigente, nossa atenção deve voltar-se ao conteúdo do que o comunicante transmite e às necessidades dos Espíritos infelizes que o doutrinador vai indicando pelo seu diálogo, a pouco e pouco. Mantendo-nos atentos, e em prece, emanaremos os fluidos necessários para auxiliar os variados enfermos.

Com o passar do tempo, e esclarecidos quanto à nossa posição e ao conteúdo de nossas emissões mentais, tomar-nos-emos úteis aos que rogam insistentemente pelo bálsamo do amparo caritativo, nas reuniões mediúnicas de que participamos.

Concentração é o ato pelo qual fechamos as portas da mente ao exterior e, ativamente, procuramos atingir determinado objetivo. Muito importante no trabalho mediúnico, é ela que permite a formação da chamada "corrente" fluídica e a sustenta no decorrer da reunião.

Doutrinação – Roque Jacinto

Para alcançar um bom nível de concentração

Constantemente:

Cultivar bons hábitos, leituras e diversões sadias (evitar leituras, filmes ou programas de televisão de teor negativo, isto é, fúteis, imorais, deprimentes), procurar tudo que favoreça a elevação da mente, exercitar os bons sentimentos.

No dia da reunião:

Desde o levantar, pela manhã, usar a prece; ter em mente o trabalho espiritual de que irá participar mais tarde e a importância desse compromisso; evitar emoções violentas, atritos, contrariedades e discussões que levam à exaltação de ânimo (para tanto exercitar a paciência e a humildade); fugir ao que pode levar à tensão, procurar manter o equilíbrio físico e espiritual. Alimentar-se frugalmente, para não sobrecarregar o físico. Não tomar bebida alcoólica nem fumar na hora da reunião.

1- Quanto ao físico:

- Estar higienizado e vestido com sobriedade (roupas e calçados que não apertem), sem perfumes fortes (para não perturbar aos outros);
- Sentar-se em posição cômoda, sem contrair músculos, e respirar calmamente. (O objetivo é facilitar o bem-estar físico, nunca, porém, o desalinho de atitudes, o relaxamento das boas maneiras);
- Evitar mexer-se muito, bocejar ou fazer movimentos e ruídos que incomodem os demais participantes.

2 - Quanto ao psíquico:

- Abstrair-se dos estímulos exteriores sons, luz, movimentos;
- Serenizar o íntimo, esquecendo preocupações pessoais;
- Sentir-se fraterno e solidário com os demais participantes;
- Focalizar os objetivos da reunião;
- Pensar na importância e responsabilidade do ato de voluntariamente ativar o intercâmbio mediúnico;
- Lembrar que o objetivo da sessão é aprender e servir, socorrer e socorrer-se, dentro das leis divinas;
- Orar e buscar sintonia com os Espíritos Superiores.

Formando a corrente

Com a concentração, pouco a pouco, se acalmam as inquietudes e agitações e passam a ser liberados fluídos e energias positivos, que as mentes de encarnados e desencarnados, em união, trabalham e conduzem num único sentido.

Quando a conjugação atinge o nível necessário, estabelece-se a ligação entre o Céu e a Terra, num sublime fluxo de forças fluídicas.

O intercâmbio mediúnico se faz, então, ensejando a encarnados e desencarnados o conforto e o esclarecimento, o despertar e a renovação, o dar e o receber.

A esse processo de ligação espiritual é que popularmente se chama “formar a corrente”. Ela não depende de formas, rituais, vestes especiais ou lugares determinados. Somente quando ela se faz é que a reunião em verdade foi “aberta”, pois somente então se inicia a comunhão harmoniosa entre os dois planos.

Quem estiver em concentração, oração e doação, tornar-se-á um elo vivo na corrente espiritual formada. Quem se alhear, refratário e improdutivo, dela não participará, ainda que fisicamente se encontre no recinto e até a mesa mediúnica.

Mantendo a vibração

“Aberta” a reunião, o ambiente fluídico precisará ser mantido, sustentado em todo o decorrer do trabalho.

Para tanto, cada participante deve:

- Cuidar de estar sempre concentrado nos objetivos da reunião;
- Orar e doar vibrações quer em favor dos companheiros do grupo, quer em apoio ao trabalho dos bons espíritos, quer em socorro a entidades espirituais necessitadas.

Um bom meio é:

- Mentalizar as criaturas ligadas à reunião, encarnadas ou desencarnadas, endereçando-lhes pensamentos bons e envolvendo-as em sentimentos fraternos;
- Ficar meditando em tudo que é bom e digno diante de Deus (caridade, fé, esperança, alegria, resignação, etc.) e procurar emanar forças fluídicas benéficas, que os bons espíritos utilizarão em benefício geral.

Concentrar-se e manter a vibração normalmente não cansa, porque produz um estado de alma elevado, no qual recebemos permuta de fluídos superiores pelos que emitimos; e podemos ir variando o tema de nossas vibrações. Se sentirmos cansaço é porque alguma falha

está havendo em nosso modo de concentrar e vibrar (estamos tensos, aflitos, etc.) ou então o ambiente estará sofrendo grandes interferências contrárias.

Estudos sobre mediunidade 2º fascículo

Prontidão para ouvir

Lourdes Andrade

(tese de doutorado PUC – SP)

Ouvir e escutar na constituição da clínica de linguagem.

...O primeiro passo nessa direção envolve uma discussão acerca da natureza da materialidade lingüística e o estabelecimento de uma distinção entre ouvir (capacidade orgânica) e escutar (efeito de uma relação sujeito-língua-fala). Discuto as conseqüências clínicas da adoção de modelos baseados na suposição de uma relação direta percepção-linguagem e, também, os deslocamentos que a distinção entre ouvir e escutar poderiam promover nesse cenário...

No Dicionário Aurélio:

escutar

[Do lat. auscultare.]

1. Tornar-se ou estar atento para ouvir; dar ouvidos a;
2. Aplicar o ouvido com atenção para perceber ou ouvir;
3. Atender aos conselhos de;
4. Prestar atenção para ouvir alguma coisa.

ouvir

[Do lat. audire.]

1. Perceber, entender (os sons) pelo sentido da audição;
2. Perceber pelo sentido da audição; atender;
3. Perceber as coisas pelo sentido da audição; atender, escutar.

A escuta

(Portal do espírito)

Ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico. Os mecanismos da audição podem ser explicados recorrendo-se à acústica e à fisiologia do ouvido. Mas a escuta depende de um objetivo, que se fundamenta no interesse e no conhecimento prévio do assunto a ser averiguado.

A escuta é avaliada na dimensão espacial-temporal. Embora subestimada pela maioria de nós, a apropriação do espaço é em parte também sonora. Coloque-se dentro de um quarto. Depois, procure perceber os ruídos ao redor. Imediatamente vem à mente o lugar de onde se emitiu determinado som. Observe, também, que quando o fundo auditivo for demasiadamente forte, não conseguimos escutar com nitidez. É o que ocorre com a poluição sonora que prejudica completamente a nossa percepção auditiva.

Escutar é o verbo evangélico por excelência. É ouvindo a palavra divina que o homem chega à Fé e pode se ligar a Deus. A Reforma (com Lutero) utilizou-se amplamente da escuta dos seus adeptos. A Contra-Reforma, não fez por menos, e colocou o púlpito no centro da Igreja, transformando os seus fiéis em "escutantes forçados". A Escuta evangélica traduz-se em desvendar o futuro que pertence aos deuses, e amenizar a culpa, que nasce do confronto

com Deus. Por isso, a pregação pública (desvendar o futuro) e a confissão auricular (remir os pecados).

A escuta psicanalítica, por outro lado, deve processar-se essencialmente no inconsciente, tanto do paciente como do próprio psicanalista. Freud, na sua teoria psicanalista, dizia que o psicanalista deveria ouvir atentamente o seu paciente, sem, contudo, interferir racionalmente na trajetória das observações. Dessa forma, a função do psicanalista seria a de intermediar os dois inconscientes (o seu e o do paciente), a fim de detectar os verdadeiros problemas que estariam afligindo o estado emocional do paciente.

Quem tem olhos de ver, veja; quem tem ouvidos de ouvir, ouça. Observe que a concentração, idolatrada por muitos, não raro mais atrapalha do que ajuda a captação das essências espirituais. É que aplicando forçosamente a nossa mente num dado objeto, dificultamos a penetração dos apelos espirituais. Por isso, a apassivação, ou seja, o estreitamento do nível de consciência é fator primordial para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de nossa escuta espiritual.

Aprendamos a escutar. Todos, indistintamente, podem ensinar-nos algo. Não queiramos ser os monopolizadores da palavra, pois, a palavra é do tempo e o silêncio da eternidade.

Você sabe ouvir?

Saber ouvir envolve a humildade, a humildade de captar o que a outra pessoa está dizendo para nós, baseado na experiência única de vida que ela - e cada um de nós - temos!

E há que se ter humildade para poder entrar no universo do interlocutor, sem preconceitos, e sorver as suas palavras, recheadas dos seus sentimentos únicos, da sua vivência ímpar.

A pena da falta de humildade é interpretar o que os outros dizem sob o enfoque da nossa vivência, dos nossos sentimentos, - e o pior, dos nossos julgamentos - e essa é inevitavelmente uma visão falsa por ser autocentrada, por ignorar, ou no mínimo, não respeitar o direito que o outro tem de se expressar baseado nos seus sentimentos e na sua vivência.

Saber ouvir

Do livro Vida feliz - XLVIII

Joanna de Angelis / Divaldo Franco

Ouve com atenção e cuidado.

Não te apresses em cortar o assunto, como se já o tivesses entendido.

Há pessoas que têm dificuldade de expressão e tornam-se difíceis de ser compreendidas.

Após ouvires, se a circunstância permitir, dialoga um pouco com o expositor, a fim de que o tema te fique esclarecido e o apreendas.

Quem ouve bem, penetra melhor nos ensinamentos que lhe chegam.

Ouvir é ainda uma arte pouco exercitada.

As Regras de Ouro do Bom Ouvinte

- Seja receptivo ao que chega aos seus ouvidos;
- Coloque-se sempre no lugar do outro;
- Deixe seu corpo e mente soltos e abertos para o que vier;

- Demonstre atenção ao que está sendo verbalizado e demonstre também sua atenção com o seu corpo: vire seu corpo na direção de quem está falando;
- Exercite a empatia, procure entender o que o outro fala, e também (principalmente) como ele sente;
- Não interprete, não julgue, não coloque seus filtros internos em ação, nem sua experiência e nem tampouco seu conhecimento prévio;
- Relaxe, e apenas ouça o que a pessoa diz;
- Verifique a validade das suas percepções. Através de perguntas abertas verifique, junto a quem está falando, se a sua interpretação do que está sendo dito bate com o que o interlocutor está dizendo;
- Sintetize. Através de pequenos resumos verifique a sua compreensão do que está sendo dito. Isto tanto ajuda a você esclarecer as informações recebidas como demonstrar seu interesse e sua compreensão.

Quando se está sintonizado e sintonizando estes aspectos, percebendo os outros, melhoramos tanto o nosso ouvir, quanto o nosso dizer.

Atitudes recorrentes daqueles que não sabem ouvir com atenção e paciência

- Responder antes que o interlocutor tenha concluído seu pensamento;
- Ficar impaciente diante de pessoas tentando explicar algo;
- Olhar insistentemente para o relógio, paralisando a comunicação do outro;
- Usar expressões faciais de enfado, desaprovação, invalidação, menosprezo, diante do assunto;
- Desviar o olhar do rosto da outra pessoa;
- Mudar abruptamente de assunto;
- Fazer com que o outro se cale, dizendo que não adiantaria nada ouvi-lo.

Fala-se tanto em diálogo, em problemas de comunicação, como se dialogar fosse apenas falar o que se pensa para o outro, fosse apenas conseguir expor suas razões ou externalizar opiniões numa fala entre pessoas.

Dialogar, às vezes, mais parece um duelo de opiniões expostas mutuamente, num desejo de poder pelo predomínio da razão e da posse da verdade absoluta, individual e única.

Entretanto, para que haja um contato autêntico e produtivo dentro de uma relação, falar o que se pensa e acha não é suficiente.

O silêncio inerente ao ouvir é sábio nestes momentos.

Só o silêncio me permite sentir o outro e entender um pouco do que ele pensa e percebe.

Se em qualquer relação, ouvir o outro é importante, numa relação onde a missão de esclarecer e repassar valores são componentes fundamentais, o ouvir é condição básica para que um canal se faça e permita a construção de uma ponte eficaz para essa transmissão.

Ouvir não deve ser confundido com passividade, nem visto como um recurso estratégico para poder realizar argumentações de caráter defensivo que só visam uma posse de poder no contato que está sendo desenvolvido.

Ouvir, em função de um diálogo real, é resultado de uma opção consciente por parte de quem deseja compreender o que se passa com o outro, de modo solidário e sem preconceitos, visando uma resolução madura de conflitos ou um entendimento mais autêntico da situação.

Ouvir para dialogar é uma tarefa difícil, pois envolve humildade em reconhecer as próprias falhas, em admitir a racionalidade de fundamentos que não são nossos, em estar aberto a aprender quando queríamos ensinar.

Ouvir nosso irmão é antes de tudo estar aberto à possibilidade de lidar com fatos novos, a aprender que não existe uma única verdade e que estamos envolvidos num processo relacional do qual temos, pelo menos, parcial responsabilidade.

Ouvir, para que haja um diálogo, é antes de tudo é despir a armadura da acusação e procurar compreender o que se esconde por detrás do óbvio.

Para nossa reflexão

Muitas vezes somos traídos pela tendência de falar sem pensar e de forma irrefletida. Deus, em sua infinita sabedoria, nos fez possuidores de uma só boca e dois ouvidos, querendo com isso que utilizássemos em dobro nossa capacidade de ouvir e nos habituássemos à contenção de palavras inúteis e julgamentos inconvenientes.

Geralmente, quando estamos zangados, expressamos juízos e conceitos dos quais muito nos arrependemos, quando a calma sobrevém. Mas, muitas vezes, esse arrependimento não é suficiente para remediarmos os danos causados nas outras pessoas.

Charles Chaplin cunhou uma frase que me parece bastante apropriada para nos alertar sobre a armadilha do "falar demais": "Cuidado com as palavras pronunciadas em discussões e brigas que revelem sentimentos e pensamentos que na realidade você não sente e não pensa... pois, minutos depois, quando a raiva passar, você delas não se lembrará mais... Porém, aquele a quem tais palavras foram dirigidas, jamais as esquecerá...".

Geralmente, reagimos com visível desagrado a dicas e sugestões de pessoas que nos querem bem, visando nossa melhoria íntima. São temas que nos parecem chatos e maçantes. Certamente, se levadas em conta, muitas dessas palavras plenas de sabedoria representariam mudança de conduta e o abandono de muitos vícios.

Nem sempre o "falar demais" manifesta-se nas horas de raiva. Muitas vezes, a tendência em falar mais da vida alheia que dos valores que nos enriquecem a existência incentiva a proliferação de boatos e fofocas.

Quando surge um colega trazendo informações sobre as últimas novidades dos namoros, demissões e problemas dos outros, o tempo que parecia não existir aparece, o cansaço e a falta de paciência cedem imediatamente lugar ao interesse e à curiosidade.

Como seria proveitoso se pudéssemos dedicar esse mesmo interesse e atenção para ouvir e ajudar muitos amigos que nos procuram para um diálogo saudável, muitas vezes com inquietações e angústias e nós simplesmente não temos tempo e sensibilidade suficientes para escutar.

Aliás, como é difícil para todas as pessoas parar para escutar. Somos ávidos por falar; vivemos ansiosos porque falamos muito e escutamos pouco ou quase nada. Nossa palavra sempre deve ter o maior peso. Queremos ter sempre a primeira e a última palavra.

Saber ouvir exige que façamos opção consciente em apreender o que se passa com o outro, de forma solidária e sem preconceitos, com o objetivo de buscarmos o entendimento.

O diálogo nem sempre é uma tarefa fácil, pois envolve a disponibilidade para aprender novas idéias, quando antes gostaríamos de ensinar; humildade para reconhecer que não

somos perfeitos e que não sabemos tudo a respeito de todos os assuntos e admitir a coerência de fundamentos e idéias que não são nossos.

Ouvir é diferente do simples ato de escutar. Escutar é o uso puro e simples do sentido da audição e só não escuta quem é surdo. Ouvir é muito mais profundo pois envolve a pessoa por inteiro e é um processo ativo, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa ser.

Exercitar a arte de ouvir o nosso semelhante apura nossa sensibilidade, permitindo-nos romper a concha de isolamento criada pelo individualismo - outra das características negativas da nossa personalidade - e participar das experiências e emoções das outras pessoas.

Ouvir é renunciar! É a mais alta forma de altruísmo em tudo quanto essa palavra signifique de amor e atenção ao próximo. Talvez por essa razão a maioria das pessoas ouça tão mal, ou simplesmente não ouça. Vivemos imersos em cogitações pessoais e é raro conseguirmos passar algum tempo sem pensar em nós mesmos.

Para falar bem não basta uma boca. Há muita gente que, não sabendo usá-la, tem feito um grande estrago com o que diz. Antes de nos julgarmos incompreendidos e injustiçados pelo mundo, não nos devemos esquecer que a causa dos nossos problemas e do desencontro na relação com a outra pessoa pode estar alojada em nós mesmos.

Saber ouvir leva tempo, prática e paciência. É uma arte que mantém vivos o respeito, a afeição, a amizade, o sentimento de confiança que o outro deposita em nós. Faz com que nossos clientes, colegas de trabalho, filhos, cônjuges e namorados, sintam-se como pessoas importantes e amigos privilegiados.

Assuma, hoje mesmo, um compromisso de falar menos e ouvir melhor.

Existe um ensinamento que diz: "o verdadeiro valor de um homem não pode ser encontrado nele mesmo, mas nas cores e texturas que faz surgir nos outros".

Mediunidade Intuitiva e mediunidade de inspiração

Inspiração

"Inspiração – sugestão, insinuação, conselho", ou "Inspirar – incutir, infundir, insuflar, introduzir" (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Vol. 2, Ed. Enciclopédia Britânica). Atente-se para a etimologia (origem) dessa palavra, que vem de inspirare, ou "introduzir ar", quase o mesmo que assoprar.

Intuição

"Conhecimento imediato e claro, sem recorrer ao raciocínio. Em filosofia: conhecimento claro, direto, imediato e espontâneo da verdade". Atente-se para o fato de que a expressão deriva do latim: "intuitione" - que nada mais é que a formação do saber por si mesmo;

| INTUIÇÃO | INSPIRAÇÃO |
|--|---|
| <p>Conhecimento imediato e claro – Sem recorrer ao raciocínio.</p> <p>Instrumento de prospecção do fundo anímico – de perfeições e imperfeições acumuladas nas existências anteriores. (ou atuais) L.E. p.415 – Qual a utilidade das visitas noturnas uma vez que não fica a lembrança de nada?</p> <p>_É Muito comum disso ficar uma intuição, ao despertar e é frequentemente a origem de certas idéias espontâneas.</p> <p>Nestas comunicações, não mais existe qualquer ação reflexa, o Espírito não exerce uma ação efetiva sobre o cérebro do médium; ele não lhe tira a consciência, ao transmitir-lhe as vibrações espirituais que representam seu pensamento, e o encarnado as apanha sob forma de idéias.</p> <p><i>A Gênese”, Cap. XI, Doutrina dos Anjos Decaídos, item 43</i></p> <p>_ “São excluídos da humanidade para mundos menos adiantados onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram.</p> <p>Aflora à mente espontaneamente porque os conhecimentos são parte do seu universo subjetivo</p> | <p>Pensamentos alheios que procuramos ou aceitamos.</p> <p>Uma das formas empregadas pelos habitantes do mundo invisível para nos transmitirem seus avisos.</p> <p>Recebimento espontâneo de idéias, pensamentos e concepções vindos dos espíritos.</p> <p>O Espírito comunicante, por sua vontade, imprime ao cordão fluídico movimentos ondulatórios que se repercutem no perispírito do médium; essas vibrações chegando ao cérebro perispiritual fazem vibrar as partes análogas àquelas pelas quais são emitidas no espírito, de sorte que essas vibrações semelhantes estimulam idéias de mesma natureza.</p> <p>Reconhece-se o pensamento sugerido pelo fato de que ele não é jamais preconcebido; ele se forma, por assim dizer, à medida que se desenvolve, e quase que frequentemente é contrário à idéia preliminar que se tinha feito; ele pode mesmo estar, neste caso, fora dos conhecimentos do médium.</p> <p>Quando pedirmos ajuda aos espíritos, peçamos que eles nos INSPIREM e não que nos intuem</p> |

Desenvolvimento da intuição

Estudo perseverante, Esforço sincero, Meditação sadia, Autoconhecimento.

Fatores favoráveis à manifestação da intuição

- Desejar imperiosamente solucionar o problema;
- Acumular ricos conhecimentos práticos e teóricos;
- Trabalhar e pensar longa e intensamente;
- Passar rapidamente de uma atividade à outra;
- Ter a mente flexível e aberta ao novo.

Médiuns Intuitivos

As comunicações são passadas aos médiuns que as interpretam e transmitem (ex. psicografia) mesmo que não se trate do seu próprio pensamento. Enquanto o médium mecânico age como uma máquina, o médium intuitivo, para transmitir o pensamento, deve primeiramente compreendê-lo, para depois apropriar-se dele e traduzi-lo fielmente.

O campo da razão vai até onde a inteligência alcança, mas o da intuição não tem limites, porque é o campo da consciência universal. Por isso, às vezes diz “sim”, quando a intuição diz “não”; uma fala “prudência”, a outra ordena “confiança”; uma diz “raciocina primeiro”, mas a outra determina “crê e segue”.

Médiuns inspirados

Exemplos: Artistas, sábios, literatos, cientistas...

A comunicação recebida é estranha à sua idéia e não pré-concebida.

É uma variedade da mediunidade intuitiva, sendo que, a intervenção dos espíritos se dá menos ostensivamente, sendo difícil ao inspirado distinguir o pensamento próprio do que foi sugerido.

Recebemos inspiração de espíritos para o bem ou para o mal. Principalmente para o bem e cujos conselhos rejeitamos sistematicamente. – Por isto todos somos médiuns. Não há quem não tenha seus espíritos protetores, familiares, anjos protetores.

A prova da presença dos protetores se dá quando invocamos sua ajuda com fervor e confiança. As idéias surgem. Se não fossem inspiradas já seriam conhecidas.

Mozart após um estado de êxtase escrevia seus trabalhos de “memória”

Médiuns de pressentimentos

Pessoas que têm uma vaga intuição de acontecimentos futuros que muitas vezes é resultante de comunicações ocultas. É uma variedade da mediunidade de inspiração.

O pressentimento é dado para a maioria dos homens e para seu uso particular.

Médiuns Proféticos

É igualmente uma variedade dos médiuns inspirados; recebem, com a permissão de Deus, e com mais precisão dos que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras de um interesse geral, e que estão encarregados de fazer os homens conhecerem, para a sua instrução. O dom da profecia é excepcional e implica a idéia de uma missão sobre a Terra.

O verdadeiro profeta é um homem de bem inspirado por Deus; pode-se reconhecê-lo por suas palavras e suas ações; Deus não pode se servir da boca do mentiroso para ensinar a verdade. (O livro dos Espíritos, questão 624).

Algumas respostas:

Em relação à comunicação espiritual, a mesma se dá pelo pensamento - então, supondo um espírito de um estrangeiro que não fale português, a exemplo de um oriental, o mesmo conseguiria se comunicar com um médium brasileiro? O médium conseguiria usar a psicofonia?

Sob o aspecto funcional a influência do médium na comunicação pode ser:

- a) Quanto à forma de expressão do pensamento: o espírito pode exprimir-se em língua que ele mesmo não conheceu em nenhuma de suas existências terrenas, mas que é familiar ao médium porque o Espírito estará emitindo o pensamento e o médium "traduzindo" em um dos idiomas terrestres que conheça. O Espírito também pode fazer que o seu pensamento seja reproduzido em um idioma que lhe é familiar, mas ao médium não - nem em outra existência; a dificuldade, neste caso, está em que

terá de procurar os sons conhecidos pelo médium em outros idiomas e tentar reuni-los formando as palavras do idioma que quer empregar. A mesma resistência mecânica encontrará o Espírito quando quiser escrever por um médium analfabeto, desenhar por um médium que não possua técnica ou aptidão para isso.

- b) Quanto ao conteúdo do pensamento a ser expresso: por processo análogo e com igual dificuldade, o Espírito poderá conseguir que o médium pouco desenvolvido intelectualmente, transmita comunicações de ordem elevada. Mas, comumente, o médium "interpreta" o pensamento do espírito. Se não compreender o alcance desse pensamento, não o poderá fazer com fidelidade. Se compreender o pensamento, mas, por falta de simpatia ou outro motivo, não for passivo (isto é, se misturar suas idéias próprias com as do Espírito comunicante), deformará o pensamento comunicado.

(Leia o Cap. XIX, itens 224 e 225 do Livro dos Médiuns para esclarecimentos mais detalhados)

Visto que a intuição tem um papel fundamental na doutrinação, qual a melhor forma de desenvolvê-la?

Sobre a melhor forma de desenvolver a intuição o autoconhecimento ainda é a chave de ouro. A meditação proporciona um contato "interior" maior consigo fazendo com que os impulsos físicos e/ou espirituais sejam mais bem reconhecidos e assimilados. Mas a prática, o exercício da doutrinação, nos faz reconhecer contínua e progressivamente a capacidade de estar atento à intuição vinda dos mentores espirituais. Lembre-se que o doutrinador é somente uma pequena parte no processo de esclarecimento espiritual e que sem a equipe espiritual de cada trabalho o mesmo não teria sentido.

Consulte

- Intuição Heurística: Uma Análise Científica da Intuição Criadora. 3. Ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. (J. BAZARIAN)
Fundamentos de Filosofia - Lições Preliminares. 4. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970. (M. GARCIA MORENTE)
Metodologia Científica - Guia para Eficiência nos Estudos. São Paulo: Atlas, 1979. (J. A. RUIZ)
Mediunidade - Seus Aspectos, Desenvolvimento e Utilização. 17. Ed. São Paulo: Aliança, 1977. (E. ARMOND)
Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais. 3. Ed. São Paulo: Matese, 1965. (M. F. dos SANTOS)
Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Doutrinadores. (A. KARDEC)
O Espiritismo perante a Ciência (Gabriel Delanne) (5ª parte, c. II, Os médiuns escreventes – mediunidade intuitiva)
No Invisível (Léon Denis) (2ª parte, c. - XIII Clarividência. Pressentimentos.)
O Problema do Ser e do Destino (Léon Denis) (c. XXI, A consciência, o senso íntimo)

Peruntas frequentes sobre reuniões mediúnicas

CENTRO VIRTUAL DE DIVULGAÇÃO E ESTUDO DO ESPIRITISMO

Alimentar-se de carne vermelha em dias de intercâmbio espiritual (reuniões mediúnicas) é prejudicial aos trabalhos? Caso afirmativo, por quê? Onde encontrar referências a esse assunto?

Em dias de trabalho mediúnico seria importante que não se cometesse excessos de nenhum tipo. Procurar sempre uma alimentação leve, com alimentos de fácil digestão e que não provoquem gases ou fluidos pesados que possam prejudicar na hora do trabalho. Além disso devemos atentar também para o não uso de cigarro, ou bebidas alcoólicas, assim como também manter a serenidade e a paz de espírito, procurando estar em sintonia com a espiritualidade superior.

Alias estas seriam as condições ideais para a nossa vida, mas como fica difícil mantê-las em todos os dias procuremos ao menos nos dias de trabalho.

Ao ingerirmos alimentos pesados e ou cigarro e bebida estamos impregnando nosso corpo físico de fluidos que irão prejudicar o desdobramento de nosso perispírito e a aproximação de espíritos que precisam da nossa colaboração nos trabalhos.

Para melhor compreensão do assunto procure os seguintes livros:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS ALLAN KARDEC QUESTOES 709-722-723-724
ALQUIMIA DA MENTE HERMINIO C. MIRANDA 68
ANTOLOGIA DO PERISPÍRITO JOSE JORGE Ref.1114
DESOBSESSÃO F. C. XAVIER - WALDO VIEIRA 25
DEVASSANDO O INVISIVEL YVONNE A. PEREIRA 91/93/102
E A VIDA CONTINUA FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER 42/54
ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA HERNANI GUIMARAES ANDRADE 128
EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS F. C. XAVIER - WALDO VIEIRA 144/167
MEDIUNIDADE JOSÉ HERCULANO PIRES 99
MEMÓRIAS DA LOUCURA ANTOINETTE BOURDIR 31
NO MUNDO MAIOR FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER 63
NOSSO LAR FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER 54/100
O QUE É A MORTE CARLOS IMBASSAHY 47
OS MENSAGEIROS FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER 222
REVISTA ESPÍRITA 1858 ALLAN KARDEC 115(ABRIL)
REVISTA ESPÍRITA 1859 ALLAN KARDEC 42(FEV)234(AGO)
REVISTA ESPÍRITA 1862 ALLAN KARDEC 240(AGO)
REVISTA ESPÍRITA 1863 ALLAN KARDEC 387
SINAL VERDE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER 91
SOBREVIVÊNCIA E COMUNICABILIDADE DOS ESPÍRITOS HERMINIO C. MIRANDA 126

Na reunião mediúnica o médium de sustentação (doação), deve evitar acompanhar as comunicações e doutrinações; pois, as mesmas, são atribuições do dirigente do trabalho. Gostaria de algum esclarecimento e, se possível, alguns materiais sobre o assunto, livros ou artigos.

Olá, creio que existe um mal entendido em sua colocação. O médium de sustentação deve acompanhar sim, as vibrações e doutrinações, pois senão como ele vai fazer a sustentação. Você não consegue numa reunião mediúnica se isolar do que esta acontecendo a sua volta, a pretexto de manter a sustentação. O que o médium de sustentação deve evitar é ficar em pensamento emitindo informações em contradição com o doutrinador ou esclarecedor. Mas deve acompanhar, colocando, por exemplo, escuta o que o irmão esta te dizendo, etc. Um bom livro para estudar este assunto é o Diversidade de Carismas, de Hermínio Miranda, bem como o livro, do mesmo autor, chamado Dialogo com as Sombras.

Posso participar do trabalho mediúnico em duas casas espíritas diferentes?

Nada impede que você participe de trabalho mediúnico em duas casas espíritas, no entanto isso não é o ideal visto que existem diferenças de sintonia em cada trabalho e corre-se o risco de *misturar estações* ou seja, trazermos fatos e acontecimentos de um trabalho para outro.

Continue fazendo com carinho, amor e Constancia seu trabalho mediúnico na casa espírita que você frequenta e com a qual deve estar sintonizado. Você pode ajudar seus companheiros de outra casa espírita, mas o ideal será sempre que se firme em uma delas e lá desempenhe seu trabalho. Assim como existe uma equipe espiritual designada para cada trabalho a equipe de encarnados deve também ter a mesma organização.

Será necessário, em uma reunião mediúnica, designar lugares à mesa que cada um deve ocupar, os quais serão sempre os mesmos nas sessões seguintes? Em que isso influenciará no bom desempenho dos trabalhos?

Os procedimentos de um trabalho mediúnico dependem das normas da casa espírita onde eles se realizam. Entre os autores espíritas também existem controvérsias. No entanto o que influencia o bom desempenho dos trabalhos é o estudo e a sintonia do grupo em questão.

Como devo proceder a fim de limpar o ambiente para o culto ou cirurgia espiritual se somos fumantes?

O ambiente familiar ou de trabalho enfim onde convivemos é o reflexo de nossos pensamentos e atitudes. Não existe como "limpar" o ambiente. O que podemos fazer é ter sempre pensamentos positivos e de amor para com nossos semelhantes e conosco e no caso sendo você fumante, o melhor seria deixar o vício ou pelo menos diminuir o número de cigarros fumados. Sabemos que nossas companhias espirituais são aquelas que se afinam com nossos pensamentos, sentimentos e atitudes.

A melhor maneira de mantermos nosso ambiente salutar é trabalhando para isso treinando nossa melhora.

A médium deve abster-se dos trabalhos durante a gravidez? Qual deve ser sua atitude durante esse período?

Como é um tema com várias opiniões, resolvemos fazer uma pesquisa antes de lhe enviar uma resposta.

A maioria dos autores espíritas aconselham que a médium se abstenha de participar das reuniões mediúnicas, quando trabalha com psicofonia ou psicografia, durante a gravidez. Dentre as várias razões alegadas, destacam-se a influência que os fluidos dos espíritos comunicantes podem ter sobre o feto e a condição física especial, que requer maiores cuidados, por parte da gestante.

Na prática, o que observamos que é a maioria dos dirigentes das reuniões permite que a própria gestante decida qual atitude vai tomar. Lembramos que a espiritualidade tem conhecimento do estado particular da médium, e que os demais participantes da reunião devem estar prontos a fazer concessões em termos de certas questões disciplinares. Assim, nossa posição é que o assunto deve ser discutido entre a gestante, o dirigente da reunião e os demais companheiros participantes. Caso a médium esteja em dúvida, nossa sugestão é que realmente se abstenha da participação mais direta, dedicando-se, nesse período a outras atividades possíveis.

Durante o transe mediúnico, o dialogador pode fazer consultas pessoais à entidade comunicante?

Quando o dialogador/doutrinador/esclarecedor está trabalhando com a entidade comunicante não deve fazer consultas pessoais.

Para mais esclarecimentos aconselhamos o livro "Diálogo com as Sombras" cap.II-1- O Doutrinador, de Hermínio Miranda.

Os comunicantes

A escala espírita

Podemos dizer que, praticamente, todos os Espíritos podem se comunicar através da mediunidade. Como já vimos, depende muito das semelhanças vibratórias entre o pensamento do Espírito e o do Médium.

Espíritos nos extremos da escala evolutiva (muito primitivo ou muito evoluído) têm mais dificuldades de comunicação. Foi por essa razão que Kardec, em "O Livro dos Espíritos" ao se referir aos Espíritos Puros, a ordem mais elevada de sua classificação, afirmou: "Podem os homens pôr-se em comunicação com eles, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens". Isto porque muito difícil é criarmos ambiente para que esses Espíritos cheguem até nós e dispormos de médiuns suficientemente adestrados e moralmente preparados para tal mister.

A referida classificação de Kardec é essencialmente genérica e está voltada para a definição da condição evolutiva dos Espíritos.

Vejamo-la, em linhas gerais:

Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

Engloba os Espíritos propensos ao mal: ignorantes (do ponto de vista espiritual) já que alguns podem se revelar bastante inteligentes. Predominância da matéria sobre o Espírito do que resulta em acentuar de paixões. Compreende as classes dos Espíritos Impuros (10ª classe), levianos (9ª), pseudo-sábios (8ª), Espíritos Neutros (7ª), batedores e perturbadores (6ª). Caracterizando um abrandamento progressivo dos instintos inferiores de classe para classe até chegar-se à segunda ordem.

Segunda ordem – Bons espíritos

O ingresso nesta ordem assinala o momento evolutivo do despertar da consciência, em que passa a preponderar sobre a matéria o Espírito. São características dessa ordem o desejo do Bem, a compreensão de Deus. Compõem-na Espíritos Benévolos (5ª classe), Espíritos que já despertaram a sensibilidade para a alegria de construir o Bem e trabalhar pelo progresso, embora tenham ainda que passar por provas para chegarem à perfeição dos Espíritos da Primeira Ordem.

Primeira ordem – Espíritos puros

São os redimidos, os que após percorrerem todos os graus da escala se despojaram de todas as impurezas da matéria, gozando de inalterável felicidade, como anotou o Codificador.

O conhecimento desta classificação é de grande importância para doutrinadores e dirigentes de reuniões, ajudando-os a adequar o diálogo à posição evolutiva de cada Espírito e a perceber estas posições pelas características de caráter predominantes.

Quão importante saber, por exemplo, que há mais treva no Espírito que sopra discórdia, que conspira contra o Bem (10ª classe) do que no irrefletido, zombeteiro (9ª classe); compreender que a pseudo-sabedoria (8ª classe) é uma posição mais prejudicial à vida do que a neutralidade (7ª classe), que há uma sutileza entre os Espíritos sábios (4ª classe) e os Espíritos de sabedoria (3ª classe), estes últimos sendo mais evoluídos por aliarem a capacidade intelectual a um mais aprofundado senso moral.

Na obra “O Céu e o Inferno” Kardec aprofunda a sonda da investigação para detalhar o fato, trazer situações particulares que propiciem a compreensão ampla dos estágios espirituais através dos exemplos que faz desfilar de Espíritos felizes, de condições medianas, sofredores, criminosos, arrependidos e Espíritos endurecidos, mostrando, sobretudo as influências da vida e da morte no ressurgir deles na erraticidade. Os diálogos têm um componente muito forte de pesquisa carregados de inquirições o que ecoa absolutamente necessário ao trabalho do mestre lionês de radiografar os panoramas íntimos das almas a fim de estruturar o corpo da Codificação. Não faltava, porém, para esses comunicantes a consolação auferida do ambiente saturado de vibrações. Os estudos dos casos ali anotados são de superior importância para os grupos mediúnicos, principalmente para dirigentes e doutrinadores que neles encontrarão diagnósticos precisos e informes seguros sobre problemas e situações com que se depararão em suas tarefas mediúnicas. Suely Caldas relaciona para nós os tipos de Espíritos que normalmente são trazidos às reuniões de desobsessão e porque não dizer às reuniões de um modo geral. Ela, praticamente, sem o dizer, separa Espíritos em dois grandes grupos: os que sofrem e os que fazem sofrer; os primeiros expondo suas feridas para receber o bálsamo da Reunião e os outros conspirando contra a reunião, por possuírem o sofrimento maior da ignorância e da rebeldia.

“A escala espírita é, segundo Kardec, a chave da ciência espírita, pois estabelece o parâmetro entre o grau aparente dos espíritos encarnados e desencarnados. No primeiro caso, é mais fácil de definir seu grau aparente pelos seus escritos, opiniões, linguagem, estilo, conhecimento das coisas e do mundo espiritual, etc.; no segundo, podemos avaliar, mas será sempre uma avaliação subjetiva, já que, em muitos casos, espíritos de grande evolução

desempenham tarefas na Terra de total obscuridade e suas capacidades ob-nubladas por circunstâncias que dependem de cada caso. P. 180 L.E.

Essa escala vem sendo desprezada ou pouco estudada, e dessa falta de estudo, nascem as distorções e as infiltrações do joio na seara espírita, pois que é aceita qualquer mensagem do plano dos espíritos como sendo de espíritos superiores.

Vejamos a pergunta 97 do Livro dos Espíritos:

As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são em número determinado?

“São ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente”.

Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais.

“Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.”

Logo, existe uma diferença entre os espíritos.

Excetuando os espíritos puros, em que não há divisão entre eles, as classes se interpenetram, já que não há uma fórmula mágica de identificação. O que se pode fazer é observar suas características, para que essas indiquem para onde apontam seus caracteres gerais. Não existe evolução em linha reta, aliás, nem trem anda em linha reta e, uma reta é uma curva grande. Então como faremos para nomear os espíritos em relação ao seu grau evolutivo? É uma boa pergunta. Vamos para a maior autoridade em espiritismo, a Codificação.

Existem três grandes ordens definidas pelos espíritos:

- Espíritos imperfeitos
- Espíritos bons
- Espíritos puros

Nas duas primeiras existem, como os espíritos disseram, uma infinidade de divisões, já que, pelas reencarnações, os espíritos adquirem uma multiplicidade de experiências quase únicas, pois que cada época tem suas particularidades, e as circunstâncias, não voltam em absoluto, mas relativamente. Ex.: Não se pode fazer que um espírito tenha uma experiência com os mesmos espíritos que um outro teve, e, que esses espíritos, estejam no mesmo grau evolutivo, nas mesmas circunstâncias históricas, climáticas, geológicas, sociais e tomando as mesmas decisões. Em outros termos: O tempo não volta.

Dois espíritos podem pertencer à mesma ordem e à mesma classe, e ter experiências de vida bem diferentes, mas o somatório de suas perfeições é mais ou menos semelhante. Por terem os caracteres gerais dessa ou daquela classe, são classificados como iguais, mas para isso é necessário estudar a escala espírita para nos situarmos. Vamos a ela.

Pergunta 98 do Livro dos Espíritos: Os Espíritos da segunda ordem, para os quais o bem constitui a preocupação dominante, têm o poder de praticá-lo?

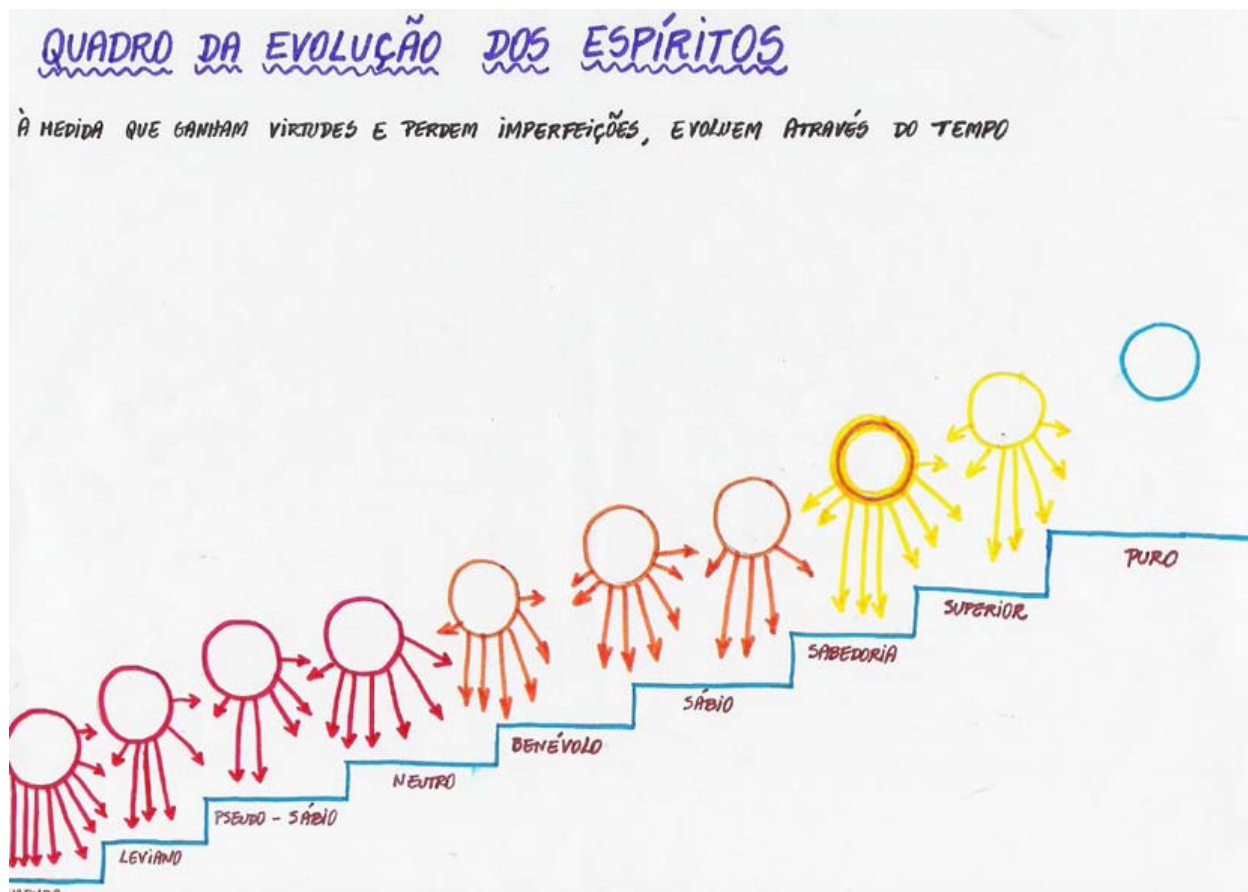
“Cada um deles dispõe desse poder, de acordo com o grau de perfeição a que chegou. Assim, uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Todos, porém, ainda têm que sofrer provas”.

A resposta dos espíritos a Kardec é clara, existe uma diferença grande entre os espíritos e essa diferença não é rompida em uma encarnação, existe uma ordem natural, como tudo em a natureza.

Pergunta 99 do Livro dos Espíritos: Os da terceira categoria são todos essencialmente maus?

“Não; uns há que não fazem nem o mal nem o bem; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando se lhes depara ocasião de praticá-lo. Há também os levianos ou estouvados, mais perturbadores do que malignos, que se comprazem antes na malícia do que na malvez e cujo prazer consiste em mistificar e causar pequenas contrariedades, de que se riem”.

Como na segunda ordem, não são nem absolutas nem eternas suas condições.



Pergunta 100 do Livro dos Espíritos: Observações preliminares

A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluto.

Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido.

De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência. Assim, é natural que inquiridos sobre este ponto, hajam os Espíritos divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha valor algum. Entretanto, não faltou quem se agarrasse a esta contradição aparente, sem refletir que os

Espíritos nenhuma importância ligam ao que é puramente convencional. Para eles, o pensamento é tudo. Deixam-nos a nós a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, os sistemas.

Façamos ainda uma consideração que se não deve jamais perder de vista, a de que entre os Espíritos, do mesmo modo que entre os homens, há os muito ignorantes, de maneira que nunca serão demais as cautelas que se tomem contra a tendência a crer que, por serem Espíritos, todos devam saber tudo. Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem limitados conhecimentos são, como neste mundo, os ignorantes, os inaptos a apreender uma síntese, a formular um sistema. Só muito imperfeitamente percebem ou compreendem uma classificação qualquer. Consideram da primeira categoria todos os Espíritos que lhes são superiores, por não poderem apreciar as gradações de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como sucede entre nós a um homem rude com relação aos civilizados.

Mesmo os que sejam capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes, quanto às particularidades, conformemente aos pontos de vista em que se achem, sobretudo se se trata de uma divisão, que nenhum cunho absoluto apresente. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que a Botânica houvesse em consequência experimentado modificação alguma. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres.

Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também nós procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres. Vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram.

Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição.

Esta divisão nos pareceu perfeitamente racional e com caracteres bem positivados. Só nos restava pôr em relevo, mediante subdivisões em número suficiente, os principais matizes do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram.

Com o auxílio desse quadro, fácil será determinar-se a ordem, assim como o grau de superioridade ou de inferioridade dos que possam entrar em relações conosco e, por conseguinte, o grau de confiança ou de estima que mereçam. É, de certo modo, a chave da ciência espírita, porquanto só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos acerca das desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos.

Faremos, todavia, notar que estes não ficam pertencendo, exclusivamente, a tal ou tal classe. Sendo sempre gradual o progresso deles e muitas vezes mais acentuado num sentido do que em outro, pode acontecer que muitos reúnam em si os caracteres de várias categorias, o que seus atos e linguagem tornam possível apreciar-se."

Allan Kardec

Por Jorge Medeiros

A natureza dos espíritos comunicantes

Podem resumir-se nos princípios seguintes os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos:

Não há outro critério, senão o bom-senso, para se aquilatar do valor dos Espíritos. Absurda será qualquer fórmula que eles próprios dêem para esse efeito e não poderá provir de Espíritos superiores.

Apreciam-se os Espíritos pela linguagem de que usam e pelas suas ações. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão.

Admitido que os bons Espíritos só possam dizer e fazer o bem, de um bom Espírito não pode provir o que tenda para o mal.

Os Espíritos superiores usam sempre de uma linguagem digna, elevada, sem eiva de trivialidade; tudo dizem com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam nem se jactam de seu saber, ou da posição que ocupam entre os outros.

A linguagem dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre algo refletem das paixões humanas. Toda expressão que denote baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice, acrimônia, é indício característico de inferioridade e de embuste, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.

Não se deve julgar da qualidade do Espírito pela forma material, nem pela correção do estilo. É preciso sondar-lhe o íntimo, analisar-lhe as palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Qualquer ofensa à lógica, à razão e à ponderação não pode deixar dúvida sobre a sua procedência, seja qual for o nome com que se ostente o Espírito.

A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e em todo lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as faculdades que encontrem para se comunicar; porém, jamais serão contraditórios.

Se duas comunicações, firmadas pelo mesmo nome, se mostram em contradição, uma das duas é evidentemente apócrifa e a verdadeira será aquela em que nada desminta o conhecido caráter da personagem. Sobre duas comunicações assinadas, por exemplo, com o nome de São Vicente de Paulo, uma das quais propendendo para a união e a caridade e a outra tendendo para a discórdia, nenhuma pessoa sensata poderá equivocar-se.

Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre o que não sabem.

Os maus falam de tudo com desassombro, sem se preocuparem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom-senso, aponta a fraude, desde que o Espírito se dê por ser um Espírito esclarecido.

Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos, pela facilidade com que predizem o futuro e precisam fatos materiais de que não nos é dado ter conhecimento. Os bons Espíritos fazem que as coisas futuras sejam pressentidas, quando esse pressentimento convenha; nunca, porém, determinam datas. A previsão de qualquer acontecimento para uma época determinada é indício de mistificação.

Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade. Têm o estilo conciso, sem exclusão da poesia das idéias e das expressões, claro, inteligível a todos, sem demandar esforço para ser compreendido. Têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão.

Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, ocultam sob o empolamento, ou a ênfase, o vazio de suas idéias. Usam de uma linguagem pretensiosa, ridícula, ou obscura, à força de quererem pareça profunda.

Os bons Espíritos nunca ordenam; não se impõem, aconselham e, se não são escutados, retiram-se.

Os maus são imperiosos; dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam, haja o que houver. Todo Espírito que impõe trai a sua inferioridade. São exclusivistas e absolutos em

suas opiniões; pretendem ter o privilégio da verdade. Exigem crença cega e jamais apelam para a razão, por saberem que a razão os desmascararia.

Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam o bem feito, mas sempre com reserva.

Os maus prodigalizam exagerados elogios, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram exaltar a importância pessoal daqueles a quem desejam captar.

Os Espíritos superiores desprezam, em tudo, as puerilidades da forma.

Só os Espíritos vulgares ligam importância a particularidades mesquinhas, incompatíveis com idéias verdadeiramente elevadas. Toda prescrição meticulosa é sinal certo de inferioridade e de fraude, da parte de um Espírito que tome um nome imponente.

Deve-se desconfiar dos nomes singulares e ridículos, que alguns Espíritos adotam, quando querem impor-se à credulidade; fora soberanamente absurdo tomar a sério semelhantes nomes.

Deve-se igualmente desconfiar dos Espíritos que com muita facilidade se apresentam, dando nomes extremamente venerados, e não lhes aceitar o que digam, senão com muita reserva. Aí, sobretudo, é que uma verificação severa se faz indispensável, porquanto isso não passa muitas vezes de uma máscara que eles tomam, para dar a crer que se acham em relações íntimas com os Espíritos excelsos. Por esse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e dela se aproveitam freqüentemente para induzi-lo a atitudes lamentáveis e ridículas.

Os bons Espíritos são muito escrupulosos no tocante às atitudes que hajam aconselhar. Elas, qualquer que seja o caso, nunca deixam de objetivar um fim sério e eminentemente útil. Devem, pois, ter-se por suspeitas todas as que não apresentam este caráter, ou sejam condenáveis perante a razão, e cumpre refletir maduramente antes de tomá-las, a fim de evitarem-se mistificações desagradáveis.

Também se reconhecem os bons Espíritos pela prudente reserva que guardam sobre todos os assuntos que possam trazer comprometimento. Repugna-lhes desvendar o mal, enquanto que aos Espíritos levianos, ou malfazejos apraz pô-lo em evidência. Ao passo que os bons procuram atenuar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a cizânia, por meio de insinuações pérfidas.

Os bons Espíritos só prescrevem o bem. Máxima nenhuma, nenhum conselho, que se não conformem estritamente com a pura caridade evangélica, podem ser obra de bons Espíritos.

Jamais os bons Espíritos aconselham senão o que seja perfeitamente racional. Qualquer recomendação que se afaste da linha reta do bom-senso, ou das leis imutáveis da Natureza, denuncia um Espírito atrasado e, portanto, pouco merecedor de confiança.

Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, ainda se traem por indícios materiais, a cujo respeito ninguém se pode enganar. A ação deles sobre o médium é às vezes violenta e provoca movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva, que destoa da calma e da doçura dos bons Espíritos.

Muitas vezes, os Espíritos imperfeitos se aproveitam dos meios de que dispõem, de comunicar-se, para dar conselhos pérfidos. Excitam a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos. Especialmente os que lhes podem desmascarar as imposturas são objeto da maior animadversão da parte deles. Alvejam os homens fracos, para induzi-los ao mal. Empregando alternativamente, para melhor convencê-los, os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até demonstrações materiais do poder oculto de que dispõem, se empenham em desviá-los da senda da verdade.

Os Espíritos dos que na Terra tiveram uma única preocupação, material ou moral, se não se desprenderam da influência da matéria, continuam sob o império das idéias terrenas e trazem consigo uma parte dos preconceitos, das predileções e mesmo das manias que tinham neste mundo. Fácil é isso de reconhecer-se pela linguagem de que se servem.

Os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam, às vezes, com uma espécie de ostentação, não constituem sinal da superioridade deles. A inalterável pureza dos sentimentos morais é, a esse respeito, a verdadeira pedra de toque.

Não basta se interrogue um Espírito para conhecer-se a verdade. Precisamos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos; porquanto, os Espíritos inferiores, ignorantes que são, tratam frivolamente das questões mais sérias. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem, para que, no mundo espírita, se ache de posse da soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, aproximá-lo de Deus e dilatar-lhe os conhecimentos.

Da parte dos Espíritos superiores, o gracejo é muitas vezes fino e vivo, nunca, porém, trivial. Nos Espíritos zombadores, quando não são grosseiros, a sátira mordaz é, não raro, muito apositada.

Estudando-se cuidadosamente o caráter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, reconhecem-se-lhes a natureza e o grau de confiança que devem merecer. O bom-senso não poderia enganar.

Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Muita gente há, infelizmente, que toma suas próprias opiniões pessoais como paradigma exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a suas idéias e ao sistema que conceberam, ou adotaram, lhes parece mau. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primacial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. E o defeito sobre que mais se iludem os homens.

Todas estas instruções decorrem da experiência e dos ensinamentos dos Espíritos.

Ocupações e missões dos Espíritos

Os Espíritos têm ocupações e missões a desempenhar. Além do trabalho de se melhorarem pessoalmente, incumbe-lhes executar a vontade de Deus, concorrendo, assim, para a harmonia do Universo. A ocupação dos Espíritos é contínua. Essa ação contínua, contudo, nada tem de penosa para os Espíritos Superiores, uma vez que eles não estão sujeitos à fadiga e, segundo Allan Kardec, repousam mudando o tipo de tarefa, sem deixarem de produzir.

Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham função útil, embora, muitas vezes, não se apercebam disso. Mostra Kardec que muitos fenômenos da natureza, como as tempestades e outros, surgem, muitas vezes, a partir da atuação de Espíritos primitivos que, agindo em massa, sob a coordenação de outras entidades mais elevadas, permitem que o fenômeno ocorra.

Os Espíritos devem percorrer todos os diferentes graus da escala evolutiva para se aperfeiçoarem. Assim, todos devem habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas. Mas há tempo para tudo. Dessa forma, a experiência e o aprendizado pelos quais o Espírito está passando hoje, um outro já passou e outro ainda passará.

Existem Espíritos que não se ocupam de coisa alguma, conservam-se totalmente ociosos. Todavia, esse estado é temporário e cedo ou tarde o desejo de progredir os impulsiona para uma atividade.

Os Espíritos de maior envergadura são incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos e indivíduos, dentro de um círculo de idéias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir enfermos, aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigindo-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos.

Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quanto às espécies de interesses a resguardar.

Os Espíritos se ocupam com as coisas deste mundo de acordo com o grau de evolução em que se achem. Os superiores só se ocupam do que seja útil ao progresso. Já os inferiores se sentem ligados às coisas materiais e delas se ocupam.

As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de cumpri-las e incapazes de desfalecimento ou comprometimento.

Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias.

Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida de suas forças; seja no estado de encarnação ou no espiritual. Por toda a parte há atividade, desde a base ao ápice da escala, instruindo-se, coadjuvando-se, em mútuo apoio, dando-se as mãos para alcançarem o zênite.

Anjo da Guarda

Espírito que se incumba da tarefa de amparar outro espírito na etapa encarnatória - todas as pessoas possuem um. Geralmente, são designados os espíritos afins e simpáticos para estabelecerem tal relação. Um guia espiritual é, via de regra, um espírito mais evoluído que o seu protegido. Não raro, se vêem mães guiando filhos ou maridos guiando esposas, e assim por diante. Um guia acompanha o seu protegido oferecendo apoio num momento de sofrimento, esclarecimento numa hora de dúvida, ajuda num instante de perigo, etc. As pessoas, mesmo sem perceber, estão submetidas à influência benévola desse guia constantemente e, ao mínimo pensamento feito a ele, o bondoso espírito se faz presente e exerce sua tarefa caridosa e despretensiosa. Um guia está profundamente ligado ao seu protegido por motivos de afinidade espiritual e sempre executa sua missão com um sentimento espontâneo de ajuda, porquanto essa ajuda também significa o seu próprio desenvolvimento e evolução. Essa terminologia de "anjo da guarda", utilizada seriamente por outras religiões, pode ser tomada "emprestada" pelo Espiritismo, pois se enquadra perfeitamente para esse espírito missionário: consiste no amigo constante e amoroso que Deus proporciona a todos os encarnados na difícil etapa carnal - é comumente também chamado de "protetor espiritual" ou de "mentor espiritual".

Espíritos Protetores

Todos nós temos bons Espíritos vinculados a nós, muitas vezes, desde o nascimento, que nos tomaram sob a sua proteção. Cumprem junto a nós a missão de um pai junto ao filho: a de nos conduzir no caminho do bem e do progresso, através das provas da vida. Eles se sentem felizes quando correspondemos a sua solicitude e sofrem quando nos vemos sucumbir. Lembra Kardec que seus nomes pouco importam, mas que, na maioria das vezes, são almas vinculadas a nós pelos laços afetivos, estruturados em vivências em comum nas diversas reencarnações.

São sempre superiores, do ponto de vista evolutivo, aos seus tutelados e estão sempre junto deles nos momentos de necessidade.

Várias denominações existem para estes Espíritos: guias espirituais, Espíritos protetores, mentores espirituais, bom gênio, anjo da guarda, etc. Kardec utiliza a expressão "Anjo Guardião" quando deseja referir-se a um Espírito protetor de alta envergadura moral, que tem sob a sua tutela todo um grupo de almas afins.

Alguns Espíritos protetores especializam-se em determinadas áreas e exercem a sua ação de forma mais efetiva nesses setores. Assim, temos Espíritos protetores das artes, dos esportes, das ciências diversas, das cidades, dos bairros, dos centros espíritas, etc.

André Luiz examina o tema de forma bem racional. Apresentamos uma síntese:

"Os anjos da sublime vigilância, analisados em sua excelssitude divina, seguem-nos a longa estrada evolutiva; desvelam-se por nós, dentro das Leis que nos regem, todavia, não podemos esquecer que nos movimentamos todos em círculos multidimensionais. A cadeia de ascensão do Espírito vai da intimidade do abismo à suprema glória celeste. A idéia de um ente divinizado e perfeito, invariavelmente ao nosso lado, ao dispor de nossos caprichos ou ao sabor de nossas dúvidas, não concorda com a justiça. Que governo terrestre destacaria um de seus ministros mais sábios e especializados para colar-se, indefinidamente, ao destino de um só homem, quase sempre renitente cultor de complicados enigmas e necessitado, por isso mesmo, das mais severas lições da vida? Por que haveria de obrigar-se um arcanjo a descer da Luz Eterna para seguir, passo a passo, um homem deliberadamente egoísta ou preguiçoso? Tudo exige lógica e bom senso. Não digo que os anjos da guarda não estejam conosco, mas lembre que o sol está com o verme, amparando-o na fumaça, a milhões e milhões de quilômetros, sem que o verme esteja com o sol.

Anjo, segundo a acepção justa do termo, é mensageiro. Ora, há mensageiros de todas as condições e de todas as procedências.

Anjo da guarda é uma expressão que define o Espírito celeste que vigia a criatura em nome de Deus. Em qualquer religião convivem conosco os Espíritos familiares de nossa vida e de nossa luta. Dos seres mais embrutecidos aos mais sublimados, temos a corrente de amor, cujos elos podemos simbolizar nas almas que se querem ou que se afinam umas com as outras, dentro da infinita gradação do progresso. A família espiritual é uma constelação de Inteligências, cujos membros estão na Terra e nos céus. Aquele que já pode ver mais um pouco auxilia a visão daquele que ainda se encontra em luta por desvencilhar-se da própria cegueira. Todos nós, por mais baixos nos revelemos na escala da evolução, possuímos, não longe de nós, alguém que nos ama, a impelir-nos para a elevação.

Com toda a veneração que lhes devemos, importa reconhecer nos Espíritos, familiares que nos protegem, grandes e respeitáveis heróis do bem, mas ainda singularmente distanciados da angelitude eterna. Naturalmente, avançam em linhas enobrecidas, todavia, ainda sentem inclinações e paixões particulares no rumo da universalização dos sentimentos, reconhecendo-se, que os gênios familiares de nossa intimidade para atenderem a esse ou aquele gênero de serviço precisam, por vezes de apelos à natureza superior."

Apostila Original: Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora - MG

...No Livro dos Médiuns - Cap. X (2º parte): Natureza das Manifestações

Comunicações Grosseiras: Caráter dos Espíritos: triviais, ignóbeis, obscena, insolentes, arrogantes, malévolas e ímpias. Linguagem: expressões que ferem o decoro.

Comunicações Frívolas: Caráter dos Espíritos: levianos, zombeteiros ou maliciosos, mais astuciosos do que maus. Linguagem: conversas fúteis, em que muito se fala e nada se diz, brincadeiras banais com duras verdades, a verdade é o que menos os preocupa, malicioso prazer em mistificar.

Comunicações Sérias: assuntos graves e de maneira ponderada, finalidade útil. Podem enganar de boa fé, nem sempre isenta de erros. (cuidado com comunicações falsamente sérias, de Espíritos levianos).

Comunicações Instrutivas: comunicações sérias com finalidade principal de ensinamento. Profundidade depende do grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. Somente com a regularidade e a freqüência dessas comunicações podemos apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos.

No Cap. XXIV (2º parte): Identidade dos Espíritos.

A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, e depois da obsessão, uma das maiores dificuldades da prática espírita. Personagens antigos: mais difícil. Personagens contemporâneos: mais fácil, cujos hábitos e caráter são conhecidos.

O problema do nome: Espíritos elevados podem substituir-se mutuamente, usar o nome como simples indício do lugar que os Espíritos ocupam na Escala Espírita, cuja natureza mais se identifique com a deles. A maioria dos Espíritos elevados não deve ter nomes para nós. (Diferente nas comunicações íntimas. Diferente para Espíritos inferiores)

O problema da vidência: Espíritos levianos podem enganar com uma falsa aparência, depende das qualidades do próprio Espírito do médium. (No cap. XIV, item 167: médiuns videntes em estado normal, outros só a possuem em estado sonambúlico ou próximo ao sonambulismo. Distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. Há os que vêm somente os Espíritos evocados e os que possuem a faculdade em sentido mais geral, vendo toda a população espírita do ambiente.)

O problema das sensações: Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade. Se o Espírito do médium simpatizar com o Espírito mau, não será afetado por este. (Cap. XIV, item 164: Médiuns sensitivos ou impressionáveis são pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis. Esta faculdade se desenvolve como hábito e pode distinguir a natureza boa ou má do Espírito e também sua individualidade.)

O problema do confronto: revelação do próprio caráter através da linguagem, emprego de expressões familiares, referência a alguns fatos significativos e de particularidades de sua vida. Conveniente esperá-las ao invés de as provocar. Fazer o Espírito afirmar em nome de Deus todo poderoso

O problema da caligrafia e assinatura: limitações dos médiuns, falsário no mundo dos Espíritos.

A melhor Prova: linguagem e circunstâncias imprevistas (ex. do tenente do item 70), aspectos formais da linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento

Crítica rigorosa da comunicação

Deve-se sempre assumir um rigoroso exame na doutrinação, como se faz ao julgar uma obra literária: utilizando-se de lógica e bom senso. Somente os maus se melindram e procuram dissuadir-nos. Não existe comunicação má que resista a uma crítica rigorosa.

Orientações para reconhecer a qualidade dos Espíritos:

- Critério: bom senso;
- Julgar pela sua linguagem e ações (sentimentos e conselhos);
- Tudo que é mau não pode provir de Espírito bom;
- Linguagem digna, simplicidade e modéstia (trivialidade = inferiores);
- Não se prender ao aspecto formal, mas sim lhes sondar o íntimo: lógica, razão e prudência do caráter superior;
- Espíritos superiores não são contraditórios;
- Espíritos bons dizem o que sabem, calando-se ou confessando a sua ignorância sobre o que não sabem. Predizem o futuro apenas quando for útil e jamais precisam as datas (levianos predizem com precisão);
- Espíritos bons não querem impor-se, aconselham (maus são autoritários);
- Espíritos bons aprovam o bem de maneira prudente (maus exageram nos elogios, excitam o orgulho e a vaidade) (comentário de Herculano Pires: "a vaidade anula a inteligência e a instrução);

- Espíritos superiores estão acima das puerilidades formais (inferiores fazem prescrições meticulosas). Não usam de nomes bizarros, ridículos e nem nomes venerados. Comunicam-se com um fim sério e útil;
- Os bons abrandam os erros e pregam a indulgência (os maus exageram e sopram a discórdia com insinuações);
- Ensinam o bem (os maus dão maus conselhos, excitam a desconfiança e a animosidade);
- Dão conselhos racionais (os maus usam do sofisma, sarcasmos, injúrias e provas materiais do seu poder);
- Os maus têm forte influência da matéria: preconceitos, predileções e manias.
- Para julgar os espíritos é necessário saber julgar-se a si mesmo (conselho de Herculano Pires: com humildade recorrer ao juízo dos outros);
- Ação que exercem sobre o médium.
- A ação violenta causada pelos Espíritos maus (Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade e a agitação não pode ser regra absoluta. Não confundir a rapidez da escrita, produzida pela extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva. O Espírito do médium simpatizar com o Espírito mau, não será afetado por este).

Algumas anotações finais:

- O conhecimento científico não demonstra elevação;
- Espírito protetor de ordem superior pode tutelar centenas de encarnados;
- Os Centros Sérios e para um ensino de ordem geral são protegidos dos Espíritos levianos;
- Os Espíritos superiores podem impedir os maus de tomarem nomes falsos; Quanto piores são os Espíritos, mais teimosos são e resistem às injunções;
- Mesmo o que há de pior traz um ensinamento.
- O homem tem sempre algumas esquisitices que atraem os Espíritos zombeteiros;
- Médiuns videntes podem ser enganados por espíritos levianos que se apresentam com uma falsa aparência; isto depende das qualidades do próprio Espírito do médium;
- Ação eficaz para expulsar Espíritos mentirosos: bom pensamento dirigido a Deus.

Para a nossa reflexão, um pouco mais do Livro dos Médiuns:

Das perguntas que se podem fazer aos espíritos

Para estabelecer-se um diálogo proveitoso com os Espíritos é importante saber fazer perguntas. "(...) Duas coisas se devem considerar nas que se dirigem aos Espíritos a forma e o fundo. Pelo que toca à forma, devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando as questões complexas. Mas, outro ponto há não menos importante a ordem que deve presidir à disposição das perguntas. Quando um assunto reclama uma serie delas, e essencial que se encadeiem com método, de modo a decorrerem naturalmente uma das outras. Os Espíritos, nesse caso, respondem muito mais facilmente e mais claramente, do que quando elas se sucedem ao acaso, passando, sem transição, de um assunto para outro. (...)

Deve-se, pois, organizá-las com antecedência e estar-se preparado para acrescentar, retirar ou modificar questões durante a conversa com o Espírito comunicante. "(...) esse trabalho preparatório constitui, (...) uma espécie de evocação antecipada, a que pode o Espírito ter assistido e que o dispõe a responder. (...)

O fundo da questão exige atenção ainda mais seria, porquanto é, muitas vezes a natureza da pergunta que provoca uma resposta exata ou falsa. Algumas há a que os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que desconhecemos. Será, pois, inútil

insistir. Porém, o que sobretudo se deve evitar são as perguntas feitas com o fim de lhes por à prova a perspicácia. (...)

"(...) Não se segue daí que dos Espíritos não se possam obter úteis esclarecimentos e, sobretudo, bons conselhos; eles, porém, respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem, o interesse que nos tem, a afeição que nos dedicam e, finalmente, o fim a que nos propomos e a utilidade que vejamos no que lhes pedimos. (...)

Se é certo que não devemos interrogar os Espíritos a todo momento sobre problemas comuns à encarnação e que nos cabe resolver naturalmente, também é correto afirmar que determinados assuntos só são abordados pelos Espíritos se solicitarmos a sua opinião: "(...) Os Espíritos dão, não há dúvida, instruções espontâneas de alto alcance e que errôneo seria desprezar-se. Mas, explicações há que freqüentemente se teriam de esperar longo tempo, se não fossem solicitadas. (...) As questões, longe de terem qualquer inconveniente, são de grandíssima utilidade, do ponto de vista da instrução, quando quem as propõe sabe encerrá-las nos devidos limites. (...)"

Recordemos, aqui, que se o Codificador não tivesse proposto questões aos Espíritos, O Livro dos Espíritos e o Livro dos Médiuns talvez ainda nem existissem.

Ainda existe outro benefício ao propor questões aos Espíritos: "(...) de concorrerem para o desmascaramento dos Espíritos mistificadores que, mais pretensiosos do que sábios, raramente suportam a prova das perguntas feitas com cerrada lógica (...). Os Espíritos levianos respondem a qualquer pergunta sem o menor escrúpulo de falarem a verdade ou a mentira. Já os "(...) Espíritos sérios sempre respondem com prazer às que têm por objetivo o bem e os meios de progredirdes.(...)"

Todas as perguntas inúteis, feitas só para satisfazerem a simples curiosidade e para experimentar os Espíritos, têm o poder de afastar os bons Espíritos.

Existem certas questões feitas aos Espíritos superiores que só excepcionalmente eles se prestam a responder. Citaremos as principais:

Perguntas sobre o futuro - geralmente, a anunciação de fatos que ocorrerão no futuro fica por conta de Espíritos imperfeitos que, na maioria das vezes, se divertem em fazer previsões. Pode ocorrer, porém, que um Espírito superior revele acontecimentos, mas, nesse caso, as previsões visam a uma utilidade geral. "(...) toda predição circunstanciada vos deve ser suspeita. Importa saber que há pessoas dotadas da faculdade de se libertarem das influências da matéria, e através da visão espiritual, perceberem os acontecimentos futuros.

Perguntas sobre a previsão da morte - Os Espíritos que prevêem a morte de alguém são "(...) Espíritos de mau gosto, (...) que outro fim não têm, senão gozar com o medo que causam. (...)" No entanto, o Espírito pode desprender-se do corpo físico e prever sua desencarnação.

Perguntas sobre existências passadas - com relação às existências passadas, "(...) Deus algumas vezes permite que elas (...) sejam reveladas, conforme o objetivo. Se for para a vossa edificação e instrução, as revelações serão verdadeiras e, nesse caso, feitas quase sempre espontaneamente e de modo inteiramente imprevisto. Ele, porém, não o permite nunca para satisfação de vã curiosidade. (...)" Com relação a existências futuras nada nos é dado conhecer porque estará na dependência dos nossos atos presentes, como encarnados, e das resoluções que tomarmos, quando desencarnados.

Perguntas sobre interesses morais e materiais - Os bons Espíritos sempre nos aconselham para o bem. Os Espíritos familiares, em geral, podem até nos aconselhar em assuntos privados ou favorecer nossos interesses materiais, de acordo com o objetivo ou as circunstâncias. Deve-se levar em conta porém, que nem sempre os Espíritos familiares são superiores embora podendo, até, dar-nos bons conselhos. O importante é sabermos que "(...) os nossos Espíritos protetores podem, em muitas circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho, sem, entretanto, nos conduzirem pela mão.

Existe um numero muito grande de perguntas que são simpáticas tanto aos Espíritos adiantados, quanto aos atrasados, assim como existem aquelas que desagradam a uns e outros.

Uma coisa, no entanto, e certíssima: os Espíritos superiores sempre respondem a questões que dizem respeito à melhoria, ao bem-estar, à paz e ao progresso das criaturas. Estão sempre dispostos a nos auxiliarem e a nos ampararem. Só aconselham para o bem, e estão sempre preocupados e ocupados em trabalhos que proporcionam o progresso da Humanidade.

Tipos mais comuns de espíritos comunicantes

Esta classificação se baseia no modo como os Espíritos se apresentam nas reuniões de desobsessão e refere-se apenas aos Espíritos obsessores e necessitados.

Ao incluí-la aqui, nosso intuito é oferecer nossa contribuição aos que se dedicam ao ministério desobsessivo, sobretudo os que estão iniciando, para que tenham uma visão geral, embora bem simples, dos principais tipos de Espíritos que se comunicam nestas sessões especializadas, e também, em linhas gerais, focalizar a abordagem que o esclarecedor pode adotar.

Importa ainda mencionar que alguns desses tipos de entidades aqui relacionadas aparecem também nas reuniões de educação e desenvolvimento mediúnico (sendo mais comuns nestas), desde que estejam os médiuns em condições e que haja necessidade dessas manifestações.

Espíritos que não conseguem falar

São bastante comuns as manifestações de entidades que não conseguem falar. Essa dificuldade pode ser resultante de problemas mentais que interferem no centro da fala, como também em virtude do ódio em que se consomem que, de certa maneira, oblitera a capacidade de transmitir o que pensam e sentem. Em outros casos, pode ser um reflexo de doenças de que eram portadores antes da desencarnação e que persistem no além-túmulo, por algum tempo, de acordo com o estado de cada uma. Finalmente, existem aqueles que não querem falar para não deixar transparecer o que pensam, representando essa atitude uma defesa contra o trabalho que pressentem (ou sabem) estar sendo feito junto deles. Neste último caso, o médium pode conseguir traduzir as suas intenções, paulatinamente.

Não há necessidade de tentar insistentemente que falem, forçando-os com perguntas, pois nem sempre isso é o melhor para eles. O doutrinador deve procurar sentir, captar os sentimentos que trazem.

Geralmente não é difícil apreendê-los. Os que sofrem ou os que se rebolem no ódio deixam transparecer o estado em que se encontram. De qualquer forma são sumamente necessitados do nosso amor e atenção. O doutrinador deve dizer-lhes palavras de reconforto, aguardando que respondam espontaneamente. Muitos conseguem conversar ao cabo de alguns minutos, outros não resistem e acabam aceitando o diálogo cabendo ao doutrinador atendê-los de acordo com a problemática que apresentam.

Os que têm problema de mudez, por exemplo, conseguirão através de gestos demonstrá-lo. Ciente disso, o doutrinador pode ir aos poucos conscientizando-o de que esse problema pode ser resolvido, que era uma consequência de deficiência do corpo físico, mas que no estado atual ele poderá superar, se confiar em Jesus, se quiser com bastante fé, etc. Nesse momento, o passe e a prece ajudam muito. Em qualquer circunstância deve-se deixar que tudo ocorra com naturalidade, sem querer forçar a reação por parte dos que se comunicam.

Já recebemos entidades com tanto ódio que pareciam sufocadas, tendo por isto dificuldade de falar, e algumas outras que choravam de ódio.

Espíritos que desconhecem a própria situação

Não têm consciência de que estão no plano espiritual. Não sabem que morreram e sentem-se imantados aos locais onde viveram ou onde está o centro de seus interesses. Uns são mais fáceis de serem conscientizados e o doutrinador, sentindo essa possibilidade, encaminhará o diálogo para isso. Outros, porém, trazem a idéia fixa em certas ocorrências da vida física e torna-se mais difícil a tarefa de aclarar-lhes a situação. Certos Espíritos não têm condições de serem informados sobre a própria morte, apresentando um total despreparo para a verdade. Essa explicação será feita com tato, dosando-se a verdade conforme o caso.

Deve-se procurar infundir-lhes a confiança em Deus e noções de que a vida se processa em vários estágios, que ninguém morre (a prova disso é ele estar ali falando) e que a vida verdadeira é a espiritual.

Espíritos Suicidas

São seres que sofrem intensamente. Quando se comunicam apresentam um sofrimento tão atroz, que comove a todos. Às vezes, estão enlouquecidos pelas alucinações que padecem, em virtude da repetição da cena em que destruíram o próprio corpo, pelas dores superlativas daí advindas e ao chegarem à reunião estão no ponto máximo da agonia e do cansaço. Cabe ao doutrinador socorrê-los, aliviando-lhes os sofrimentos através do passe.

Não necessitam tanto de doutrinação, quanto de consolo. Estão buscando uma pausa para os seus aflitivos padecimentos. A vibração amorosa dos presentes, os eflúvios balsamizantes do Alto atuarão como brando anestésico, aliviando-os, e muitos adormecem, para serem levado em seguida pelos trabalhadores espirituais.

Espíritos alcoólatras e toxicômanos

Quase sempre se apresentam pedindo, suplicando ou exigindo que lhes dêem aquilo de que tanto sentem falta. Sofrem muito e das súplicas podem chegar a crises terríveis, delírios em que se debatem e que os desequilibram totalmente. Sentem-se cercados por sombras, perseguidos por bichos, monstros que lhes infundem pavor, enquanto sofrem as agonias da falta do álcool ou do tóxico.

De nada adiantará ao doutrinador tentar convencê-los das inconveniências dos vícios e da importância da temperança, do equilíbrio. Não estão em condições de entender e aceitar tais tipos de conselhos. Deve-se tentar falar-lhes a respeito de Jesus, de que Nele é que encontramos forças para resistir. De que somente com Jesus seremos capazes de vencer os condicionamentos ao vício. Se, entretanto, estiverem em delírios, o passe é o meio de aliviá-los.

Espíritos que desejam tomar o tempo da reunião

Vêm com a idéia preconcebida de ocupar o tempo dos trabalhos e assim perturbarem o seu desenrolar.

Usam muito a técnica de acusar os participantes, os espíritas em geral, ou comentam sobre as comunicações anteriores, zombando dos problemas apresentados. Tentam alongar a conversa, têm resposta para tudo.

Observando o seu intento, o doutrinador não deve debater com eles, tentando provar a excelência do Espiritismo, dos propósitos da reunião e dos espíritas, mas sim levá-los a pensar em si mesmos. Procurar convencê-los de que enquanto analisam, criticam ou perseguem outras pessoas, esquecem-se de si mesmo, de buscar a sua felicidade e paz interior. Quase nunca são esclarecidos de uma só vez. Voltam mais vezes.

Espíritos irônicos

São difíceis para o diálogo. E, geralmente, sendo muito inteligentes, usam a ironia como agressão. Ferem o doutrinador e os participantes com os comentários mais irônicos e contundentes. Ironizam os espíritas, acusando-os de usarem máscara; de se fingirem de

santos; de artifícios dos quais, dizem, utilizam para catequizar os incautos; de usar magia, hipnotismo, etc.

Alguns revelam que seguem os participantes da reunião para vigiar-lhes os passos e que ninguém faz nada do que prega.

Em hipótese alguma se deve ficar agastado ou melindrado com isso. É, aliás, o que almejam. Pelo contrário, devemos aceitar as críticas ferinas, inclusive porque apresentam grande fundo de verdade. Essa aceitação é a melhor resposta. A humildade sincera, verdadeira, nascida da compreensão de que em realidade somos ainda muito imperfeitos.

Tentar defender-se, mostrar que os espíritas trabalham muito, que naquele Centro se produz muito, é absolutamente ineficaz. Será até demonstração de vaidade de nossa parte, visto que temos ciência de nossa indigência espiritual e do pouco que produzimos e progredimos. E eles sabem disto.

Aceitando as acusações e sentindo, acima de tudo, o quanto existe de razão no que falam, eles aos poucos se desarmarão. Simultaneamente ir conscientizando-os do verdadeiro estado em que se encontram; da profunda solidão em que vivem, afastados dos seus afetos mais caros; que, em realidade, são profundamente infelizes -- eis alguns dos pontos que podem ser abordados.

Tais entidades voltam mais vezes, pois esse esclarecimento demanda tempo.

Espíritos desafiantes

Vêm desafiar-nos. Julgam-se fortes, invulneráveis e utilizam-se desse recurso para amedrontar. Ameaçam os presentes com as mais variadas perseguições e desafiam-nos a que prossigamos interferindo em seus planos. Cabe ao doutrinador ir encaminhando o diálogo, atento a alguma observação que o comunicante fizer e que sirva como base para atingir-lhe o ponto sensível. Todos nós temos os nossos pontos vulneráveis - aquelas feridas que ocultamos cuidadosamente, envolvendo-as na couraça do orgulho, da vaidade, do egoísmo, da indiferença.

Em geral, os obsessores, no decorrer da comunicação, acabam resvalando e deixando entrever os pontos suscetíveis que tanto escondem. Aparentam fortaleza, mas, como todos, são indigentes de amor e de paz. Quase sempre estão separados de seus afetos mais caros, seja por nível evolutivo, seja por terem sido feridos por eles.

O doutrinador recorrerá à energia equilibrada - dosada no amor - serena e segura, quando sentir necessidade.

Espíritos desse padrão vibratório quase sempre têm que se comunicar mais vezes. O que se observa é que a cada semana eles se apresentam menos seguros, menos firmes e fortes que na anterior. Até que se atinge o momento do despertar da consciência.

Espíritos descrentes

Apresentam-se insensíveis a qualquer sentimento. Descrêm de tudo e de todos. Dizem-se frios, céticos, ateus. No entanto, o doutrinador terá um argumento favorável, fazendo-os sentir que apesar de tudo continuam vivos e que se comunicam através da mediunidade. Também poderá abordar outro aspecto, que é o de dizer que entende essa indiferença, pois que ela é resultante dos sofrimentos e desilusões que o atormentam. Que, em realidade, essa descrença não o conduzirá a nada de bom, e sim a maiores dissabores e a uma solidão insuportável.

O doutrinador deve deixar de lado toda argumentação que vise a provar a existência de Deus, pois qualquer tentativa nesse sentido não atingirá o objetivo. Eles estão armados contra essa doutrinação e é esta justamente a que esperam encontrar. Primeiro, deve-se tentar despertá-los para a realidade da vida, que palpita dentro deles, e da sofrida posição em que se colocam, por vontade própria. Ao se conscientizarem do sofrimento em que jazem, da angústia que continuamente tentam disfarçar, da distância que os separa dos seres amados, por si

mesmos recorrerão a Deus. Inclusive, o doutrinador deve falar-lhes que somente o Pai pode oferecer-lhes o remédio e a cura para seus males.

Espíritos dementados

Não têm consciência de coisa alguma. O que falam não apresenta lógica. Quase todos são portadores de monoideísmo, idéia fixa em determinada ocorrência, razão por que não ouvem, nem entendem o que se lhes fala.

Devem ser socorridos com passes. Em alguns casos, o Espírito parece despertar de um longo sono e passa a ouvir a voz que lhe fala. São os que trazem problemas menos graves.

Espíritos amedrontados

Dizem-se perseguidos e tentam desesperadamente se esconder de seus perseguidores. Mostram-se aflitos e com muito medo. É necessário infundir-lhes confiança, demonstrando que ali naquele recinto estão a salvo de qualquer ataque, desde que também se coloquem sob a proteção de Jesus. São vítimas de obsessões, sendo dominados e perseguidos por entidades mais fortes mentalmente, com as quais se comprometeram. Muitos deles são empregados pelos obsessores para atormentar outras vítimas. Obrigados a obedecer, não são propriamente cúmplices, mas também vítimas.

Espíritos que auxiliam os obsessores

São bastante comuns nas reuniões. Às vezes, dizem abertamente o que fazem e que têm um chefe. Em outros casos, tentam esconder as suas atividades e muitos chegam a afirmar que o chefe não quer que digam nada. Também costumam dizer que foram trazidos à força ou que não sabem como vieram parar ali.

É preciso dizer-lhes que ninguém é chefe de ninguém. Que o nosso único “chefe” é Jesus. Mostrar-lhes também o mal que estão praticando e do qual advirão sérias conseqüências para eles mesmos. É de bom alvitre mencionar que o chefe no qual tanto acreditam em verdade não lhes deseja bem-estar e alegrias, visto que não permite que sigam seu caminho ao encontro de amigos verdadeiros e entes queridos. Quando mencionamos os entes queridos do comunicante, isto não significa forçar a comunicação de um deles. Inclusive deve-se evitar fazê-lo, pois isto deve ser natural e cabe aos Mentores resolverem. É comum que se diga ao obsessor: “Lembre-se de sua mãe”. Deve-se evitar isto, pois a resposta poderá ser: “Por quê? ela não prestava” ou “era pior que eu”, etc. Daí o cuidado.

Espíritos vingativos

São aqueles obsessores que, por vingança, se vinculam a determinadas criaturas. Muitos declaram abertamente seus planos, enquanto que outros se negam a comentar suas ações ou o que desejam. Costumam apresentar-se enraivecidos, acusando os participantes de estarem criando obstáculos aos seus planos. Falam do passado, do quanto sofreram nas mãos dos que hoje são as vítimas. Nesses casos, o doutrinador deve procurar demonstrar-lhes o quanto estão se prejudicando, o quanto o ódio e a vingança os tornam infelizes; que, embora o neguem, no fundo, prosseguem sofrendo, já que não encontram um momento de paz; que o ódio consome aquele que o cultiva. É importante levá-los a refletir sobre si mesmos, para que verifiquem o estado em que se encontram. A maioria se julga forte e invencível, mas confessam estar sendo tolhidos pelos trabalhos da reunião, o que os enfurece. Diante desse argumento, o doutrinador deve enfatizar que a força que tentam demonstrar se dilui ante o poder do Amor que dimana de Jesus.

Conforme o caso, os resultados se apresentam de imediato. O obsessor, conquistado pelo envolvimento fluídico do grupo e pela lógica do doutrinador, sente-se enfraquecido e termina por confessar-se arrependido. Em outros casos, a entidade se retira enraivecida, retornando para novas comunicações, nas semanas seguintes. Quando voltam, identificam-se ou são percebidos pelos participantes ante a tônica que imprimirem à conversação.

Espíritos mistificadores

São os que procuram encobrir as suas reais intenções, tomando, às vezes, nomes ilustres ou ares de importância. Chegam aconselhando, tentando aparentar que são amigos ou mentores. Usam de muita sutileza e podem até propor modificações no andamento dos trabalhos.

Mistificadores existem que se comunicam aparentando, por exemplo, ser um sofredor, um necessitado, com a finalidade de desviar o ritmo das tarefas e de ocupar o tempo.

O médium experiente e vigilante e o grupo afinizado os identificarão. Mas não se pode dispensar toda a vigilância e discernimento.

Numa reunião bem orientada, se comunica um mistificador, nem sempre significa que haja desequilíbrio, desorganização ou invigilância. As comunicações desse tipo são permitidas pelos Mentores, para avaliar a capacidade do grupo e porque sabem o rendimento da equipe, e que o mistificador terá possibilidades de ser ali beneficiado.

O médium que recebe a entidade detém condições de sentir as suas vibrações. Mesmo que o grupo não perceba, o médium sabe e, posteriormente, após os trabalhos, no instante da avaliação, tem ensejo de declarar o que sentiu e quais eram as reais intenções do comunicante. Ressalte-se, contudo, que, quando o grupo é bem homogêneo, todos ou alguns participantes perceberão o fato.

Espíritos inimigos do Espiritismo

São, geralmente, irmãos de outros credos religiosos. Alguns agem imbuídos de boa fé, acreditando que estão certos. Muitos, todavia, o fazem absolutamente cômicos de que estão errados, pelo simples prazer de provocar discórdia. Dizem-se defensores do Cristo, da pureza dos seus ensinamentos. Não admitem que os espíritos sigam Jesus.

O doutrinador deve evitar as explicações sobre religião. De nada adiantará tentar convencê-los de que o Espiritismo é a Terceira Revelação, o Consolador Prometido. É este o caminho menos indicado.

Deve-se evitar comparações entre religiões. A conversação deve girar em torno dos ensinamentos de Jesus. Comparar-se o que o Mestre ensinou e as atitudes dos que se dizem seus legítimos seguidores. São muito difíceis de ser convencidos. São cultos e cristalizados em seus pontos de vista.

Espíritos galhofeiros, zombeteiros

Apresentam-se tentando perturbar o ambiente, seja fazendo comentários jocosos, seja dizendo palavras e frases engraçadas, com a intenção de baixar o padrão vibratório dos presentes. Alguns chegam rindo; um riso que prolongam a fim de tomar tempo; exasperar e irritar os presentes, ou também levá-los a rir.

É preciso muita paciência com eles e o grupo deve manter elevado o teor dos pensamentos e vibrações. Deve-se procurar o diálogo no sentido de torná-los conscientes da inutilidade dessa atitude e de que em verdade, o riso encobre, não raro, o medo, a solidão e o desassossego.

Espíritos ligados a trabalho de magia, terreiros, etc.

Veza por outra surgem na sessão entidades ligadas aos trabalhos de magia, despachos, etc. Podem estar vinculados a algum nome, a algum caso que esteja sendo tratado pela equipe. Uns reclamam da interferência havida; outros propõem trabalhos mais “pesados” para resolver os assuntos; vários reclamam de estar ali e dizem não saber como foram parar naquele ambiente, pedindo inclusive muitos objetos empregados em reuniões que tais.

O doutrinador irá observar a característica apresentada, fazendo a abordagem correspondente.

Espíritos sofredores

São os que apresentam ainda os sofrimentos da desencarnação ou do mal que os vitimou. Se morreram em desastre, sentem, por exemplo, as aflições daqueles instantes. Sofrem muito e há necessidade de aliviá-los através da prece e do passe. A maioria adormece e é levada pelos trabalhadores espirituais

É de bom alvitre que façamos observações, registros e apontamentos, a fim de aprendermos melhor com cada atendimento. É quando refletiremos sobre as dificuldades, as falhas que cometemos e também fixaremos a experiência boa de que fomos instrumentos pela via da intuição.

Uma providência indispensável na doutrinação é procurarmos sentir em que posição evolutiva se encontra o sofredor, ou seja, enquadrá-lo na classificação de “O Livro dos Espíritos”. É necessário ver além do sofrimento, para sentir pela reação do Espírito onde ele se encontra do ponto de vista evolutivo, a fim de podermos atendê-lo convenientemente.

Acrescentamos as seguintes observações colhidas aqui e ali, nas experimentações práticas a respeito das presenças amigas em nossas reuniões:

Mentores do trabalho mediúnico e benfeitores espirituais

Quando se comunicam por psicofonia, normalmente o fazem no princípio ou no final para nos trazer instruções. Não costumam, se comunicar (psicofonia) enquanto sofredores estão incorporados, por ser necessário que todos nós os escutemos. Pode acontecer, o que é raro, participarem da Doutrinação.

Espíritos em recuperação

Vêm por anuência dos Mentores para, através da constatação dos benefícios auferidos com a reunião, nos estimularem.

Espíritos familiares

Não é comum a comunicação, a menos que estejam em tratamento; quando estão, são atendidos como os demais. Quando já recuperados ou em recuperação podem assumir o papel de cooperadores e como tal trazerem mensagens de estímulos.

Outro autor que se reporta aos tipos de Espíritos que se comunicam é Hermínio de Miranda¹⁶. O seu é um trabalho de fôlego. Ele se detém no aprofundamento do perfil psicológico das Entidades que se vinculam às organizações infelizes do Mundo Espiritual voltadas para o esforço de disseminar o terror e a ignorância como meios de perpetuarem as estruturas de dominação à frente das quais se colocaram. São os Espíritos que na Terra se fascinaram pelo poder e o exerceram inescrupulosamente, os quais, de retorno ao Mundo Espiritual reassumem velhos compromissos com a maldade e o crime, a opressão de consciências.

São os Dirigentes das Organizações voltadas para o Mal, os Planejadores, Juristas, Religiosos (sem religião), Intelectuais, Obsessores, Vingadores e Magos, todos eles desfilando as suas terríveis contradições a espera que o amor regenere as suas almas arrebatando a couraça de flúidos pesados que bloqueiam a penetração da luz até o âmago de suas consciências, onde dormita a realidade do Espírito imortal e eterno. Adverte-nos Hermínio que a apreensão aos grupos, muitas vezes é o único meio de que dispõem os Mentores para trazê-los à doutrinação, já que nem sempre é possível outras motivações nessas almas, senão o rancor e o ódio. Primeiro vêm suas vítimas, amedrontadas e batidas, libertadas dessas regiões de sombras pelos Espíritos Superiores. Logo depois, vêm eles, na tentativa de resgatar da influência superior aquele que dominaram por muito tempo e se não conseguem, tentarem destruir as lâmpadas e os postes que são os trabalhadores da mediunidade e as reuniões mediúnicas sérias. Nem todos os grupos estão preparados para lidar com estes Espíritos, bem o sabemos, enrijecendo fibras no trabalho e na doação. E os Espíritos Superiores sabem o que cada grupo pode fazer e vão naturalmente fazendo novas expressões de trabalho e de participação à proporção que os seus membros se fortalecem e se conscientizam de que “a

reunião é um ser coletivo” e seus membros formam um feixe que deve ser o quanto possível resistente e vibrátil.

A título de esclarecimento

Zoantropia

Os Espíritos podem apresentar-se sob a forma de animais. Mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências. Em caso algum, porém, será mais do que uma aparência momentânea. Fora absurdo acreditar-se que um qualquer animal verdadeiro pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto.

Zoantropia [do latim zo(o)- + antrop(o) + -ia] – 1. Perturbação mental em que o enfermo se acredita convertido num animal. 2. Metamorfose perispirítica, através de processo de indução hipnótica, em que o Espírito desencarnado, ainda inferiorizado, ganha a forma animalesca.

A Zoantropia é um fenômeno no qual o Espírito, pelo seu padrão inferior de pensamentos e à inferioridade, vai degradando sua aparência até ficar numa configuração disforme, que lembre um animal, ou até exatamente igual à um deles. Ainda, pode passar por esse processo sobre uma espécie de influência hipnótica exercida por outro espírito, de intelectualidade superior, mas igualmente inferior em moralidade, que lhe exerce um domínio negativo. Essas formas são as mais diversas, mas em geral são um misto de homem e animal, com cara de homem, chifres, rabo e pés de animais, entre outros. Quando o espírito atinge esse estado de degradação, ele cai em uma espécie de inconsciência de si mesmo, e o processo de recuperação dele vai depender, nessa fase e inicialmente, de seus protetores espirituais, a partir do momento que conseguem ter acesso a ele.

NOTAS

- 1 O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - FEB
- 2 O Livro dos Médiuns - Allan Kardec - FEB
- 3 Intercâmbio Mediúnico - João Cleofas e Divaldo P. Franco - LEAL
- 4 O Livro dos Médiuns - Allan Kardec - FEB
- 5 O Livro dos Médiuns - Allan Kardec - FEB
- 6 Nos Domínios da Mediunidade - André Luiz e Francisco C. Xavier - FEB
- 7 Nos Domínios da Mediunidade - André Luiz e Francisco C. Xavier - FEB
- 8 Mediunidade e Doutrina - Odilon Fernandes e Carlos A. Baccelli - IDE
- 9 Diálogo com as Sombras - Hermínio C. Miranda - FEB
- 10 Diálogo com as Sombras - Hermínio C. Miranda - FEB
- 11 Mediunidade e Doutrina - Odilon Fernandes e Carlos Baccelli - IDE
- 12 Desobsessão - André Luiz e Francisco C. Xavier - FEB
- 13 Diálogo com as Sombras - Hermínio C. Miranda - FEB
- 14 Diálogo com as Sombras - Hermínio C. Miranda - FEB
- 15 O Livro dos Médiuns - Allan Kardec - FEB
- 16 - Diálogo com as Sombras - M. C. Miranda - Item 2 - FEB

UNIDADE 3 – PRÁTICA DA DOCTRINAÇÃO

Influência do Médium e da mediunidade

Allan Kardec [Livro dos Médiuns - questão 226] propõe aos benfeitores espirituais a seguinte indagação:

"- O desenvolvimento da mediunidade está em relação como o desenvolvimento moral do médium?"

R. *Não. A faculdade propriamente dita é orgânica, não depende da moral, mas o mesmo acontece com o seu uso, que pode ser bom ou mal, dependendo dos valores morais do mediano.*"

A assertiva dos benfeitores coloca a mediunidade como uma função neutra, como um sentido (o sexto sentido, na expressão de Charles Richet); por si só, a faculdade mediúnica não depende da moral, da inteligência e da cultura, e isto ocorre, porque ela é orgânica, radicada no organismo físico do intermediário. No entanto, o que se pode conseguir com a mediunidade, os efeitos dela decorrentes, irão sofrer uma influência decisiva dos valores éticos do mediano. Quando perguntaram ao benfeitor Emmanuel qual era a maior necessidade do médium, ele disse:

"A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo." e "vence nos labores mediúnicos o médium que detiver a maior carga de sentimento."

Afinidade Fluídica e Sintonia Vibratória

Os benfeitores espirituais nos fazem ver que os fenômenos mediúnicos também são regidos por leis severas, inflexíveis, qual ocorre com as demais e que se não submetem as nossas vontades.

Allan Kardec orienta que "Para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium." Esta identificação não se pode verificar, se não houver entre um e outro, simpatia, e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de semelhança existente entre eles.

Esta afinidade ou simpatia apresenta duas condições distintas:

- afinidade fluídica;
- sintonia vibratória (afinidade moral).

a) Afinidade Fluídica: é de natureza estrutural, uma disposição inata do organismo, não dependendo dos valores morais, gostos, tendências do Espírito e médium.

A facilidade das comunicações depende da categoria de semelhança existente entre os dois fluidos, que também vai estabelecer a intensidade da assimilação fluídica e a maior ou menor impressão causada ao médium. Assim, determinado médium pode ser um bom instrumento para um Espírito e mau para outro. Disso resulta que de dois médiuns igualmente bem dotados e postos um do lado do outro, um Espírito que se dispõe à comunicação mediúnica se manifestará por meio de um, e não do outro médium, aonde não encontra a aptidão orgânica necessária. Mas, à proporção que o médium exercita-se no trabalho

mediúnico, desenvolve e adquire qualidades necessárias para a realização dos fenômenos e entre em relação com um número maior de Espíritos comunicantes. Com muita freqüência, o contato entre Espírito e médium se faz gradativamente, com o tempo; raramente se estabelece desde o primeiro momento. E o contato antecipado, que ocorre antes mesmo da sessão mediúnica, tem o propósito de provocar e ativar a assimilação fluídica, fase esta que o Espírito Manoel Philomeno de Miranda denomina de "fase de pré-imantação fluídica", e que vem atenuar as dificuldades existentes.

b) Sintonia Vibratória (Afinidade Moral): pessoas de moral idêntica se atraem e de moral contrária se repelem.

Fundamenta-se esta lei no princípio de que para um Espírito assimilar os pensamentos de outro, necessita estar emitindo ondas mentais na mesma freqüência vibratória. A afinidade moral depende inteiramente das condições éticas, que se referem à conduta humana, suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal.

Através da afinidade moral, o Espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psicoafetiva da comunicação. O Espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais.

O Médium na Reunião Mediúnica

Procuremos examinar de que forma os esforços que o mediano empreende em seu crescimento íntimo - os seus dotes morais - estarão influenciando nos labores mediúnicos.

a) Na Autenticidade da Comunicação: a autenticidade de uma comunicação é um dos maiores escolhos à prática mediúnica. Não a autenticidade no sentido de se saber quem é o Espírito comunicante, mas no sentido de saber o que é o Espírito. Se é um Espírito sério ou zombeteiro, leviano ou interessado em aprender, bondoso ou irresponsável. E só existe uma forma de se reconhecer a natureza de um Espírito: através da impressão que os seus fluidos causam no mediano. Isto porque os Espíritos podem falsear a sua aparência, a sua voz, o seu estilo, mas jamais poderão falsificar os seus fluidos. Os Espíritos bons fabricam bons fluidos que causam no médium uma impressão agradável, prazerosa, de bem estar. Os Espíritos inferiores, por sua vez, produzem fluidos pesados, densos que vão proporcionar ao médium uma impressão desagradável. No entanto, para registrarmos as características de um fluido espiritual é necessário que nós comparemos esses fluidos com os nossos próprios fluidos.

É necessário que haja um "choque de impressões" para que possamos registrar qualquer acontecimento exterior.

Assim sendo, um médium excessivamente ligado à usura, ao apego às coisas materiais, que venha a receber a comunicação de um Espírito avarento, nada de penoso sentirá com a aproximação desse Espírito, pois, os seus fluidos se equivalem.

Podemos então deduzir que quanto mais elevado moralmente for o médium, mais facilmente identificará os fluidos dos Espíritos desequilibrados, caracterizando a sua natureza.

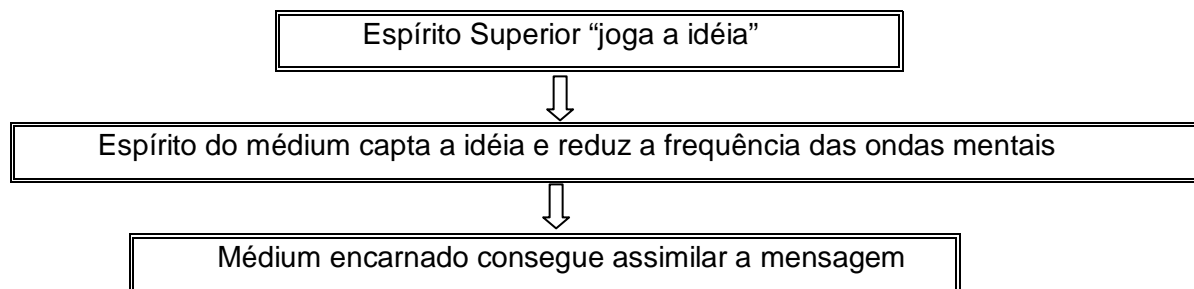
Verificamos, portanto, que o grave problema das mistificações espirituais está diretamente vinculado às condições morais dos médiuns.

b) Na Comunicação de Espíritos Superiores: para que um Espírito se comunique em uma reunião mediúnica, precisa encontrar um médium que se ache em sintonia com as suas vibrações mentais. Do contrário, o intermediário não conseguirá assimilar suas idéias e seus pensamentos. Os Espíritos superiores vibram em uma freqüência mental muito alta, daí a necessidade de médiuns bem equilibrados, sadios eticamente para que possam permitir a sintonia vibratória e a comunicação torne-se uma realidade.

Muitas vezes os bondosos mentores de nossos grupos mediúnicos desejam dar uma mensagem de incentivo, de estímulo, mas não conseguem encontrar um médium em condições morais que permita a comunicação.

Algumas vezes, quando estas mensagens são muito importantes, o Espírito superior pode atuar a distância, tendo como intermediário um outro Espírito em condições vibratórias menos elevadas.

Denomina-se este processo de Telemediunidade:



c) Na Qualidade da Comunicação: O Espírito Erasto no item 230 do Livro dos Médiuns, compara a mediunidade com uma máquina de transmissão telegráfica, afirmando que, da mesma forma que as influências atmosféricas atuam negativamente nas transmissões telegráficas, os recursos morais do médium poderão perturbar a transmissão das mensagens de além-túmulo.

Vamos então verificar que a moralidade do médium, seus recursos intelectuais, sua cultura, são elementos que terão uma participação efetiva nas comunicações espirituais. Sabemos que os Espíritos se utilizam dos valores do médium na elaboração de sua mensagem. Assim sendo, quanto mais aproximados forem esses recursos, mais facilidade vai encontrar o Espírito.

Se foi possível a concretização das obras notáveis de André Luiz, Emmanuel e outros, isto se deve à condição moral de Chico Xavier que deu condições espirituais para que os livros fossem ditados.

d) No Estado Geral do Médium: o estado físico-psíquico do médium durante a comunicação mediúnica e, principalmente, ao término da comunicação, depende, também, intimamente dos esforços empreendidos por ele em seu progresso espiritual. A sensação de mal estar, de medo, de angústia, as emoções desagradáveis que acompanham a comunicação, surgem em função da absorção de fluidos deletérios emitidos pela entidade em sofrimento.

Só existe uma forma de dissolver os fluidos ruins: antepondo-lhes fluidos bons. Os fluidos bons têm uma ação desagregadora das moléculas dos fluidos negativos.

Portanto, quanto mais sadia do ponto de vista moral, for a vida do médium, melhores serão os seus fluidos que, mais rapidamente, irão neutralizar as vibrações pestilentas dos comunicantes, devolvendo ao mediano a sensação de bem estar e de tranquilidade íntima.

e) Na Doação de Fluidos Salutares: quando uma entidade sofredora é levada a uma reunião de labores mediúnicos, deseja-se, obviamente, que ela seja orientada e esclarecida pelos doutrinadores. No entanto, deseja-se também que esta entidade venha a receber energias boas, fluidos salutares do grupo mediúnico, mas, principalmente, do médium. Denomina-se este encontro Espírito sofredor + fluidos do médium de choque anímico.

Essas energias sadias absorvidas pela entidade durante a comunicação terão um papel fundamental em sua recuperação espiritual "limpando" os seus centros de força e revigorando suas forças combatidas pelos pensamentos deprimentes.

Todavia, para que o mediano possa doar fluidos bons é preciso que tenha fluidos bons, e, só tem fluidos bons, quem vive bem.

f) Na Obsessão: A obsessão é um problema que o médium vai se defrontar durante toda a sua vida. Médiuns notáveis, portadores de faculdades mediúnicas extraordinárias e que vieram a cair drasticamente por influência obsessiva.

Só existe uma forma de precaver-se de um processo obsessivo: vivendo de tal forma que os Espíritos da sombra não possam atuar em nossos campos mentais.

A atitude mental superior, a prática constante do bem, o combate às viciações estarão elevando as nossas vibrações espirituais e nos colocando fora da faixa de influência dos Espíritos obsessivos.

Divaldo Franco assim se manifesta:

"Nosso caráter é a nossa defesa."

O Meio

Existem três fatores básicos na comunicação mediúnica: o Espírito, o médium e o meio. Vamos analisar o meio em seus dois aspectos: material e espiritual.

a) Meio Material: local em que se desenrola o trabalho mediúnico. Fatores a serem observados:

- Área física;
- Componentes encarnados: dirigente, doutrinadores e médiuns.

b) Meio Espiritual: conjunto de fatores predisponentes que facilitam e orientam o trabalho mediúnico:

- Espíritos orientadores;
- Espíritos em tratamento;
- Fluidos resultantes das emanações dos dois planos (espiritual e material);
- Intenções dos participantes.

Segundo Manoel Philomeno de Miranda em Nos Bastidores da Obsessão, os fatores citados acima são requisitos para uma reunião séria, desde a área física, até as intenções e vibrações dos componentes.

No Livro dos Médiuns – item 231, questão 1 Allan Kardec pergunta:

"O meio, no qual se acha o médium, exerce uma influência nas manifestações?"

R. Todos os Espíritos que cercam o médium o ajudam tanto no bem como no mal."

Em Temas da Vida e da Morte Manoel Philomeno de Miranda diz:

"Que o meio ambiente exerce efeitos e predisposições nos seres vivos. Embora o meio sócio-cultural seja consequência da ação do homem, torna-se-lhe fator de vigorosos efeitos no comportamento, o que tem levado muitas pessoas a concluir que - o homem é o produto do meio - salvo as inevitáveis exceções."

É compreensível, portanto, que a influência do meio moral e emocional seja prevalente nos fenômenos mediúnicos.

Além da inevitável influência do médium, em decorrência dos seus componentes íntimos, o psiquismo do grupo responde por grande número de resultados nos cometimentos da mediunidade.

Do ponto de vista moral, os membros que constituem o núcleo, atraem, por afinidade, os Espíritos que lhe são semelhantes, em razão da convivência mental já existente entre eles. Onde quer que se apresentem os indivíduos, aí também estarão seus consórcios espirituais.

Assim, fica fácil entender o poder da associação de pensamento dos assistentes. Se o Espírito for, de qualquer maneira, atingido pelo pensamento, como nós somos pela voz, vinte pessoas unidas numa mesma intenção terão, necessariamente, mais força que uma só. Mas, para que todos os pensamentos concorram para o mesmo fim, é necessário que vibrem em uníssono, que se confundam por assim dizer em um só, o que não poderá acontecer sem concentração.

Para bem compreender o que se passa nestas circunstâncias, é importante se conhecer a influência do meio. É necessário representar cada indivíduo como que cercado por certo número de companheiros invisíveis que identificam com o seu caráter, os seus gostos e as suas tendências. Allan Kardec [Livro dos Médiuns – item 331] diz:

"Uma reunião é um ser coletivo cujas qualidades e propriedades são a soma de todas as dos seus membros, formando uma espécie de feixe; ora este feixe terá tanto mais força quanto mais homogêneo for."

Todos os componentes da reunião são acompanhados de Espíritos que lhe são simpáticos. Segundo o seu número e a sua natureza, esses companheiros podem exercer sobre a reunião ou sobre as comunicações uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita seria aquela em que todos os seus membros, animados do mesmo amor pelo bem, só levassem consigo Espíritos bons. Na falta da perfeição, a melhor reunião será aquela em que o bem supera o mal.

Por outro lado, o Espírito chegando a um meio que lhe é inteiramente simpático sente-se mais à vontade. Contudo, se os pensamentos forem divergentes, provocam um entrechoque e idéias desagradáveis para o Espírito e, portanto, prejudicial à comunicação.

Sendo os Espíritos desencarnados muito impressionáveis, sofrem acentuadamente a influência do meio.

Toda reunião espírita deve, pois, procurar a maior homogeneidade possível.

O êxito das sessões espíritas se encontra na dependência dos fatores objetivos que as produzem, das pessoas que as compõem e do programa estabelecido nos dois planos (material e espiritual):

a) As Intenções:

"As intenções, fundamentadas nos preceitos evangélicos do amor e da caridade, do estudo e da aprendizagem, são as que realmente atraem os Espíritos superiores, sem cuja contribuição valiosa, os resultados decaem para a frivolidade, a monotonia e não raro para a obsessão." (Manoel Philomeno de Miranda)

b) O ambiente ou Meio Espiritual:

"Não sendo apenas o de construção material, o ambiente deve ser elaborado e mantido por meio de leitura edificante e da oração, debatendo-se os princípios morais capazes de criar uma atmosfera pacificadora, otimista e refazente." (Manoel Philomeno de Miranda)

c) Os Membros Componentes:

Os médiuns, segundo Emmanuel,

"em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso."

Assim, todo médium deve resguardar-se na humildade, na modéstia, convicto de que é uma alma em processo de redenção e aperfeiçoamento, pelo trabalho e o estudo.

A seriedade de uma reunião, entretanto, não é sempre suficiente para haver comunicações elevadas. É indispensável a harmonização dos sentimentos e o amor para atrair os bons Espíritos. Por isso os componentes da reunião devem esforçar-se por manter os requisitos mínimos, instruindo-se e elevando-se moralmente.

Os médiuns deverão manter disciplina interior, equilibrando suas emoções, seus pensamentos, palavras e atos para se tornarem maleáveis às instruções dos Espíritos superiores. A faculdade mediúnica não os isenta das responsabilidades morais imprescindíveis à própria renovação e esclarecimento, o que irá facilitar a sintonia com os mentores da reunião e melhores condições de exercerem a enfermagem libertadora aos Espíritos trazidos para tratamento.

O Dirigente deverá possuir os requisitos mínimos para liderar o grupo mediúnico que são: amor, boa vontade, estudo e atitudes corretas. Segundo André Luiz [Nos Domínios da Mediunidade], o dirigente deverá ter:

"Devoção à fraternidade, correção no cumprimento dos deveres, fé ardorosa, compreensão, boa vontade, equilíbrio, prudência e muito amor no coração."

Os Doutrinadores devem, igualmente, evangelizar-se estudando a Doutrina e capacitando-se para entender e elaborar nos diversos misteres do serviço de esclarecimento e tratamento Espiritual.

Na mesma linha de deveres dos médiuns, não poderão descurar do problema psíquico da sintonia, a fim de estabelecerem contato com o dirigente do plano espiritual que supervisiona os empreendimentos de tal natureza.

O doutrinador exerce a posição de elemento-terra, o mediador consciente da Espiritualidade, que deverá analisar os problemas e as idéias de modo equilibrado e inteiramente lúcido, revestindo-as com as luzes do Evangelho de Jesus e em coerência com os ensinamentos codificados por Allan Kardec.

Não poderemos deixar de analisar a influência dos Espíritos que são trazidos em tratamento às reuniões mediúnicas.

Invariavelmente, aqueles que sabem perseverar, sem adiarem o trabalho de edificação interior, se fazem credores da assistência dos Espíritos interessados nas sementeira da esperança e da felicidade na Terra - programa sublime presidido por Jesus, das altas esferas.

Nas reuniões sérias, os seus membros não podem compactuar com a negligência aos deveres estabelecidos em prol da ordem geral e da harmonia, para que a infiltração dos Espíritos infelizes não as transformem em celeiros de balbúrdia, de desordem e perturbação.

"Para que uma sessão espírita possa interessar aos instrutores espirituais, não poderá abstrair do elevado padrão moral de que se devem revestir todos os participantes, (... principalmente o médium onde a exteriorização dos seus fluidos, isto é, a vibração do seu próprio Espírito, que é resultante dos atos morais praticados, o distingue das diversas criaturas, oferecendo material específico aos instrutores espirituais para as múltiplas operações que se realizam nos abençoados núcleos spiritistas sérios, que têm em vista o santificante programa de desobsessão espiritual."

(Allan Kardec, Livro dos Médiuns, Cap. XXIX).

"A influência do meio decorre dos Espíritos e da maneira porque agem sobre os seres vivos. Dessa influência cada qual pode deduzir por si mesmo as condições mais favoráveis para uma sociedade que aspire atrair a simpatia dos Espíritos bons, obtendo boas comunicações e afastando as más."

Essas condições dependem inteiramente das disposições morais dos assistentes.

Podemos resumi-las nos seguintes pontos:

- Perfeita comunhão de idéias e sentimentos;
- Benevolência recíproca entre todos os membros;
- Renúncia de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- Desejo uníssono de se instruir e de melhorar-se pelo ensinamento dos Espíritos bons e aproveitando os seus conselhos;
- Exclusão de tudo o que, nas comunicações solicitadas aos Espíritos, só tenha por objetivo a curiosidade;
- Concentração e silêncio respeitosos durante as conversações com os Espíritos;
- Concurso de todos os médiuns com renúncia a qualquer sentimento de orgulho, de amor próprio e de supremacia, com o desejo único de se tornarem úteis.

Se cumpríssemos estes itens teríamos a "reunião ideal", dentro do que preceitua a codificação espírita.

"As condições do meio serão tanto melhores, quanto maior homogeneidade houver para o bem, com mais sentimentos puros elevados, mais sincero desejo de ajudar e aprender, sem segundas intenções."

Livro dos Médiuns, Cap. XXI, item 233

A lógica e o discernimento nos aconselham prudência, disciplina e equilíbrio para que sejamos bem orientados espiritualmente, já que a influência do meio, isto é, "a consequência da natureza dos Espíritos e de seu modo de ação sobre os seres vivos" nos fará deduzir em quais condições obteremos resultados mais favoráveis, em nossa reuniões mediúnicas.

Vamos seguir as diretrizes traçadas por Allan Kardec e termos reuniões mais produtivas, mais disciplinadas e harmônicas.

"Tendo por objetivo a melhoria dos homens, o Espiritismo não vem procurar os perfeitos, mas os que se esforçam em o ser, pondo em prática os ensinamentos dos Espíritos. O verdadeiro espírita não é o que alcançou a meta, mas o que seriamente quer atingi-la."

Allan Kardec, Revista Espírita, 1861, pág. 394, item 11

"Estudem antes de praticar porque é a única forma de não adquirirem experiência através do próprio sofrimento." Allan Kardec.

A mediunidade bem exercida é roteiro de iluminação que proporciona aventuras inimagináveis, quando a afeição e o amor a abraçam em favor da humanidade. Assim considerada e vivida, serão superados os fatores do meio que, ao invés de influenciar sempre, passam a sofrer-lhe a influência, estabelecendo-se psicofera benéfica quão salutar para todos aqueles que constituem o grupo no qual ela se desdobra.

Cabe ao médium sincero sobrepor-se às influências do meio onde opera as suas conquistas pessoais, gerando, em sua volta, uma psicofera positiva quão otimista sob todos os aspectos propícios à execução do compromisso a que se dedica.

"Não se descarte, pois, a influência do meio, que deve ser superior, nem a do médium, que se deve apresentar equipado dos recursos próprios, de modo que se recolham boas e proveitosas comunicações, ampliando-se o campo de percepção do mundo espiritual, causal e pulsante, no qual se encontra mergulhado em escala menor, o físico, por onde se movimentam homens, no processo de crescimento e evolução." (Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo P. Franco, Temas da Vida e da Morte).

Consulte:

Livro dos Médiuns - Allan Kardec
Nos Bastidores da Obsessão - Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco

Da influência moral dos médiuns na comunicação

(Sociedade Espírita de Paris Médium: Sr. D'Ambel)

Já o dissemos: os médiuns, como médiuns, têm apenas uma influência secundária nas comunicações dos Espíritos; seu papel é o de máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos entre pontos afastados da Terra. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium como o funcionário do telégrafo sobre o aparelho, isto é, assim como o tac tac do telégrafo desenha a milhares de léguas, sobre uma fita de papel, os sinais reprodutores do telegrama, nós nos comunicamos através de distâncias incomensuráveis, que separam o mundo invisível do visível, o mundo imaterial do mundo encarnado, aquilo que vos queremos ensinar através do aparelho mediúnico. Mas, assim como as influências atmosféricas atuam, perturbando as transmissões do telégrafo elétrico, a influência moral do médium atua e, por vezes, perturba a transmissão de nossas mensagens de além-túmulo. Isto por sermos obrigados a passá-las por um meio que lhes é contrário. Contudo, na maioria dos casos essa influência é anulada por nossa energia e nossa vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, ditados de alto alcance filosófico, comunicações de perfeita moralidade são transmitidos, às vezes, por médiuns pouco adequados a tais ensinamentos superiores. Enquanto que, por outro lado, comunicações pouco edificantes também chegam, por vezes, através de médiuns que se envergonham de lhes haverem servido de condutor.

Em tese pode-se afirmar que Espíritos semelhantes chamam Espíritos semelhantes e que raramente Espíritos de plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons instrumentos mediúnicos, numa palavra, bons médiuns.

Os médiuns levianos e pouco sérios assim atraem Espíritos da mesma natureza. Eis por que suas comunicações são marcadas por banalidades, frivolidades, idéias sem ordenação e, às vezes muito heterodoxas, do ponto de vista espírita. Certo, podem dizer, e por vezes, dizem coisas boas. Mas é sobretudo neste caso que se torna preciso um exame severo e escrupuloso porque, de permeio a coisas boas, certos Espíritos hipócritas insinuam com habilidade e com uma calculada perfídia fatos controvertidos, afirmações mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos ouvintes. Deve, então, ser cortada toda palavra ou toda frase equivocada e não conservar do ditado senão aquilo que é aceito pela lógica ou que já foi ensinado pela doutrina. As comunicações dessa natureza não são de temer senão pelos espíritos isolados, os grupos recentes ou pouco esclarecidos, porque nas reuniões em que os adeptos são mais adiantados e adquiriram experiência, por mais que a gralha se enfeite com as penas do pavão, será sempre impiedosamente desmascarada.

Não falarei dos médiuns que gostam de pedir e escutar comunicações sujas. Deixemo-los satisfazer-se na sociedade dos Espíritos cínicos. Aliás, as comunicações dessa ordem por si mesmas buscam a solidão e o isolamento. Em todo caso, não poderiam senão provocar o desdém e o mal-estar entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Mas onde a influência moral do médium se faz sentir realmente é quando este substitui suas idéias pessoais pelas que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir. É ainda quando extrai de sua imaginação teorias fantásticas que ele próprio e de boa-fé julga provirem de comunicações intuitivas. É então de apostar-se mil contra um, que estas não passam de um reflexo do Espírito do próprio médium. E acontece até o fato curioso que a mão do médium por vezes se move quase que mecanicamente, impulsionada por um Espírito secundário e zombeteiro. É contra essa pedra de toque que se vêm quebrar as imaginações jovens e ardentes. Porque, arrastadas pelo entusiasmo de suas próprias idéias, pelas lantejoulas de seus conhecimentos literários, desconhecem o ditado modesto de um Espírito sábio e, trocando a presa por sua sombra, a substituem por uma paráfrase empolada. É contra este escolho temível que igualmente vêm chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta de comunicações que os bons Espíritos

lhes recusam, apresentam suas próprias obras como daqueles Espíritos. Eis por que é necessário que os chefes de grupos Espíritas possuam um tato fino e uma rara sagacidade, para discernir entre as comunicações autênticas e as que não o são e para não ferir os que se enganam a si mesmos.

Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos antigos provérbios. Não admitais, pois, senão aquilo que vos é de evidência certa. Desde que surge uma opinião nova, por pouco que vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica. Aquilo que é reprovado pela razão e pelo bom-senso deve ser rejeitado firmemente. Mais. vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa. Com efeito, sobre essa teoria poderíeis edificar todo um sistema, que se esboroaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça; ao passo que se hoje rejeitardes certas verdades, porque não vos parecem demonstradas clara e logicamente, em breve um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade.

Não obstante, ó Espíritas, lembrai-vos de que não há o impossível para Deus e para os bons Espíritos senão a injustiça e a iniquidade.

Agora o Espiritismo está bastante espalhado entre os homens e moralizou suficientemente os adeptos sinceros de sua doutrina sadia, para que os Espíritos não mais sejam reduzidos a utilizar maus utensílios, médiuns imperfeitos. Se, pois, agora um médium, seja quem for, por sua conduta ou por seus costumes, por seu orgulho, por falta de amor e de caridade, der motivo legítimo de suspeita, repeli, repeli suas comunicações, pois há uma serpente oculta na grama. Eis minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.

Erasto

As fases da comunicação mediúnica

O conjunto fenomênico envolve algumas fases que julgamos de utilidade destacar, dentre muitos fatos acessórios que influenciam no resultado final: a Consumação da Comunicação. São elas: atração, aproximação e envolvimento

Atração

Quando o desejo coloca o comunicante e o médium em condições harmônicas. Quando isto ocorre, o comunicante é atraído, não importando onde se encontre, para a linha de força (frequência) correspondente, existente no campo de possibilidades mentais/magnéticas do Médium.

- *Poderia nos dizer como se dá a Atração?*

- Nos Universos existe uma poderosa força que a grande maioria dos homens insiste em ignorar: o **pensamento**. Ele é a força maravilhosa responsável por tudo quanto existe. Tal o ser pensante, tal a obra. Entretanto, para que o pensamento como força geratriz de algum cometimento possa ser acionado, é necessário o uso da alavanca do **desejo**, que é representado pela **ação**. O pensamento sem o desejo da Ação se transforma apenas em sonho. Dito isto, completemos: a atração se dá, quando o pensamento é acionado pelo desejo da comunicação de ambos os participantes do fenômeno, médium e espírito.

Aproximação

Com a presença do comunicante nas proximidades do campo de possibilidades do médium, onde suas primeiras emoções já se fazem sentir, de maneira pouco perceptível, mas reais.

Envolvimento

É quando completa-se o fenômeno. As linhas energéticas harmônicas do comunicante e do campo de possibilidades do médium se encontram, proporcionando a evidenciação do fenômeno de forma indiscutível, assumindo o comunicante o comando relativo das ações variando de influência mental ao domínio total do físico e quase total da mente, guardando o médium, entretanto, o domínio das últimas decisões.

Segundo Léon Denis³, Sabemos que tudo vibra e irradia no Universo porque tudo é força, luz e vida. Penetra a Natureza, em seus menores átomos, uma energia infinita – origem de todos os fenômenos. Identicamente, cada Espírito, livre ou encarnado, possui, conforme o seu grau de adiantamento e de pureza, uma irradiação cada vez mais rápida, intensa, luminosa.

Para comunicar conosco deverá o Espírito amortecer a intensidade de suas vibrações, ao mesmo tempo em que ativará as nossas. Nisso o pode o homem voluntariamente auxiliar; o ponto a atingir constitui para ele o estado de mediunidade.

Sabemos que a mediunidade, no maior número de suas aplicações, é a propriedade que têm alguns dentre nós de se exteriorizar em graus diversos, de se desprender do envoltório carnal e imprimir mais amplitude às suas vibrações psíquicas. Por seu lado, o Espírito libertado pela morte se impregna de matéria sutil e atenua suas radiações próprias, a fim de entrar em uníssono com o médium.

Aqui se fazem necessários uns Algarismos explicativos. Admitamos, a exemplo de alguns sábios, que sejam de 1.000 por segundo as vibrações normais do cérebro humano. No estado de “trance”, ou de desprendimento, o invólucro fluídico do médium vibra com maior intensidade, e suas radiações atingem a cifra de 1.500 por segundo. Se o Espírito, livre no espaço, vibra à razão de 2.000 no mesmo lapso de tempo, ser-lhe-á possível, por uma materialização parcial, baixar esse número a 1.500. Os dois organismos vibram então simpaticamente; podem estabelecer-se relações e o ditado do Espírito será percebido e transmitido pelo médium em transe sonambúlico.

É essa harmonização das ondas vibratórias que imprime, às vezes, ao fenômeno das incorporações tamanha precisão e nitidez. Nos outros estados de mediunidade o pensamento do Espírito se poderá igualmente comunicar por vibrações correspondentes, posto que menos intensas que as vibrações iniciais, do mesmo modo que uma nota musical se repete, de oitava em oitava, desde a clave mais alta à mais baixa da vibração harmônica.

Mais adiante falaremos de casos em que não se dão as três fases de maneira harmonizada e suas conseqüências. Acompanhemos a opinião do Espírito Erasmo quanto às sensações do Médium no início das Comunicações:

- *Como o médium pode aperceber-se que se inicia o processo de incorporação?*

- É muito grande a gama de variações, entretanto, o mais comum é a sensação da aproximação de alguém, seguido de fluídos, cuja emanção os médiuns sentem em intensidade diferente, de acordo com suas possibilidades. Sensação de calor ou frio em algumas partes do corpo, principalmente as extremidades, cuja sensação algumas vezes vai se estendendo a todo o corpo. Depois o médium vai sentindo o bloqueio gradativo de seus pensamentos, numa mistura que se processa com pensamentos alheios e logo no estágio imediato, o médium percebe que os pensamentos alheios vão se tornando mais intensos que os seus, indo esse processo até a tomada total do campo mental. Sente a seguir uma espécie de sopro quente ou frio, tal seja o caso, em um dos ouvidos ou em ambos, como se uma corrente de ar se introduzisse pelos mesmos; uma espécie de corrente elétrica percorre todo o seu corpo, quando se consuma a posse do aparelhamento mediúnico. O espírito toma posse do corpo, ou da mente, ou ainda, do corpo e da mente, e inicia a fase da comunicação².

As fases da doutrinação

Abertura

Às vezes, o Espírito começa logo a falar, ou a esbravejar, mas, usualmente, ele precisa de alguns segundos para apossar-se dos controles psíquicos do médium, e não consegue falar senão depois de se ter acomodado bem à organização do seu instrumento. O doutrinador deve aproveitar esses momentos para uma palavra de boas-vindas, saudando-o com atenção, carinho e respeito. Em alguns casos o Espírito somente consegue expressar-se a muito custo, em virtude de seu estado de perturbação, de indignação, ou por estar com deformações perispirituais que o inibem. De outras vezes, usando de ardis, ou preparando ciladas, mantém-se em silêncio, para que o doutrinador se esgote, na tentativa de descobrir suas motivações, a fim de tentar ajudá-lo, com o que ele se diverte bastante.

Em certas ocasiões, vem ele revestido de um manto de mansidão e tranqüila segurança. Diz palavras doces, assegura-nos suas boas intenções, dá-nos conselhos.

Há os que fingem dores que não sentem, ou mutilações que não possuem, como cegueira ou falta da língua. Visam, com esses artifícios, a distrair nossa atenção do ponto focal de sua problemática, ou simplesmente entregam-se ao prazer irresponsável de enganar, mistificar, defraudar, ou então, como alguns me dizem, às vezes, de esgotar o médium incumbido de dar-lhes passes. Riem-se muito dos nossos enganos.

Qualquer que seja a abertura da comunicação, o doutrinador deve esperar, com paciência, depois de receber o companheiro com uma saudação sinceramente cortês e respeitosa. Seja quem for que compareça diante de nós, é um Espírito desajustado, que precisa de socorro. Alguns bem mais desarmonizados do que outros, mas todos necessitados - e desejosos - de uma palavra de compreensão e carinho, por mais que reajam à nossa aproximação. Os primeiros momentos de um contato mediúnico são muito críticos. Ainda não sabemos a que vem o Espírito, que angústias traz no coração, que intenções, que esperanças e recursos, que possibilidades e conhecimentos. Estará ligado a alguém que estamos tentando ajudar? Tem problemas pessoais com algum membro do grupo? Luta por uma causa? Ignora seu estado, ou tem consciência do que se passa com ele? É culto, inteligente, ou se apresenta ainda inexperiente e incapaz de um diálogo mais sofisticado? Uma coisa é certa: não devemos subestimá-lo. Pode de início revelar clamorosa ignorância, e entrar, depois, na posse de todo o acervo cultural de que dispõe. Dificilmente o Espírito é bastante primário para ser classificado, sumariamente, como ignorante. Nossa experiência acumulada é muito mais ampla do que suspeitamos.

Assim, a primeira regra do diálogo, com os nossos irmãos em crise, é esta: paciência e tolerância. Toda conversa, com eles, é um permanente exercício dessas duas virtudes. As primeiras palavras são de importância vital; são, às vezes, decisivas, e podem constituir a diferença entre uma oportunidade de pacificação ou a alienação do companheiro por mais um tempo, indeterminado, em que ele continuará a buscar alhures o que não encontrou em nós: compreensão para os seus problemas e suas angústias. Muita coisa vai depender, no desenrolar do trabalho, da maneira pela qual recebemos os nossos irmãos em crise. Nunca é demais lembrar e insistir: eles precisam de nós, justamente porque não conseguem sair sozinhos das suas dificuldades, das suas perplexidades, dos seus sofismas, da sua auto-hipnose. Mas nós, por igual, precisamos deles, porque nos trazem lições, porque nos ajudam na prática da lei suprema da solidariedade que a seu turno, nos libertará também. Além disso, não podemos despachá-los, mal enunciaram as primeiras palavras, quando nem sequer sabemos ainda de suas motivações e de suas dores. Não esperemos, jamais, uma expressão inicial sensata e equilibrada, amorosa e tranqüila, da parte daqueles que se acham desarmonizados. Se assim fosse, não precisariam de nós: já teriam encontrado seus próprios caminhos. Esperemos isto sim, uma eloqüente manifestação de revolta, rancor, desespero, aflição, desencanto, ou perplexidade, segundo a natureza dos problemas que os abrasam¹.

Contemos com mistificações e ardis, com falsidades e subterfúgios, com ódio e agressividade, com ignorância e má-fé; em suma, com a dor do Espírito aturdido pelo impasse que criou dentro de si mesmo. É claro que o primeiro impulso de hostilidade, de um Espírito assim, tem de ser contra nós, que o fustigamos, tentando obrigá-lo a mover-se. Ele está parado no tempo e no espaço, preso à sua problemática, empenhado numa tarefa que julga do maior relevo e importância; e aparece um grupo, como o nosso, para tentar arrancá-lo daquilo que constitui o seu mundo, a sua razão de ser. Não é ele quem nos incomoda e fustiga; somos nós que o agravamos, com a inadmissível tentativa de fazê-lo desistir dos seus propósitos.

O Diálogo

É preciso deixá-los falar, pois do contrário, não podemos ajudá-los. É necessário conhecer a sua história, suas motivações e suas razões. E ainda que relutem, demorem e usem de mil e um artifícios, eles acabam revelando a razão de sua presença no grupo. O longo trato com eles nos ensina que têm um hábito peculiar de “pensar alto”. Isto se deve a um mecanismo psicológico irresistível, do qual muitas vezes eles nem tomam conhecimento, e no qual, mesmo os mais hábeis e ardilosos deixam-se envolver. É que o médium lhes capta o pensamento, e não a palavra falada. Se o médium se limitasse a transmitir-lhes a palavra, mesmo assim, eles acabariam por revelar as suas verdadeiras posições, embora pudessem sonegar a verdade por maior espaço de tempo; mas é do próprio dispositivo mediúnico converter, em palavras e gestos, aquilo que o Espírito elabora na sua mente. Eles não conseguirão, por muito tempo, ocultar as verdadeiras causas da sua dor e a razão da sua presença, pois é isso, precisamente, que os traz a nós. Essas causas estão de tal forma gravadas nos seus Espíritos que constituem o centro, o núcleo, em torno do qual gira toda a personalidade e agrupam-se os problemas mais críticos e mais urgentes. Se conseguirmos desfazer aquele núcleo, que funciona como verdadeiro centro de aglutinação, a personalidade reagrupa-se em novos equilíbrios redentores. Insistimos, pois, em afirmar que o médium traduz em palavras, o que ele sente no Espírito manifestante: suas emoções, seu temperamento, seus problemas, suas desarmonias, ao mesmo tempo em que lhe reproduz os gestos, e a voz alteia-se ou sussurra, reflete ódio ou desprezo, ironia ou amargor, perplexidade ou aflição. Se assim não fosse, teríamos que falar com cada Espírito na sua própria língua, ou seja, na língua que ele falou por último, na sua mais recente encarnação, e todo médium precisaria ser xenoglóssico. *(xenoglossia A fala espontânea em língua(s) que não fora(m) previamente aprendida(s)).*

À medida que ele se desenrola, estejamos atentos, mantenhamo-nos compreensivos e discretos. É uma tentativa de entendimento, não uma discussão, uma contenda, uma disputa. O que interessa, neste momento, não é “ganhar a briga”, mas estudar com empatia (novamente a palavra mágica) o drama que aflige o companheiro. Não importa que ele leve a melhor no debate, que nos agrida, ameace e procure intimidar-nos.

Freqüentemente ocorre ser ele muito mais treinado em pelejas destas categorias do que o doutrinador. Foi tribuno, orador, escritor, pensador, teólogo; enfrentou grandes debatedores, argumentou em causas importantes, adquiriu cultura e aprendeu a manejar a palavra, como poucos. Leva nítida vantagem sobre o doutrinador que, por mais bem preparado que seja, está contido pelos dispositivos da encarnação e, na maioria das vezes, ignorante de fatos importantes, que o Espírito conhece e manipula com inteligência e acuidade. Seria, pois, ingênua e perigosa imprudência tentar superá-lo numa discussão. Não se esqueça, por outro lado, de que não pode deixar o Espírito falando sozinho, a não ser em condições muito especiais, que a intuição do doutrinador deverá indicar. O Espírito precisa ser atendido com interesse, muito mais que com simples urbanidade. Não apenas se encontra na condição de visita, por assim dizer, pois veio até a nossa casa, como ele ficará ainda mais irritado, e difícil, se o recebemos com fria e polida cortesia, ou, pior ainda, quando nos deixamos envolver pela sua agressividade e respondemos com idêntica hostilidade, que o aliena cada vez mais.

Estejamos certos de encontrar sempre, da parte deles, o desejo de nos arrastar à discussão azeda e violenta. É o clima que convém aos seus propósitos.

Calma, paciência, tolerância. Não altere a voz, não se deixe irritar, não reaja da maneira que ele espera, pois assim não conseguirá ajudá-lo. Resista, mas resista mesmo, ao impulso de “responder-lhe à altura”, mesmo que tenha o argumento que parece decisivo.

De vez em quando, se ele insistir em falar em altos brados, faça-o compreender, em voz baixa e tranqüila, que não é preciso gritar. Que a gente somente grita quando não tem razão. Ele acabará por convencer-se da justeza dessa observação. Se o doutrinador cai na tolice de gritar-lhe de volta, o clima torna-se insustentável e a situação difícil de ser contornada. Procure dirigir a conversação para o terreno pessoal, certo de que o Espírito está negaceando, precisamente para evitar cair nesse campo, que sabe ser o mais “perigoso”, por ser o único revelador do núcleo interior de sua problemática. Mas, não o force. Espere o momento oportuno. Aguarde pacientemente. Siga-o na conversa, sem aumentar sua irritação, sem astrar-se com ele. Não é importante superá-lo na troca de idéias.

Você não está ali para provar que é mais inteligente do que ele, nem mais culto, ou eticamente melhor do que ele; você está ali para ajudá-lo, compreendê-lo e servi-lo. Não há razão alguma para pensar que você é um Espírito redimido, e ele um réprobo enredado nos seus crimes.¹

É certo, ainda, que, durante esse diálogo difícil -- em que, tantas vezes, o doutrinador tem de aceitar o papel de um pobre, infeliz, débil mental, covarde, hipócrita, medroso haverá mistificações, propostas, bravatas, ameaças, ironias, tentativas de intimidação.

Mantenhamos o equilíbrio, atentos, porém, ao fato de que humildade não quer dizer submissão e aceitação sem exame de tudo quanto nos diz o Espírito manifestante, pois ele se encontra diante de nós exatamente para que tentemos convencê-lo de seus enganos, fantasias e deformações filosóficas, teológicas e psicológicas. É a sensibilidade do doutrinador que vai indicar em que ponto e em que momento interferir.

Enquanto esse momento não chega - e geralmente ele não ocorre, mesmo, na fase inicial do diálogo - esperemos com paciência, atentos às informações que o Espírito nos fornece, dado que é com elas que vamos montando o quadro que nos mostrará o perfil psicológico do comunicante. Atenção com os pormenores que pareçam irrelevantes: uma referência passageira, o tom de voz, uma lembrança fugaz, uma observação aparentemente sem importância. Tudo serve para compor o quadro. Lembremo-nos de que o perfil que procuramos é importante, é essencial ao entendimento da personalidade daquele irmão. Embora dificilmente admita, ele precisa da nossa ajuda. Se o mencionarmos, porém, ele replicará com toda a veemência, que de forma alguma precisa de nós. Está muito bem como está. Não poucos serão os que, ao contrário, nos farão propostas e nos dirão as mais estranhas bravatas.¹

As ameaças

É comum ouvirmos:

“Vamos tomar providências enérgicas”;

“Vamos botar fogo nesta casa”;

“Vou falar com o chefe”;

“Vou fazer uma petição para a destruição de todos aqui”;

“Como você quer morrer?”;

“Tenho ordens do chefe para acabar com você”;

“Eu lhe conheço não é de agora e sei como lhe atingir”;

“Vigiai e orai disse Jesus... para não cairdes em tentação, pois o Espírito está pronto, mas a carne é fraca”. (Marcos 14:38)

Os seres desencarnados inferiores que nos vigiam, nos espionam e nos assediam, sabem disso, tão bem ou melhor do que nós, e, enquanto puderem, hão de reter-nos na retaguarda, pelo menos, como disse um amigo espiritual muito querido, para engrossar as fileiras dos que estão parados.

Mesmo com toda a vigilância, e em prece, continuamos vulneráveis. E “eles” sabem disso: quando o esquecemos, eles nos lembram:

- Você pensa que é invulnerável?

Quem poderá responder que é? E as nossas mazelas, os erros ainda não resgatados, as culpas ainda não cobradas, as infâmias ainda não desfeitas? Contudo, temos que prosseguir o trabalho de resgate, a despeito dos espinhos das rosas, das ameaças e, logicamente, de um ou outro desengano maior. É preciso estar, no entanto, bem certos de que, em nenhuma hipótese, sofreremos senão naquilo em que ofendemos a Lei, e jamais em decorrência do trabalho de desobsessão, em si mesmo.

Seria profundamente injusta a Lei, se assim não fosse. Então, vamos ser punidos porque estamos procurando, exatamente, praticar a Lei universal do amor fraterno e da solidariedade que nos recomenda o Cristo?

Não aceitaremos a intimidação, mas não a devolveremos com uma palavra ou um gesto de desafio ou de provocação. É necessário não intimidar-se diante da bravata, mas sem cometer o engano de ridicularizá-la. Há uma diferença considerável em ser intimorato e ser temerário. Nossa bagagem de erros ainda a resgatar não nos permite usar o manto da invulnerabilidade, mas não deve deter os nossos passos na ajuda ao irmão que sofre. Mesmo que ele nos fira, com a peçonha de seu rancor inconsciente, quando lhe estendermos a mão, para ajudá-lo a levantar-se, ele nos será muito grato se o conseguirmos e, no fundo, bem no fundo de si mesmo, ele, mais do que ninguém, deseja e espera que nós consigamos salvá-lo, pois que, por si mesmo, com seus próprios recursos, ele não o conseguiu ainda. E, afinal de contas, se os espinhos nos ferirem, aqui e ali, também estaremos nos libertando das nossas próprias culpas.

A regra, portanto, é esta: não ridicularizar a bravata, nem desafiar a ameaça, não responder à ironia com a mofa: não se intimidar, mas não ser imprudente.¹

Propostas e acomodações

A proposta pode ser um simples negócio. Estão acostumados a tais ajustes e transações. Acham que tudo tem seu preço e dispõem-se sempre a pagar o preço combinado por aquilo que lhes interessa. Se puderem comprar nossa desistência, por exemplo, não hesitarão em propor uma barganha:

- Está bem. O que você deseja para parar com isso?

“Parar com isso” é deixá-los fazer o que entendem, encerrar as atividades do grupo ou dedicar-se a outros afazeres mais inócuos e menos prejudiciais aos seus interesses. Concordearão, por exemplo, em deixar de atormentar alguém, a que particularmente estejamos dedicados, ou em liberar outros, que mantêm prisioneiros no mundo espiritual. Ou então nos oferecem coisas mais terra-a-terra, como dinheiro, posição, prazeres.

De outras vezes a proposição é mais sutil. Começam com elogios, exaltando nossas fabulosas “virtudes”:

- Você não sabe a força que tem! Poderia arrastar multidões, dominar mentes...

A um desses respondi que não sabia, ainda, como dominar a minha... E ele, imperturbável:

- Sabe, sim. Você sabe... Por que não fazemos um acordo?

Duas observações básicas é preciso ainda fazer, sobre tais propostas e acomodações: a primeira é mais do que óbvia, ou seja, as concessões que nos oferecem têm elevado preço, por mais inocentes que se apresentem, à primeira vista. Além do mais, nada impede que desfaçam o trato, a qualquer tempo, quando não mais interessar-lhes o nosso concurso ou caducar a razão pela qual se valeram da nossa ingenuidade infantil. A cobrança virá, então, sobre aquele que concordou com o trato e que, de suposto aliado, passa à vítima inerme de sua própria tolice. A segunda observação é a de que, quando os nossos irmãos atormentados propõem semelhantes transações, com a finalidade de nos levarem a abandonar o trabalho, deixar de ajudar alguém, ou fazer, enfim, qualquer concessão, é porque estão começando a sentir-se algo perplexos, ante a resistência inesperada à sua vontade. Eles não estão habituados a fazer acordos para obter o que podem conseguir pela imposição e pela intimidação, ou pelo terror.

Tenhamos, porém, o bom senso de não procurar tirar partido da situação, imatura e precipitadamente. A prudência continua a ser a melhor conselheira. Além disso, não podemos permitir-nos utilizar, jamais, métodos semelhantes aos seus. Eles compreenderão nossos escrúpulos e nosso jogo aberto e acabarão respeitando-nos por isso, estejam ou não convencidos ante a nossa argumentação. Se a uma proposta, por mais infantil que seja, da parte deles, tentarmos “virar a mesa”, estaremos sintonizando-nos com o mesmo diapasão ético com que eles nos experimentam e, com isso, irá por terra a precária ascendência moral que porventura tenhamos alcançado sobre eles. Não podemos, jamais, esquecer-nos de que são pobres irmãos desorientados, desesperados, dispostos a tudo, mas que necessitam de nós. Buscam aflitivamente alguém que não possam corromper com suas propostas, alguém que prove ser pelo menos um pouco melhor do que a média humana, com a qual estão acostumados a lidar. Não alimentemos a ilusão de demonstrar-lhes que, diante de nós, são simples vermes infestados de culpas, voltados à maldade intrínseca, e nós, seres redimidos, que condescendemos em estender-lhes a mão salvadora que, depois, iremos desinfetar. Absolutamente. É bem possível que sejam mais atilados psicólogos do que nós, mais experimentados do que nós, nessas duvidosas transações. Encaram suas tarefas deploráveis como complexas partidas de xadrez, nas quais têm, às vezes, que sacrificar uma dama, ou um bispo valioso, para dar o xeque ao rei. São metódicos, dispõem de amplos e minuciosos planejamentos. Não os subestimemos jamais, que as conseqüências serão funestas para nós.

Escarnecer de suas propostas, porque sentimos que estão fracos e algo perplexos, pode ser desastroso, e, além do mais, é desumano. São irmãos doentes, que precisam de ajuda e compreensão, e não de que os confirmemos nas suas práticas, retrucando aos seus processos arditos com ardis de idêntico teor.

Em situações como esta, costumo ter uma resposta padronizada. Não recuso a proposta, e nem a aceito. Confesso-me simplesmente incapaz de decidir, o que é estritamente verdadeiro. Usualmente, digo qualquer coisa assim:

- Não tenho autoridade para tratar com você. Procure um dos nossos companheiros espirituais, aí no mundo de vocês. O que ele resolver, está bem para mim.

A posição do doutrinador tem que continuar firme, paciente, tranqüila, e até mesmo respeitosa, a não ser para aqueles que também estejam em desequilíbrio. É preciso respeitá-la. A criatura que está diante de nós, incorporada ao médium, encontra-se desatinada, necessitada de compreensão e de amparo. Merece nosso respeito. Seria profundamente desumano negacear com ela, tentando ludibriá-la com os mesmos recursos com que, no seu desespero, tentou enganar-nos. Que ela tente, isso é compreensível; mas que nós também experimentemos a mesma arma é inadmissível.¹

Desvio de atenção

Alguns Espíritos são bem mais artificiosos. Usam da ironia, fogem às perguntas, respondendo-nos com outras perguntas ou com sutis evasivas, que nada dizem. É comum tentarem envolver o grupo todo na conversa. Várias artimanhas são empregadas para esse fim.

Dirigem perguntas aos demais circunstantes; dizem gracejos, para provocarem o riso; tentam captar a atenção por meio de gestos e toques, nos braços ou nas mãos dos que lhes ficam mais próximos; ensaiam a indução hipnótica ou o passe magnético. Muita atenção com estes artifícios. Eles trazem em si uma sutileza perigosa e envolvente, pois constituem uma técnica de penetrar o psiquismo alheio.

Duplicidade de doutrinadores

Há casos em que o Espírito faz comentário ou gesto engraçado o que provoca riso da parte de algum componente da equipe encarnada. Com esta correspondência, o Espírito sente-se à vontade para prosseguir, muitas vezes até agradecendo o apoio dos componentes do grupo (embora o grupo como um todo não o esteja apoiando, mas certamente favorecendo-o involuntariamente). Assim fortalecido declara que não sairá ou entabula diálogo com o outro membro (ou doutrinador), a fim de desmoralizar aquele que o está atendendo.

Há, pois, excelentes razões para manter como regra, de raríssimas exceções, o princípio de deixar que apenas o doutrinador fale com o manifestante. É através daquele que atuam os Espíritos orientadores, que ficariam com seu esforço dispersado se tivessem que dar atenção e atuar, via intuição, sobre todos os componentes do grupo incumbidos ou autorizados a falar com o Espírito.

Às vezes, os circunstantes encarnados, não bem afinados afetivamente com o doutrinador, podem introduzir perigosos fatores de desagregação no grupo se persistirem em acompanhar mentalmente a doutrinação, com um senso crítico imprudente, imaginando o que diriam em tais circunstâncias. Os Espíritos manifestantes têm, freqüentemente, condições de captar-lhes o pensamento e, se o fizerem, certamente tirarão partido da discrepância, mesmo que ela fique imanifesta. Por isso, tanto se insiste na importância da fraternidade, entendimento e compreensão entre todos os componentes do grupo encarnado. Não que o doutrinador seja infalível, perfeito, nem que esteja sempre certo e com a razão; mas ele precisará do apoio e da compreensão de seus companheiros, ainda que tenha falhado; e, com freqüência ele falha mesmo, porque o terreno em que pisamos, no trato com esses irmãos desarmados, é difícil, imprevisível e traiçoeiro.¹

Vale salientar que caberá sempre ao Dirigente a tarefa de recomendar outro doutrinador para dar apoio ou mesmo substituir evangelicamente aquele que está dialogando.

Fixações mentais

Quais são as fixações do Espírito? Todo processo obsessivo tem o seu núcleo: traição, vingança, espoliação, desamor. É, quase sempre, um caso pessoal, de conotações essencialmente humanas, com problemas suscitados no relacionamento. Dificilmente um Espírito obsidia outro apenas porque discorda dele em questões filosóficas ou religiosas, embora isto também seja possível, em casos extremos de fanatismo apaixonado.

Deixemo-lo falar, mas não tudo quanto queira, senão ficará andando em círculo, à volta de sua idéia central. Neste caso, continuará a repetir incessantemente a mesma cantilena trágica: a vingança, o ódio, a impossibilidade do perdão, o desejo de fazer a vítima arrastar-se no chão, como um louco varrido, e coisas semelhantes. O doutrinador precisa ter bastante habilidade para mudar o rumo de seu pensamento. Terá que fazê-lo, não obstante, com muita sutileza, arriscando, aqui e ali, uma pergunta mais pessoal, falando-lhe de uma passagem evangélica, que se aplique particularmente ao seu caso – e sempre haverá uma ou mais, que se adaptam perfeitamente às circunstâncias. Deixe-o falar, porém. Se grita e esbraveja, procure apaziguá-lo. Não se esquecer de que, por mais errado que esteja, no seu ódio irracional, ele está convencido dos seus direitos e, até mesmo, da cobertura divina. Muitos são os que invocam os dispositivos da Lei Maior, para exercerem suas vinganças e perseguições. Além do mais – dizem que se podem fazer aquilo, é porque Deus o permite. Ele não tem poderes para fazê-lo cessar tudo? Por que não exerce tais poderes?

Atenção, pois, para essas idéias fixas. Por mais voltas que dê o Espírito, mesmo com a intenção consciente de ocultar sua motivação, ele não conseguirá isso por muito tempo.

No entanto, é preciso ajudá-lo a quebrar o terrível círculo vicioso em que se debate. Veja bem: ajudá-lo a quebrar, não quebrar, arrancá-lo à força. Ele tem que sair com seu próprio esforço. Ajudar a fazer não é o mesmo que fazer, pelos outros, aquilo que lhes compete realizar.

Por outro lado, a fixação é, às vezes, tão pronunciada e tão absorvente, que o Espírito não tem condições, sequer, de ouvir o doutrinador, ou, pelo menos, não reage de maneira inteligível ao que este lhe diz. Isto não significa que o doutrinador deve calar-se; continue a falar-lhe, que as palavras irão insensivelmente se depositando nele, e mesmo que ele pareça não ouvir - e isso ocorre, mesmo, em certos casos - seu próprio espírito sente as vibrações fraternas que sustentam as palavras. Se é que o doutrinador realmente sente o que fala ou, melhor ainda, fala o que de fato sente.

Aguarde-se, pois, o momento de ajudá-lo a sair um pouco de si mesmo. Tem que haver, na sua memória, outras lembranças, outros sentimentos e até mesmo outras angústias, além daquela que constitui o núcleo da sua problemática.¹

Perguntas ao comunicante

Coloque, de vez em quando, uma pergunta diferente, procurando atraí-lo para outras áreas da sua memória. Como, por exemplo: teve filhos? Que fazia para viver? Crê em Deus? Onde viveu? Quando aconteceu o drama? Tem notícias de amigos e parentes daquela época?

É claro, porém, que essas perguntas não devem ser desfechadas numa espécie de bombardeio ou de interrogatório. Ninguém gosta de submeter-se a devassas íntimas. Com frequência, os manifestantes reagem, perguntando se estão sendo forçados a processos inquisitoriais. Ou, simplesmente, se recusam a responder. Ou dão respostas evasivas. Ou... respondem.

Nem sempre estarão prontos para nos ajudarem a ajudá-los, logo nos primeiros contatos. O processo pode alongar-se por muito tempo, até que adquiram confiança em nós e nas nossas intenções.

O objetivo das perguntas não é, obviamente, o de satisfazer a uma curiosidade malsã e, por isso, devem limitar-se a conduzir a conversação, fornecendo-lhe pontos de apoio, sobre os quais ela possa expandir-se, a fim de afastar o pensamento do comunicante, ainda que temporariamente, do núcleo central que o bloqueia e o impede até mesmo de buscar a saída daquele círculo de fogo e lágrimas em que se encerrou inadvertidamente. Não nos esqueçamos, porém, de que espontaneamente ele não sairá, não porque não queira, mas porque não sabe. Sua vingança é a própria razão de ser de sua vida; como vai entregá-la a alguém - a um desconhecido bisbilhoteiro, como o doutrinador - a troco de uma realidade penosa, que é aquele momento patético em que ele descobre que a causa da sua dor está em si mesmo, e não na pessoa que ele persegue e odeia?¹

Cacoetes/mutilações/deformações

Hermínio Miranda expõe na sua magnífica obra “Diálogo com as Sombras” algumas situações:

Em uma oportunidade, tivemos também um caso, intensamente dramático, de um pobre sofredor, guilhotinado na França, durante a Revolução. Desde então - segundo apuramos em seguida - trazia a cabeça “destacada do corpo”, na mão direita, segura pelos cabelos. O diálogo inicial foi difícil, pois convicto de que estava sem cabeça, ele não tinha condições de falar. A custo, porém, o fui convencendo de que podia falar através do médium. Vivia apavorado ante a idéia de perder de vista a cabeça e nunca mais recuperá-la. Enquanto a tivesse ali, à mão, mesmo decepada, alimentava a esperança de “repô-la” no lugar. Isto foi

possível fazer, com a graça de Deus. Oramos e lhe demos passes. Subitamente, ele sentiu que a cabeça voltara à sua posição correta. Louco de alegria, ele apalpava-se e só sabia repetir:

- Ela está aqui! Ela está aqui!

E conferia, com a ponta dos dedos, toda a anatomia facial e craniana: os olhos, o nariz, a boca, as orelhas. Estava tudo lá. E dizia:

- Posso falar! Estou falando!

Queria saber quem fizera o “milagre” de “colar” a cabeça novamente no lugar próprio. Quanto ao que lhe acontecera, não acreditava que Deus o tivesse feito, para castigá-lo, pois Deus não permitiria que um homem andasse sem cabeça por tanto tempo. Levo-o cautelosamente para uma introspecção, tentando fazer que ele encontre em si mesmo a razão do seu espantoso sofrimento. Explico-lhe que vivemos muitas existências. Em alguma de suas vidas anteriores ele encontraria a explicação. “Provavelmente”, digo-lhe, “você andou também cortando a cabeça de alguém”. É verdade, isso. Ele se lembra, agora, que eram infiéis a Jeová e, depois de condenados, ele os executava. Reviu até a fila de espera...

Outro sentia, ainda, a dor aguda de uma lança que o penetrara há séculos, quando terminou uma existência de inconcebíveis desatinos.

Continuava preso ao local onde exercera um poder discricionário, a ouvir os comentários de visitantes e turistas sobre suas próprias atrocidades.

Outro companheiro desorientado conservava feia cicatriz sobre o olho direito, porque ela lhe dava uma aparência terrível, que atemorizava aqueles a quem ele queria perseguir e afligir¹.

Comunicações simultâneas pelo mesmo médium

Vamos recorrer ao Espírito Erasmo, mais uma vez:

- Já verificamos nos trabalhos de assistência, a tomada no campo do mesmo médium, de vários espíritos necessitados de ajuda, pelo grupo assistencial, em tempo relativamente curto. Como é possível?

- Realmente é o que ocorre. O grupo assistencial se serve da oportunidade da excitação mediúnica, para assistir a todos os necessitados que se encontrem em condições de serem atendidos.

Exemplifiquemos. No grupo de trabalho mediúnico, existem os médiuns A, B e C, excitados, respectivamente, nas faixas vibratórias 1, 2 e 3. O grupo assistencial tomará a todos os espíritos que se encontrem na faixa vibratória de intensidade “1” e os precipitará por intermédio do campo do médium “A”; os que se encontram na faixa vibratória “2”, serão tomados por intermédio do médium “B”; os que estiverem na faixa “3”, serão assistidos por intermédio do médium “C” e assim sucessivamente. Tudo se verifica com extrema rapidez para a referência de tempo dos encarnados.

- Pode ocorrer que, enquanto o doutrinador se entregue ao seu trabalho de doutrinação, mais de um espírito passe pela faculdade mediúnica?

- Ocorre com mais freqüência do que pode se supor. O espírito só é retido na faculdade mediúnica para ouvir a fala do doutrinador, quando isso é útil e necessário à edificação do mesmo.

- Se podem passar pela faculdade mediúnica vários espíritos, enquanto o doutrinador se entrega ao seu trabalho, concluímos ser inútil a sua participação no ato. Que se pode dizer?

- Já dissemos e o repetimos, que nada resulta inútil na criação. Mesmo que seja uma única palavra que venha o espírito a ouvir, um simples pensamento ou mesmo a influência da presença do doutrinador, deixará seus traços de utilidade no campo de apreensão do espírito.

Algumas vezes, basta ao espírito, apenas o impacto da presença do campo físico para trazê-lo à realidade. É conveniente acentuar que, também não existem vantagens em doutrinações quilométricas, discursos grandiloquentes ou outros expedientes que prolonguem a estada do espírito na faculdade pois que, nenhum doutrinador conseguirá mudar as tendências de um espírito endurecido, na parcela de tempo de uma reunião ou mesmo, em alguns casos, na parcela de tempo de uma vida terrena. Assim resultam negativas, as longas dissertações a um espírito endurecido, o que se consegue algumas vezes é extenuar o médium utilizado⁴.

Linguagem enérgica

Sem dúvida alguma, a tônica do nosso diálogo com os irmãos desnorteados é a paciência, apoiada na compreensão e na tolerância. Nada de precipitações e ansiedades. Bastam as ansiedades do irmão que nos visita e, se pretendemos minorá-las, temos que contrapor, às suas aflições, a nossa tranqüilidade. Se o companheiro é agressivo e violento, o esforço deve ser redobrado, da nossa parte, em não nos deixarmos envolver pela sua “faixa”. A voz precisa continuar calma, em tom afável, sem precisar ser melosa; mas é imprescindível que seja sustentada pela mais absoluta sinceridade e por um legítimo sentimento de amor fraterno, sem pieguice.

Isto não exclui, por certo, a necessidade, às vezes, de uma palavra mais enérgica; mas, o momento de dizê-la tem que ser buscado com extrema sensibilidade, tato e oportunidade. E, se for necessário dizê-la, é preciso que a voz não se altere a ponto de soar violenta, autoritária ou rude. A energia não está no tom de voz, mas naquilo que dizemos.

Em casos excepcionais, sob condições especiais, mentores espirituais, presentes, incorporam-se em outros médiuns, para doutrinar o Espírito manifestado. É comum, nestes casos, falarem com inusitada energia e firmeza, e, no entanto, sem o menor traço de rancor, de impaciência, de agressividade. Um desses companheiros amados, certa vez disse um “Basta!”, com incontestável autoridade, ao Espírito que deblaterava com arrogância e impertinência.

O problema da palavra enérgica é, pois, extremamente delicado. Se pronunciada antes da hora, no momento inoportuno, pode acarretar inconveniência e perigos incontornáveis, pois que não podemos esquecer-nos de que os Espíritos desarvorados empenham-se, com extraordinário vigor e habilidade, em arrastar-nos para a altercação e o conflito, clima em que se sentem muito mais à vontade do que o doutrinador. Se este “topar a briga”, estará arriscando-se a sérias e imprevisíveis dificuldades. Não pode, por outro lado, revelar-se temeroso e intimidado. Esse meio-termo, entre destemor e intrepidez, é a marca que distingue um doutrinador razoável de um incapaz, pois os bons mesmo são raríssimos. E aquele que se julga um bom doutrinador está a caminho de sua própria perda, pois começa a ficar vaidoso. Os próprios Espíritos desequilibrados encarregam-se de demonstrar que não há doutrinadores impecáveis. Muitas vezes envolvem, enganam e mistificam. Se o doutrinador julga-se invulnerável e infalível, está perdido: é melhor passar suas atribuições a outro que, embora não tão qualificado intelectualmente, tenha melhor condição, se conseguir manter-se ao mesmo tempo firme e humilde.

A interferência enérgica é, pois, uma questão de oportunidade; precisa ser decidida à vista da psicologia do próprio Espírito manifestante, e da maneira sugerida pela intuição do momento. Nunca deve ir à agressividade, à irritação, à cólera, e jamais ao desafio.

Qualquer um de nós redobra suas energias, quando desafiado. É humano, é incontestavelmente humano, esse impulso. Quando alguém põe em dúvida um que seja, dos nossos mais modestos atributos, tratamos logo de provar que, ao contrário, é naquilo que somos bons. Ademais, seria desastroso recuar, intimidado, depois de uma observação mais enérgica. O Espírito perturbado tiraria disto o melhor partido possível, para os seus fins. Uma das muitas armas que manipulam, com extrema habilidade, é a do ridículo. Se cairmos na tolice de dizer-lhes algo que não podemos sustentar, ou em que transpareça uma pequena pitada de cinismo, de hipocrisia ou de prepotência, estaremos em apuros muito sérios¹.

Tempo de doutrinação

Não há regras fixas. Apenas para efeito de conciliação de tempo e recursos da equipe. Ouçamos o Espírito Odilon Fernandes⁵,

Sendo cada Espírito um mundo por si, a doutrinação deve ser conduzida naturalmente, não excedendo do prazo de dez minutos, para não cansar o médium e tomar o lugar de outra entidade que precise externar-se.

Esse tempo é reduzido de forma significativa nas Reuniões de Desobsessão.

O médium doutrinador não deve esperar que o Espírito modifique o seu modo de pensar num diálogo rápido. A sua função básica é fornecer a ela um novo acervo de idéias para as suas conclusões pessoais. Jamais se esqueça que o Espírito é apenas uma pessoa desencarnada.

Força física

Voltemos a consultar Erasmo⁶ quanto à questão.

- Nos casos de comunicações violentas, onde o Espírito, tomando posse do corpo do médium, manifesta a intenção de agredir, correr, etc., será conveniente a contenção física do mesmo pelos demais componentes do grupo?

- A força física situada na terceira dimensão, tem muito pouco ou nenhuma influência sobre um ser que se encontra pulsando na quarta dimensão. A força que pode atuar sobre o mesmo, é a energia do pensamento. Assim, o desejo de servir emanado de um grupo harmônico e pacífico, além de neutralizar a impetuosidade nociva do Espírito pouco evoluído, oferece condições para a aproximação dos mensageiros assistenciais. A irritação e o uso da violência para conter a violência apenas provocam uma soma de energias negativas e cria dificuldades para a assistência espiritual. Em tais casos, deve o grupo permanecer em oração, calmo e confiante na assistência que nunca falta aos grupamentos sérios.

- Por que provoca uma soma de energias negativas, como foi dito acima?

- No mundo da mente, os contrários se repelem e se anulam e os iguais se atraem e se somam. Obedecendo a essa lei, quando o grupo, para anular a violência faz uso da mesma, o Espírito ao invés de ver anulada a sua energia maléfica, vampiriza a energia idêntica emanada do grupamento e sente crescer a sua capacidade de violência, numa soma de energias negativas, obediente à lei referida.

Dificuldade de se expressar em nossa língua

Já tivemos várias experiências de dificuldades de expressão, por parte do comunicante, na nossa língua. Eis algumas delas:

a) O Espírito encontra “material” (palavras, conceitos) na mente do médium compatível com a língua que habitualmente usava: Médium conhece Inglês e o Espírito ter vivido na Inglaterra ou saber a língua.

b) Espírito e médium terem experimentado encarnação passada juntos. Há no “material” do médium registros que lhe facultem passar a mensagem do comunicante em língua que atualmente não conheça.

c) O Espírito por mecanismo de “negação” mental não aceita falar em nossa língua, e demora muito tempo nesta insistência. Comum em entidades ligadas a cultos africanos ou índios cuja experiência passada junto ao “homem branco” os tenha colocado em situações de humilhação, dor, derrota, etc. Em todos os casos, exercer pacientemente a Doutrinação, sem “obrigar” ao Espírito a se “enquadrar” à nossa língua.

Eis o que nos diz Kardec:

“Como já dissemos, os Espíritos não têm necessidade de vestir os seus pensamentos com palavras. Eles os percebem e os transmitem naturalmente entre si. Os seres encarnados, pelo contrário, só podem comunicar-se pelo pensamento traduzido em palavras. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, enfim, vos são necessários para a percepção, mesmo mental, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós - Erasto e Timóteo.

OBSERVAÇÃO: - Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais se comunicam é tão clara quanto lógica. Dela decorre o princípio de que o Espírito não se serve das idéias do médium, mas dos materiais necessários para exprimir os seus próprios pensamentos, existentes no cérebro do médium, e de que, quanto mais rico for o cérebro, mais fácil se torna a comunicação.

Quando o Espírito se exprime numa língua familiar ao médium, encontra as palavras já formadas e prontas para traduzir a sua idéia. Se o faz numa língua estrangeira, não dispõe das palavras, mas apenas das letras. É então que o Espírito se vê obrigado a ditar, por assim dizer, letra por letra, exatamente como se quiséssemos fazer escrever em alemão uma pessoa que nada soubesse dessa língua.

Se o médium não souber ler nem escrever, não dispõe nem mesmo das letras em seu cérebro. É então necessário que o Espírito lhe conduza a mão, como se faria a uma criança. “Nesse caso há uma dificuldade material ainda maior a ser vencida”⁷.

Espíritos ligados a outras crenças

Às vezes, também, embora o grupo não realize nenhum trabalho de Umbanda, Candomblé ou outras crenças, surgem Espíritos acostumados a essas práticas. Suas primeiras manifestações seguem, quase sempre, a técnica a que estão acostumados. Aguardemos, pacientemente, para saber o que desejam. Nada de expulsá-los sumariamente. Se os companheiros do mundo espiritual permitiram sua manifestação, num grupo estritamente espírita, orientado pelos ensinamentos de Allan Kardec, haverá alguma razão para isso¹.

Oferendas materiais, de objetos, alimentos

Vejamos a que nos diz o médium J. Raul Teixeira, no livro Diretrizes de Segurança:

“É justo que, nas reuniões mediúnicas ou fora delas, se façam oferendas materiais, objetos ou alimentos, no intuito de atender aos caprichos ou aplacar as necessidades que os Espíritos denunciem?”

RAUL - A ação espírita junto aos irmãos desencarnados deverá acatar, sempre, os objetivos espíritas, que são os da espiritualização das criaturas. Nossas oferendas aos Espíritos serão, por isso mesmo, a nível vibracional. Nossas orações, que representam emissões de energias da alma em alta frequência; nossas boas ações diárias, que a eles dedicamos como emissão de carinho e fraternidade, que são, também, fluídos impregnados de nobres qualidades. As Entidades que solicitam ou exigem coisas ou comidas e bebidas, reportando-se a seus gostos ou necessidades, são, indubitavelmente, companheiros desencarnados ainda em grande atraso moral, e os indivíduos que os atendem nessas transações mundanas, passam a se lhes associar, num circuito de interdependência de funestas conseqüências. A Espíritos ofertamos tão só as coisas do Espírito⁸.

O fechamento da comunicação

Alguns processos de auxílio podem ser utilizados neste momento.

- a) A Prece conjunta com o Comunicante;
- b) O Passe calmante longitudinal;

c) O pedido aos Mentores da Reunião para provocar a retirada do comunicante para tratamentos complementares (Ex. Hospitais, Escolas, Câmaras de repouso, etc.);

d) O agradecimento sincero pela presença do Comunicante esclarecendo-o de que poderá voltar em outras oportunidades;

e) Chamando o médium pelo nome, evitando tocá-lo.

Nestes casos, estaremos diante de desincorporações.

Vejamos o Espírito Erasmo⁹:

- *Como se dá o ato da desincorporação?*

- Se dá por um procedimento inverso à incorporação. O ato da incorporação exige uma harmonia de freqüência vibratória entre o médium e o comunicante. Para que ocorra a desincorporação, basta que a desarmonia vibratória seja provocada, quando os dois participantes do fenômeno não terão condições de permanecer no mesmo campo.

- *O que pode provocar a desarmonia vibratória, para que ocorra a desincorporação?*

- Sempre o pensamento, acionado pelo desejo de retornar à normalidade. O simples fato de o médium desejar retomar o seu invólucro físico, colocando-se em atitude de calma confiante, é o bastante para afastar-se do campo vibratório do Espírito e livrar-se de sua influência.

- *Qual o motivo das convulsões verificadas no ato da incorporação e da desincorporação?*

- O exagero, quase sempre corre por conta de uma falta de domínio do médium sobre o seu próprio equipamento. Entretanto, as contrações normais, são decorrência do impacto resultante do encontro das linhas de força do médium e do Espírito.

- *O médium pode eliminar as contrações e as reações que se verificam em tais ocasiões?*

- Àquelas que se verificam como decorrência de seu próprio animismo, podem e devem ser disciplinadas. As que se originam no comportamento do Espírito comunicante, podem ser minimizadas pela educação mediúnica.

NOTAS

- 1- Diálogo com as Sombras - Hermínio C. Miranda - Cap. IV - FEB
- 2 - Pequeno Manual dos Médiuns - Cap. II, IV e V - Erasmo - C.E.I.S.
- 3 - No Invisível - 1ª Parte - Cap. VIII - As Leis da Comunicação Espírita - Léon Denis - FEB
- 4 - Pequeno Manual dos Médiuns - Cap. V - Incorporação - Erasmo - C.E.I.S.
- 5 - Mediunidade e Doutrina - Odilon Fernandes e Carlos Bacceli - Cap. XV - O Grupo Mediúnico
- 6 - Pequeno Manual dos Médiuns - Cap. V - Incorporação - Erasmo - C.E.I.S.
- 7 - O Livro dos Médiuns - Allan Kardec - Cap. XIX - Ítem 225 - LAKE
- 8 - Diretrizes de Segurança - Divaldo Franco/Raul Teixeira - Cap. XI - Perg. 104 - Ed. FRATER
- 9 - Pequeno Manual dos Médiuns - Cap. V - Incorporação - Erasmo - C.E.I.S.

UNIDADE 4 – TÉCNICAS COMPLEMENTARES

A prece

A fé e o amor são os dois grandes instrumentos de trabalho do doutrinador. A fé e o amor causam impactos espantosos em nossos irmãos infelizes. A força e o poder da fé transmitem-se à prece, enunciada com emoção e sinceridade.

Citando os seus amigos espirituais, Kardec escreve, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. (cap. 28): “Os Espíritos hão dito sempre: “A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. “Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras com as quais nada tenha o coração.”

Estes ensinamentos são, na verdade, preciosos, para qualquer tipo de prece, em qualquer oportunidade, mas são de capital importância na prece que formulamos pelo Espírito desajustado que temos diante de nós, incorporado ao médium. Kardec torna isto particularmente claro, quando diz, mais adiante, no mesmo capítulo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”: “A qualidade principal da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são meros adornos de lanterna. Cada palavra deve ter alcance próprio, despertar uma idéia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: deve fazer refletir. Somente sob essa condição pode a prece alcançar o seu objetivo; de outro modo, não passa de ruído. Entretanto, notai com que ar distraído e com que volubilidade elas são ditas, na maioria dos casos. Vêm-se lábios a mover-se; mas, pela expressão da fisionomia, pelo som mesmo da voz, verifica-se que ali apenas há um ato maquinal, puramente exterior, ao qual se conserva indiferente a alma.”

Lembro que os destaques não são meus; estão no original. De transcendental importância, para os trabalhos de desobsessão, é a observação de que a prece “deve fazer refletir”. Muitas vezes, é durante a prece, dita em voz alta pelo doutrinador, ou por alguém por ele indicado no grupo, que o Espírito manifestante faz uma pequena pausa para pensar. A prece o envolve em vibrações pacificadoras, em uma ternura que, talvez há muito não experimenta. Ela deve ser elaborada em torno da própria temática que o companheiro nos tenha revelado, no decorrer do diálogo conosco.

Como tudo o mais que tentamos realizar nos grupos de desobsessão, a prece tem seu momento psicológico ótimo, que varia, necessariamente, de um caso para outro. Em certas ocasiões, é preciso orar ainda no princípio da manifestação, em virtude de o estado de agitação, ou de alienação, do Espírito, não nos permitir colher, antes, um pouco da sua história e da sua motivação. O melhor, no entanto, é esperar um pouco, aguardar esclarecimentos e informações que - nunca é demais recomendar - não devem ser colhidas em interrogatórios e através dos artifícios da bisbilhotice.

No momento propício - e mais uma vez temos que recorrer à intuição e ao senso de oportunidade - convém dirigir-se ao próprio Espírito e propor-lhe a prece. Dificilmente ele recusará, e, ainda que o recuse, devemos fazê-la, mesmo porque, não devemos pedir-lhe permissão para orar, e sim comunicar-lhe que vamos fazê-lo. Basta dizer, por exemplo: Vamos orar? Ou: - Agora vou fazer uma prece.

Como disse, dificilmente ele se oporá. Poderá, no máximo, dar um muxoxo desinteressado, ou fazer um comentário condescendente: - Pode orar se quiser. . .

Curioso, no entanto, que muito raramente eles procuram perturbar a prece. Geralmente ouvem-na em silêncio, senão respeitoso, pelo menos comedido. Alguns, no entanto, insistem em continuar falando, zombando ou ridicularizando. Um deles procurou dramatizar as minhas palavras, tentando reproduzir, em gestos, que acreditava muito cômicos, as imagens contidas no sentido das palavras pronunciadas.

A prece deve ser dita de preferência de pé, ao lado do companheiro manifestado, com as mãos estendidas para ele, como que a concentrar nele as vibrações e as bênçãos que invocamos. Alguns informam depois, ou durante a prece, que se acham “defendidos”, “protegidos” por “couraças” e “capacetes” invioláveis, nos quais - esperam eles - as energias suscitadas pela prece não poderiam penetrar.

Dirija a sua prece a Deus, a Jesus ou a Maria, pedindo ajuda para o companheiro que sofre. Se já dispõe de alguma informação sobre ele, fale especificamente de seu problema, como um intermediário entre ele e os poderes supremos que nos orientam e amparam. Eles se esqueceram, às vezes por séculos, e até milênios, de que esses canais de acesso estão abertos também a eles. Não têm mais vontade, ou interesse, de se dirigirem a Deus. Ou lhes falta coragem, por julgarem-se além de toda recuperação, indignos e incapazes de projetarem o pensamento a tão elevadas entidades.(1)

Em torno da prece

A maioria dos crentes espera encontrar na prece um instrumento de libertação do sofrimento, por processo de superação impossível.

Ora como se alimenta: para viver bem.

Todavia, a prece, diferindo do alimento físico, é estímulo que ajuda o homem a bem viver. Veículo de luz e pão da vida.

Quando a alma consegue manter o estado oracional, não pede: doa-se.

Não roga liberação do sofrimento, pois nele encontra a lição corretiva da vida, regularizando os compromissos nos quais fracassou.

A prece torna-se, então, racional, objetiva. Conduz a alma confiante às nascentes da vida, oferecendo-lhe a força de sustentação para suportar o fardo que deve carregar.

A prece constrói a ponte ou o telefone que faculta a conversação com o Senhor, ao invés de somente proporcionar inspiração para libertar o pedinte do fardo do Senhor.

A oração pode ser comparada à enxada laboriosamente movimentada no solo, onde se vai semear. É necessário saber conduzi-la bem.

Inutilmente rogará o agricultor ao solo que abra seu ventre, para que ali se coloquem sementes produtivas. Também será improfícuo solicitar à Madre Divina que se dilate em bênçãos, sem o laborioso esforço que granjeia o mérito.

Busca, assim, o coração de Jesus - o solo sublime - atingindo-O com a enxada abençoada da tua prece. Movimenta teus esforços, e as sementes do Céu, através d'Ele, se transformarão, oferecendo-te o pão necessário para uma vida feliz em teu roteiro de lutas.

Ora e suporta as dores.

Ora e aceita as correções necessárias.

Ora e busca haurir forças para continuar.

Orando, chegarás ao Senhor, que te deu, na prece, um meio seguro de comunicação com a Infinita Bondade de Deus, em cujo seio densedentará o espírito aflito...

Joanna de Angelis (Divaldo P. Franco, Messe de Amor, pág. 148) Oferta do Centro Espírita “Caminho da Redenção” Rua Jaime Vieira LIMA, 1 - Pau da Lima - Salvador, Bahia

O passe

A técnica do passe magnético, nas sessões de desobsessão merece algumas observações específicas.

Observamos que os textos aqui reproduzidos referem-se especificamente ao passe curador, aplicado em seres encarnados. Como sabemos, porém, o passe é utilizado também para magnetizar, provocando, nesse caso, o desdobramento do perispírito, e até o acesso à memória integral e conseqüente conhecimento de vidas anteriores, segundo experiências de Albert de Rochas, reiteradas posteriormente por vários pesquisadores.

Creio que princípios gerais semelhantes a esses se aplicam também ao estudo do passe, nas sessões de desobsessão. Ele é realmente o recurso válido e potente, no trato dos nossos irmãos desencarnados; sua técnica, não obstante, precisa ser desenvolvida com muita prudência e seriedade.

A primeira norma que poderíamos lembrar é a de que não deve ser aplicado a qualquer momento, indiscriminadamente, e por qualquer motivo. O passe provoca reações variadas no ser humano, encarnado ou desencarnado. Ele pode serenar ou excitar, condensar ou dispersar fluídos, causar bem-estar ou incômodo, curar ou trazer mais dor, provocar crises psíquicas e orgânicas, ou fazê-las cessar, subjugar ou liberar, transmitir vibrações de amor ou de ódio, enfim, construir ou destruir. Precisamos estar sempre protegidos pela prece e pelas boas intenções, sempre que nos levantamos para dar passes num irmão desencarnado incorporado.

Mas, para que dar passes?

Em vários casos ele pode ser aplicado, mas é preciso usá-lo com moderação, para que, ao tentarmos acalmar um Espírito agitado, não o levemos a um estado de sonolência que dificulte a comunicação com ele, justamente do que mais precisamos. Se temos necessidade de dialogar, para ajudá-lo, como vamos entorpecê-lo a ponto de levá-lo ao sono magnético? Às vezes, no entanto, isso é necessário. Já debatemos por algum tempo o seu problema; o que tinha que ser dito, pelo menos por enquanto, foi dito, e ele continua agitado. Neste caso, o passe pode ajudá-lo a serenar-se. De outras vezes, é necessário mesmo adormecê-lo, a fim de que, ao ser retirado pelos mentores, seja recolhido a instituições de repouso, para tratamento mais adequado, ou trazido na sessão seguinte, em melhores condições de acesso.

O passe ajuda também a desintegrar certos apetrechos que costumam trazer, como “capacetes”, “couraças”, “objetos” imantados, armas, símbolos, vestimentas especiais. Para isto serão passes de dispersão.

Com o passe, podemos mais facilmente alcançar-lhes o centro da emoção, transmitindo-lhes diretamente ao coração as vibrações do nosso afeto, que parecem escorrer como uma descarga elétrica, ao longo dos braços. Passe cura dores que julgam totalmente “físicas”, pois se localizam muito realisticamente em pontos específicos de seus perispíritos. Com passes - e neste caso precisamos também de um médium que tenha condições de exteriorizar ectoplasma - poderemos reconstituir-lhes lesões mais sérias ou deformações perispirituais.

Com o passe os adormecemos, para provocar fenômenos de regressão de memória ou projeções mentais, com as quais os mentores do grupo compõem os “quadros fluídicos”, tão necessários, às vezes, ao despertar de Espírito em estado de alienação.

Com o passe podemos também ajudá-los a livrar-se da indução hipnótica alheia, ou própria, isto é, da auto-hipnose.

São mais freqüentes as oportunidades em que é preciso adormecer o Espírito, especialmente ao fim da conversa, de modo a serem conduzidos pelos trabalhadores desencarnados.

É também comum o trabalho de “desfazer” vestimentas especiais, dentro das quais se julgam protegidos de nossos fluídos. Certo Espírito, além de capacete e couraça, ligava-se por um fio, segundo nos explicou, ao seu grupo. Cinquenta companheiros seus haviam ficado

reunidos, em rigorosa concentração, para sustentá-lo na sua “perigosa” missão junto a nós. O passe pode “desfazer” os fios que ligam Espíritos aos seus redutos. Desta vez, porém as ligações foram mantidas e, no devido tempo, os mentores do grupo utilizaram-se daqueles condutos para levar ao grupo deles uma vigorosíssima carga fluidica, que os desarvorou completamente.

Numa dessas ocasiões, o fio também foi preservado, para que, através dele, se “retransmitisse”, aos comparsas do Espírito manifestado, as palavras que ele ouvia do doutrinador.

Com mais freqüência do que seria de supor-se, somos instruídos a provocar a desintegração de objetos e apetrechos, como no caso daquele que nos trouxe, para fins muito bem definidos, um invisível prato de sangue, que depositou sobre a mesa.

São também constantes os fenômenos de regressão de memória, quase sempre se reportando a vidas anteriores, nas quais se escondem núcleos de problemas afetivos. O passe ajuda os Espíritos, a despeito deles mesmos, nesses mergulhos providenciais no passado, mas nem sempre necessariamente em vidas anteriores.

Na prática da desobsessão, tenho tido oportunidade de observar as possibilidades e recursos do passe sobre companheiros desencarnados e creio poder contribuir com algumas observações, ainda que preliminares, mas bastante encorajadoras. Sem dúvida alguma, o passe é recurso válido nos labores mediúnicos, mas deve ser empregado com certas cautelas e com moderação. Nesse campo, definições precisas e definitivas não existem ainda, pelo simples fato de que o ser humano, além de ser uma organização consciente extremamente complexa, é imprevisível. O passe como todos os demais recursos com que procuramos socorrer os nossos irmãos desencarnados em crise, precisa ser ministrado no momento certo, com a técnica adequada e na extensão necessária. Mas, qual o momento, qual a técnica e qual a extensão, para cada caso? Não podemos ainda - e creio que não poderemos fazê-lo tão cedo - escrever normas rígidas para a tecnologia do passe sobre os desencarnados.

No entanto, os amigos espirituais que tão generosamente se colocaram ao nosso lado, para orientar e apoiar o nosso trabalho de doutrinação, têm-nos trazido sempre o estímulo dos seus ensinamentos, e creio que algumas observações já estão mais amadurecidas e em condições de mais aprofundados estudos e desenvolvimento. Nunca é demais lembrar que, neste campo de trabalho, o conhecimento real emerge da experimentação, de um ou outro engano, de falhas e de êxitos, mas que, em hipótese alguma, deveremos enveredar imprudentemente pelas trilhas da fantasia, desligados dos conceitos fundamentais da Doutrina Espírita, tal como codificada por Kardec e suplementada pelos seus continuadores. A teorização somente é válida quando escorada na experiência, mas não devemos esquecer que a recíproca também é legítima, ou seja, a experimentação deve balizar-se dentro daqueles conceitos fundamentais que a Doutrina e a lógica já confirmaram.

Em contraposição a tais processos, a identificação da mediunidade em potencial e o seu desenvolvimento, em termos de Doutrina Espírita, devem resultar de cuidadoso planejamento, estudo metódico e prática bem orientada, mesmo porque, qualquer trabalho mal orientado, nesta fase, pode criar vícios de difícil erradicação posterior.

Poucos estudos existem ao que sabemos, sobre o passe aplicado aos seres desencarnados, não apenas para fins curativos de disfunções perispirituais, como para provocar a regressão de memória. Parece, no entanto, lógico inferir que o mecanismo é idêntico ao passe aplicado em seres encarnados. Os ensinamentos de André Luiz permitem-nos concluir assim, quando informam que o passe magnético, apoiado na prece, constitui poderoso fator de reajustamento para os desencarnados cujos perispíritos se acham lesados em decorrência de quedas morais. Em suma: o passe tem importante lugar no trabalho mediúnico, mas precisa ser utilizado com prudência e sob cuidadosa orientação dos trabalhadores desencarnados. Não deve ser empregado para atordoar o manifestante, exatamente quando precisamos de sua lucidez para argumentar com ele sobre o seu problema; mas, às vezes, precisa ser aplicado exatamente para serená-lo e prepará-lo para outra ocasião, em que se apresentará mais receptivo. Tenho perfeita consciência das

dificuldades que o problema oferece e do embaraço em que me encontro para ser mais específico na formulação de observações concretas e de normas de ação mais definidas. Em assuntos dessa natureza, é melhor confessar a escassez de conhecimentos do que arriscar-se a ditar regras que não estão nitidamente definidas pela experiência. Se posso sugerir alguma coisa, é que exercitem com parcimônia o recurso do passe em Espíritos desencarnados e observem atentamente seus efeitos e possibilidades. Um dia saberemos mais acerca desse precioso instrumento de trabalho, no campo mediúnico. (2)

Vale salientar que os “Toques” ou pressões nos chakras Frontal, Coronário, Solar, Nuca, etc., são práticas desnecessárias, aliás, diga-se de passagem, são geradores de irritação e desconcentração do médium, o qual se vê depois de certos “apertos” com dores locais ou tensões que refletem o estado de desconforto a que são submetidos.

Vejam os três opiniões de Divaldo Franco e Raul Teixeira no livro “Diretrizes de Segurança”.

Para a aplicação do passe, o médium deve resfolegar (tomar fôlego), gemer, estalar os dedos, soprar ruidosamente, dar conselhos?

DIVALDO - Só quando ele estiver cansado é que tal se dará. Todo e qualquer passe, como toda técnica espírita, se caracteriza pela elevação, pelo equilíbrio. Se uma pessoa cortês se esforça para ser gentil, na vida normal, porque, na hora das questões transcendentais, deverão permitir-se desequilíbrios? Se for um labor de paz, não há razão para que ocorram desarmonias ou se dêem conselhos mediúnicos. Trata-se, porém de aconselhamento mediúnico; não se justificará que haja o passe. É necessário situar as coisas nos seus devidos lugares. A hora do passe é especial. Se pretende-se adentrar em conselhos e orientações, tome-se de um bom livro e leia-se, porque não pode haver melhores diretrizes do que as que estão exaradas em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e nas obras subsidiárias da Doutrina Espírita. Na aplicação dos passes, há necessidade de que os médiuns passistas retirem de seus braços, de suas mãos, os adornos, como pulseiras, relógios, anéis?

Isto tem alguma implicação magnética, ou é apenas para evitar ruídos e dar-lhes maior liberdade de ação?

DIVALDO - Em nossa forma de ver, a eliminação dos objetos de uso e os adornos não têm uma implicação direta no efeito positivo ou negativo do passe. Porque é mais cômodo e evita o chocalhar dos braceletes, das argolas, das pulseiras, que produzem uma sensação desagradável, devem ser retirados. Muitos que aplicam passes, logo após, sentam-se para recebê-los de outros, a fim de se reabastecerem. Que pensar de tal prática?

RAUL - Tal prática apenas indica o pouco entendimento que têm as pessoas com relação ao que fazem. Quando aplicamos passes, antes de atirmos as energias sobre o paciente, nos movimentos ritmados das mãos, ficamos envolvidos por essas energias, por essas vibrações, que nos chegam dos Amigos Espirituais envolvidos nessa atividade, o que indica que, antes de atendermos aos outros, somos nós, a princípio, beneficiados e auxiliados para que possamos auxiliar, por nossa vez.

Incorre numa situação no mínimo bisonha o fato de que aquele que aplicar o passe por último estaria desfalcado, sem condições de ser atendido por outra pessoa.

Não é demais lembrar que há hábitos já enraizados os quais merecem uma revisão de avaliação e coerência dentro das propostas da FÉ RACIOCINADA e LIBERTAÇÃO DE PRECEITOS E PRECONCEITOS que o Espiritismo nos propõe:

a) - Há doutrinadores que não param de dar passes sucessivos (no médium ou no Espírito comunicante) enquanto tentam ouvir ou manter um diálogo. Não há necessidade de generalizar. Temos que permitir as fases da Doutrinação -- Abertura, Diálogo e Fechamento -- buscando deixar para o final o passe longitudinal calmante (caso de Espíritos agitados, agressivos) ou longitudinal excitante (caso de Espíritos dementados ou abatidos energeticamente).

b) - O toque no frontal geralmente com pressões é uma atitude de desconhecimento da estrutura fluídica (energética) dos centros de força a qual DISPENSA a força material. A verdadeira força a influenciar é a MENTAL.

c) - Há médiuns que se condicionaram ao final de cada comunicação virem a ser “tratados” pelos mentores, geralmente Pretos-Velhos, Caboclos, Índios, Ciganos, etc. Nada temos contra estes Espíritos porém, a Educação dos Médiuns viabilizará a confiança e a sintonia com o Mentor Mediúnico quais permitirão as chamadas “limpezas fluídicas” no médium apenas nos casos de estrita necessidade, ficando o médium responsável por adquirir autoconfiança e autodefesa psíquica e aplicá-la na grande maioria das situações. Há vícios que são resultantes da simbiose MÉDIUM-MENTOR-MÉDIUM.

O choque anímico

CHOQUE ANÍMICO - LOUCURA E OBSESSÃO - DIVALDO PEREIRA FRANCO - PELO ESPÍRITO MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA, F E B, 3ª ED, PÁGINA 134 - CAPÍTULO 11 - TÉCNICAS DE LIBERTAÇÃO

(...) Outrossim, atendemos os hóspedes psíquicos de alguns dos nossos freqüentadores habituais e necessitados de várias procedências que nos são trazidos por cooperadores dedicados à assistência direta e aos que conseguem sensibilizar, retirando-os da ociosidade ou da exploração viciosa aos semelhantes ainda domiciliados no corpo físico. Aplicamos-lhes o choque anímico, antes de serem tomadas outras providências.

- Choque anímico?! – interroguei, admirado.

- “Não se surpreenda o amigo Miranda. Da mesma forma que, na terapia do eletrochoque aplicada a pacientes mentais, os Espíritos que se lhes imantam recebem a carga de eletricidade, deslocando-se com certa violência dos seus hospedeiros, aqui o aplicamos, através da psicofonia atormentada, que preferimos utilizar com o nome de incorporação, por parecer-nos mais compatível com o tipo de tratamento empregado, e colhemos resultados equivalentes.

“Não ignora o amigo que, do mesmo modo que o médium, pelo perispírito, absorve as energias dos comunicantes espirituais que, no caso de estarem em sofrimento, perturbação ou desespero, de imediato experimenta melhora no estado geral, por diminuir-lhes a carga vibratória prejudicial, a recíproca é verdadeira... Trazido o Espírito rebelde ou malfazejo ao fenômeno da incorporação o perispírito do médium transmite-lhe alta carga fluídica animal, chamemo-la assim, que bem comandada aturde-o, fá-lo quebrar algemas e mudar a maneira de pensar...

“E não se trata de violência, como a pessoas precipitadas pode parecer. É um expediente de emergência para os auxiliar, pois que os nossos propósitos não são os de socorrer apenas as criaturas humanas, sem preocupação com os seus acompanhantes espirituais. A caridade é uma estrada de duas mãos: ida e volta.”

Após ligeira reflexão, voltou a explicar:

- “Consideremos o médium como sendo um ímã e os Espíritos, em determinada faixa vibratória, na condição de limalhas de ferro, que lhe sofrem a atração, e após se fixarem, permanecem, por algum tempo, com a imantação de que foram objeto. Do mesmo modo, os sofreadores, atraídos pela irradiação do médium, absorvem-lhe a energia fluídica, com possibilidade de demorar-se por ela impregnados. Sob essa ação, a teimosia rebelde, a ostensiva maldade e o contínuo ódio diminuem, permitindo que o receio se lhes instale no sentimento, tornando-os maleáveis às orientações e mais acessíveis a condução para o bem. Qual ocorre na Terra, com determinada súcia de poltrões ou de delinqüentes, a ação da polícia inspira-lhes mais respeito do que a honorabilidade de uma personagem de consideração.

Regressão de memória

Se fomos trazidos à Terra para esquecer o nosso passado, valorizar o presente e preparar em nosso benefício o futuro melhor, porque provocar a regressão da memória do que fomos ou fizemos, simplesmente por questões de curiosidade vazia, ou buscar aqueles que foram nossos companheiros, a fim de regressar aos desequilíbrios que hoje resgatamos?

A nossa própria existência atual nos apresentará as tarefas e provas que, em si, são a recapitulação de nosso passado em nossas diversas vidas, ou mesmo, somente de nossa passagem última na Terra fixada no mundo físico, curso de regeneração em que estamos integrados nas chamadas provações de cada dia.

Porque efetuar a regressão da memória, unicamente para chorar a lembrança dos pretéritos episódios infelizes, ou exibirmos grandeza ilusória em situações que, por simples desejo de leviana retomada de acontecimentos, fomos protagonistas, se já sabemos, especialmente com Allan Kardec, que estamos eliminando gradativamente as nossas imperfeições naturais ou apagando o brilho falso de tantos descaminhos que apenas nos induzirão a erros que não mais desejamos repetir?

Sejamos sinceros e lancemos um olhar para nossas tendências.

Emmanuel

Regressões em espíritos

Realizando extensas pesquisas teóricas e experimentações de muitos anos dentro do delicado terreno da obsessão-desobsessão, Hermínio C. Miranda trouxe-nos para estudo e aplicação, as seguintes obras: “Diálogo com as sombras”, “Histórias que os espíritos contaram”, “A Dama da Noite”, “Irmã do Vizir” e “O Exilado”.

Não bastasse a complexidade do assunto tratado – o drama da obsessão - o autor introduz dentro das lides espíritas (pelo menos, na literatura não-mediúcnica), a técnica da regressão da memória como ferramenta para a libertação dos envolvidos nas tramas obsessivas, numa ênfase especial às histórias multimilenares dos desencarnados que apresentaram-se durante décadas nas reuniões de desobsessão realizadas pelo grupo ao qual Hermínio Miranda pertencia. Aplicando “passes magnéticos” nos espíritos incorporados aos médiuns fazia-os retornar no tempo, descortinando as origens dos processos de vingança que ora promoviam contra seus antigos algozes.

A terapia regressiva nos espíritos desencarnados tornou-se um poderoso instrumento de cura, porque à medida que voltavam às recordações do pretérito passavam a conhecer as raízes dos sentimentos de ódio que nutriam por suas vítimas, chegando, então, à catarse libertadora. Acessando memórias profundas, conduzidos pelas mãos hábeis de Hermínio C. Miranda, compreendiam a realidade da lei de causa e efeito, reconhecendo que os prejuízos que suas vítimas lhes causaram era um reflexo das suas transgressões àquela lei. Recordavam e liberavam-se!

Hermínio C. Miranda abriu-nos um amplo leque de abordagem psicoterápica nas tarefas desobsessivas ao implementar a regressão de memória como instrumento de cura, também para aqueles que já descartaram seus corpos físicos.

O caso Luciano dos Anjos

No livro “Eu sou Camille Desmoulins”, Hermínio Miranda mergulha profundamente na questão da regressão de memória e, através da aplicação do magnetismo, leva seu amigo Luciano dos Anjos até a época da Revolução Francesa onde identifica sua encarnação como Camille Desmoulins, publicista e político francês que em 12 de julho de 1789 levou a multidão reunida no jardim do Palácio Real, num arrebatador discurso, a tomar as armas, culminado com a famosa Queda da Bastilha. A pesquisa desenvolvida por Hermínio C. Miranda é de uma amplitude tamanha que ele e Luciano dos Anjos conseguiram identificar até outros personagens da Revolução Francesa que reencarnaram no Brasil.

A Terapia de Vidas Passadas na reunião mediúnica de desobsessão

Pela minha vivência de quase vinte e cinco anos em reuniões mediúnicas de desobsessão, tenho a firme convicção de que o próprio Plano Espiritual é sumamente cauteloso na abordagem do passado aos Espíritos necessitados que ali comparecem. Fazer-lhes recuar no tempo, em busca de notícias fiéis de quando começaram os dramas dolorosos de que geralmente são portadores, é medida extrema, indicada apenas em situações especiais. Considerando que por decisão divina estamos sempre evoluindo (graças a Deus!), eventual visita a vidas passadas não deve ser nada agradável... Além do mais, o visitante espiritual empedernido, convidado a fazê-lo, bem poderá mentir e com isso levar o doutrinador a acreditar no que diga... Repito: isso, só em situações especiais.

Como exemplo de situação especial, cito o caso em que o obsessivo, às vezes após reiteradas visitas ao centro espírita, em todas recebendo esclarecimentos, mas mantém irreduzíveis idéias de vingança, julgando-se vítima. O recuo no tempo, nesse caso, como recurso extremo (onde cooperam os médiuns, sob coordenação dos Espíritos protetores), indo à origem da trama, mostra a esse obsessivo que ao contrário do que pensa, tem o mesmo grau de culpa. Conscientiza-se que, na verdade, ele e o perseguido são réus, por infratores da Lei do Amor.

Esse exemplo ilustra TVP parcial, aplicada a um Espírito endurecido, obsessivo, num caridoso ambiente de Centro Espírita, em reunião mediúnica.

Enunciarei outro exemplo, agora no Plano Espiritual, entre desencarnados, pontificando a cautela sobre esse recurso terapêutico: no livro "Nosso Lar", Cap. 21, adverte o autor espiritual, André Luiz, que querendo conhecer o passado, foi advertido por um Espírito amigo que para isso é preciso grande equilíbrio, pois "todos temos erros clamorosos nos ciclos da vida eterna" e que reminiscências provocadas, não raro, "tendem ao desequilíbrio e à loucura". Esse mesmo Espírito narrou que, com o cônjuge, já em exercício fraternal no "Nosso Lar", submeteram-se ao mais rigoroso exame por seu assistente; a seguir foram aconselhados a, por dois anos, sem prejuízo de suas tarefas diárias, conhecerem suas próprias memórias, em arquivos no Ministério do Esclarecimento; submetidos a delicadíssimas operações psíquicas por magnetizadores daquele Ministério, tomaram conhecimento integral de trezentos anos! Fases anteriores não lhes foram permitidas, por incapacidade de suportarem tais lembranças...

"Eu fui..."

Entre os espíritas, não todos, mas muitos, há a "suspeita" muito forte de terem vivido como nobres, de preferência na França, e mais preferencialmente ainda, na época dos Luíses. Da minha parte, sem intentar fazer humor, nunca ouvi um desses tais opinar que tenha sido escravo ou apenas um serviçal... Por que será?

Talvez porque já tenham mesmo vivido na Europa (na França sim, por que não?), considerando-se que o continente americano tem pouco menos de 500 anos de colonização. E os humanos, já estamos no reino hominal civilizado há bem mais do que 5 séculos... Assim, podemos ter sido habitantes da Ásia, da Europa ou da África. Ou desses três continentes.

Agora, cuidado: desejar ter sido nobre pode trazer o inconveniente de ter sido cliente da guilhotina... Melhor será ter vivido como plebeu ignorado, rural se possível, pois não? O problema é que a prática de se imaginar no passado e se ver na pele de algum vulto famoso vem sendo incentivada, indiretamente, por alguns espíritas, que até promovem publicação disso.

Por outro lado e a bem da verdade, não sou dos que aceitam essas informações, tidas como verdadeiras, mesmo respeitando o canal (autores dos textos e editoras) que as expõe. Mas daí considerá-las falsas seria no mínimo leviandade, senão imperdoável grosseria.

Sinto-me alcançado por pequeno desconforto, qual seja o de respeitar as fontes, mas não o de crer em todas as suas informações.

Defino-me: minha discordância é quanto à ampla divulgação desse tipo de "informação", que ao espírita não o faz mais espírita, nem torna mais forte sua crença na reencarnação. Quanto aos que não aceitam as vidas sucessivas, soa como piada.

Eu nem penso em desvendar o que fui, pois se fosse bom não me cercariam tantos limites...

Pelo exposto, sou de parecer que a TVP é assunto da Psicologia, sem assento no Espiritismo. Seu emprego, pois, deve condicionar-se ao profissionalismo. Assim, inaceitável sua prática nos Centros Espíritas.

Eurípedes Kühl

A hipnose

Palestra proferida por Mario Coelho (trabalhador do Centro Espírita Léon Denis (CELD), médium psicógrafo receitista, Médico de formação, com especialidade em cardiologia.

Qual a diferença entre magnetismo e hipnotismo?

Historicamente o magnetismo data desde a Antigüidade. Desde o antigo Egito, desde os tempos dos Deuses ligados a cura, desde a Grécia antiga fazendo parte das relações sacerdotais com o povo, com os fiéis que buscavam o contato com aqueles capazes de intermediar a cura através dos Deuses.

O termo magnetismo já era usado no século XVII por Van Helmont com nome de magnetismo animal, mas somente ganhou foro de doutrina com Franz Mesmer que, através das suas memórias impressas, estabeleceu 27 proposições acerca do magnetismo animal. Dizia ele que os astros agiam sobre nós e uns sobre os outros e sobre os corpos animados e que esta influência tinha um agente que era o fluido universal e que os corpos gozavam de propriedades análogas a do imã e essas propriedades podiam ser transmitidas de outros corpos animados para animados ou inanimados e que a doença era um desequilíbrio deste magnetismo.

Já o termo hipnotismo foi criado pelo médico inglês Braid depois de assistir algumas sessões com o magnetizador Lafontaine. Dizia ele ter descoberto a causa da magnetização sobre o outro, que era a sugestão do magnetizador que agia sobre os centros nervosos e, com isso, quis dar "ares de ciência" à questão chamada magnetismo com um novo nome: "hipnotismo".

Franz Anton Mesmer - Pai do mesmerismo - ainda é considerado como cientista/ inovador e por outros com charlatão. Qual a vossa douta opinião?

Vejo Mesmer como vejo qualquer homem implantador de idéias. Trouxe ele as bases para que entendêssemos o magnetismo, muito embora tendo sido, em algumas de suas demonstrações, taxado de charlatão. Muitos dos erros de Mesmer não foram erros da doutrina que trazia e sim da própria ânsia de querer provar a realidade dos seus estudos àqueles que tenazmente o pressionavam. Acho que foi tudo fruto da própria época, do desejo de uns de crer e de outros de combater.

Pode o magnetismo ser confundido com transe mediúnico? Ou melhor, a pessoa hipnotizada está sempre acompanhada por alguma "entidade"?

Há pessoas que inconscientemente se auto-hipnotizam. Digo aí hipnotizam no sentido de fortificar em si uma idéia fixa. Desse modo, já vimos pessoas com crise emocional inconscientemente simulando incorporação mediúnica, primeiro tendo a crise com uma pseudoperda da consciência ao ponto de as pessoas que não conhecem profundamente o tema acharem que a pessoa estava caída no chão por ação de espíritos e depois, muitas das vezes, a pessoa sai desse transe como se tivesse mesmo desincorporando.

São sutilezas que aqueles que vivenciam contato com pessoas sofridas na Casa Espírita encontram vez por outra.

Você falou que, segundo Mesmer, o Magnetismo desequilibrado é a doença. A hipnose pode ajudar a reequilibrar as doenças? Se sim, como?

O hipnotismo com finalidade médica ajuda o equilíbrio da mente no sentido de sugestionar o doente no sentido de fazer com que ele tire de dentro dele algumas idéias fixas que são substratos da doença. E nós não fazemos isso mesmo sem conhecermos hipnotismo? Quando, por exemplo, ao ter uma dor começamos a ter idéias otimistas sobre a nossa dor e até mesmo quando procuramos entender as causas da mesma é uma auto-sugestão em que com entendimento "redimensionamos" a nossa dor.

Um exemplo: é mais fácil para um espírita aceitar a dor da morte do ente querido do que um não espírita, e a perda não é a mesma do não espírita? No entanto, com conhecimento ele "redimensiona" a sua dor, tornando-a menor. Ele aceita porque entendeu, porque preparou-se para tal. No fundo não é um trabalho junto à própria mente e, porque não dizer, ao próprio espírito?

Essas pessoas que se auto-hipnotizam sofrem de problemas mentais?

Nem sempre sofrem de problemas mentais, mas sempre de problemas psíquicos ou emocionais.

Gostaria de saber o que devemos entender por corrente magnética?

Corrente magnética era usada em magnetismo, em que se acreditava que as pessoas, estando de mãos dadas formando um elo, ou melhor, formando uma corrente entre si, aumentava o poder de magnetização.

Mesmer, por ter tanta gente para magnetizar, teve uma época que chegou a fazer uma tina gigantesca, onde foram colocados água, vários imãs, limalhas, garrafas e de dentro dela saíam cordões onde as pessoas seguravam e, desse modo, sentiam alívio dos seus problemas após Mesmer ter magnetizado tal tina. Achamos que era um efeito mais de sugestão do que de magnetismo propriamente dito.

O magnetismo tem o poder de cura?

Sim. O próprio Kardec nos fala isso na "Revista Espírita" e nas obras da codificação. Ele, Kardec, antes de ver os fenômenos espíritos, estudou magnetismo durante 30 anos. Diz ele em "A Gênese" que nem sempre dá para se dizer quando a pessoa foi magnetizador puro e simples. Ou seja, o magnetizador, imbuído do desejo de ajudar, sempre será auxiliado por um bom espírito. Daí ele deixa de ser magnetizador para atuar como médium.

O passe magnético deve ser aplicado em hospitais, ou seja, aos doentes?

Em muitos países os magnetizadores e até mesmo médiuns são cadastrados como agentes de saúde. Muitas casas espíritas fazem o serviço de visita aos enfermos àqueles que queiram, àqueles que tenham idéias espíritas ou aceitação das mesmas. Mas isso é um serviço previamente preparado, aonde o médium não vai para magnetizar e sim fazer um serviço de auxílio apoiado nos espíritos. Não tem porque nós sairmos sem um planejamento dando passes como magnetizadores se já temos consciência espírita.

Na magnetização o agente utiliza-se de recursos próprios ou recebe a ajuda espiritual?

O magnetizador pura e simples doa de si próprio. Mas volto a raciocinar com Kardec: quem pode afirmar se ele está puramente dando do seu fluido sem a ajuda espiritual?

Uma pessoa que vai magnetizar outra pode de alguma maneira vir a prejudicar? Por que?

Sim. Se não tem conhecimento das técnicas de magnetismo e mesmo dos próprios mecanismos das doenças.

Um exemplo: tenho um amigo médium passista que, certa vez, a filha estava com um ataque leve de asma brônquica e ele achou de agir como magnetizador e passou a jogar fluido no tórax da criança e ela começou a piorar instantaneamente. Por que? Porque a asma por si só já é uma doença de hiperreatividade e ele dando fluido aumentava esta reatividade dos brônquios quando, na verdade, deveria ter dado os passes para dispersar fluidos.

Qualquer pessoa pode magnetizar?

Teoricamente sim, mas, na prática, deve-se evitar ser magnetizador aquele com saúde frágil, porque o magnetizador doa de si mesmo. Aqueles também portadores de desequilíbrios mentais devem evitar magnetizar.

A Hipnose pode ser considerada uma prática espírita necessária?

Não. A hipnose não é prática espírita e nem mesmo o magnetismo puro e simples de vez que atuamos junto com os espíritos em trabalhos previamente estabelecidos como, por exemplo, os passes nos finais das reuniões públicas, os passes realizados nas reuniões de cura.

Gostaria de saber mais sobre a Hipnose. Porque queria fazer um tratamento com um médico espírita e ele me disse que poderia me ajudar através da hipnose. Não tenho informações e por isto tenho medo! Poderia esclarecer melhor pra mim sobre a hipnose?

O nosso colega médico, por certo, estará tentando aplicar-te a terapêutica da hipnose por ter conhecimento da mesma e não por ser espírita.

Em alguns casos, quando feito com seriedade, auxilia e muito aqueles casos em que já se utilizou toda uma gama de recursos terapêuticos. Por exemplo, em alguns casos que já li, acerca de tensão pré-menstrual e seu alívio, e muitos outros casos.

Magnetismo não é algo inerente ao ser humano?

Sim. Todo ser humano é portador de magnetismo de vez que o mesmo nada mais é do que uma transformação do nosso fluido vital. Sendo assim, como já falei, teoricamente, todos podem magnetizar sem querer agimos como os magnetizadores do passado que utilizavam também o passe de sopro para aliviar dores.

Considerações Finais do Palestrante:

Devemos olhar o magnetismo sempre tendo em mente um fim útil para sua utilidade. E, como somos espíritas, utilizar esta nossa força juntamente com os espíritos.

Nós, por certo, agindo como médiuns, teremos as nossas disposições fluídicas melhoradas pelos espíritos trabalhadores do bem. Nos "auto-hipnotizemos" todos os dias com idéias otimistas fortalecidas por tudo aquilo que já aprendemos em Doutrina Espírita e, por certo, desse modo estaremos sempre com as mãos no serviço do bem, não tendo tempo para acomodar em nós as "sugestões do mal".

Hipnose: uma revisão de conceitos

A hipnose, desde a antiguidade mexe com o imaginário popular e desperta a atenção não só de estudiosos como também de charlatães. No antigo Egito, vários séculos antes de Cristo, os sacerdotes realizavam experimentos com a "psique" de sãos e doentes em templos do sono, e Hipócrates, na Grécia antiga, já argumentava sobre o poder da sugestão - pedra angular da hipnologia - em seus estudos sobre a mente humana.

Por ter sido desde tempos remotos objeto da atenção popular, sua utilização foi em muitas ocasiões diminuída à altura de shows circenses. Entretanto, devemos considerar que acadêmicos respeitados do passado e cientistas contemporâneos renomados têm tentado esclarecer este assunto tão debatido.

O cientista Mesmer (1734-1815) foi o iniciador dos estudos sobre hipnose, que na época era conhecida como magnetismo. Suas teorias estão nos livros Influência dos Astros na

cura das doenças e *Sobre a Influência dos Planetas*, que tratam da influência mútua entre os corpos celestes, a Terra e os astros, e entre todos os corpos da Terra, que segundo ele se dá através de um “meio”: o magnetismo.

Em sua clínica, Mesmer tratava sugestionando a mente de seus pacientes enquanto permaneciam ligados a uma imensa tina contendo limalha de ferro. Nunca se soube se era o magnetismo ou o carisma de Mesmer que realizava as curas, mas seus métodos pouco tradicionais geraram certa descrença em relação à hipnose na época.

Posteriormente James Braid (1795-1860), cirurgião e espiritualista, estabelece os primeiros paralelos entre o transe hipnótico e a fisiologia. Além disso, introduz o termo Hipnotismo, trazendo um pouco mais de seriedade ao tema, embora se saiba hoje que o termo hipnose (hipnos=sono) é pouco apropriado já que o fenômeno nada tem a ver com o sono.

Coube a Charcot (1825-1893) descrever a fenomenologia dos transe hipnóticos de histéricas do hospital Salpêtrière. Mas sua revelação pouco científica volta a trazer descrédito para o tema; num momento impensado, Charcot declara que “todos os hipnotizáveis eram histéricos”, quando deveria ter dito que todos os histéricos eram hipnotizáveis, segundo suas observações.

Outros estudiosos modernos aplicaram também a hipnose em seus pacientes com bons resultados, como o Dr. Liébault em 1860.

Atualmente, a hipnose é concebida como um estado de concentração da atenção, de relaxamento intenso, e de alta sugestibilidade, sendo esta a característica fundamental do processo. Diferencia-se do sono e da vigília pelo padrão de ondas mentais que ocorrem no Sistema Nervoso Central (SNC), como um balanço de forças entre o SNC e o Sistema Neurovegetativo que mantêm a mente em transe.

Além do estado de aceitação de sugestões, durante seu curso podem ocorrer vários fenômenos como catalepsia, distorção do tempo, amnésia, hipermnésia, clarividência, alucinações, e anestesia corporal. Por este motivo é empregada com freqüência como recurso às moléstias dolorosas crônicas - como fibromialgia, e enxaqueca, apresentando sucesso em boa porcentagem dos casos, além dos mais diversos tratamentos como depressão, fobias, estresse, e ansiedade.

Existem alguns fatores importantes para que ocorra o transe hipnótico: a aceitação do hipnotizado, e o laço de confiança entre hipnotizador e hipnotizado são os fundamentais. Quando existe a confiança e o consentimento há a dissociação entre o consciente e o inconsciente do paciente que passa ao estado de alta sugestibilidade.

A hipnose pode ser realizada entre espíritos encarnados e desencarnados, que a aplicam independentemente de seu grau de evolução espiritual.

Quando é aplicada por espíritos superiores há um casamento de ondas mentais entre hipnotizado e hipnotizador, e, em alguns casos podem ser realizadas com o auxílio de aparelhos (movidos à energia solar) que medem e movimentam os pensamentos e recordações que ressurgem da memória profunda do hipnotizado.

Já os espíritos pouco esclarecidos utilizam-se da consciência culpada e do remorso de sua “vítima de hoje”, aproveitando-se da idéia traumatizante como uma porta aberta para a obsessão. Inicialmente ocorre o contato psíquico sutil entre perseguidor e perseguido. Em seguida inicia-se a sugestão nos centros perispirituais, com o domínio da mente e todas as suas conseqüências. Algumas vezes pode haver a sugestão de zoantropia, alterando a forma do perispírito para a forma de animal. Os painéis mentais narrados em livros psicografados e em reuniões de desobsessão são feitos através do uso de cenas buscadas na memória profunda do hipnotizado para composição dos cenários.

A hipnose é um instrumento utilizado para um determinado fim, neste caso, a obsessão, mas deve ser usada para o auxílio e para o bem como quando utilizada por espíritos superiores e profissionais competentes e bem intencionados.

É sempre conveniente ressaltar que a chave da hipnose é a sugestão; estímulo perseverante que provoca aceitação e automática obediência do hipnotizado de acordo com a susceptibilidade individual em obedecer. Entretanto, em todos os casos a idéia sugerida deve respeitar os princípios morais, crenças, e convicções do hipnotizado, que jamais cederá a um impulso inferior em desacordo com seu grau de adiantamento moral. É por este motivo que a hipnose não é motivo de preocupação daqueles que temem agir contra sua vontade passando por situações constrangedoras, porque apesar da dissociação entre consciente e inconsciente, provocado pelo estado de inibição somática cortical, existe sempre a presença de um ponto vígil no cérebro ou no espírito que não permite tal situação.

Devemos considerar ainda a possibilidade de Auto-sugestão e Auto-hipnose, que pode ocorrer com todas as pessoas nas mais diversas situações. Tomamos como exemplo o caso de pessoas pessimistas, que passam seus dias se queixando sobre como tudo é ruim em suas vidas. Muitas vezes percebemos que realmente só acontecem coisas negativas com estas pessoas, isto porque elaboram em torno de si um ambiente gerado por suas ondas mentais que propicia o surgimento de eventos negativos e até a distorção de eventos positivos em negativos. O contrário também deve ser considerado. O indivíduo bastante positivo e determinado em alcançar um objetivo gera condições favoráveis a si mesmo para que a meta seja atingida. Daí a importância em manter a mente sempre elevada a objetivos nobres, auto sugestionando-se de modo positivo e evitando pensamentos em desacordo com saúde física e espiritual, que perturbem a paz do lar, da casa espírita e do ambiente que se vive.

Consulte:

"NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE" – pelo espírito de ANDRÉ LUIZ e psicografia de FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
"A CIÊNCIA DA ALMA - DE MESMER A KARDEC" - Nubor Facure
"NOS BASTIDORES DA OBSESSÃO" – pelo espírito de MANOEL P DE MIRANDA e psicografia de DIVALDO PEREIRA FRANCO

UNIDADE 5 – OCORRÊNCIAS COMUNS NAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

Com o médium psicofônico

Mediunismo

O Prof. J. Herculano Pires, em sua obra *O Espírito e o Tempo*, capítulo I, esclarece que "a palavra mediunismo foi criada por Emmanuel para designar a mediunidade em sua expressão natural".

Mediunismo são as práticas empíricas da mediunidade (conhecimentos práticos devidos meramente à experiência da mediunidade).

“Assim sendo, por toda a história do homem, desde os mais remotos horizontes, temos acontecimentos ocasionados por fenômenos mediúnicos, caracterizando o mediunismo primitivo, oracular e bíblico, só atingindo a mediunidade positiva com o advento do Espiritismo. De fato, somente com a Doutrina dos Espíritos a mediunidade se define como uma condição natural da espécie humana recebe a designação precisa de mediunidade e passa a ser tratada de maneira racional e científica.

Convém deixar bem clara a distinção entre fenômenos mediúnicos e Doutrina Espírita.

Os fenômenos mediúnicos são de todos os tempos. As práticas mágicas ou religiosas, baseadas nesses fenômenos, constituem o mediunismo.

A Doutrina Espírita viabiliza a interpretação racional dos fenômenos mediúnicos.

Assim os fatos mediúnicos não são Espiritismo, por que ele se serve dos fatos mediúnicos como de uma matéria-prima para a elaboração de seus princípios. As práticas do denominado sincretismo religioso afro-brasileiro, por exemplo, não são espíritas. O sincretismo religioso é um fenômeno sociológico natural. O Espiritismo é uma doutrina.

Concluindo, todo o processo de intercâmbio com a dimensão espiritual que se realize sem a égide da Doutrina Espírita é mediunismo, simplesmente porque fica no campo da prática e das suposições teóricas, sem a indispensável análise.

Dirigente de Grupo Mediúnico – FERGS – Ed. Letras de Luz

Animismo (entrevista a Divaldo Franco)

Como a Doutrina Espírita explica a interferência anímica no fenômeno mediúnico?

O processo de comunicação dá-se somente através da identificação do Espírito com o médium, perispírito a perispírito, cujas propriedades de expansibilidade e sensibilidade, entre

outras, permitem a captação do pensamento, das sensações e das emoções, que se transmitem de uma para outra mente através do veículo sutil.

O médium é sempre um instrumento passivo, cuja educação moral e psíquica lhe concederá recursos hábeis para um intercâmbio correto. Nesse mister, inúmeros impedimentos se apresentam durante o fenômeno, que somente o exercício prolongado e bem dirigido consegue eliminar.

Dentre outros, vale citar as fixações mentais, os conflitos e os hábitos psicológicos do sensitivo, que ressumam do seu inconsciente e, durante o transe, assumem com vigor os controles da faculdade mediúnica, dando origem às ocorrências anímicas

Em si mesmo, o animismo é ponte para o mediunismo, que a prática do intercâmbio termina por superar. Todavia, vale à pena ressaltar que no fenômeno anímico ocorrem os de natureza mediúnica, assim como nos mediúnicos sucedem aqueles de caráter anímico.

Qualquer artista, ao expressar-se, na música, sempre dependerá do instrumento de que se utilize. O som provirá do mecanismo utilizado, embora o virtuosismo proceda de quem o acione.

O fenômeno puro e absoluto ainda não existe no mundo orgânico relativo...

Os valores intelectuais e morais do médium têm preponderância na ocorrência fenomênica, porquanto serão os seus conhecimentos, atuais ou passados, que vestirão as idéias transmitidas pelos desencarnados.

(Vivência Mediúnica, Capô Complexidades do Fenômeno Mediúnico, Manoel Philomeno de Miranda Divaldo P. Franco - LEAL)

Cite alguns fatores estimuladores do animismo e como erradicá-lo.

O cultivo de idéias desordenadas, as aspirações mal contidas, desequilibram, promovendo falsas informações.

Os desbordos da imaginação geram impressões, produzem idéias que fazem supor procederem de intercâmbio mediúnico...

Além desses, a inspiração de Entidades levianas coopera com eficiência para os exageros, as distonias.

(Celeiro de Bênçãos, Capô 6, Joanna de Ângelis Divaldo P. Franco - LEAL)

Que pode fazer o médium para diminuir gradualmente as cores anímicas das suas passividades?

Indispensável muito cuidado, exame contínuo dos problemas íntimos e acendrado zelo pelas letras espíritas, a fim de discernir com acerto e atuar com segurança.

Nem tudo que ocorre na esfera mental significa fenômeno mediúnico.

Se não deves recear em excesso o animismo, não convém descurar cuidados.

Problemas intrincados da personalidade surgem como expressões mediúnicas a cada instante e se exteriorizam, produzindo lamentáveis desequilíbrios.

Distonias psíquicas exalam miasmas morbíficos que produzem imagens perturbadoras no campo mental e se externam em descontrole.

Estuda e estuda-te.

Evita a frivolidade e arma-te de siso, no mister relevante da mediunidade.

Cada ser vincula-se a um programa redentor, graças às causas a que se imana pelo impositivo da reencarnação. Interferências espirituais sucedem, sim, mas, não amiúde como pretendem a leviandade e a insensatez dos que se comprazem em transferir responsabilidades.

Revisa opiniões, conotações, exames e resguarda-te na discríção.

Mediunidade é patrimônio inestimável, faculdade delicada pela qual ocorrem fenômenos sutis, expressivos e vigorosos e só procedem do Alto quando em clima de alta responsabilidade.

Nesse sentido, não descuides das ocorrências provindas de interferências anímicas, dos desejos fortemente acalentados, das impressões indesejáveis e desconexas que ressumam, engendrando comunicações inexatas.

Acalma a mente e harmoniza o "mundo interior."

(Celeiro de Bênçãos, Capó 6, Joanna de Ângelis/Oivaldo P. Franco - LEAL)

Existem fronteiras delimitadoras entre animismo e fenômeno mediúnico que possam ser identificadas pelo terapeuta encarnado?

Existem algumas características: No fenômeno anímico é a alma do encarnado que fala. São seus hábitos, seus registros, seus condicionamentos...

A palavra animismo foi cunhada pelo sábio russo Alexander Aksakof, para definir os fenômenos do nosso inconsciente. No fenômeno mediúnico aquilo que está em nosso arquivo é eliminado, bem se vê, e quando o fenômeno se dá, o doutrinador é capaz de identificá-lo através do caráter do médium, que é por ele conhecido.

Todos nós temos vícios de linguagem, como também bengalas psicológicas. No estado de transe, se essas bengalas psicológicas aparecem, o fenômeno é mediúnico, porém com o arquipélago de condicionamentos do médium, pois que determinados hábitos corriqueiros no estado de transe, podem comparecer.

Se, por exemplo, as comunicações têm sempre a mesma linha de raciocínio, estamos diante de um fenômeno anímico.

O Espírito comunicante possui uma característica própria, assim como cada um de nós. Se várias pessoas forem ao telefone para dar a mesma mensagem, saberemos que se trata de pessoas diferentes pela maneira de dizer, pela entonação de voz, pela maneira de compor as frases, pelo ritmo e também pelos hábitos. Por exemplo: Há pessoas que falam entrecortadamente. Se na comunicação a mensagem vem entrecortada é um fenômeno anímico, o registro da personalidade é maior do que o da Entidade comunicando-se. Determinados gestos que são muito típicos de nós, por um condicionamento, no fenômeno mediúnico repetimos.

Então, qualquer doutrinador atento pode saber quando o fenômeno é eminentemente mediúnico, digamos a 70%, e quando ele é um fenômeno anímico, ou seja: a 70% de animismo e apenas 30% de mediúnico.

Por isso as reuniões mediúnicas devem ser feitas com pessoas que se conheçam entre si, que tenham um bom relacionamento, pessoas moralizadas, que não venham fazer espetáculos, que tenham conhecimento doutrinário, porque são equipamentos para nos policiarmos contra os fenômenos automatistas da nossa personalidade.

Qual a conduta correta do doutrinador no fenômeno anímico?

A postura correta do doutrinador é a de esclarecer, tanto o Espírito encarnado como o desencarnado. Mas, cumpre-lhe deixar o médium perceber que a doutrinação está sendo direcionada ao seu inconsciente, a fim de que se mantenha mais vigilante, passando a bloquear a irrupção do fenômeno automatista.

Não há graduação de períodos para o fenômeno anímico. Pessoas há que têm muitos registros e os mesmos criam personificações parasitárias em variado número, que se encarregam de assomar à memória atual, dando a impressão de se tratarem de Entidades desencarnadas. Outras tantas, quando se concentram, assumem esses conflitos e arquivos do inconsciente, que devem ser orientados pelo psicoterapeuta espiritual, a fim de diluí-los nos depósitos da mente.

Como a tarefa do orientador é auxiliar sempre aos Espíritos, no caso do animismo, é válido socorrer o encarnado, que também é Espírito, de forma a auxiliá-lo na catarse das

impressões perturbadoras que, anuladas, facultarão a ocorrência do fenômeno mediúnico claro e correto.

Mistificação

Qual é a abordagem correta do doutrinador, quando identifica a presença de um Espírito mistificador?

Detectada a farsa da Entidade perturbadora, o dever do orientador é desmascará-lo. Deve dizer que está em uma atividade muito séria, e que ele vindo burlar, perturba o trabalho, que tem finalidade superior.

Abrimos um parêntese para dizer que os Benfeitores Espirituais permitem que venham Espíritos mistificadores para tornar o médium humilde, não alimentando a presunção de que é perfeito, invulnerável a quaisquer situações dolorosas. Depois, para treinar os doutrinadores a separarem o joio do trigo e, por fim, porque, quando o Espírito burlão, mistificador, se comunica, também é credor de misericórdia, de caridade, pois está em sofrimento. Essa máscara aparente, com que se apresenta, é o mecanismo de autonegação da sua realidade e merece ser necessariamente esclarecido, com bondade e compaixão, para que se dê conta de que a farsa não encontrou receptividade e, despertado, a partir daí, os Instrutores Espirituais prossigam no atendimento demonstrando-lhe os sofrimentos que vai passar, derivados da larga mentira que haja proposto a si mesmo e aos outros.

Todavia, a tarefa do doutrinador é a de esclarecer, identificando a mistificação, sem que o médium se sinta melindrado com isso. O fenômeno da mistificação nenhuma relação tem com a mediunidade, aliás, a sua existência é própria da qualidade mediúnica. Allan Kardec fala, textualmente, que o médium excelente não é aquele que tem a capacidade de dar comunicações superiores, e sim aquele que tem facilidade de se comunicar com diferentes Entidades. Quando se trata de uma única, estamos diante de uma fascinação. A mediunidade é polimorfa, sendo um telefone por onde falam todos aqueles que se lhe acercarem, cabendo ao mediano a postura dignificante para não sintonizar com os Espíritos perversos, senão com objetivo caritativo.

Qualidade na Prática Mediúnica – Projeto Manoel Philomeno de Miranda – Ed. Leal

O que é mistificação e como proceder para evitá-la

Astolfo O. de Oliveira Filho - De Londrina

Conforme assinalamos no livro 20 Lições sobre Mediunidade, capítulo 14, obra publicada no final de 2003 pela Editora Leopoldo Machado, mistificação significa engano, logro, burla, abuso da credulidade de alguém.

A prática espírita, como todos sabemos, não está livre da mistificação, porquanto aprendemos, com o estudo da escala espírita, que existem Espíritos levianos, ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros, que se metem em tudo e a tudo respondem sem se importarem com a verdade. "Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas."

Nona classe. Espíritos levianos. - São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de duendes, tragos, gnomos, diabretes. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos servidores.

Em suas comunicações com os homens, a linguagem de que se servem é, amiúde, espírita e faceta, mas quase sempre sem profundidade de idéias. Aproveitam-se das

esquisitices e dos ridículos humanos e os apreciam, mordazes e satíricos. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade.

O Livro dos Espíritos, questão nº 103

Esses Espíritos podem estar desencarnados ou encarnados, o que quer dizer que a mistificação pode ser proveniente do médium, o que não é, porém, muito comum no meio espírita sério.

Allan Kardec assevera que a mistificação é fácil de evitar. Basta, para isso – ensina o Codificador –, não exigir do Espiritismo senão o que ele pode e deve dar, que é a melhoria moral da Humanidade. "Se vocês não se afastarem daí, não serão jamais enganados", advertiu o Espírito de Verdade, que no mesmo passo esclareceu: "Os Espíritos vêm instruí-los e guiá-los no caminho do bem e não no caminho das honras e da fortuna, ou para servirem suas mesquinhas paixões. Se não lhes pedissem jamais nada de fútil ou fora de suas atribuições, não dariam oportunidade alguma aos Espíritos enganadores; donde vocês devem concluir que quem é mistificado tem apenas o que merece."

Na mesma obra e no mesmo item, o Espírito de Verdade afirma que "Deus permite as mistificações para provar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que fazem do Espiritismo um objeto de divertimento".

Livro dos Médiuns, cap. XXVII, item 303, 1ª e 2ª perguntas

Animismo e mistificação são coisas diversas – A mistificação experimentada por um médium, explica Emmanuel, traz sempre uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo, razão pela qual não ocorre à revelia dos seus mentores mais elevados, que, somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo.

O Consolador, questão no 401

Nesse sentido, tendo perfeita noção dos percalços que apresenta a prática mediúnica, aqueles que renunciam ao Espiritismo por causa de um simples desapontamento, como a ocorrência de uma mistificação, provam apenas que não o compreendem e que não o tomam em sua parte séria. (O Livro dos Médiuns, cap. XXVII, item 303, 2ª pergunta.) Agindo assim, tais pessoas mostram que jamais foram espíritas convictos; são, em verdade, quais crianças que o vento leva à primeira dificuldade.

Kardec, comentando o assunto, diz que um dos meios mais freqüentes que os Espíritos usam, para lograr-nos, é estimular a nossa cupidez e o nosso interesse por fortunas ou facilidades materiais. Devemos, também, ficar alertas quanto às predições de data certa e evitar qualquer providência prescrita ou sugerida pelos Espíritos, quando o objetivo não for evidentemente racional. Não nos deixemos deslumbrar pelos nomes que tomam os Espíritos para darem uma aparência de verdade a suas palavras e desconfiemos "de teorias e sistemas científicos arriscados" e "de tudo o que se afastar do objetivo moral das manifestações".

O Livro dos Médiuns, cap. XXVII, "Observação" de Kardec posta depois da 2ª pergunta do item 303

É preciso, no entanto, não confundamos mistificação com animismo. O animismo é fenômeno produzido pela própria alma do médium, que nem sempre tem consciência do que ocorre. Sugerimos ao leitor que leia, acerca do tema animismo, o livro "Médium: quem é, quem não é" de Demétrio Pável Bastos, cap. XX e XXI, obra publicada pelo Instituto Maria, de Juiz de Fora, MG.

A mistificação – como dissemos no início deste artigo – pressupõe mentira, engodo, trapaça, e pode ocorrer, como vimos, com o conhecimento dos mentores espirituais, como se deu na própria Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas quando um Espírito enganador usou o nome de São Luís, dirigente espiritual da Sociedade, estando este presente. (Leia sobre esse curioso caso o artigo abaixo.)

Nada, absolutamente nada, ocorre por acaso. Quem se dedica à mediunidade deve, pois, manter-se vigilante e não ignorar jamais a advertência de Erasto contida no cap. XX, item 230,

de O Livro dos Médiuns: “Melhor será repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma só teoria falsa”. “As falsas comunicações, que de tempos a tempos ele recebe – afirma Divaldo P. Franco –, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça.”

Moldando o Terceiro Milênio, de Fernando Worm, cap. 7, pág. 62

Meios de evitar a mistificação – Além das advertências e recomendações já referidas, Allan Kardec nos fornece seguras orientações a respeito do tema no cap. XXIV, item 268, de O Livro dos Médiuns, do qual extraímos os apontamentos seguintes:

a) entre os Espíritos, poucos há que têm um nome conhecido na Terra; por isso é que, na maioria das vezes, eles nenhum nome declinam;

b) como os homens, quase sempre, querem saber o nome do comunicante, para os satisfazer o Espírito elevado pode tomar o de alguém que é reverenciado na Terra. Não quer isso dizer que se trata, nesse caso, de uma mistificação ou uma fraude. Seria sim, se o fizesse para nos enganar, mas, quando é para o bem, Deus permite que assim procedam os Espíritos da mesma categoria, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos. Ocorre ainda que muitas vezes o Espírito evocado não poder vir, e enviar então um mandatário, que o representará na reunião;

c) quando Espíritos de baixo padrão moral adotam nomes respeitáveis para nos induzirem ao erro, não é com a permissão dos Espíritos indevidamente nomeados que eles procedem. Os enganadores serão punidos por essa falta. Fique certo, todavia, que, se não fôssemos imperfeitos, não teríamos em torno de nós senão bons Espíritos. Se somos enganados, só de nós mesmos nos devemos queixar;

d) existem pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam e, quando eles julgam conveniente, as preservam dos ataques da mentira. Contra essas pessoas os enganadores nada podem. Os bons Espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente da faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. Dão a esses suas preferências e os secundam;

e) os Espíritos superiores nenhum outro sinal têm, para se fazerem reconhecer, além da superioridade das suas idéias e da sua linguagem. Os sinais materiais podem ser facilmente imitados. Já os Espíritos inferiores se traem de tantos modos, que seria preciso ser cego para deixar-se iludir. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar;

f) há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as idéias e que, muitas vezes, tomam idéias falsas e vulgares como sublimes. Como podem essas pessoas, que não estão aptas a julgar as obras dos homens, julgarem as dos Espíritos?

g) quando as pessoas são bastante modestas para reconhecerem a sua incapacidade, não se fiam apenas em si; quando, por orgulho, se julgam mais capazes do que o são, trazem consigo a pena da vaidade tola que alimentam. Os mistificadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras, que têm finura e saber. Lisonjeando-lhes as paixões, fazem eles do homem o que querem.

O dia em que um Espírito usurpou o nome de São Luís

No dia 11 de maio de 1860, em sessão realizada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (foto), Allan Kardec dirigiu algumas perguntas a São Luís, mentor espiritual da Sociedade, as quais se referiam a um caso de visão ocorrido com o Sr. T... As respostas dadas pelo dirigente espiritual da Sociedade foram, porém, vagas e incoerentes, o que indicava, segundo o próprio Codificador, “a evidente interferência de um Espírito enganador”.

Na sessão seguinte, realizada em 18 de maio, Kardec perguntou por que São Luís deixara, na semana anterior, que falasse em seu nome um Espírito mistificador.

– São Luís estava presente, mas não quis falar - informou um dos Espíritos presentes.

– Com que objetivo não quis falar? - indagou Kardec.

O próprio São Luís então esclareceu:

– Ficaste contrariado com o que aconteceu, mas deves saber que nada ocorre sem motivo. Por vezes, há coisas cujo objetivo não compreendeis; que à primeira vista parecem más, porque sois muito impacientes, mas cuja sabedoria mais tarde reconheceis. Fica, pois, tranqüilo, e não te inquietes por nada; nós sabemos distinguir os que são sinceros e velamos por eles.

Na continuidade do diálogo entre Kardec e São Luís, o Codificador perguntou por que é que, apelando aos bons Espíritos e pedindo-lhes o afastamento dos impostores, mesmo assim o apelo não é atendido.

São Luís explicou:

– É atendido, não o duvides. Mas tens a certeza de que o apelo vinha do fundo do coração de todos os assistentes, ou que não haja alguém que por um pensamento pouco caridoso e malévolo, se não pelo desejo, atraia para o meio de vós os maus Espíritos?

Concluindo o esclarecimento, São Luís revelou então a Kardec algo que jamais, com toda a certeza, o Codificador imaginou pudesse ocorrer ali, onde mais de uma vez, segundo o dirigente espiritual da Sociedade Espírita de Paris, “um sorriso de sarcasmo podia ser visto nos lábios das pessoas que o cercavam” na intimidade mesma daquelas reuniões.

– Que Espíritos pensas que tragam essas pessoas? - indagou-lhe o mentor espiritual.

E ele mesmo respondeu:

– Espíritos que, como elas, se riem das coisas mais sagradas.

Revista Espírita de 1860, p.171- 173

A mistificação ocorrida na sessão anterior visava, portanto, a tais pessoas, que não se mostravam à altura dos trabalhos realizados pela Casa que o próprio Codificador fundara e dirigia.

Um caso de mistificação sem final feliz

Desencarnada em 1o de maio de 1860 e evocada pelo próprio Codificador do Espiritismo, a médium escrevente Sra. Duret revelou a Kardec que, em suas atividades mediúnicas, fora muitas vezes enganada pelos Espíritos e que há poucos médiuns que não o sejam mais ou menos.

Tal fato, explicou a Sra. Duret, depende muito do médium e daquele que interroga, mas é sempre possível, quando se queira, preservar-se dos maus Espíritos. “E a primeira condição para isso é não os atrair pela fraqueza ou pelos defeitos.”

Revista Espírita de 1860, p. 183-184

Achamos importante recordar a advertência da Sra. Duret como introdução ao relato seguinte:

Em uma respeitável instituição espírita de importante cidade brasileira manifestou-se certa vez, usando linguagem de criança, um Espírito.

Acolhido com simpatia pela equipe mediúnica, o Espírito revelou que havia preparado um presente para o grupo: o relato de sua própria história, o qual poderia mais tarde, quando concluído, ser publicado na forma de livro.

Na semana seguinte, ele voltou e deu início à sua narrativa, que se alongou por várias semanas, valendo-se da faculdade de psicografia de um dos médiuns do grupo.

Terminada cada reunião, o capítulo transmitido na noite era lido e depois corrigido e datilografado pelo dirigente dos trabalhos.

Algum tempo depois, quando todos do grupo mediúnico estavam felizes com o desenrolar dos acontecimentos, passa pela cidade um médium notável, de inteira confiança do

dirigente do grupo, o qual, convidado para assistir a uma das reuniões, ali comparece na condição de mero visitante.

A reunião realiza-se normalmente, ocorrem as manifestações psicofônicas de praxe e, no final, o Espírito dá seqüência ao ditado mediúnico, valendo-se, como fizera anteriormente, do mesmo médium. Ele, certamente, não se dera conta de que havia um visitante no recinto, alguém dotado de vidência e possuidor de largo conhecimento da prática espírita.

Assim, tão logo o ditado teve início, o visitante disse algo ao ouvido do dirigente da reunião informando-o de que aquele Espírito não passava, em verdade, de um mistificador que estava há tempos tomando o tempo das sessões e que, intimamente, se regozijava com a credulidade dos integrantes daquele grupo.

Evidente que, uma vez descoberto, o próprio Espírito confirmou a farsa, encerrando-se naquele mesmo momento o ditado do suposto livro.

O dirigente, contudo, esquecido das lições de Kardec a respeito da mistificação e de suas finalidades, afastou-se por vários anos das lides espíritas, certo de que havia faltado à equipe por ele dirigida uma maior proteção dos chamados protetores e guias espirituais.

Artigos publicados em O Imortal de março de 2004, pp. 8 e 9

Comunicações incompletas e imperfeitas

A incorporação pode ser também classificada em completa e incompleta.

Como a denominação mesmo afirma, na incorporação completa, a inteligência comunicante toma conta do equipamento físico, ainda que o mesmo conserve a consciência, de maneira total, bloqueando, pelo envolvimento completo, todos os movimentos físicos e todos os pensamentos e assumindo o comando do corpo e da mente. O Espírito, na incorporação completa, tomará posse do corpo físico do médium e agirá como se fora o seu próprio. Entretanto, o médium, mesmo afastado do corpo temporariamente, não perderá em absoluto o poder de interromper o fenômeno pelo exercício de sua vontade. Ele apenas empresta o seu equipamento físico para a realização do fenômeno, mas não o aliena definitivamente.

A incorporação incompleta é como o nome afirma, aquela que se dá de maneira incompleta, isto é, o espírito comunicante não toma posse completa de todo o equipamento físico, por deficiência do próprio médium; por necessidades decorrentes do próprio fenômeno ou por impossibilidade do meio-ambiente. Nesses casos a posse se dá em apenas uma parte do equipamento físico, ou de maneira deficiente e incompleta em todo o complexo corporal do médium.

Podemos ainda enumerar mais a incorporação IMPERFEITA, como aquela que não se completou totalmente e que, mesmo assim, já enseja a comunicação, como nos casos onde se obtém uma comunicação mesclada de interferência anímica.

Pequeno Manual dos Médiuns - Erasmo

Charlatanismo e embuste

Charlatães e embusteiros (médiuns ou não) podem simular fenômenos mediúnicos, para explorar a boa fé do público e se autopromoverem.

As manifestações inteligentes também podem ser limitadas, mas os fenômenos que mais se prestam a fraudes são os de efeitos físicos, por que:

- 1) impressionam mais à vista do que à inteligência;
- 2) são mais facilmente imitáveis pela prestidigitação;
- 3) atraem as multidões, oferecendo mais “produtividade financeira”. Convém estar de sobreaviso com os médiuns que, categoricamente, afirmam poder produzir este ou

aquele fenômeno, em dias e horas determinados, ou a qualquer momento, porque os espíritos bons não estão à disposição dos nossos caprichos e nem mesmo os espíritos mistificadores gostam de ser explorados pelos médiuns.

A melhor garantia de veracidade nas comunicações mediúnicas está na moralidade reconhecida dos médiuns, na perseverança de seu trabalho, anos a fio, sem o estímulo de interesse material ou de satisfação do amor próprio.

Allan Kardec - "O Livro dos Médiuns", 2ª Parte, Cap. XIX e XX.

Médiuns iniciantes

Cabe ao Doutrinador dar-lhes atenção específica, zelando para que o mesmo adquira autoconfiança, conseguindo com isso expandir a mente, estabelecendo clima real de "vontade e aceitação" com o que irá produzir comunicações completas e bem permeáveis, ou seja, seguras.

Alguns cuidados recomendados:

- Evite a todo custo afirmações tipo "É Animismo", "Você não está bem", "Você está obsidiado", etc. Você pode estar inibindo uma grande oportunidade de soerguimento espiritual - a Mediunidade com JESUS;
- Os médiuns costumam apresentar sinais de aproximação do comunicante sem, no entanto ocorrer o envolvimento e comunicação. Para se aperceber disso, o Doutrinador aguçará sua percepção psíquica (intuição, geralmente) e tratará de estimular com imposição das mãos a certa distância, colocando a mão esquerda atrás da cabeça e a direita na frente durante alguns segundos, a fim de auxiliar o ajuste dos campos do Comunicante e do Médium;
- Não forçar, mas apoiar. Caso não ocorra a comunicação, não insistir;
- Dar passe dispersivo, para o desligamento do comunicante ou chama outro médium já educado, senta ao lado e pede que se envolva mentalmente com o novato que a equipe espiritual auxiliará na transferência da comunicação para este;
- É comum, os médiuns iniciantes penderem o corpo para frente, para o lado, tenderem a ir ao chão, etc. Em todos os casos, evitar apenas que o mesmo se fira, amparar sem segurar (maioria dos casos) e conscientizar falando com o Espírito (que o médium geralmente ouvirá) para tomar a posição normal de sentar. *É educação*;
- Se tentarmos manter o médium sempre sustentado (como muletas) ele tende a se viciar e não mais confiará em dar comunicações sem os "Anjos da Guarda Encarnados" do seu lado;
- Se o médium cai (o que é viável nas comunicações de obsessores) ampara para que não se fira, atende com doutrinação, passes longitudinais ativadores ou calmantes (na dúvida impõe as mãos e ora mentalmente) e depois chama-lhe pelo nome para que haja aprendizado e segurança por parte do médium;
- Se o médium demonstra medo, o melhor a fazer é procurar a primeira oportunidade de conversar sobre a Mediunidade com Jesus com o mesmo;
- Não violentar. Há razões muitas vezes seculares para que o médium receie não propriamente a mediunidade (pois geralmente ele não conhece em detalhes), mas a entrega do seu corpo, da sua pessoa para "outros" usarem. É Prudência Evangélica conscientizar com Amor. Nunca forçar, mas esclarecer e dar opções de trabalho nos quais o médium sirva com alegria o que ajudará sem dúvida para dar confiança ao mesmo num retorno à prática agora com mais autoconfiança;
- É comum o médium querer saber o que se passou, quem "falou" que disse, etc;
- Ao Doutrinador cabe sempre ser discreto sobre o médium e sobre os Espíritos e suas comunicações. Informar Kardec e Jesus. Isso é tudo;

- Ocorre muitas vezes ao médium, por processo de auto-indução levantar para dar passes (geralmente com grandes gesticulações) sem que o Dirigente o tenha chamado, ou então haver as “comunicações do mentor” ou o mesmo começar a “ver” o ambiente ou “sentir” os males dos outros, etc.. É prudente não estimular nenhum destes sintomas na fase inicial. Ninguém inicia “pronto”. Deve-se reconduzir o médium à consciência da Educação gradual com maneiras Evangélicas, porém, objetivas.

Condicionamentos e viciações na manifestação mediúnica

Médiuns novatos costumam apresentar condicionamentos e viciações na manifestação mediúnica, porque ainda têm pouco esclarecimento doutrinário. Às vezes, médiuns antigos também os apresentam, porque não foram bem orientados na fase de desenvolvimento de sua faculdade.

Excessos demonstrativos da influenciação

Certos médiuns fazem gestos, trejeitos e ruídos vocais excessivos, quando sob a ação dos espíritos.

Por que o médium age assim?

- Sente percepções e sensações diferentes com a aproximação do espírito e não sabe como reagir a elas ou como controlá-las;
- Aprendeu imitando outros médiuns considerados “desenvolvidos” e que assim procediam;
- Quer demonstrar que não é ele quem está se manifestando e, sim, o espírito;
- Quer fazer o dirigente notar que está envolvido pelo espírito e em fase de manifestação.

Tudo isso, porém, é desnecessário. Um médium bem esclarecido e experiente não apresenta:

- movimentos desordenados e insistentes(gestos, trejeitos, tremores, contrações musculares bruscas, pancadas, etc.);
- ruídos vocais importunos e excessivos(assopros, assobios, gemidos, chiados, gagueiras, voz entrecortada e soturna ou gritada, etc.)

De fato, com a aproximação do espírito os seus fluídos se combinam com os do médium, e este pode ter percepções diferentes e sensação de frio, calor, dores, ansiedade, medo.

Entretanto, com a educação mediúnica, o médium não reagirá com espalhafato e controlará suas emoções e atitudes. O fenômeno mediúnico ficará, então, perfeitamente natural, apenas com as características peculiares a cada espírito manifestante.

Como demonstra o médium que está sob a influência espiritual?

Simplesmente dando início à comunicação (se ela for oportuna e dentro do esquema normal da reunião), ou dizendo-o ao dirigente, que autorizará ou não que dê passividade.

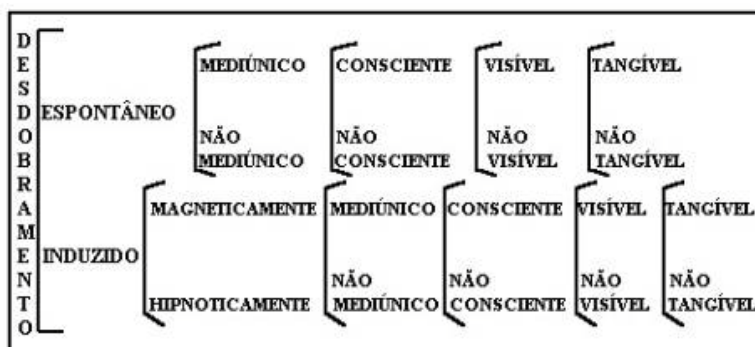
Em conclusão:

Para evitar condicionamentos e viciações como esses, o médium deve:

- acolher com simpatia as observações do dirigente da reunião;
- colocar em prática o que já lhe foi ensinado, a orientação doutrinária espírita que já recebeu;
- guardar respeito íntimo, serenidade e ser sincero em tudo que fizer.

Desdobramento

Fazer-se em dois (duplicação corpórea e bi locação)



O desdobramento espontâneo pode mostrar um caráter medianímico, ou não. Caracteriza-se como medianímico, quando serve à manifestação de uma vontade estranha à do sujeito (médium), com vistas à orientação ou esclarecimento, ou, até, à mera comprovação da sobrevivência espiritual. Trata-se, aliás, de um fenômeno bem comum entre os médiuns de incorporação, que, em se desprendendo e chegando ao desdobramento, facilitam mais a ação do Espírito comunicante sobre seu equipamento físico, acompanhando, conscientemente, todo o processo, que não deixa, aliás, de receber, quase sempre, sua influência e sustentação.

O desdobramento induzido difere do espontâneo, por resultar de uma ação específica que deflagra o processo. O sujeito pode ser induzido ao desdobramento magneticamente ou hipnoticamente, apresentando-se mui tênues, na verdade, as diferenças entre os dois processos, facilmente confundíveis, aliás, e não sendo raro, até, que ambos sejam empregados conjugadamente numa mesma operação. A indução magnética é normalmente aplicada pelos Espíritos, em tarefa de ajuda aos médiuns, especialmente para que consigam desprender-se e, se for o caso, desdobrar-se, facilitando aos comunicantes o uso de seu equipamento físico para o trabalho psicofônico e psicográfico, entre outros.

O desdobramento (que nada tem a ver com que se conhece em Neurologia, como sensação de “despersonalização”) é hoje não só plenamente reconhecido, como estudado por pesquisadores de importantes centros.

O perispírito pode apresentar-se bi-corpóreo, ou seja, com um outro corpo, de forma igual ao do físico, fluídico, com maior ou menor densidade, mas suscetível de ser visto e, até, tocado.

... Raros Espíritos encarnados conseguem absoluto domínio de si próprios, em peregrinações de serviço edificante fora do carro de matéria densa. Habitados à orientação pelo corpo físico, ante qualquer surpresa menos agradável, na esfera de fenômenos inabituais, procuram instintivamente o retorno ao vaso carnal, à maneira do molusco que se refugia na própria concha, diante de qualquer impressão em desacordo com os seus movimentos rotineiros.

André Luiz

Desfazer-se alguém do veículo de carne não é iniciar-se na divindade. Há bilhões de Espíritos em evolução que rodeiam os homens encarnados, em todos os círculos de luta, muito inferiores, em alguns casos, a eles mesmos e que, facilmente, se convertem em instrumentos passivos dos seus desejos e paixões. Daí, o imperativo de muita capacidade de sublimação para quantos se consagram ao intercâmbio entre os dois mundos, porque, se a virtude é transmissível, os males são epidêmicos."

André Luiz

Nem todo "desprendimento" significa desdobramento.

Desdobramento – Mais detalhes

O fenômeno de emancipação da alma é explicado pela tríade que compõe o ser humano encarnado: corpo, perispírito e Espírito. Pelo repouso cerebral (durante o sono, por exemplo), as partículas do perispírito podem desprender-se parcialmente e este se expande. O Espírito, agora parcialmente liberto (emancipado), mesmo ligado por um "cordão" fluídico ao seu corpo, pode ir para onde quiser, visitar lugares no mundo material e/ou no plano espiritual, dependendo de suas (verdadeiras) inclinações. Quando o corpo sai de estado quiescente (regulado pelo sistema nervoso e endócrino), o perispírito é "arrastado" de volta para o corpo, e a pessoa acorda. Essa possibilidade é uma benção que Deus nos oferece como meio de mantermos o contato com a nossa verdadeira vida, nossa verdadeira pátria.

Acontece que, durante o período de repouso, o cérebro continua tendo atividade irregular em diversas áreas, formando imagens e sensações associadas que podem ou não ser lembradas, segundo mecanismos também regulados pelo cérebro. A lembrança mais ou menos nítida dessas imagens são os sonhos. Estes podem ser completamente sem significado, mas quase sempre relacionados às preocupações íntimas do indivíduo na vigília.

Em especial, pode ocorrer que o Espírito emancipado também registre as imagens que realmente presencia e isso pode ser até lembrado, segundo a necessidade do encarnado. Mas, nesse caso, é necessário que o indivíduo tenha uma predisposição orgânica para que sua memória seja influenciada por essas imagens. Em geral, outros Espíritos desencarnados, superiores, ajudam nesse processo, para que as cenas presenciadas pelo encarnado emancipado repercutam na sua vida de vigília. Quando isso é muito freqüente, e o encarnado guarda uma lembrança nítida desses fatos, diz-se que ele é um "médium de desdobramento" ou, segundo A. Kardec, "médium sonâmbulo", por que percebe a presença dos Espíritos, que induzem seu desprendimento e controlam a lembrança. Um exemplo muito interessante desse tipo de mediunidade é a médium Yvone Pereira. Relatos de sua própria mediunidade podem ser encontrados nos livros "Recordações da Mediunidade" e "Um Caso de Reencarnação". Também recomendamos os livros do Espírito Manuel Philomeno de Miranda, psicografados por Divaldo P. Franco, que demonstram como que nossos Espíritos protetores auxiliam-nos através do desdobramento.

Assim, aquilo que lembramos como sonho, é, para a maioria das pessoas, e na maioria das vezes, fruto de uma atividade cerebral espontânea. Isso não significa que a pessoa não se desdobrou; apenas não se lembra. Aliás, sempre haverá uma impressão, uma sensação agradável ou penosa daquilo com o que o emancipado relacionou-se durante o sono. Entretanto, se há uma impressão nítida das cenas em desdobramento, é recomendável que a pessoa procure um Centro Espírita de confiança, e que possua recursos para trabalhar educando essa faculdade natural do ser humano, canalizando esse potencial para a prática da caridade, para com os desencarnados em sofrimento, por exemplo, ou com quem quer que seja.

www.espiritismo.net

Para ilustração...

Desdobramento - Fenômeno anímico que permite ao espírito libertar-se do corpo parcialmente e estar em outros lugares.

Renê Artur de Barros Monteiro

Dezessete de maio de 1953, entre 13 h e 14h, em frente ao Cassino Interlaken, Suíça. Joaquim da Silva Gomes, juntamente com sua esposa, Maria Estela Barbosa Gomes, deixavam-se fotografar pela filha Terezinha. Dias depois, chegando em Portugal, revelaram o filme e esta foto os surpreendeu profundamente: ao lado do casal, com toda nitidez, aparecia o Dr. Otávio Bandeira de Lima Coutinho, grande amigo da família, que deveria estar em sua residência, no Recife!

Na suposição de que o amigo tivesse desencarnado, Joaquim enviou a foto a uma das filhas do Dr. Otávio. Este de pronto remeteu uma carta bem humorada ao amigo, identificando-se na foto e reconhecendo inclusive o terno, a gravata e o alfinete como seus, pois estavam bem visíveis.

Esclareceu que, na data e no horário em que foi batida a foto, adormecera numa cadeira de balanço na varanda de sua residência. Disse não se recordar de nada que se relacionasse com a foto, a não ser que pensara muito nos amigos distantes antes de adormecer.

Este é um caso típico de desdobramento ou bi locação (projeção astral), narrado pelo Anuário Espírita - 1983. É o fenômeno pelo qual o espírito de pessoa mediunizada, ou em estado de sonolência ou mesmo de sono, transporta-se de um lugar para outro com aparência de realidade ou com tangibilidade real.

Desdobrado do corpo, o Espírito sente-se liberto

Segundo Kardec, o espírito aproveita-se com satisfação da oportunidade de escapar da prisão corporal sempre que pode. É um dos mais curiosos e ricos fenômenos anímicos, em que o ser se move livremente, pensa melhor, decide com maior conhecimento, mantém intenso intercâmbio com encarnados e desencarnados, segundo seus interesses e afinidades.

É freqüente ocorrer com todas as pessoas, porém nem todas conseguem se lembrar, após o regresso ao corpo físico, do que fizeram durante o tempo em que estiveram parcialmente libertadas deste. Geralmente atribuem tudo a um sonho comum, ou seja, aquele resultante de suas disposições físicas ou psicológicas.

Diz Hermínio Miranda que "é nesse estado que o espírito consegue entrar na posse de algumas de suas faculdades superiores, pelo acesso aos arquivos da sua memória integral. Daí lembrar-se de encarnações passadas e até mesmo, em situações especiais, afastar a densa cortina que encobre o futuro".

Por sua vez, Martins Peralva, ao analisar as situações em que pode ocorrer essa libertação espiritual, chama a atenção para a existência, nos trabalhos mediúnicos, do chamado médium de desdobramento, ou seja, "aquele cujo espírito tem a propriedade ou faculdade de desprender-se do corpo, geralmente em reuniões". Desprende-se e excursiona por vários lugares na Terra ou no Espaço, a fim de colaborar nos serviços, consolando ou curando.

No caso de um médium de desdobramento desejar aprimorar a sua faculdade e aumentar os seus recursos, diz o autor que há condições de ordem moral das quais não pode prescindir: vida pura, aspirações elevadas, potência mental, cultivo da prece e exercício constante.

A respeito desse tipo de médium, diz André Luiz: "considerável número de pessoas, principalmente as que se adestram para esse fim (desdobramento), efetuam incursões nos planos do espírito, transformando-se, muitas vezes, em preciosos instrumentos dos benfeitores da espiritualidade, como oficiais de ligação entre a esfera física e a esfera extrafísica".

Um depoimento de Hermínio Miranda confirma exatamente essa atividade mediúmica. Diz o autor, referindo-se a uma personagem do seu livro Diversidade dos Carismas: "É comum observar-se em Regina o trabalho mediúnico específico e bem caracterizado em desdobramento. Em várias oportunidades, em vez do espírito manifestante ser trazido ao grupo, ela é que vai ao encontro dele, o que dá conhecimento antecipado ao dirigente dos trabalhos. Desprende-se e é levada pelos amigos espirituais".

Segundo desdobramento

Mas as pesquisas revelam que não se trata de um fenômeno restrito aos seres que ainda estão na carne. Experiências realizadas por Albert de Rochas informam que poderá ocorrer um

segundo desdobramento, a partir do perispírito já desdobrado do corpo físico, quando se separa daquele a essência espiritual.

Este fenômeno é ratificado por André Luiz em Nosso Lar, quando o autor desencarnado visitou, conscientemente, o espírito de sua mãe, habitante de plano superior ao seu, após desdobrar-se de seu corpo perispiritual que ficara em repouso numa das unidades da instituição à qual fora escolhido.

Toda obra de caridade da espiritualidade, inclusive as que podem se realizar durante um desdobramento, lembram-nos os versículos da Surata do Socorro, no Alcorão:

- Quando te chegar o socorro de Deus e o triunfo;
- E vires entrar a gente, em massa, na religião de Deus;
- Celebra, então, os louvores de teu Senhor e implora o Seu perdão, porque Ele é remissório".

www.ippb.org.br

Com o doutrinador

Os recém-desencarnados

(www.espirito.org.br)

As manifestações de espíritos recém-desencarnados ocorrem com freqüência nas sessões destinadas ao socorro espiritual. Revelam logo seu estado de angústia ou confusão, sendo facilmente identificáveis como tal. Muitas vezes são crianças o que provoca estranheza, pois parecem desamparadas. Quando esses espíritos se queixam de frio, pondo às vezes, o médium a tremer, com mãos geladas é porque estão ligados mentalmente ao cadáver. Se o doutrinador lhes disser cruamente que morreram ficam mais assustados e confusos. É necessário cortar a ligação negativa, desviando-lhes a atenção para o campo espiritual, fazendo-os pensar em Jesus e pedir o socorro do seu espírito protetor. Trata-se a entidade como se ela estivesse doente e não desencarnada. Muda-se a situação mental e emocional, favorecendo a sua percepção dos espíritos bons que a cercam, em poucos instantes a própria entidade percebe que já passou pela morte e que está amparada por familiares e espíritos que procuram ajudá-la.

Nos casos de crianças desamparadas que chamam pela mãe o quadro é tocante, emocionando as pessoas sensíveis. Mas a verdade é que essas crianças estão assistidas. O fato de não perceberem a assistência decorre de motivos diversos: a incapacidade de compreender por si mesmas a situação, a completa ignorância do problema da morte em que foram mantidas ou conseqüências do passado reencarnatório em que abandonaram as crianças ao léu ou mesmo que as mataram. A reação moral da lei de causa e efeito as obriga a passar pelas mesmas condições a que submeteram outros seres em vida anterior. O doutrinador deve lembrar, nessas ocasiões, que o Mundo Espiritual é perfeitamente organizado e que essas provas de resgate e ensino passam rapidamente. Tratado com amor e compreensão, esses espíritos logo percebem a presença de entidades que na verdade já o socorriam e a levaram a sessão para facilitarem a sua percepção do socorro espiritual. Ninguém fica ao desamparo depois da morte. Essas mesmas situações chocantes representam socorro ao espírito para despertar-lhes a piedade que não tiveram em vida.

Quanto às manifestações de crianças que são consideradas como espíritos pertencentes às legiões infantis de socorro e ajuda o doutrinador não deve deixar-se levar por essa aparência, mas doutrinador o espírito para que ele se retome com mais facilidade a sua posição natural de adulto, o que depende apenas de esclarecimento doutrinário. As correntes de crianças que se manifestam nas linhas de Umbanda e outras formas de mediunismo popular são formadas por espíritos que já estão capazes de ser encaminhados como espíritos adultos no plano espiritual. Se lhe dermos atenção, continuarão a manifestar-se dessa maneira,

entregando-se a simulações que, embora sem intenções malévolas, prejudicam a sua própria e necessária reintegração na vida espiritual de maneira normal. Esses espíritos, apegados à forma carnal e que morreram (como crianças) entregam-se a fantasias e ilusões que lhe são agradáveis, mas que, ao mesmo tempo, os desviam de suas obrigações de após-morte. O mesmo acontece com espíritos que se manifestam como debilídeos ou loucos. Precisam ser chamados à razão, pois entregam-se comodamente à lei de inércia, querendo continuar indefinidamente como eram na sua encarnação já finda. Ocorre o mesmo no caso de espíritos que se manifestam em condições larvares ou animais. O doutrinador não pode aceitá-los como se apresentam, pois estão simplesmente tentando fugir às suas responsabilidades, através de ardis a que se apegam e com os quais muitas vezes se divertem.

Todos os espíritos, ao passarem pela morte, têm o dever de reintegrar-se na posse de sua consciência e dos seus deveres. Gozando do seu livre arbítrio, apegados a condições que lhe parecem favoráveis para viverem à vontade, entregam-se a ilusões que devem ser desfeitas pela doutrinação. E para isso que são levados às sessões, e não para serem acocados em suas fantasias. Os espíritos que a protegem recorrem ao ambiente mediúnico para que eles possam ser mais facilmente chamados a realidade, graças às condições humanas em que mergulham no fluido mediúnico das sessões.

Encarnados x Desencarnados

Luz, por favor!

É preciso iluminar a ignorância quase generalizada que, infelizmente, existe sobre este assunto: Desencarnados não estão mortos! Eles estão vivos e são iguais a nós, encarnados. A única diferença é que eles vivem num plano vibratório diferente do nosso. -- Os desencarnados habitam o plano astral e os encarnados o plano físico, mas não necessariamente ocupando espaços distintos porque o plano astral interpenetra o plano físico.

Ao nosso redor - Podem estar (e estão) desencarnados, ocupando os mesmos espaços que nós. Eles podem ir para locais afastados da superfície da Terra. Mas podem ficar (e ficam) aqui, vivendo perto (ou junto) de nós.

Encarnados e desencarnados

São condições transitórias dos espíritos que habitam a Terra:

- a) Todos os terráqueos estão (e não "são") encarnados ou desencarnados.
- b) Nós, os atualmente encarnados, já estivemos anteriormente desencarnados e encarnados várias vezes. No futuro, estaremos desencarnados, para depois estarmos novamente encarnados, depois desencarnados, e assim sucessivamente.
- c) Eles, os atualmente desencarnados, também já estiveram anteriormente encarnados e desencarnados várias vezes. No futuro, estarão encarnados e depois desencarnados, e assim sucessivamente.

"Morte" ou desencarne

Tolo e completamente ignorante neste assunto é quem julga que o desencarne (a "morte") é um acontecimento calmo, tranquilo, pacífico e sereno!

Joanna de Angelis

Otília Gonçalves veio nos dar o seu corajoso testemunho no excelente livro "Além da Morte", também psicografado por Divaldo Franco:

Teoricamente ela estava preparada para o desencarne porque participava ativamente das atividades da "Mansão do Caminho", uma maravilhosa instituição espírita baiana, criada e liderada por Divaldo Franco.

Na hora do seu desencarne, ela esqueceu tudo o que aprendeu, e prevaleceu o seu apego à vida terrena. A todo custo ela queria poder (em vão) voltar a utilizar o seu corpo físico morto. Ela se desesperou!

Depois de dias de sofrimento, ela se reequilibrou e finalmente pôde ser socorrida pela entidade amiga que, desde o seu desencarne, estava ao seu lado para ampará-la e encaminhá-la a uma colônia do plano astral, onde passaria a viver.

Comentário

Essa assistência espiritual a Otília Gonçalves não pôde ser efetivada antes porque não existia a indispensável sintonia vibratória. Enquanto ela esteve desequilibrada e revoltada, o seu padrão vibratório era baixíssimo, portanto, incompatível com o alto padrão vibratório da assistência espiritual que permanecia ao seu lado.

Otília foi felizarda - Ela sofreu dias, quando muitos desencarnados levam meses ou anos, muitos anos...

A importante opção do recém-desencarnado

Após a "morte" ou desencarne todo ser humano será obrigado a fazer a seguinte importante opção, da qual dependerá, daquele momento em diante, a sua qualidade de vida no plano astral: "Eu aceito ou não a adequada assistência espiritual?"

Na verdade não bastará aceitar porque, como acabamos de ver no caso de Otília Gonçalves, também será necessário produzir a indispensável sintonia magnética com aquela elevada assistência espiritual.

Portanto para obter a adequada assistência espiritual, o primeiro passo do recém-desencarnado é decidir aceitá-la, e o segundo é produzir a indispensável sintonia magnética. A propósito, um dos poderes que você poderá adquirir com o aprendizado dos temas deste livro é exatamente produzir esse tipo de sintonia magnética, que é importante e útil não somente para os recém-desencarnados, e sim também para o cotidiano dos encarnados!

Mas vejamos logo quais serão as fundamentais conseqüências, para ele e para nós, do simples fato do recém-desencarnado obter, ou não, a assistência espiritual que está à sua disposição? Basicamente existirão duas opções:

Primeira opção. Se ele obtiver a adequada assistência espiritual, estará tudo bem para ele e para nós. Para ele porque será morador de uma instituição especializada, no plano astral, onde será maravilhosamente assistido e orientado. E posteriormente participará das atividades daquela colônia astral, até que esteja preparado para outra encarnação. Para nós porque ele não nos perturbará a vida. Pelo contrário, no futuro poderá até nos ajudar.

Segunda opção. Se ele não obtiver a adequada assistência espiritual, estará tudo mal para ele e para nós. Para ele - Porque não usufruirá (porque não quis) dos enormes benefícios daquela assistência tão benéfica. Cada dia que ele permanecer na crosta da Terra, convivendo com outros desencarnados igualmente desequilibrados, será um dia perdido na evolução espiritual dele. Provavelmente, ele piorará a sua conta cármica porque fará mal a desencarnados e encarnados. Para nós porque será mais um desencarnado perturbado vivendo no nosso meio. Ele será um obsessivo em potencial, que poderá até nos prejudicar.

Mais considerações...

por Samuel Valentim Afonso (Espiritualidade e Sociedade)

O belíssimo espetáculo da morte deveria ser visto com mais atenção pelos espíritas, pois é a porta de entrada para o verdadeiro mundo. Mas para muitos é desconhecida a beleza do estertor da morte, seja pelo instinto de conservação, pela ignorância, pela informação tendenciosa das organizações religiosas, ou mesmo por desinteresse próprio; vêm com repugnância esse fenômeno tão importante para o estado de evolução que estamos.

Antes de entrar no fator Espiritual, é necessária, também, uma abordagem orgânica do fenômeno Morte como um todo, desde o fluido vital que é envolvido à criação orgânica que leva uma parcela desse fluido.

Destruição Orgânica

Podemos dizer que o fenômeno da morte ocorre desde o nascimento. A partir do momento em que um ser encarna está sujeito a perdas constantes, devido à usura dos órgãos; ao gesticularmos, ao olharmos, ou até, pensarmos, as células se gastam, os átomos se movimentam e não mais retomam o mesmo lugar, de modo que nunca a matéria serve duas vezes ao mesmo organismo.

Criação Orgânica

Se por um lado consumimos e gastamos células e átomos de nosso corpo, por outro lado, para manter o equilíbrio, necessário é que se repare e renove essa porção de matéria. Isso implica em dizer que constantemente também há novos átomos em cada célula do organismo, ocorrendo assim o que podemos chamar de criação orgânica.

Princípio Vital

Para manter constante no corpo essa criação orgânica, há uma força que faz com que as células se multipliquem. É dada certa quantidade dessa força a cada ser e toda célula nascitura leva consigo uma parcela desta força vital, de modo que tende a diminuir com o passar do tempo. Sem essa força o ser não seria nada mais que matéria inerte (L.E.Cap.IV) sem vida, inanimado, não havendo renovação, não havendo vida. A essa força, damos o nome de princípio vital.

Mesmo o Homem alimentando-se com nutrientes essenciais à manutenção do organismo, o corpo se gasta até não mais ter força para produzir células e renovar seus órgãos. Ao esgotamento total dos órgãos, dá-se o nome de morte. (L.E.Cap. IV-68).

O Homem ao atingir o máximo de sua maturidade, a força vital já não é suficiente para continuar com a mesma intensidade e as células já não mais se renovam tão assiduamente.

Dependendo do modo como levamos a vida, da nossa conduta e costumes, pode-se prolongar ou não o desgaste físico que nos leva ao falecimento dos órgãos; lembrando que, com exceção dos casos de suicídio, os modos de como as mortes ocorrerão é programado pelos Mentores Espirituais antes mesmo do Espírito renascer, baseando-se nas leis de ação e reação. Incluindo assim a sobrevivência, cujos Espíritos se encarregam de “doar”, por assim dizer, uma quantidade de força vital capaz de manter os órgãos em funcionamento por um pouco mais de tempo, isso de acordo com o mérito.

Informação sobre a morte

A morte e seus aspectos:

Morte Orgânica: nada mais é que uma transformação, um processo natural, necessário à matéria para sofrer transformações em seus múltiplos estados inerciais. O ser espiritual, ao ligar-se com a matéria, dando, assim, início a mais uma etapa de vida, liga-se, ponto a ponto

de seu perispírito à matéria inerte que, por sua vez, aliada ao fluido vital, é o instrumento pelo qual o Espírito sente as impressões grosseiras do orbe terrestre.

Tanto o corpo, que é uma porção de matéria, quanto o perispírito, que também o é, não sentem dor. A dor, portanto é atribuída unicamente ao Espírito; corpo e perispírito não passam de instrumentos da dor. A morte, ou seja, a transformação orgânica, por si só não é dolorosa, já que o corpo nada sente. O que sentimos, por exemplo, quando queimamos a mão, é devido a estreita ligação entre o corpo e o perispírito e este ao Espírito; cessada a ligação do corpo com o perispírito devido a uma lesão, ou cessada a ligação do perispírito ao corpo, devido sonambulismo induzido, por exemplo, a dor não é mais sentida pelo Espírito.

Quanto mais materializado o Espírito, mais estreita é sua ligação com o corpo, tornando assim mais penosa, não somente sua morte, mais também sua vida.

Morte Psíquica (espiritual): o espírito quando encarnado sente profundas dores física e moral que se tornam mais penosas quando não há nenhum sentimento de resignação. Quanto mais ligado aos gozos carnis, menos conhecimento relativo ao plano invisível, e mais dolorosa é sua vida mesmo tendo uma vida alegre e aparentemente sem sofrimento. Neste caso, quando ligado às paixões carnis, é o próprio espírito que morre, mas não no sentido literal do termo, nesse, o sentido da palavra morte é outro: o apego único e exclusivo às coisas da matéria, o desconhecimento das coisas espirituais, das virtudes, do futuro, essa sim, é a morte do espírito; o que gera um transtorno extraordinário ao Espírito. Podemos dizer ser esta a morte real. (O caso bíblico de Lázaro, o morto-vivo).

Com essas duas informações sobre morte orgânica, morte psíquica pode-se concluir que:

a) O espírito pode estar embrutecido ou psiquicamente morto, mas com o corpo em todo seu vigor físico,

b) como no caso de catalepsia, o espírito pode desfrutar de sua verdadeira vida, desprendido por alguns momentos da carne, e o corpo perder quase por completo a sua força vital, a ponto de sofrer decomposição.

O caso bíblico de Lázaro sendo ressuscitado por Jesus, alude os dois casos, claramente.

Desencarnação: é importante diferenciar morte de desencarnação. Como foi visto anteriormente, morte é um fenômeno biológico, sendo mais correto o dizer tratar-se de uma transformação. Desencarnar significa desligar o Espírito do corpo, romper todas as ligações perispirituais com matéria. Quanto mais ligado às paixões, aos vícios, mais apertadas são as amarras perispirituais vinculadas à matéria.

É muito comum usarmos morte e desencarne como sinônimos, mas há uma diferença capital. O sentido de morte já foi explicado, cabe agora, entender melhor a desencarnação. A desencarnação dá-se por completo somente quando cada átomo do perispírito se desvincular completamente de cada célula do corpo somático.

Assim como para a encarnação se completar são necessários aproximados sete (7) anos, para o desencarne, o fenômeno não é ligeiro, exige certo tempo que varia de acordo com a natureza da morte e com o grau de apego à matéria.

O processo desencarnatório deve ocorrer sempre num clima de paz, para que no instante em que cessem as pulsações orgânicas nenhum choque vibratório atinja o recém-desencarnado.

Antes de pensar em si, aquele que fica, se realmente ama, pense em quem serve e ajude-o. Desencarnação sendo o desvincular do espírito com a matéria, fácil é entender que o espírito começa a desencarnar a medida que vai conhecendo e aplicando os ensinamentos morais do Cristo: o amor, a caridade, a abnegação. Deste modo, o instante da morte não passa apenas de um singelo despertar de um sono.

Logo, não é pelo fato de o corpo ter morrido que o espírito tenha desencarnado; o espírito pode continuar ligado à matéria, apegado aos vícios, parasitando e se alimentando das exalações pútridas da carne. Ou, por outro lado, o espírito pode estar aos poucos

desencarnando, com o corpo ainda vivo, simplesmente pelo fato de estar praticando o amor, e tendo a certeza do futuro.

Vejamos Divaldo Franco na questão 62 do seu Livro “Diretrizes de Segurança”:

No atendimento a Espíritos sofredores, o doutrinador deve, antes de mais nada, fazer o comunicante conhecer a sua condição espiritual?

DIVALDO - Há que perguntar-se: quem de nós está em condições de receber uma notícia, a mais importante da vida, como o é a da morte, com a serenidade que seria de esperar?

Não podemos ter a presunção de fazer o que a Divindade tem paciência no realizar. Essa questão de esclarecer o Espírito no primeiro encontro é um ato de invigilância, e, às vezes, de leviandade, porque é muito fácil dizer a alguém que está em perturbação: você já morreu!

É muito difícil escutar-se esta frase e recebê-la serenamente.

Dizer-se a alguém que deixou a família na Terra e foi colhida numa circunstância trágica, que aquilo é a morte, necessita de habilidade e carinho, preparando primeiro o ouvinte, a fim de evitar-lhe choques, ulcerações da alma.

Considerando-se que a terapêutica moderna, principalmente no capítulo das psicoterapias, objetiva sempre libertar o homem de quaisquer traumas e não lhe criar novos, por que, na Vida Espiritual se deverá usar uma metodologia diferente?

A nossa tarefa não é a de dizer verdades, mas, a de consolar porque, dizer simplesmente que o comunicante já desencarnou, os Guias também poderiam fazê-lo. Deve-se entrar em contato com a Entidade, participar da sua dor, consolá-la, e, na oportunidade que se faça lógica e própria, esclarecer-lhe que já ocorreu o fenômeno da morte, mas, somente quando o Espírito possa receber a notícia com a necessária serenidade, a fim de que disso retire o proveito indispensável à sua paz. Do contrário, será perturbá-lo, prejudicá-lo gravemente, criando embaraços para os Mentores Espirituais.

Como se devem portar os médiuns e os demais membros de um grupo, antes e depois do trabalhos mediúnicos?

DIVALDO - Como verdadeiros cristãos. Manterem a probidade, o respeito a si mesmos e ao seu próximo; ter uma vida, quanto possível sadia, sabendo que o exercício mediúnicamente não deve ser emparedado nas dimensões de apenas uma hora de relógio, (3)

“Reconhece-se o verdadeiro espírito pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar os seus maus pendores”.

Apêndice – Textos Complementares

1. Do livro “Os Mensageiros”, de André Luiz:

Monteiro partira de "Nosso Lar", em missão de entendimento espiritual e tivera a própria mãe como orientadora. Sob seu controle, estavam alguns médiuns de efeitos físicos, de psicografia e de incorporação. Mas era tal o fascínio que o intercâmbio mediúnico exercia sobre ele, que acabou se distraindo por completo quanto à essência moral da doutrina. Era um doutrinador implacável. Chegara a estudar longos trechos das Escrituras, para utilizá-los na conversa com ex-sacerdotes católicos que compareciam às sessões mediúnicas em estado de ignorância e perturbação. Acendia luzes para os outros, preferindo, porém, os caminhos escuros para si, esquecendo a si mesmo. Pregava a paciência dentro do grupo, mas era impaciente lá fora. Concitava os espíritos à serenidade, mas repreendia sem indulgência as senhoras humildes que não continham o pranto de alguma criança enferma presente à reunião. E no comércio era inflexível com seus devedores. Passava os dias no escritório estudando a melhor forma de perseguir os clientes em atraso, e à noite ia ensinar o amor aos semelhantes, a paciência e a doçura, exaltando o sofrimento e a luta como estradas benditas de preparação para Deus. Na verdade, estava cego, esquecido de que a existência terrestre é, por si só, uma sessão permanente. Quando a angina o levou à morte, encontrava-se absolutamente distraído da realidade essencial. Voltou à vida espiritual qual demente necessitado de hospício. O raciocínio pedia socorro divino, mas o sentimento agarrava-se a objetivos inferiores. Viu-se, assim, rodeado de Espíritos malévolos que lhe repetiam longas frases de suas sessões mediúnicas. Eles, irônicos, lhe recomendavam serenidade, paciência e perdão e perguntavam por que ele não se desgarrava do mundo, estando já desencarnado.

A revolta tomou conta de sua alma e, mais tarde, quando já estava recolhido em “Nosso Lar”, exigiu explicações para o seu estado, visto que não se considerava fracassado. Veneranda, um dia, foi visitá-lo em momento que reservara a descanso. Monteiro crivou seus ouvidos de lamentações e ela o ouviu, pacientemente, por duas horas. Quando o ex-doutrinador se calou, Veneranda sorriu e disse: “Monteiro, meu amigo, a causa da sua derrota não é complexa, nem difícil de explicar. Entregou-se você excessivamente ao Espiritismo prático, junto dos homens, nossos irmãos, mas nunca se interessou pela verdadeira prática do Espiritismo junto de Jesus, nosso Mestre”. Aquelas palavras, como um vulcão, mudaram por completo a atitude mental do ex-doutrinador fracassado. (Cap. 12, pp. 67 a 71.)

2. Do livro “Voltei”, de Irmão Jacob:

Em meados do século passado, Frederico Figner, conhecido espírita, ex-dirigente da Federação Espírita Brasileira e fiel estudioso do Evangelho de Jesus, com muita humildade descreveu seu encontro com as inevitáveis leis do Criador, no livro “Voltei”, que ele assinou com o pseudônimo Irmão Jacob, psicografia de Francisco Cândido Xavier. Depois da transição delicada do momento da morte do corpo e de seu desprendimento como Espírito eterno, descreve ele o socorro recebido de mãos amoráveis, entre as quais a de sua jovem filha Marta, que partira muitos anos antes. Após os primeiros passos de adaptação no além-túmulo, inesperada situação se apresentou para a sua reflexão pessoal. Caminhando com amigos naquele ambiente rico em harmonia, de súbito percebeu que, embora a atenção prestimosa dos que o acompanhavam, algo em si estava diferente. Eis suas próprias palavras: “Reparei o halo de luz que a envolvia (a Marta, sua filha) e os traços brilhantes que cercavam Andrade, fixando-me, em seguida, num demorado auto-exame. Meu corpo espiritual jazia tão obscuro, quanto o veículo denso de carne. Por pouco, não me despenhei no desânimo lamentável. Não trazia ainda comigo suficiente bagagem de luz para buscar, confiante, a aproximação dos Espíritos Superiores”.

Convidado por amigos, veio à crosta visitar a Instituição espírita onde por muitos anos se dedicou à orientação dos Espíritos menos felizes ou mesmo agressivos. Ao adentrar o recinto, novo impacto o alcançaria. Diz ele: “Reparei, então, com mágoa, a diferença que existia entre mim e os abençoados companheiros que me haviam trazido. Ao passo que nenhum deles era visível aos irmãos ignorantes e perturbados, não obstante as irradiações brilhantes que lhes marcavam a individualidade, notavam-me a presença, entre os ajudantes intermediários, pertencentes aos cursos preparatórios de espiritualidade superior”. Profunda tristeza tomou-lhe o coração. Conduzira muitos desencarnados à fonte sublime das claridades evangélicas, mas esquecera as próprias necessidades. Como ele mesmo diz, doutrinara muita gente ou pretendia haver doutrinado, contudo agora reconhecia a opacidade de sua alma. Ninguém, nenhum amigo o acusava; ninguém lhe proclamava as deficiências; o conflito era pessoal, de consciência. Ninguém o humilhava. Foi nesse momento que um amigo o aconselhou a reiniciar seus aprendizados de iluminação. Propôs-lhe o ingresso em uma escola existente naquele plano onde se achava recolhido, e o advertiu: “Jacob, procure ser menino outra vez. Não guarde idéias preconcebidas. Esqueça o homem de negócios que foi, olvide a sua posição de comandante com subordinados. De mente lavada e fresca, você aprenderá melhor o sentido real da vida. Saber recomeçar aqui é uma ciência agradável e ao mesmo tempo complexa”. E foi assim que o amigo que na Terra se desincumbira com louvor de suas tarefas de propagação da Doutrina consoladora dos Espíritos, voltava ao mundo espiritual para agora iniciar o aprendizado de sua vivência.

3. Do livro “Temas da vida e da morte”, de Manoel P. de Miranda:

Quando do advento do Espiritismo, graças à Codificação Kardequiana, a mediunidade recebeu orientação condigna, tornando-se instrumento de significativa e nobre utilidade para o intercâmbio entre os homens e os Espíritos, comprovando a imortalidade da alma e abrindo espaços para o entendimento de inumeráveis acontecimentos que permaneciam envoltos pelo sobrenatural e pelo miraculoso. Todos os fenômenos de qualquer natureza estão no contexto das leis naturais, mesmo quando ignoradas as suas gêneses. O Espiritismo vem demonstrar pela mediunidade a existência do mundo parafísico, tão real ou mais do que o transitório mundo material, sendo este, em última análise, efeito daquele, que é o causal, o verdadeiro, portanto. Verificado que a sociedade além do túmulo é constituída por seres inteligentes que vivem as experiências evolutivas, reencarnando e desencarnando, até a perfeição relativa que a todos nos está destinada, o Espiritismo propicia, pelo intercâmbio mediúnico, a psicoterapia desalienante em favor dos enfermos espirituais que se demoram nos círculos mais grosseiros da Erraticidade, recebendo os Espíritos ajuda e orientação dos homens. Evidentemente, antes dessa enfermagem espiritual direta, terapêuticas várias já eram utilizadas nas áreas de socorro da Espiritualidade, conforme ainda hoje acontece. (Enfermagem espiritual libertadora, pp. 116 e 117.)

Vários benefícios defluem desse intercâmbio, no consolo e auxílio mediúnico aos desencarnados: a) proporciona aos membros do grupo socorrista lições proveitosas para eles mesmos; b) possibilita melhor compreensão da “lei de causa e efeito”, no fluxo-refluxo dos acontecimentos; c) faculta o exercício da fraternidade, aprendendo os encarnados a conviver com as dores de quem nem sempre é visto, a fim de mais facilmente auxiliar-se na diminuição dos sofrimentos de todos aqueles que os cercam e são vistos; d) porque o perispírito possui os mesmos órgãos que o corpo físico, quando ocorre o fenômeno da psicofonia, duas ocorrências se dão: 1a. - durante o acoplamento perispiritual os desencarnados ajustam a sua organização à do médium e voltam ao contacto com aqueles que lhes não registravam a presença, não os ouviam, não os viam, podendo dar expansão aos sentimentos que os atormentavam, aliviando-se, e, com o atendimento esclarecedor que recebem, modifica-se-lhes o estado íntimo; 2a. - no intercâmbio natural, ocorre um choque fluídico, pelo qual as forças anímicas do percipiente rompem-lhes a crosta ideoplástica que os envolve e lhes absorvem os vibrações mentais, qual esponja que se encharca, diminuindo-lhes, expressivamente, a psicofera negativa que respiram, permitindo-lhes o diálogo no qual se dão conta da morte, remorrendo, para

despertamento posterior em condições lúcidas que propiciam aos Mentores conduzi-los a postos, hospitais de socorros ou escolas de aprendizagem, nos quais se capacitam para futuros cometimentos; e) tornam-se factíveis cirurgias perispirituais enquanto ocorre a psicofonia, ou os processos socorristas mais específicos que visam beneficiar os agrilhoados às reminiscências carnis, por eles vitalizadas com a mente viciada e com as quais constróem os infortúnios que os ferem; f) homens e Espíritos se exercitam na caridade anônima, já que não se dão conta daquele a quem ajudam ou de quem lhes chega o auxílio; g) porque - situados em faixas muito baixas do psiquismo - muitos Espíritos não conseguem sintonizar com os Benfeitores da Espiritualidade, só o diálogo com os encarnados os despertará para uma visão diferente da vida. (Enfermagem espiritual libertadora, pp. 117 e 118.)

Há quem objete contra essa psicoterapia ou enfermagem espiritual aos desencarnados. Pessoas respeitáveis sugerem outros métodos de doutrinação em massa ou de técnicas mais sofisticadas, informando que os médiuns de psicofonia, pelos quais se apresentam os enfermos, sofrem muito. Pretendem poupá-los ao constrangimento e à ação fluídica desses comunicantes em desequilíbrio. A mediunidade é, no entanto, instrumento de serviço que, à luz da Doutrina Espírita, se transforma em mecanismo de promoção e dignificação moral-espiritual do próprio mediano. Quanto mais serve o médium educado nas lides espíritas, mais se aprimora e se felicita com amplas percepções. O intercâmbio com os Espíritos infelizes e perversos, nos serviços especializados, de forma alguma gera prejuízo para o indivíduo portador de mediunidade ou para as suas faculdades. Ao contrário, fá-lo granjear méritos e amigos que o aguardarão, reconhecidos, posteriormente, quando lhe ocorrer também a desencarnação. (Enfermagem espiritual libertadora, pp. 118 e 119.)

4. Do livro “Loucura e obsessão”, de Manoel P. de Miranda:

O tratamento das alienações mentais, incluindo-se a obsessão, é muito desgastante e exige moralidade, paciência, fé e títulos de enobrecimento por parte daqueles que se lhe dedicam ao mister. O terapeuta comum, quando portador desses requisitos, exterioriza a força curadora que passa a envolver o paciente, dando-lhe ou aumentando-lhe as resistências. Ao mesmo tempo, uma conduta exemplar confere méritos àquele que a possui, atraindo a consideração e complacência dos Bons Espíritos que passam a auxiliá-lo, dele se utilizando na ação do Bem. No que tange ao labor terapêutico para as obsessões, tais requisitos são fundamentais, porquanto não os identificando naqueles que os aconselham, e lhes apontam o bom caminho, os Espíritos doentes rechaçam-lhes as palavras, ante a evidência de que elas são expressas sem conteúdo de verdade, pois que não são vividas. O doutrinador espírita deve, pois, verbalizar e viver o ensino, constituindo o exemplo que demonstra a qualidade do que apresenta, pelas realizações íntimas e externas que produz. Como efeito, o paciente sintoniza com os bons conselhos do seu doutrinador, nele encontrando apoio emocional, como determinados enfermos o encontram no seu médico, para vencer ou contornar as dificuldades do tratamento. (Loucura e Obsessão, cap. 17, pp. 213 e 214.)

Dissertando ainda sobre os trabalhos de desobsessão, Miranda lembrou que o grupo mediúnico dedicado a esse mister possui graves responsabilidades, que não devem ser desconsideradas. Membro atuante da equipe, cada companheiro exerce um tipo de tarefa que se reflete no êxito do conjunto, conforme a conduta que mantenha.

Não terminando o tratamento dos obsessores e dos obsessos quando são encerrados os processos da sessão mediúnica, na Casa Espírita, ei-lo que prossegue além das vibrações materiais com maior intensidade. Há quem estranhe tal providência, esquecendo que, antes da divulgação do Espiritismo, os socorros desobsessivos eram processados dentro desses padrões, o que, aliás, ainda é feito nos lugares onde a Doutrina Espírita não chegou ou a mediunidade esclarecida não é utilizada como deveria.

Conjugando-se os esforços, em ambos os lados da vida, mais eficientes e rápidos são os resultados, ensejando às criaturas encarnadas o conhecimento da realidade, de ultratumba e a

aquisição de valores pela ação da caridade desenvolvida. (Loucura e Obsessão, cap. 17, pp. 215 a 217.)

5. Do livro “Libertação”, de André Luiz:

De volta ao quarto de Margarida, onde os dois hipnotizadores os aguardavam em função ativa, Gúbio pousou significativo olhar em Saldanha e pediu-lhe em tom discreto: “Meu amigo, chegou a minha vez de rogar. Releva-me a identificação, talvez tardia aos teus olhos, com relação aos objetivos que nos prendem aqui”. E, com imensa comoção na voz, esclareceu: “Saldanha, esta senhora doente é filha de meu coração desde outras eras. Sinto por ela o enternecimento com que cuidaste, até agora, do teu Jorge, defendendo-o com as forças de que dispões. Eu sei que a luta te impôs acerbos espinhos ao coração, mas também guardo sentimentos de pai. Não te merecerei, porventura, simpatia e ajuda?” Verificou-se então uma cena que, minutos antes, pareceria inacreditável. Saldanha contemplou Gúbio com o olhar de um filho arrependido. Grossas lágrimas brotaram-lhe dos olhos antes frios e impassíveis. O diretor da falange parecia inabilitado a responder, diante da emotividade que o dominava. Gúbio, então, enlaçando-o fraternalmente, falou-lhe: “Passamos horas sublimes de trabalho, entendimento e perdão. Não desejarás desculpar os que te feriram, libertando, enfim, quem me é tão querida ao espírito? Chega sempre um instante no mundo em que nos entediamos dos próprios erros. Nossa alma se banha na fonte lustral do pranto renovador e esquecemos todo o mal a fim de valorizar todo o bem. Noutro tempo, persegui e humilhei, por minha vez. Não acreditava em boas obras que não nascessem de minhas mãos. Supunha-me dominador e invencível, quando não passava de infeliz e insensato. Considerava inimigos quantos me não compreendessem os caprichos perigosos e me não louvassem a insânia. Experimentava diabólico prazer, quando o adversário esmolasse piedade ao meu orgulho, e gostava de praticar a generosidade humilhante daquele que determina sem concorrentes”. O Instrutor informou, enfim, que a vida havia retalhado seu coração com o estilete dos minutos, transformando-o devagar, até que o déspota morresse dentro dele. “O título de irmão é, hoje, o único de que efetivamente me orgulho”, concluiu, antes de apelar outra vez para o concurso de Saldanha. (Cap. XIV, pp. 178 e 179)

André Luiz e Elói tinham lágrimas ardentes diante daquela doutrinação emocionante e inesperada. Saldanha, por sua vez, enxugou os olhos e, fixando-os no interlocutor bondoso, disse-lhe, humilde: “Ninguém me falou ainda como tu... Tuas palavras são consagradas por uma força divina que eu não conheço, porque chegam aos meus ouvidos, quando já me encontro confundido pelos teus atos convincentes. Faze de mim o que desejares. Adotaste, nesta noite, por filhos de teu coração todos os parentes em cuja memória ainda vivo. Amparaste-me o filho demente, ajudaste-me a esposa alucinada, protegiste-me a nora infeliz, socorreste-me a neta indefesa e repreendeste os que me perturbavam sem motivo justo... Como não enlaçar, agora, as minhas mãos com as tuas na salvação da pobre mulher que amas por filha? Ainda que ela própria me houvesse apunhalado mil vezes, teu pedido, após o bem que me fizeste, redimi-la-ia ao meu olhar...” E, detendo a custo o pranto que lhe manava espontâneo, Saldanha colocou-se inteiramente à disposição de Gúbio, para servi-lo. Passou-se então à articulação do plano de ação. Daí a pouco Saldanha retornou ao aposento e dirigiu a palavra a um dos hipnotizadores em serviço: “Leôncio, nosso projeto mudou e conto com a tua colaboração”. “Que houve?”, indagou com curiosidade o interpelado. “Um grande acontecimento... Temos aqui um mago da luz divina”, disse-lhe Saldanha, que, em traços rápidos, narrou-lhe os acontecimentos daquela noite. Leôncio aquiesceu, de pronto, ao pedido do diretor da falange, advertindo, porém, quanto a Gaspar (o outro hipnotizador), que não se achava, segundo sua avaliação, em condições de aderir ao novo projeto. Saldanha pediu-lhe ficasse tranqüilo, porque tudo seria acertado. (Cap. XIV, pp. 179 a 181)

6. Do livro “Missionários da Luz”, de André Luiz:

Ex-sacerdote católico, Marinho continuava prisioneiro das trevas, apesar dos esforços de sua mãe desencarnada, que apelou a Alexandre no sentido de levar o filho a uma nova experiência de doutrinação. Havia dez anos que a mãe procurava dissuadi-lo do mau caminho, influenciando-o de maneira indireta, sempre sem resultado. Agora, porém, Marinho parecia algo modificado, com novas disposições, entediado diante dos companheiros de crimes. Seria mais fácil, assim, ajudá-lo a trilhar o caminho da verdadeira elevação. “Por que a doutrinação em ambiente dos encarnados? Tal medida é uma imposição do trabalho desse teor?”- perguntou André Luiz. Alexandre explicou que esse recurso não é imprescindível, porquanto existem na esfera espiritual inúmeros agrupamentos dedicados exclusivamente a esse gênero de auxílio. Em determinados casos, porém, a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente, em benefício dos desencarnados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na Crosta. Assim, quando é possível e útil, os Espíritos se valem do concurso de médiuns e doutrinadores encarnados, não só para facilitar a solução desejada, mas também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne, despertando-lhes o coração para a espiritualidade. Ajudando as entidades em desequilíbrio, ajudam a si mesmos; doutrinando, acabam igualmente doutrinados. (Cap. 17, pp. 278 a 280)

Em breves minutos estavam todos no recinto da reunião. Muitos servidores desencarnados mantinham-se de mãos dadas, formando extensa corrente protetora da mesa consagrada aos serviços da noite. Sem isso, não seria possível conter as entidades perversas e recalcitrantes. Marinho foi localizado dentro do círculo magnético; ele quis recuar, mas não pôde. A fronteira vibratória impedia-lhe a fuga. Ele achou-se logrado. Necésio o acalmou, dizendo que ele teria grande alívio e explicou-lhe que fora sua mãe quem o enviara à sua procura. Marinho escondeu o rosto nas mãos e chorou angustiosamente. Enquanto isso, a médium Otávia recebia os mais vastos recursos magnéticos para a execução de sua tarefa. Provisoriamente desligada do veículo físico, a médium parecia algo confusa, em vista de encontrar-se envolvida em fluidos desequilibrados, não mostrando a mesma lucidez que André lhe observara noutra ocasião; no entanto, a assistência que recebia dos Espíritos era muito maior. Alexandre passou a inspirar diretamente o dirigente da reunião. Enquanto isso, várias entidades recolhiam as forças mentais - vigorosos recursos plásticos - emitidas pelos irmãos presentes, inclusive as que fluíam abundantemente da médium, material esse que os benfeitores espirituais usavam para tornar-se visíveis aos irmãos perturbados e aflitos, ou para materializar provisoriamente certas imagens ou quadros, indispensáveis ao reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes. A palestra entre o dirigente e o ex-sacerdote prosseguia. Marinho estava inicialmente muito desesperado e pronunciava palavras fortes que denunciavam sua rebeldia. O dirigente falava-lhe com serenidade cristã. A certa altura, Alexandre pediu a um cooperador que auxiliasse a mãe de Marinho a tornar-se visível. Alexandre aplicou passes magnéticos na região visual do ex-padre, enquanto a genitora resignava-se ao envolvimento em vibrações mais grosseiras, por alguns minutos, para que pudesse ser vista pelo filho. O dirigente, intuído por Alexandre, pediu então ao comunicante que olhasse em volta de si, e ele viu sua mãe, lançando um grito terrível... A mãe lhe falou com extremo carinho, abraçando-o, emocionada, e beijando-o, em lágrimas de reconhecimento e amor. Um copioso pranto os identificava agora. (Cap. 17, págs. 289 a 293)

As palavras da mãe de Marinho foram tocantes: “Por que não render-se ao amor de nosso Pai, meu filho? Chega de vãs discussões e de contendas intelectuais! A porta de nossas ilusões terrenas cerrou-se com nossos olhos físicos... Não transfira para cá nossos velhos enganos! Atenda-me, não se revolte mais! Humilhe-se diante da verdade! Não me faça sofrer por mais tempo!..”. Depois, num ato de humildade, pediu-lhe perdão por havê-lo induzido a seguir a carreira sacerdotal. No final do breve diálogo, ele perguntou, confiante, se poderia acompanhá-la, e ela respondeu-lhe que, por enquanto, não. Era preciso equilibrar-se primeiro, mudar a condição vibratória, através da renovação íntima para o bem, e prometeu dar-lhe todos os recursos necessários a uma vida nova. Indicou-lhe então o amigo Necésio, que o trouxera à reunião. E Marinho era outra pessoa quando, após despedir-se da mãe, voltou a

conversar com o dirigente da sessão. A presença materna produzira salutareos efeitos naquele coração exasperado e desiludido. O ex-pai não poderia ser arrebatado das sombras para a luz somente em virtude do amor da mãe, mas recebeu o auxílio fraterno dos Espíritos e poderia agora utilizar esses elementos novos para colocar-se no caminho da vida mais alta. Era-lhe preciso agora semear, para depois colher os resultados do próprio esforço. (Cap. 17, pp. 293 a 294)

Foram quatro as entidades que receberam benefícios diretos de igual natureza, através de Otávia e outro médium, naquela reunião. Em todos os casos, o magnetismo foi largamente empregado pelos instrutores espirituais, salientando-se o de um pobre negociante que ignorava a própria morte: como ele insistia em negar a morte do corpo, um dos orientadores fê-lo ver, a distância, os despojos em decomposição. O infeliz, examinando o quadro, gritava lamentosamente, rendendo-se, por fim, à evidência dos fatos. Em todos os serviços, o material plástico recolhido das emanções dos encarnados satisfazia plenamente. Servia para que os Espíritos se fizessem visíveis aos comunicantes e, ainda, na produção momentânea de quadros transitórios e idéias-formas. Um dos necessitados, que tomara o médium sob forte excitação, quis agredir os componentes do grupo. Então os técnicos espirituais compuseram uma forma sem vida própria, que trouxeram imediatamente, encostando-a no provável agressor. Era um esqueleto de terrível aspecto, que ele pôde ver de alto a baixo, passando a tremer, humilhado, e esquecendo a idéia de agressão. André, finda a reunião, reconhecia que os Espíritos podem trazer o mais belo e eficiente socorro aos elementos envolvidos nas sombras, mas que, de conformidade com a Eterna Lei, os necessitados só poderiam receber os divinos benefícios se estivessem dispostos a aderir, por si mesmos, aos trabalhos do bem. (Cap. 17, págs. 295 e 296)

Alexandre esclareceu que o trabalho de iluminação espiritual, depois da morte, exige dos benfeitores espirituais muita atenção e carinho. É preciso saber semear na “terra abandonada” dos corações desiludidos, que se afastam da Crosta sob tempestades de ódio e angústia desconhecida. Não podemos criar sem amor, e somente quando nos preparamos devidamente edificaremos com êxito para a vida eterna. Uma das obsidiadas presentes tinha ao seu lado diversos perseguidores invisíveis, a impor-lhe terríveis perturbações, sobressaindo, dentre estes, um obsessivo infeliz, de maneiras cruéis, que se colara ao corpo da enferma encarnada, em toda a sua extensão, dominando-lhe todos os centros de energia orgânica. Era um caso de possessão completa. Tocado pela destra carinhosa do intérprete espiritual, o infeliz gritou que ninguém poderia deter o seu braço vingador. O benfeitor respondeu que não desejava forçá-lo, mas apenas dizer-lhe que, enquanto alimentasse propósitos de vingança, seria castigado por si mesmo. Ninguém o molestava, senão a própria consciência: as algemas que o prendiam à inquietude e à dor foram fabricadas por suas próprias mãos. O algoz revelou, então, que sua vítima atual fora uma proprietária de escravos, perversa para com todos, de modo que, além de seu esforço vingador, outros vibravam de ódio e não a deixariam descansar. Lembrou, ainda, que por simples capricho ela vendera sua esposa e seus filhos. Não era justo agora que sofresse? Será crível que Jesus, o Salvador, aplaudisse o cativo? O benfeitor redarguiu dizendo que Jesus não aprovaria a escravidão, mas ele recomendou-nos o perdão recíproco, sem o qual nunca nos desvencilharemos do cipoal de nossas faltas. E lhe perguntou: - “Qual de nós, antigos hóspedes da carne, conseguirá exibir um passado sem crimes?” Ademais, com a memória ainda desequilibrada e sem condições de conhecer as peripécias do passado, deveria esperar pela Justiça de Deus, porque ninguém pode julgar e executar alguém, com as próprias mãos, se ainda não pode avaliar a extensão dos próprios débitos. (Cap. 18, pp. 304 a 307)

O diálogo continuou por mais algum tempo, até que o obsessivo calou-se. O missionário pensou em dilatar as lembranças da entidade perturbadora, mas Alexandre, consultado a respeito, considerou inoportuna a medida, porquanto aquele Espírito não estava em condições de compreender e era, ainda, necessário que sofresse. A pobre mulher, além de cercada de entidades agressivas, tinha o corpo transformado em habitação do perseguidor mais cruel, que lhe ocupava o organismo desde o crânio até os pés, impondo-lhe tremendas reações em todos os centros de energia celular. Fios tenuíssimos, mas vigorosos, uniam-nos ambos. Curiosamente, enquanto o obsessivo parecia bem lúcido, ela revelava angústia e inconsciência,

gritando sem cessar: “Salvem-me do demônio! salvem-me do demônio! oh! meu Deus, quando terminará meu suplício?” O instrutor espiritual explicou então que a jovem senhora apresentava doloroso caso de possessão. Desde a infância, era perseguida pelos tenazes adversários de outro tempo. Na vida de solteira, porém, no ambiente de proteção dos pais, ela conseguira, de algum modo, subtrair-se à integral influência de inimigos persistentes, embora lhes sentisse a atuação de maneira menos perceptível. Com o casamento, ao receber maior quinhão de sacrifícios, não pôde mais resistir. Logo após o nascimento do primeiro filho, caiu em prostração mais intensa, oferecendo oportunidade aos desalmados perseguidores, e desde então experimentava penosas provas. (Cap. 18, pp. 307 a 309)

Os trabalhos da reunião seguiam seu curso. emissões magnéticas dos que ali se reuniam eram aproveitadas pelos Espíritos para assistir não só os obsidiados, mas também os infelizes algozes. Somente uma pessoa, porém, dentre os obsidiados, conseguia aproveitar cem por cento o auxílio espiritual recebido. Era uma jovem que, envolvida na corrente das vibrações fraternas, recuperara a normalidade orgânica, embora em caráter temporário. A moça percebera a tempo que a medicação, qualquer que seja, não é tudo no problema da necessária restauração do equilíbrio físico e, por isso, desenvolvia toda a sua capacidade de resistência, colaborando com a equipe espiritual no interesse próprio. Ela emitia vigoroso fluxo de energias mentais, expelindo todas as idéias malsãs que os desventurados obsessores lhe haviam depositado na mente, absorvendo em seguida os pensamentos regeneradores e construtivos que a influência espiritual lhe oferecia. Alexandre aproveitou o exemplo para elucidar que somente o doente convertido voluntariamente em médico de si mesmo atinge a cura positiva. Se a vítima capitula sem condições, ante o adversário, entrega-se-lhe totalmente e torna-se possessa, após transformar-se em autômato à mercê do perseguidor. Se possui vontade frágil e indecisa, habitua-se com a persistente atuação dos verdugos e vicia-se no círculo de irregularidades de difícil corrigenda. Nestes casos, as atividades de assistência se circunscrevem a meros trabalhos de socorro, objetivando resultados longínquos. Quando o enfermo está interessado na própria cura, então podemos prever triunfos imediatos. (Cap. 18, pp. 309 e 310)

O doutrinador encarnado era o centro dum quadro singular. Seu tórax convertera-se num foco irradiante, e cada palavra que lhe saía dos lábios assemelhava-se a um jato de luz alcançando diretamente o alvo, fosse ele os ouvidos perturbados dos enfermos ou o coração dos obsessores cruéis. Suas palavras eram, com efeito, de uma simplicidade encantadora, mas a substância sentimental de cada uma assombrava pela sublimidade, elevação e beleza. Alexandre explicou que ali era uma escola espiritual, onde, para ensinar com êxito, não basta conhecer as matérias e ministrá-las. É preciso, antes de tudo, senti-las e viver-lhes a substancialidade no coração. O homem que apregoa o bem deve praticá-lo, se não deseja que as suas palavras sejam carregadas pelo vento, como simples eco dum tambor vazio. O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe as grandezas em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã. Compreende-se então que o contágio pelo exemplo não constitui fenômeno puramente ideológico, mas é, sim, um fato científico nas suas manifestações magnético-mentais. Com o decorrer do trabalho, os obsidiados - exceção feita à irmã que se encontrava possessa - ficavam livres da influência direta dos obsessores, porém todos, menos a jovem que reagia valorosamente ao tratamento, apresentavam singular inquietude, ansiosos de se reunirem de novo ao campo de atração dos algozes. Benfeitores espirituais haviam arrebatado os verdugos, expulsando-os temporariamente daqueles corpos enfermos e atormentados, mas os enfermos encarnados primavam pela ausência íntima, permanecendo a longa distância espiritual dos ensinamentos que o doutrinador terrestre ministrava, ao influxo dos mentores da reunião. (Cap. 18, pp. 310 a 312)

No trato da obsessão, os encarnados observam somente uma face da questão: o afastamento do obsessor. Mas, como rebentar, de um instante para outro, algemas seculares, forjadas nos compromissos recíprocos da vida em comum? como separar seres que se agarram um ao outro, ansiosamente? Efetivamente, não faltam, embora raros, os casos de libertação quase instantânea. É que, nesses casos, pode ter chegado ao fim o laborioso

processo redentor. De qualquer modo, o trabalho de assistência será sempre frutífero, e não podemos fugir ao nosso dever de assistência fraterna ao ignorante e sofredor, compreendendo, porém, que a construção do amor é também obra do tempo: nenhuma palavra, nenhum gesto ou pensamento, nos serviços do bem, permanece perdido. A tarefa é de sementeira, de cuidado, persistência e vigilância. Não se quebram grilhões de muitos séculos num instante, nem se edifica uma cidade num dia. É indispensável desgastar as algemas do mal, com perseverança, e praticar o bem, com ânimo evangélico. Ouvindo isto, André indagou se o desequilíbrio da mente poderia acarretar a enfermidade do físico. Alexandre disse que sim. As intoxicações da alma determinam as moléstias do corpo; o desequilíbrio da mente pode determinar a perturbação geral das células orgânicas. (Cap. 18, pp. 312 a 315)

Tão logo se quebrou a corrente de vibrações benéficas, com o término da reunião, três dos cinco obsidiados voltaram a atrair intensamente os verdugos invisíveis, a cuja influência se haviam habituado, demonstrando escasso aproveitamento. Alexandre asseverou, contudo, que em todas as atividades de socorro espiritual há sempre imenso proveito, ainda mesmo quando a sua extensão não seja perceptível ao olhar comum. Quando o doente se dispõe a cooperar com os benfeitores espirituais, em benefício próprio, colaborando decididamente na restauração de suas atividades mentais, regenerando-se à luz da vida renovada no Cristo, pode esperar o restabelecimento da saúde relativa do corpo terrestre. Quando o indivíduo, porém, roga a assistência de Jesus com os lábios, sem abrir o coração à influência divina, não deve aguardar milagres da colaboração espiritual. Os benfeitores espirituais podem ajudar, socorrer, contribuir, esclarecer, mas não é possível improvisar recursos, cuja organização é trabalho exclusivo dos interessados. O problema da responsabilidade não se circunscreve a palavras; é questão vital no caminho da vida. Raros homens, entretanto, se dispõem a respeitar os desígnios da Religião, olvidando voluntariamente que as menores quedas e mínimas viciações ficam impressas na alma, exigindo retificação. No trabalho em favor deles, não podemos exonerá-los das obrigações contraídas. O bom trabalhador é o que ajuda, sem fugir ao equilíbrio necessário, construindo todo o trabalho benéfico que esteja ao seu alcance, consciente de que o seu esforço traduz a Vontade Divina. (Cap. 18, pp. 315 e 316)

7. Do livro “Nos Domínios da Mediunidade”, de André Luiz:

Sob a influência de irmão Clementino, Raul Silva levantou-se e dirigiu-se ao Espírito, com bondade: “Meu amigo, tenhamos calma e roguemos o amparo divino!” Iniciou-se então um diálogo em que o doutrinador o chamou de irmão, acentuando que todos somos filhos de Nosso Pai Celestial que é sempre pródigo de amor. A entidade conturbada ironizou as palavras iniciais do dirigente: “Deve ser algum sacerdote fanatizado para conversar nestes termos!...” Mas Raul sensibilizava a todos com sua paciência, pois recebia Libório (o nome do comunicante) com sincera compaixão e inequívoco interesse paternal, acolhendo-o sem estranheza ou irritação, como se o fizesse a um familiar que regressasse demente ao santuário doméstico. “Não sou um ministro religioso - disse Raul, imperturbável -, mas desejo me aceitar como seu amigo.” A entidade, em resposta, disse não ter amigos, apenas Sara; depois, perguntou que faziam ali os cavalheiros silenciosos e as mulheres mudas (referindo-se à equipe mediúnica). Raul Silva informou-lhe que todos oravam por ele, acrescentando que se encontravam numa instituição de serviço fraterno, onde o dever é, antes de tudo, prestar socorro às feridas que sangram. (Cap. 7, págs. 61 a 63)

Ante o argumento do doutrinador, o renitente sofredor pareceu apaziguar-se ainda mais. Jactos de energia mental, partidos de Raul, alcançavam-no então em cheio no tórax, como a lhe buscar o coração. Libório tentou falar, mas, à maneira de um viajante que já não pode resistir à aridez do deserto, comoveu-se diante da ternura daquele inesperado acolhimento, a surgir-lhe por abençoada fonte de água fresca. Notou, então, surpreendido, que a palavra lhe falecia embargada na garganta. Sob o sábio comando de Clementino, Raul falou com afetividade ardente: “Libório, meu irmão!” Essas três palavras foram ditas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o Espírito não pôde sopitar o pranto. Raul aproximou-se

dele, impondo-lhe as mãos, das quais jorrava luminoso fluxo magnético, e convidou: “Vamos orar!” Findo um minuto de silêncio, necessário a uma perfeita concentração mental, a voz do diretor da casa, sob a inspiração de Clementino, suplicou o socorro do Divino Mestre. Na oração comovente, Raul, entre outras palavras, disse: “Mestre, dá-nos a alegria de recebê-lo de braços abertos. Sela-nos os lábios para que lhe não perguntemos de onde vem e descerramos a alma para a ventura de tê-lo conosco em paz. Inspira-nos a palavra a fim de que a imprudência não se imiscua em nossa língua, aprofundando as chagas interiores do irmão, e ajuda-nos a sustentar o respeito que lhe devemos... Senhor, estamos certos de que o acaso não te preside às determinações!” Libório chorava. Via-se, porém, com clareza, que não eram as palavras a força que o convencia, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas. Raul Silva, sob a destra radiosa de Clementino, afigurava-se-nos aureolado de intensa luz. “O Deus, que se passa comigo?!” conseguiu gritar Libório, em lágrimas. (Cap. 7, págs. 63 e 64)

O irmão Clementino fez breve sinal a um de seus auxiliares, que ocorreu, rapidamente, trazendo interessante peça que parecia uma tela de gaze tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro um metro quadrado, aproximadamente. O mentor da reunião manobrou pequena chave num dos ângulos do aparelho e o tecido suave se cobriu de leve massa fluídica, branquicenta e vibrátil. Em seguida, postou-se novamente ao lado de Raul Silva, que, controlado por ele, disse ao comunicante: “Lembre-se, meu amigo, lembre-se! Faça um apelo à memória! Veja à frente os quadros que se desenrolarão aos nossos olhos!...” De imediato, Libório fixou a tela, que passou a exibir variadas cenas de que ele mesmo era o principal protagonista. Recebendo-as mentalmente, Raul Silva passou a descrevê-las. A cena mostrava a mãe de Libório (o comunicante), já velhinha e enferma, a pedir ao filho que ficasse com ela, porque tinha medo e sentia-se morrer. Era sábado de carnaval. Libório diz-lhe que sairá por alguns minutos apenas, o tempo bastante para trazer-lhe a medicação... Em seguida, apropria-se do único dinheiro de que a enferma dispõe e parte para o clube. Amigos espirituais da casa pedem-lhe que fique, mas em vão... Imantando-se aos indesejáveis companheiros desencarnados com os quais se afinava, por três dias e quatro noites, Libório entrega-se à loucura, esquecendo todas as obrigações. Quando volta ao lar, na quarta-feira, a velhinha, socorrida por braços anônimos, não o reconhece mais... E aguarda resignadamente a morte, enquanto o rapaz dirige-se ao banheiro, para refazer-se. Abre o gás e senta-se por alguns minutos, experimentando a cabeça entontecida... O corpo exige descanso, depois da louca folia; a fadiga surge, insopitável... Libório dorme semi-embriagado e perde a existência, porque as emanções tóxicas lhe cadaverizam o corpo... Naquela manhã clara de sol, um rabeção leva-o ao necrotério, como simples suicida... (Cap. 7, págs. 64 a 66)

Ante uma irmã enferma, necessitada do maior carinho para se recuperar, Áulus explicou: “Para sanar-lhe a inquietação (...) não nos bastam diagnósticos complicados ou meras definições técnicas no campo verbalista, se não houver o calor da assistência amiga”. Tratava-se de um caso de animismo. A pobre irmã deveria, porém, ser atendida com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam, pois era também um Espírito imortal, solicitando-nos concurso e entendimento para que se lhe restabelecesse a harmonia. “Um doutrinador sem tato fraterno - asseverou Áulus - apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial. Primeiro, é preciso remover o mal, para depois fortificar a vítima na sua própria defesa.” Aquela irmã podia ser considerada médium? “Como não? Um vaso defeituoso - elucidou o instrutor - pode ser consertado e restituído ao serviço. Naturalmente, agora a paciência e a caridade necessitam agir para salvá-la. Nossa irmã deve ser ouvida na posição em que se revela, como sendo em tudo a desventurada mulher de outro tempo, e recebida por nós nessa base, para que use o remédio moral que lhe estendemos, desligando-se enfim do passado...” “A personalidade antiga não foi tão eclipsada pela matéria densa como seria de desejar.” Em seguida, disse que aquele caso era mais comum do que se pensa: “Quantos mendigos arrastam na Terra o esburacado manto da fidalguia efêmera que envergaram outrora! quantos escravos da necessidade e da dor trazem consigo a vaidade e o orgulho dos poderosos senhores que já foram em outras épocas! quantas almas conduzidas à ligação consanguínea caminham do berço ao túmulo, transportando quistos invisíveis de aversão e

ódio aos próprios parentes, que lhes foram duros adversários em existências pregressas!...” E advertiu: “Todos podemos cair em semelhantes estados se não aprendemos a cultivar o esquecimento do mal, em marcha incessante com o bem...” (Cap. 22, págs. 213 e 214)

Naquela altura, Raul Silva, que continuara a tarefa de doutrinação junto à manifestante, convidou a doente ao benefício da prece. Competia a ela suplicar ao Céu a graça do esquecimento; cabia-lhe expungir o passado da imaginação, de maneira a pacificar-se... E, singularmente comovido, Raul recomendou-lhe repetir em companhia dele as frases sublimes da oração dominical. A senhora acompanhou-o docilmente e, finda a súplica, mostrou-se mais tranqüila. Traduzindo a colaboração do mentor espiritual que o inspirava, Raul rogou-lhe, por fim, considerar, acima de tudo, o impositivo do perdão aos inimigos para a reconquista da paz, após o que, em lágrimas, a enferma desligou-se das impressões que a retinham no pretérito, tornando à posição normal. O Assistente comentou, então, enquanto Raul aplicava na irmã passes de reconforto: “Outra não pode ser, por enquanto, a intervenção assistencial em seu benefício. Pela enfermagem espiritual bem conduzida, reajustar-se-á pouco a pouco, retomando o império sobre si mesma e capacitando-se para o desempenho de valiosas tarefas mediúnicas mais tarde”. (Cap. 22, págs. 214 e 215)

8. Do livro “No Mundo Maior”, de André Luiz:

Os dois enfermos tinham a mente fixada na região dos instintos primários. O encarnado, depois de reiteradas vibrações no campo de pensamento, em fuga da recordação e do remorso, arruinara os centros motores, desorganizando também o sistema endócrino e perturbando os órgãos vitais. O desencarnado converteu todas as energias em alimento da idéia de vingança, acolhendo-se ao ódio em que se mantinha foragido da razão e do altruísmo. “Outra seria a situação de ambos - asseverou o Instrutor - se houvessem esquecido a queda, reerguendo-se pelo trabalho construtivo e pelo entendimento fraternal, no santuário do perdão legítimo”. Jesus tinha, pois, razão ao recomendar-nos o amor aos inimigos e a oração pelos que nos perseguem e caluniam. Isto não é mera virtude, mas princípio científico de libertação do ser, de progresso da alma, de amplitude espiritual: no pensamento residem as causas. Enquanto Calderaro falava, prosseguia a ação magnética em favor do enfermo, que acabou se entregando a sono tranqüilo, como se sorvera suavíssimo anestésico. Em breve, sua alma se desprende, afastando-se do corpo físico, mas era visível seu pavor diante do verdugo implacável, que se mantinha sentado, impassível, num dos ângulos do leito. (Cap. 4, pp. 63 e 64)

As entidades enfermas não notavam a presença de André e Calderaro e parecia que o perseguidor se erguia mais agressivo, para agredir o doente aflito. Por que Calderaro não aproveitava a situação para doutrinar a ambos? Sua resposta foi imediata: “Falaríamos em vão, André, porque ainda não sabemos amá-los como se fossem nossos irmãos ou nossos filhos. Para nós ambos, espíritos de raciocínio algo avançado, mas de sentimentos menos sublimes, são eles dois infelizes, e nada mais”. O Instrutor explicou-lhe então que não é possível doutrinação sem amor, porquanto, se o conhecimento auxilia por fora, só o amor socorre por dentro. “Com a nossa cultura retificamos os efeitos, quanto possível, e só os que amam conseguem atingir as causas profundas”, esclareceu. De fato, os contendores reclamavam intervenção no íntimo, para modificar atitudes mentais em definitivo... Mas eles, André e o Instrutor, apenas conheciam, sem saber amar... Foi então que assomou à porta de entrada uma sublime mulher, em cujos olhos esplendia brilho meigo e enternecedor. Era Cipriana, a entidade que vinha oferecer aos dois enfermos da alma o amor fraternal que Calderaro e André Luiz ainda não podiam oferecer. (Cap. 4, pp. 64 e 65)

Cipriana agradeceu a Calderaro o socorro prestado aos dois infelizes. O Assistente disse que seu esforço foi quase nenhum, resumindo-se em meros preparativos. Cipriana, sorrindo, observou: “Como atingiríamos o fim sem passar pelo princípio?” Calderaro acentuou, porém, que o conhecimento pode pouquíssimo, comparado com o muito que o amor pode sempre. A amiga, sem perda de tempo, acercou-se dos infelizes e pôs-se em atitude de oração. A prece

saturava-se de sublime poder, porquanto em breve suave luz descia do alto sobre sua fronte venerável. Cipriana tornava-se gradativamente mais bela. Os raios divinos a fluírem dos mananciais invisíveis, envolvendo-a, transfiguravam-na toda. Escoados alguns momentos, circundava-a refulgente halo. Dos olhos, do tórax e das mãos efluíam irradiações de frouxa e suave luz... Estava formosa, radiante, qual se fora a materialização da Madona de Murilo, em milagrosa aparição. Cipriana estendeu as mãos para os dois desventurados, atingindo-os com o seu amoroso magnetismo, que lhes modificava o campo vibratório. Ambos sentiram-se desfalecer, oprimidos por uma força que os compelia à quietação. Entreolharam-se com espanto. Seus olhos espelhavam silenciosa perquirição, quando a mensageira, avizinhandose, tocou-os de leve na região visual, produzindo neles abalo forte e indisfarçável. Os enfermos passaram então a ver os benfeitores espirituais presentes, com indescritível assombro, e, gritando violentamente, empolgados pela surpresa, cuidaram estivessem sendo visitados pela excelsa Mãe de Jesus. (Cap. 5, pp. 66 a 68)

O doente encarnado, parcialmente liberto do corpo, ajoelhou-se de súbito, dominado por incoercível comoção, e desfez-se em copioso pranto. O verdugo desencarnado, porém, embora perplexo e abalado, manteve-se ereto. O primeiro, chorando convulsivamente, perguntava a Cipriana: "Mãe dos Céus! como vos dignais de visitar o criminoso, que sou eu? Sinto vergonha de mim mesmo, sou imperdoável pecador, abatido pela minha própria miséria... Vossa luz revela-me toda a extensão das trevas em que me debato! condoei-vos de mim, Senhora!..." Havia uma sinceridade imensa naquelas palavras de angústia e arrependimento. Cipriana acercou-se dele, de olhos faiscantes e úmidos. Tentou soerguê-lo, sem, no entanto, lograr que ele deixasse a postura genuflexa. Contudo, enlaçando-o maternalmente, chamou-o pelo nome e lhe disse que não era quem ele julgava. Era tão-somente uma irmã na eternidade que, tendo sido mãe na Terra, sabia o quanto ele sofria. Pedro (o doente encarnado) manteve-se em posição reverente e humilde e confessou seu crime. Cipriana afagou-lhe o rosto e acrescentou saber de tudo. Passados alguns instantes, contemplando a ambos os infelizes, dirigiu-se a Pedro, de maneira intencional, de modo a se fazer ouvida pelo companheiro vingador: "Por que destruíste, Pedro, a vida de teu irmão? como te julgaste com forças e direito para quebrar a harmonia divina?" E prosseguiu: "Supunhas fazer justiça pelas próprias mãos, quando só fazias expandir a cólera aniquiladora. Por que razão, meu filho, pretendeste equilibrar a vida, provocando a morte? como conciliar a justiça com o crime, quando sabemos que o verdadeiro justo é aquele que trabalha e espera no Pai, o Supremo Doador da Vida?" (Cap. 5, pp. 68 e 69)

Cipriana lembrou ao enfermo os momentos de desdita que ele vivera desde o crime, aprendendo que o mal jamais se coadunará com o bem e que a Lei cobra dobrados tributos àquele que se antepõe aos seus ditames sábios e soberanos. Ele destruíra a paz de um companheiro e perdera a própria tranqüilidade. Temendo a si mesmo, por se sentir um delinqüente em toda a parte, buscara refúgio no trabalho atabalhado e mecanizante; conseguira dinheiro que nunca lhe pacificara o ser; alcançara posição social culminante, mas nada disso resolveu os efeitos do ato impensado... Como não lhe ocorrera a oração santificante? como não buscara penitenciar-se diante da vida, humilhando-se aos pés da sua vítima, no sincero propósito de regeneração? Mas não: ele preferira a corrida louca atrás das sensações externas, a fuga para a região do ganho material, a transitória ascensão para posições de domínio enganoso, pensando assim escapar ao tribunal íntimo. Nunca é tarde, porém, para levantar o coração e curar a consciência ferida. Exausto de sofrer, cedera à enfermidade e aproximara-se da loucura. De alma contundida e corpo em desordem, apelara para a Misericórdia Divina, e ela ali estava, não para fustigar-lhe o espírito, mas para estimulá-lo à regeneração. Quem poderá condenar alguém, depois da comunhão de vicissitudes na carne? quem estará suficientemente santificado para atirar a primeira pedra? Cipriana lembrou-lhe então que o fundamento da obra divina é de amor incomensurável e que só o amor salva e constrói para sempre. "Lembra-te das tuas próprias necessidades, interrompe a marcha da aflição, reconsidera a atitude e faze novo compromisso perante a Divina Justiça", propôs-lhe a missionária. Assim dizendo, conchegou-o ao coração, e havia tanta meiguice naquele amplexo, que outros pensariam estar presenciando o reencontro de carinhosa mãe com o filho ausente, após longa separação. (Cap. 5, pp. 70 e 71)

O enfermo hospitalizado estava aliviado. Nunca ninguém lhe falara assim, disse ele a Cipriana. André e Calderaro também se comoveram até às lágrimas com a cena. "Praza a Deus, André, possamos também aprender a amar, adquirindo o poder de transformar os corações", falou-lhe o Assistente. Cipriana agora, sustentando Pedro nos braços, dirigia-se ao verdugo desencarnado, que permanecera aparentemente insensível às palavras que tanta comoção produziram nos circunstantes. A missionária, sem intimidar-se, aproximou-se, tocando-o quase, e falou-lhe humilde: "Que fazes tu, Camilo, cerrado à comiseração?" O algoz, com frieza, retorquiu: "Que pode fazer uma vítima como eu, senão odiar sem piedade?" Cipriana, sem se alterar, replicou: "Odiar? Sabes a significação de tal atitude? As vítimas inacessíveis ao perdão e ao entendimento soem ultrapassar a dureza e a maldade dos precitos, provocando horror e compaixão. Quantos se valem desse título, para pôr de manifesto as monstruosidades que lhes povoam o ser! quantos se aproveitam da hora de irreflexão de um amigo ignorante ou infeliz, para encetar séculos de perseguição no inferno da ira! A condição de vítima não te confere santidade; vales-te dela para semear, na própria senda, ruína e miséria, treva e destroços". A missionária do bem prosseguiu falando a Camilo, lembrando-lhe que ele, embora aparentasse ser um homem prudente, não encontrara no espírito mínima réstia de piedade fraternal para desculpar o homicida. Há vinte anos instilava em torno de si mesmo a peçonha da víbora, como famulento chacal. Podendo conquistar a láurea dos vencedores com o Cristo, preferira o punhal da vingança, ombreando-se com os malfeitores endurecidos... "Onde esbarrarás, meu filho, com teus sentimentos desprezíveis? em que muralha de angústias serás algemado pela Justiça de Deus?", indagou-lhe Cipriana. (Cap. 5, pp. 72 e 73)

Ante as palavras de Cipriana, Camilo vacilava entre a inflexibilidade e a capitulação. Extrema palidez cobria-lhe o rosto e, quando parecia que ia proferir uma resposta a esmo, Cipriana pediu a Calderaro ajudá-la a conduzi-los até ao lar de Pedro, onde Camilo atenderia aos seus rogos. A missionária transportou Pedro com os próprios recursos, mas Camilo, terrivelmente escravizado aos pensamentos inferiores e às intenções criminosas, estava muito pesado, e foi assim conduzido por André e Calderaro. O paciente não reagiu; todos puseram-se em viagem e em breves minutos penetravam confortável residência, onde uma senhora, na sala de estar, tricotava, junto de dois filhos pequeninos. A conversação doméstica era doce, cristalina. O filho menor disse que queria orar por seu pai. "A senhora reparou, ontem à noite, como estava aflito e abatido?", indagou-lhe o menino. A cena era comovente. A mãe logo abandonou o tricô, para ir chorar num quarto, a distância. Cipriana aproveitou o ensejo e se dirigiu a Camilo, desapontado, dizendo-lhe: "Efetivamente, nosso amigo subtraiu-te a vida física, noutro tempo, contraindo assim dolorosa dívida; entretanto, a voz deste menino devotado à prece não te sensibiliza o espírito endurecido?" E explicou-lhe que aquele era o lar que o Pedro criminoso instituiu para criar o Pedro renovado... Se cometeu falta grave, estava fazendo agora o possível para erguer-se, numa vida nobre e útil. Amparou devotada mulher, deu refúgio a cinco filhinhos, cresceu no conceito dos amigos, galgou posição de abundância material, mas sabia também agora, por experiência própria, que o dinheiro não soluciona problemas fundamentais do destino e que o elevado conceito que possamos conseguir dos outros nem sempre corresponde à realidade. Não obstante todas as vantagens conquistadas no âmbito material, ele vivia enfermo, infortunado, aflito... (Cap. 5, pp. 73 a 75)

9. De "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec:

Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda categoria se caracterizam pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira categoria compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição. (L.E., item 100.)

A terceira ordem – Espíritos imperfeitos – compõe-se de cinco classes principais:

- 10a. classe - Espíritos impuros
- 9a. classe - Espíritos levianos
- 8a. classe - Espíritos pseudo-sábios
- 7a. classe - Espíritos neutros
- 6a. classe - Espíritos batedores e perturbadores. (L.E., itens 101 a 106.)

A segunda ordem – bons Espíritos – compõe-se de quatro classes principais:

- 5a. classe - Espíritos benévolos
- 4a. classe - Espíritos sábios
- 3a. classe - Espíritos prudentes ou de sabedoria
- 2a. classe - Espíritos superiores. (L.E., itens 107 a 111.)

A primeira ordem – Espíritos puros – é constituída de uma única classe:

- 1a. classe - Espíritos puros. (L.E., itens 112 e 113.)

Ensina o Espiritismo que, criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimento e sem experiência, são os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra, mais elevada. (L.E., itens 114 e 115.)

Depende, pois, somente deles progredir mais ou menos rapidamente para a perfeição, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus. (L.E., item 117.)

Todos os Espíritos, sem nenhuma exceção, tornar-se-ão perfeitos. Muitos, é certo, mudam de ordem demoradamente, mas Deus não abandona a ninguém, o que confirma a veracidade de uma conhecida promessa atribuída a Jesus: “Das ovelhas que meu Pai me confiou, nenhuma se perderá”. Em sua caminhada evolutiva, não existe retrocesso; nenhum Espírito pode degenerar. Concluindo uma prova, ele fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece jamais. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda. (L.E., itens 116 e 118.)

10. Situação do espírito desencarnado

por Lucia Loureiro

O transe da morte é sempre um estado de crise para qualquer indivíduo, variando conforme o adiantamento moral de cada um. Daí a passagem do estado da matéria para a vida espiritual acarretar uma espécie de perturbação mais ou menos longa, até que se quebrem todos os elos entre o Espírito e sua organização física.

Essa crise é um fenômeno natural. Pensemos na hipótese de alguém ter de mudar, abruptamente, do Nordeste brasileiro para um país europeu ou vice versa. A mudança repentina implicaria um distúrbio tal no indivíduo, que este levaria algum tempo para se descondicionar do ambiente anterior e se adaptar às novas e diferentes condições de vida. Que diremos, então, da morte em que o fenômeno de desagregação do corpo processa uma modificação muito mais violenta? Além disso, vários fatores intervêm na situação do desencarnado logo após a morte: a idade em que ocorreu a desencarnação (jovem ou idoso?), o tipo de morte (natural ou violenta?), se era apegado ou desprendido dos bens materiais, se tinha bons hábitos ou vícios inveterados, se possuía idéias materialistas ou espiritualistas. Daí a necessidade do adormecimento do Espírito, logo após o desprendimento do corpo físico, para se refazer do transe da morte.

Antes, porém, que o Espírito adormeça, ocorre o interessante fenômeno de recordação da vida passada, em que um panorama desfila ante seus olhos. Tem-se notícia de que, em fração de segundo, o Espírito revê, minuciosamente, todos os fatos da vida terrena que acabou

de deixar, cena após cena, desde a infância até a desencarnação, desde o incidente mais insignificante até o acontecimento mais importante. Naquele momento, o Espírito é capaz de avaliar causas e consequências de todos os seus atos, sejam bons ou maus, como um registro para aproveitamento em vidas futuras. Só depois, sobrevêm o sono cujo tempo varia de Espírito para Espírito.

O juiz John Worth Edmonds, que era notável médium psicógrafo, falante e vidente, escreveu longa mensagem de seu amigo desencarnado, o juiz Peckam, a quem ele muito estimava. Nessa época ainda não era conhecido pelos psicólogos o fenômeno da visão panorâmica. Afirma, então, o Espírito Peckam:

No momento da morte, revi, como num panorama, os acontecimentos de toda a minha existência. Todas as cenas, todas as ações que eu praticara passaram ante meu olhar, como se se houvessem gravado na minha mentalidade, em fórmulas luminosas. Nem um só dos meus amigos, desde a minha infância até a morte, faltou à chamada. Na ocasião em que mergulhei no mar, tendo nos braços minha mulher, apareceram-me meu pai e minha mãe e foi esta quem me tirou da água, mostrando uma energia, cuja natureza só agora compreendo. (A Crise da Morte, de Ernesto Bozzano).

Por seu turno, o Espírito que em vida se chamou Dr. Horace Abraham Ackley relata como se passaram os primeiros momentos após o seu despertamento no Mundo Espiritual: Logo que voltei a mim, todos os acontecimentos de minha vida me desfilaram sob as vistas, como num panorama; eram visões vivas, muito reais, em dimensões naturais, como se o meu passado se houvesse tornado presente. Foi todo o meu passado que revi, compreendido o último episódio: o da minha desencarnação. A visão passou diante de mim com tal rapidez, que quase não tive tempo de refletir, achando-me como que arrebatado por um turbilhão de emoções. A visão, em seguida, desapareceu com a mesma instantaneidade com que se mostrara; às meditações sobre o passado e o futuro, sucedeu em mim vivo interesse pelas condições atuais. (A Crise da Morte, de Ernesto Bozzano).

Muitas pessoas indagam: Como é possível alguém que passa por incontáveis "mortes", experimenta o estado de erraticidade e reencarna várias vezes, esquecer que existe o Mundo Espiritual? Explicam, então, os Espíritos codificadores que a situação de esquecimento ou perturbação nunca é definitiva. Ela é transitória, e a lembrança, mais ou menos rápida, das vidas anteriores dependerá do grau de evolução de cada Espírito. C. W. Leadebeater, em Auxiliares Invisíveis, comenta sobre o mal que os ensinamentos errôneos a respeito da condição do Espírito após a morte provocam na Humanidade, principalmente no mundo ocidental. Certas religiões assustam os seus adeptos, criando neles muita perturbação e surpresa quando chegam no Mundo Espiritual. Conta ele o exemplo de um inglês que, em uma mensagem transmitida três dias depois de morto, narrou que, encontrando um grupo de Espíritos amigos, perguntou:

— Mas, se eu estou morto, onde é que estou? Se isto é o céu, não me parece grande coisa; se é o inferno, é melhor do que eu esperava! Surpresa semelhante tem o Espírito Monsenhor Robert Hugh Benson. Relata ele, em A Vida nos Mundos Invisíveis, obra recebida pelo médium Anthony Borgia, que, durante todo o período que sucedeu a sua última desencarnação, nenhuma idéia lhe ocorrera sobre tribunal de julgamento ou juízo final como sugerira a religião ortodoxa. Esses conceitos e os de céu e inferno lhe pareceram totalmente impossíveis e, na realidade, fantasias absurdas.

Em A Vida no Outro Mundo, seu autor, Cairbar Schutel, combate a idéia de que nada existe após a morte e que se o Espírito não é imortal, (...) a vida é uma farsa que começa no berço e se acaba no túmulo. Como vimos anteriormente, os Espíritos levam consigo, para o Além-Túmulo, as qualidades boas ou más, todos os vícios e costumes e todos os conhecimentos e aptidões. Os criminosos vêm-se mergulhados em profundas trevas e só ouvem os lamentos de suas vítimas. Os suicidas só têm, na mente, o seu ato tresloucado. Allan Kardec, na Revista Espírita de maio de 1862, no capítulo intitulado Uma Paixão de Além-Túmulo, reporta-se ao suicídio, por amor, de um garoto de 12 anos de idade. Perguntado sobre sua situação, o jovem responde:

(...) Meu corpo lá estava inerte e frio e eu planava em volta dele; chorava lágrimas quentes. Vocês se admiram das lágrimas de uma alma. Oh! Como são quentes e escaldantes! Sim, eu chorava, porque acabava de reconhecer a enormidade de meu erro e a grandeza de Deus! Entretanto, não tinha certeza de minha morte; pensava que meus olhos se fossem abrir...

O sofrimento dos Espíritos desencarnados é proporcional ao tipo de vida que levaram e ao maior ou menor apego que tenham à vida material. Durante a crise da morte, eles lutam para reter a vida corporal que lhes foge, e esse sentimento se prolongará por muito tempo. Aqueles muito ligados à vida material erram pelas vizinhanças do lar e do local do trabalho; julgam-se ainda vivos e pretendem participar dos negócios de que se ocupavam quando encarnados. Os viciados e libertinos continuam a sentir enorme ansiedade e procuram a convivência de devassos que lhes saciem os apetites sexuais e os vícios. O avarento fica em estado de angústia, por não poder impedir que os herdeiros esbanjem a fortuna amealhada durante a vida terrena.

Em Primeiras Impressões de Um Espírito, mensagem transmitida pelo Espírito Delphine de Girardin à médium Sra. Gostel na Sociedade Espírita de Paris, consta, dentro da sua perspectiva, o seguinte: Falarei da estranha mudança que se opera no Espírito após a libertação. Ele se evapora dos despojos que abandona, como uma chama se desprende do foco que a produziu; depois se dá uma grande perturbação e essa dúvida estranha: estou morto ou vivo? A ausência das sensações primárias produzidas pelo corpo espanta e imobiliza, por assim dizer. Assim como um homem habituado a um fardo pesado, nossa alma, aliviada de repente, não sabe o que fazer de sua liberdade; depois o espaço infinito, as maravilhas sem número dos astros, sucedendo-se num ritmo harmonioso, os Espíritos solícitos, flutuando no ar e deslumbrantes de luz sutil que parece atravessá-los, o sentimento da libertação que inunda, de súbito, a necessidade de lançar-se também, no espaço como pássaros que querem treinar suas asas, tais são as primeiras impressões que todos nós sentimos. (Revista Espírita, de Allan Kardec, novembro de 1860, nº 11)

Temos informações, através de várias mensagens, que, no Além, assim como no Aquém, existem vagabundos, saltimbancos e fanfarrões. Existem, da mesma maneira, aqueles que se propõem a auxiliar os companheiros atrasados e, ainda, os que preferem trabalhar pelo seu próprio aprimoramento. Sócrates e Platão disso já tinham conhecimento e afirmavam:

A alma impura, nesse estado, encontra-se pesada, é novamente arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Ela erra, segundo se diz, ao redor dos monumentos e dos túmulos, juntos dos quais foram vistos, às vezes fantasmas, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estar inteiramente puras, e que conservam alguma coisa de forma material, o que permite aos nossos olhos percebê-las. Essas não são as almas dos bons, mas as dos maus, que são forçadas a errar nesses lugares, onde carregam as penas de sua vida passada, e onde continuam a errar, até que os apetites inerentes às suas respectivas formas materiais façam-nas devolver a um corpo. Então, elas retornam, sem dúvida aos mesmos costumes que, durante a vida anterior, eram de sua predileção. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec)

Como Deus não se compraz com o sofrimento eterno de seus filhos, passada uma fase de depuração dos fluidos mais densos, sobrevêm ao Espírito o sono reparador a que estão sujeitos todos os recém-chegados ao Mundo Espiritual. Nesse momento, Espíritos amigos e familiares recolhem os recém-desencarnados e os levam para as diversas estações de repouso. Ao despertar desse sono — que pode variar de horas a séculos —, o Espírito desencarnado começa a perceber o que está em sua volta. Surpreende-se ao encontrar um ambiente muito semelhante ao da Terra. Por esse motivo, muitos pensam que ainda estão vivos.

E, só a partir de uma tomada de consciência da realidade em que se encontram, surgirão para eles novas oportunidades: estudos, tarefas, trabalho assistencial, tudo de acordo com o seu adiantamento espiritual, sua capacidade e suas necessidades. Comentando as palestras familiares que estabelece com o Além-Túmulo, Allan Kardec diz a respeito da desencarnação:

Extinguindo-se as forças vitais, o Espírito se desprende do corpo no momento em que cessa a vida orgânica. Mas separação não é brusca ou instantânea. Por vezes começa antes da cessação completa da vida; nem sempre é completada no instante da morte. Sabemos que entre o Espírito e o corpo existe um liame semi-material, que constitui o primeiro envoltório. Este liame não se quebra subitamente. E, enquanto subsiste, fica o Espírito num estado de perturbação comparável ao que acompanha o despertar.

(...) ao entrar no mundo dos Espíritos é acolhido pelos amigos que o vêm receber, como se voltasse de penosa viagem. Se a travessia foi feliz, isto é, se o tempo de exílio foi empregado de maneira proveitosa para si e o elevou na hierarquia do mundo dos Espíritos, eles o felicitam. Ali reencontra os conhecidos, mistura-se aos que o amam e com ele simpatizam, e então começa, para ele, verdadeiramente, a sua nova existência. (Revista Espírita, abril de 1959, nº 4, de Allan Kardec)

Na erraticidade, o Espírito não adquire, imediatamente, o saber e a virtude; antes, conserva sua inteligência ou ignorância, idéias, concepções, ódios ou afeições. O que se abala com o desligamento do corpo é a memória, e a sua lucidez retornará segundo o nível moral do desencarnado e à medida que se apagam as impressões terrenas. Se o Espírito errante tem bons propósitos, ele progride nos aspectos intelectual, moral e espiritual, podendo trazer-nos, mais tarde, as notícias das Colônias Espirituais onde estagiou, uma vez que, enquanto recebe tratamento no corpo perispiritual, o Espírito desencarnado se instrui.

Devido à diversidade de nossos caracteres, — aptidões, sentimentos, vícios, virtudes e hábitos — as condições de vida no Além são de uma diversidade infinita, daí as diferenças no conteúdo das mensagens. Existem, também, Espíritos tão evoluídos e depurados (Espíritos puros ou perfeitos) sobre os quais a Terra não mais exerce atração. Estes habitam as regiões menos densas e só reencarnam para cumprir missões especiais, como aconteceu com Jesus, Buda e Confúcio, além de outros grandes missionários.

Todavia, há Espíritos que não se incorporam a nenhum movimento nobre; vivem na Terra da Liberdade que é uma região, segundo informam os Espíritos, próxima à crosta terrestre, onde os desencarnados se entregam a mais completa indisciplina. Cada um faz o que quer e age de acordo com o livre-arbítrio, sem quaisquer restrições morais. A tônica de suas vidas é a liberalidade. Muitas vezes, reencarnam sem passar por estágios nas Colônias de recuperação e sem analisarem as vidas anteriores. Nos Mundos Espirituais superiores, os Espíritos continuam a agir dentro do seu livre-arbítrio, porém de acordo com padrões morais elevados.

Segundo Allan Kardec, ao tratar dos Possessos de Morzine: Sendo a Terra um mundo inferior, isto é, pouco adiantado, resulta que a imensa maioria dos Espíritos que a povoam tanto no estado errante, quanto no de encarnados, deve compor-se de Espíritos imperfeitos, que fazem mais mal que bem. Daí a predominância do Mal na Terra. Ora, sendo a Terra, ao mesmo tempo, um mundo de expiação, é o contato do Mal que torna os homens infelizes, pois se todos os homens fossem bons, todos seriam felizes. E' um estado ainda não alcançado por nosso globo; e é para tal estado que Deus quer conduzi-lo. Todas as tribulações aqui experimentadas pelos homens de bem, quer da parte dos homens quer da dos Espíritos, são consequências deste estado de inferioridade. Poder-se-ia dizer que a Terra é a Botany-Bay dos mundos: aí se encontram a selvageria primitiva e a civilização, a criminalidade e a expiação. (Revista espírita, de Allan Kardec, nº 12, dezembro de 1862)

Assim, o fundamental para nós é saber que a Terra nada mais é que um pálido reflexo do Mundo Espiritual e que ambos se encontram na mesma faixa vibratória. Allan Kardec, em mensagem transmitida, após a sua morte, na residência de Miss Anne Blackwell, em Paris, em 14 de setembro de 1869, confirma os ensinamentos que em vida recebeu dos Espíritos em palestras familiares: Sou tão feliz como nem podeis pensar, meus bons amigos, por vos encontrar reunidos. Estou entre vós, numa atmosfera simpática e benevolente, que agrada ao mesmo tempo o meu espírito e o meu coração. Há muito tempo que eu desejava ardentemente o estabelecimento de relações regulares entre a escola francesa e a escola americana.

(...) O Espíritos conservam no Espaço suas simpatias e seus hábitos terrenos. Os Espíritos dos americanos mortos são ainda americanos, como os desencarnado que viveram

na França são ainda franceses no Espaço. Daí as diferenças dos ensinamentos em alguns centros. Cada grupo de Espíritos, por sua própria natureza, por seu espírito nacional, apropria suas instruções ao caráter, ao gênio especial daqueles que o dirigem. (Revista Espírita, de Allan Kardec, na 6, junho de 1869)

Sendo assim, conclui-se que o processo da morte não é necessariamente doloroso, embora, muitas vezes, os que presenciem o desenlace de algum amigo ou parente observem a luta do moribundo para conservar o Espírito no corpo. Aos olhos físicos a impressão é de a pessoa estar sofrendo intensamente, mas essa se constitui, apenas, uma visão terrena, dos que ainda permanecem do lado de cá. A realidade é bem outra.

1 - Sensações nos Espíritos Errantes

Tratando do momento em que o Espírito deixa o corpo e penetra no Mundo Espiritual, Allan Kardec lhes analisa, em vários artigos da Revista Espírita, as sensações e o desenvolvimento das idéias. Muitas perguntas lhe tinham sido feitas, como: Sofrem os Espíritos? Que sensação experimentam? Em O Livro dos Espíritos, o codificador da Doutrina Espírita dedica um longo capítulo a esse tema e que tem por título Ensaio Teórico Sobre as Sensações nos Espíritos. Responde ele, então, com base em informações dos Espíritos e, principalmente, em suas próprias observações e nos estudos das funções do perispírito:

Ensina-nos a experiência que, no momento da morte, o perispírito se desprende, mais ou menos lentamente do corpo; durante os primeiros instantes o Espírito não se dá conta da situação; não se julga morto; sente-se vivo; vê o corpo ao lado, sabe que é seu, mas não compreende que do mesmo esteja separado. Esse estado dura enquanto existe uma ligação entre o corpo e o perispírito.

Recordemos a evocação do suicida da casa de banhos da Samaritana, (. . .) Como todos os outros, ele dizia: "(. . .) entretanto sinto que os vermes me roem". Ora, seguramente, os vermes não roem o perispírito e, ainda menos, o Espírito; apenas roem o corpo. Mas como a separação entre corpo e Espírito não era completa, o resultado era uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que passava no corpo. Repercussão talvez não seja o vocábulo, o qual poderia fazer supor um efeito muito material: era antes a visão daquilo que se passava em seu corpo, ao qual estava ligado o seu perispírito que lhe produzia uma ilusão, que tomava como realidade. (Revista Espírita, de Allan Kardec, nº 11, novembro de 1858)

Dessa forma, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito, assim como as desagradáveis. Em suas pesquisas, Allan Kardec entrevistou milhares de Espíritos que pertenceram a todas as camadas sociais e a todas as posições, seguindo-lhes os passos desde a desencarnação, a fim de estudar as mudanças que sofreram na vida além-túmulo. Nos planos inferiores da Espiritualidade, os Espíritos manifestam desejos e apetites. Já o mesmo não se dá com aqueles cujo perispírito é menos denso.

2 - Alimentação dos Espíritos

Se as pessoas duvidam que os Espíritos se vestem, que pensarão elas a respeito da existência de alimentos no Mundo Espiritual? Entretanto, os Espíritos errantes sentem fome. Na maioria das vezes, os desencarnados, logo após o desligamento do corpo físico, são atormentados pelo desejo de satisfazerem suas necessidades fisiológicas, como sede e fome incontroláveis. Para atendimento dessas necessidades básicas, afirmam os Espíritos que existem fábricas de concentrados de frutas e sopas sujeitos à manipulação específica da Espiritualidade.

Nos hospitais das Colônias, alimentos são fornecidos aos enfermos, a fim de se revigorarem. Esses manjares espirituais, segundo informações do Outro Mundo, possuem gosto e aroma que não têm similar na Terra. Nos centros de reeducação para onde são conduzidos os Espíritos recém-chegados do Umbral, faz parte do tratamento a ingestão, pelos enfermos, de alimentos semelhantes aos terrenos, porém menos densos, até que se adaptem a sistemas de sustentação das Esferas Superiores. Allan Kardec transcreve a mensagem do

Espírito Cura de Bizet que se sentiu chocado com as cenas que presenciou no Mundo Espiritual:

Se não vim imediatamente ao vosso meio, é que a perturbação da separação e o espetáculo novo com que fui chocado não mo permitiram. E, depois, não sabia a quem escutar; encontrei muitos amigos cujo acolhimento simpático me ajudou poderosamente a me reconhecer; mas também tive sob os olhos o atroz espetáculo da fome entre os Espíritos. Encontrei lá em cima muitos desses infelizes, mortos nas torturas da fome, ainda procurando em vão satisfazer uma necessidade imaginária, lutando uns contra os outros para arrancar um pedaço de comida que se esconde nas mãos, se entrecasgando e, se assim posso dizer, se entredevorando; uma cena horrível, pavorosa, ultrapassando tudo quanto a imaginação humana pode conceber de mais desolador! . . . (Revista Espírita, de Allan Kardec, nº 6, junho de 1868)

Em Memórias de um Suicida, psicografado por Yvonne A. Pereira, um Espírito que fora hospitalizado na Colônia, relata o seguinte: A cada um de nós foi servido delicioso caldo, tépido, reconfortante em pratos tão alvos quanto os lençóis; e cada um sentiu o sabor daquilo que lhe apetecia. Fato singular: enquanto fazíamos a refeição frugal, era o lar paterno que acudia às nossas lembranças, as reuniões em família, a mesa da ceia, o doce vulto de nossas mães servindo-nos.

O Espírito André Luiz declara na obra *Nosso Lar* que, recém-chegado ao Mundo Espiritual, recebeu igual tratamento: A essa altura, serviram-me caldo reconfortante, seguido de água muito fresca, que me pareceu portadora de fluidos divinos. Aquela reduzida porção de líquido reanimava-me inesperadamente. Não saberia dizer que espécie de sopa era aquela; se alimentação sedativa, se remédio salutar. Entretanto, segundo colocações deste mesmo Espírito, não só os convalescentes têm necessidade de alimentos. Os trabalhadores das Colônias recebem, regularmente, a sua cota de provisões:

Cada habitante de *Nosso Lar* recebe provisões de pão e roupa, no que se refere ao estritamente necessário; (...). Situação bastante curiosa é essa necessidade de os Espíritos receberem alimentos já manufaturados, exatamente como ocorre na vida terrestre, uma espécie de cesta básica que os setores públicos socialistas costumam fornecer à população. Mais tarde, em *Evolução em Dois Mundos*, obra psicografada pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, o Espírito André Luiz se propõe a uma avaliação científica de como se verifica a alimentação dos Espíritos desencarnados, da qual destacamos alguns trechos:

Encarecendo a importância da respiração no sustento do corpo espiritual, basta lembrar a hematose no corpo físico, pela qual o intercâmbio gasoso se efetua com segurança, através dos alvéolos, nos quais os gases se transferem do meio exterior para o meio interno e vice-versa, atendendo à assimilação e desassimilação de variadas atividades químicas no corpo orgânico. O oxigênio que alcança os tecidos entra em combinação com determinados elementos, dando, em resultado, o anidrido carbônico e a água, com produção de energia destinada à manutenção das províncias somáticas. (...)

Abandonando o envoltório físico na desencarnação, se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevêm ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar, e, quando não a supera ao peso do próprio esforço, no auto-reajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular.

O Espírito David Hatch, autor da obra *Cartas de um Morto Vivo*, recebida pela médium Elsa Barker afirma que, de acordo com a sua visão do Mundo Espiritual, uma das coisas que mais interessa aos desencarnados é a alimentação. Assegura que os Espíritos errantes comem e bebem; absorvem, principalmente, muita água, pois é um ótimo alimento para o perispírito que capta sua ação benéfica. Informa que os corpos perispirituais se encontram impregnados de umidade. Muitos Espíritos já informaram que a água tem imenso valor no Mundo Espiritual. E esse líquido poderoso veículo de fluidos de qualquer natureza, sendo utilizado, também,

como medicação. Segundo ele, já sentira, certa feita, a ação magnética da água que lhe provocou um delicioso e revigorante bem estar.

Reporta-se o Espírito David Hacht a um encontro com um jovem desencarnado que recepcionou a noiva ao desencarnar. Durante os primeiros dias após a desencarnação, a moça, ainda subjugada pelos hábitos terrenos, queixava-se continuamente de fome; ele tentava satisfazê-la dando-lhe uma substância tênue como alimento. Outra experiência interessante foi a que vivenciou ao conhecer certa senhora desencarnada que lhe fez, entre outras queixas da sua vida no Além, a mais esquisita — confessa — que ouvira. Inquirindo a nova conhecida sobre sua atual estada, recebe a seguinte revelação:

— Olha, primeiro que tudo acho essa gente horrível. Lembro-me ainda de pensar, quando vivia em... que ao menos no Outro Mundo não iria encontrar donas de pensões, nem as competentes criadas e descuidadas e preguiçosas, e afinal aqui são absolutamente a mesma coisa, se não forem piores. (Cartas de Um Morto Vivo, de Elsa Barker) Surpreso com tais respostas e tão intrigantes revelações, insiste o Espírito David Hacht com mais perguntas ao que a senhora responde no mesmo tom, estabelecendo-se o seguinte diálogo:

DH — Que me diz! Pois vive aqui numa pensão?

E — Onde quer que eu viva? Bem sabe que não sou rica. (...)

DH — Que tal é a mesa na sua pensão? E — É pior do que na última onde estive na Terra.

DH — As refeições são pouco abundantes?

E — São pouco abundantes e não prestam, sobretudo o café.

DH — Diga-me uma coisa, servem-lhe aqui as três refeições a que estava habituada na Terra?

E — O senhor tem uma maneira estranha de se exprimir. Não noto nenhuma diferença especial entre este mundo e a Terra, como lhe chamam, a não ser a falta de conforto, por tudo ser inconstante e incerto.

DH — Isso mesmo; continue.

E — De manhã nunca sei ao certo quem estará sentado ao meu lado à tarde. Andam num constante vai-vem.

DH — E que come?

E — As coisas do costume - carne e batatas, pastéis e pudins.

DH — Continua ainda a comer isso?

E — Pois claro; o senhor não come?

Eis, aí, portanto, a situação de um Espírito profundamente condicionado à vida que levou na Terra, de tal modo que nenhuma explicação o faria entender que não mais precisava se preocupar com certas questões tão insignificantes. Fato curioso no campo da alimentação é narrado pelo Espírito Monsenhor Robert Hugh Benson, na obra *A Vida nos Mundos Invisíveis*, quando visitou, com seu grupo de pesquisa, levado pelo anfitrião, um pomar muito bem cuidado:

As frutas eram perfeitas na forma, ricas em cor, e pendiam em grandes cachos. Colheu algumas e ofereceu-nas, assegurando que nos fariam bem. Eram frescas ao tato e notavelmente pesadas para seu tamanho; o sabor, delicioso, a polpa, macia, sem ser difícil nem desagradável de tocar, e uma quantidade de suco semelhante ao néctar, escorria delas. Meus dois amigos observavam-me atentamente enquanto eu comia umas ameixas, ambos revelando uma expressão de jovial expectativa. Sendo abundante o suco, que temia que escorresse sobre minha roupa. Escorria sim, mas não a manchava, o que me maravilhou, provocando o riso de meus amigos. Apressaram-se, então, a explicar que, estando eu num

mundo incorruptível, tudo quando não se aproveita é imediatamente devolvido ao elemento de origem. (...).

As frutas daquele pomar não eram apenas para os que necessitassem de algum tratamento após a morte física, mas estavam à disposição de quem quer que os desejasse comer pelo seu efeito estimulante. Na obra que ditou ao médium Isaltino Barbosa — Um Espírito Através do Cosmo — o Espírito Castro Lopes, extasiado com Mundo Espiritual, descreve seus frutos como... (. . .)proporcionais às árvores em que são gerados, de sabor delicadíssimo e alguns semelhantes aos da Terra como a melancia e a laranja.

Todavia, os Espíritos chamam a atenção dos encarnados para o fato de que, nas faixas superiores da Espiritualidade, o corpo não tem necessidade de alimentação, no sentido que entendemos. À proporção que se aproxima das esferas mais elevadas, o Amor, que é o verdadeira substância de nutrição das almas, torna-se mais intenso e menos denso, constituindo-se no maior sustentáculo das criaturas. Daí o preceito evangélico: Amai-vos uns aos outros.

3 - Vida Sexual dos Espíritos

Após a desencarnação, homens e mulheres continuam, no perispírito, com os órgãos sexuais, mas estes não conservam as mesmas funções que possuíam na Terra. Todos os Espíritos errantes nutrem os sentimentos e emoções inerentes à sua condição. O que não há, evidentemente, é a procriação. Isso só ocorre no plano terrestre, onde as Leis Divinas impulsionam o macho e a fêmea, através do instinto e do amor, a colaborar na criação. Entretanto, a problemática sexual continua, não no sentido terreno, pois todos se encontram desembaraçados do corpo físico; não desaparece, uma vez que é a fonte da vida.

Como regra geral, o Espírito, ao desencarnar, conserva, na erraticidade, a forma perispiritual da última encarnação. Talvez, por algum condicionamento ou necessidade, o Espírito permaneça na condição de homem ou mulher. Informa o Espírito Silveira Sampaio, na obra O Mundo em que Eu Vivo, psicografado por Zibia M. Gasparetto, que alguns desencarnados têm extrema dificuldade de mudar qualquer característica física da última encarnação. Todavia, como regra geral, os Espíritos errantes podem manipular o perispírito a seu bel-prazer e de acordo com as lembranças de vidas passadas que mais lhes agradarem.

O Espírito Johannes, que não aceita as leis reencarnacionistas, dá, na obra Rumo às Estrelas, de autoria de Herbert Dennis Bradley, o seu parecer a respeito da diferença de sexos: Nenhum dos dois (masculino ou feminino) é superior ou inferior ao outro. Tais explicações não podem aplicar-se às metas de um todo. A mulher é a mesma coisa aqui e aí. E o poder que cria os ideais do homem. E o grande ser criador, não só de novos seres, como de novos pensamentos. Sua responsabilidade é ainda maior que a do homem. Não somente a mulher dá ser aos filhos, como realmente cria os altos ou baixos ideais do ser masculino (. . .).

A mulher sobrevive como alma feminina; o homem como alma masculina. Devo observar, porém, que o que na Terra chamais amor nada tem a ver com isto. O Amor existe de muitas maneiras. O Sexo é uma lei; o Amor uma inspiração. Compreendi a distinção e nunca os confundais. No dia 25 de abril de 1862, em reunião na Sociedade Espírita de Paris, o Espírito J. Sanson, recém-desencarnado, evocado por Allan Kardec, dá a sua explicação sobre o assunto:

P. Os Espíritos não têm sexo. Entretanto, como ainda há poucos dias séreis um homem, tendes neste novo estado uma natureza mais masculina do que feminina?

Acontece o mesmo com o Espírito que tivesse deixado seu corpo há muito tempo?

R. Não temos de possuir natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou pela sua vontade, e se, nos seus maravilhosos desígnios, quis que os Espíritos se reencarnem na Terra, teve de acrescentar para isso a reprodução das espécies por meio das condições próprias do macho e da fêmea. Mas vós o sentis, sem necessidade de nenhuma explicação — os Espíritos não podem ter sexo. (O Céu e o Inferno, de Allan Kardec) Melhores esclarecimento temos em O Livro dos Espíritos, na resposta que Allan Kardec obtém dos Espíritos à pergunta 201:

P. O Espírito que animou o corpo de um homem, em nova existência pode animar o de uma mulher e vice-versa?

R. Sim, são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres. Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres porque eles não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhe oferece provas e deveres especiais, além da oportunidade de adquirir experiência. Aquele que fosse sempre homem não saberia senão o que sabem os homens.

Outra informação interessante a respeito do sexo dos Espíritos é encontrada na Revista Espírita, de Allan Kardec, publicada em janeiro de 1866: Os sexos só existem no organismo. São necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no Mundo Espiritual. (...) Aos homens e às mulheres, são, assim, destinados deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Na obra *O Sexo Além da Morte*, seu autor, R. A. Ranieri, através de desdobramentos, visita zonas da Espiritualidade em que se encontram criaturas profundamente envolvidas com problemas sexuais que lhes impedem a marcha ascensional. Segundo suas observações, estão elas de tal forma arraigadas às práticas aberrantes e viciosas, que apresentam o perispírito totalmente deformado. São Espíritos errantes que abusaram do sexo e que continuam, após a desencarnação, com os mesmos hábitos. Condicionados a práticas libidinosas, vivem nos bordéis terrenos, usufruindo dos prazeres sexuais, juntamente com os encarnados com que têm afinidade, em processos obsessivos recíprocos.

Nestes Espíritos, denominados de vampiros pelo professor J. Herculano Pires, os apelos sexuais são tão intensos, que os desequilibram psiquicamente; as entidades denominadas de íncubos e súcubos (ÍNCUBOS: seres espirituais, com características masculinas, que mantêm relações sexuais com mulheres; no seu oposto estão os SÚCUBOS, que seduzem os homens.), responsáveis por terríveis obsessões, pertencem a essa categoria. Na obra *Sexo e Destino*, ditada pelo Espírito André Luiz, através dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, temos informação da existência do Hospital-escola Almas Irmãs. Instituição destinada a socorrer Espíritos desencarnados de todas as idades e de ambos os sexos, necessitados de reeducação sexual, está sediada em quatro quilômetros quadrados de edifícios e arruamentos, parques e jardins.

É, na realidade, uma pequena cidade. Levado pela curiosidade, o Espírito André Luiz pede informações ao instrutor Neves a respeito do Instituto. Esclareceu, então, que a agremiação possuía uma diversidade de habitantes: desde os alienados reclusos em manicômios até os remanescentes de tragédias passionais já pacificados e de aparência hígida. No Hospital-escola os enfermos têm, como tema central de estudos, o sexo, pesquisado e enobrecido nas inúmeras Faculdades de ensino e desdobrado em especialidades, tais como: sexo e amor; sexo e matrimônio; sexo e maternidade, sexo e estímulo, sexo e equilíbrio; sexo e medicina; sexo e evolução; sexo e penalogia.

Podemos deduzir das informações dos Espíritos que, no Além-Túmulo, continuam a atração sexual, os ciúmes e outros sentimentos, bem mais intensos entre os insensatos que cometem sua dose de insensatez antes de atingir estádios elevados de desenvolvimento.

Em *Cartas de um Morto Vivo*, o Espírito David Hacht depara com um desencarnado que casara duas vezes na Terra. Estando todos desencarnados, viviam as esposas em litígio a reclamar a posse do marido que não tinha sossego. O marido, por sua vez, sentia-se, ainda, atraído pela segunda esposa e, de alguma forma, afeiçoado à primeira. O Espírito David Hacht se torna muito amigo deste trio singular.

Conta ele que, certa feita, as esposas lhe solicitaram o arbítrio: Com qual delas deveria o esposo ficar? Lembrou-se, então, da resposta do Cristo aos saduceus a uma pergunta semelhante: Quando ressuscitarem de entre os mortos, não casarão, nem serão pedidos em casamento; devem ser como anjos do Céu. Querendo que eles entendessem que, na condição

em que se encontravam, não deveria haver o sentimento de posse e nem utilizariam os órgãos sexuais com a mesma finalidade do casamento terreno.

Nos planos superiores da Espiritualidade, não existe o sexo como vulgarmente conhecemos, porém, objetivando o programa reencarnacionista, realizam-se planejamentos de uniões de almas, a fim de criar oportunidades de burilamento e progresso. Nos seus relatos, os Espíritos errantes falam dos diálogos que os futuros esposos mantêm em seus passeios pelos jardins das Colônias Espirituais a projetar as próximas encarnações.

4 - Sentimentos e Emoções nos Espíritos desencarnados

Os diversos sentimentos e emoções, positivos ou negativos, cultivados pela humanidade terrena se transferem para a Mundo dos Espíritos. Isso já se deduz de tudo quanto vimos em temas aqui tratados anteriormente. O ódio, o orgulho, a inveja, a avareza, a luxúria, a dedicação, a tristeza, a fraternidade, a alegria entre outros. Até mesmo lágrimas os desencarnados derramam para manifestar o que lhes vai no íntimo.

Os Espíritos comunicantes insistem em esclarecer aos que ainda permanecem na Terra sobre a situação dos desencarnados no Mundo Espiritual. Já Foi dito que a diversidade de caracteres é infinita, a depender de cada indivíduo, de suas vidas anteriores, das atitudes e hábitos que conservou. Encontramos, na Revista Espírita, de Allan Kardec, em seu nº 4, de abril de 1859 os seguintes esclarecimentos:

Há sensações que têm por fonte o próprio estado dos nossos órgãos. Ora, as necessidades inerentes ao corpo não e podem verificar desde que não exista mais corpo. Assim, pois, o Espírito não experimenta nenhuma fadiga, como nenhuma das nossas enfermidades. As necessidades do corpo determinam necessidades sociais, que para eles não existem. Assim não mais existem as preocupações dos negócios, as discórdias, as mil e umas tribulações do mundo e os tormentos a que nos entregamos para nos proporcionarmos as necessidades ou as superfluidades da vida. Eles têm pena do esforço que fazemos por causa de futilidades. Entretanto, quanto mais felizes são os Espíritos elevados, tanto mais sofrem os inferiores.

Mas esses sofrimentos são angústias; e, embora nada tenham de físico, nem por isso são menos pungentes: eles têm todas as paixões e todos os desejos que tinham em vida (referimo-nos aos Espíritos inferiores) e seu castigo é o de não poder satisfazê-los. Isto é para eles uma tortura que julgam eterna, porque sua própria inferioridade não lhes permite ver o término, o que é para eles um castigo.

Faz parte do aprendizado dos estudantes desencarnados a observação de comportamento dos Espíritos na erraticidade. Há os que alcançaram um equilíbrio e se dedicam à obras beneficentes, como, também, os apegados aos locais de opróbrio e de vícios. Os que abusam do álcool rondam as tabernas terrenas, imantados a encarnados que abusam da bebida. Outros arrastam, durante longos períodos, sofrimentos intoleráveis, criados pela própria mente dementada. Conservam sentimentos vis; continuam a mentir e a instigar conflitos entre os encarnados.

Suas feições, assim como todo o corpo, tomam características hediondas que, segundo informações do Mundo Espiritual, causam pavor. São Espíritos malignos que espalham a sua perversidade, contaminando os desavisados que se encontram, de qualquer forma, impregnados de sentimentos inferiores e paixões repugnantes. Alimentam-se eles de emanções venenosas desprendidas da excitação colérica e dos fluidos animalizados dos seus semelhantes. Esses Espíritos necessitam, quase sempre, de um tratamento nos dois planos — espiritual e terreno — através de uma doutrinação segura e constante.

Yvonne A. Pereira, em Recordações da Mediuidade, dedica o capítulo 10 ao problema das obsessões resultantes do assédio dos Espíritos sobre os encarnados e alerta para a importância do trabalho e esclarecimento e reabilitação que deve ser realizado por especialistas no assunto. Diz ela que:

Um dos mais belos estudos que o Espiritismo faculta aos seus adeptos é, certamente, aquele a que os casos de obsessão nos arrastam. Temos para nós que esse difícil aprendizado, essa importante ciência de averiguar obsessões, obsessores e obsidiados deveria constituir especialidade entre os praticantes do Espiritismo, isto é, médiuns, residentes de mesa, médiuns denominados passistas, etc. assim como existem médicos pediatras, oculistas, neurologistas, etc., etc., também deveriam existir espíritas especializados nos casos de tratamento de obsessões, visto que a estes será necessária uma dedicação absoluta a tal peculiaridade da Doutrina, para levar a bom termo o mandato.

Tal ciência, porém, não se poderá limitar à teoria, e querendo antes paciente e acurada observação em torno dos casos de obsessão que se apresentem no limite de Ação de cada um, pois é sabido que a observação pessoal, a prática no exercício do sublime mandato espírita enriquece de tal forma os nossos conhecimentos em torno de cada caso com que nos defrontamos que, cada um deles, ou seja, cada obsidiado que se nos depare em nossa jornada de espíritas, constituirá um tratado de ricas possibilidades de instrução e aprendizado, visando à cura, quando a cura seja possível.

O Espírito David Hacht, em Cartas de um Morto Vivo, apresenta um caso de avareza; espetáculo repulsivo que presenciara de um desencarnado. Narra o fato e analisa as consequências da ambição no Mundo Espiritual. Assistiu ele a um... (. . .) avarento a contar o seu dinheiro, e vi os olhares terríveis dos Espíritos espreitando avidamente o seu menor movimento. O ouro possui uma influência especial além do seu poder de aquisição e de tudo que se lhe acha ligado. Há Espíritos que amam o ouro como o avarento, com a mesma paixão avassalante, ambiciosa, que nada satisfaz.

Entretanto, no Além-Túmulo há, também, aqueles que dedicam seu tempo ao auxílio e ao progresso geral, pois já cultivam bons sentimentos, como o Amor, a Caridade e a Fraternidade. Entre eles não há lugar para a inércia e a preguiça. A prece, o trabalho, a alegria e os ideais superiores fazem parte do seu cotidiano. São os benfeitores do Espaço, aliados das Esferas Superiores, que recebem a tarefa de instruir Espíritos mais atrasados e aspiram à dignidade do Mestre Jesus.

11. A obsessão e o obsessor

por Valter Marques

Que é obsessão?

A ação nefasta e persistente que um espírito exerce sobre outro.

Apresenta caracteres diversos desde a simples modificação comportamental até a total perturbação do organismo e faculdades mentais (Evangelho cap.28.81)

OBSESSÃO – do latim *obsessione*. Impertinência, perseguição, vexação. Preocupação com determinada idéia que domina doentivamente o espírito e resultante ou não de sentimentos recalcados; idéia fixa; mania.

Decorre sempre de uma imperfeição comportamental que dá ascendência a um espírito mau.

Quase sempre exprime vingança tomada por um espírito e cuja origem se encontra freqüentemente nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor em precedente existência.

É um processo bilateral. De um lado o cobrador e do outro o devedor.

Culpa, remorso ou ódio que não se extinguiu são impressos no perispírito.

Pergunta 459 do Livro dos Espíritos.

Influem os espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

A esse respeito, sua influência é maior do que podeis imaginar. Muitas vezes são eles que vos dirigem.

Companhias espirituais

Criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo se fotografa.

Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. (A Gênese Cap. 15.15)

Gradação das obsessões

Desencarnado para encarnado

Obsessão simples:

Trata-se de uma simples influencia moral, algumas vezes sem sinais exteriores evidentes ou perceptíveis. Pode também ser física, quando os espíritos produzem, espontaneamente, manifestações ruidosas (pancadas, sons diversos, etc.) e persistentes, transporte de objetos, combustão espontânea, etc.

Fascinação

É representada por uma ilusão resultante da ação direta de um espírito, sobre o pensamento do médium e que, de certa forma, paralisa o seu raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganado: fica cego à razão e, não raramente, se expõe ao ridículo, pois a ação do obsessor neste caso é dissimulada, ardilosa e profundamente hipócrita, nem sempre deixando transparecer, nos seus conceitos e atitudes, a sua natureza inferior.

Subjugação ou possessão

Os casos de subjugação representam um nível mais avançado de obsessão, no qual, algumas vezes o constrangimento se mostra tão forte que é denominado POSSESSÃO, representado pela substituição, ainda que parcial, de um espírito encarnado por um espírito errante.

A subjugação é uma ação que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a despeito de sua vontade – o ser fica sob verdadeiro jugo -; pode ser moral ou corporal.

É preciso saber que neste estado o obsidiado, muitas vezes, tem consciência de que é ridículo o que está fazendo, porém é constrangido a fazê-lo, como se alguém mais forte do que ele o obrigasse a tais atitudes e comportamentos.

Por oportuno, esclarecemos que, um espírito desencarnado não entra em um corpo como entra em uma casa. Para agir conjuntamente, ele se aproxima de um espírito encarnado que lhe seja semelhante, isto é, que tenha os mesmos defeitos e as mesmas qualidades. Porém é sempre o espírito encarnado, que age como quer sobre a matéria da qual se encontra revestido. Isso porque um espírito desencarnado não pode colocar-se no lugar de um espírito encarnado, substituindo-o, uma vez que o espírito encarnado e seu respectivo corpo físico encontram-se ligados até o tempo determinado pela espiritualidade, para o fim daquela sua existência material. Portanto, não existe possessão propriamente dita, ou seja, coabitação de dois espíritos em um mesmo corpo.

Entretanto a alma pode encontrar-se na dependência de outro espírito, de maneira a encontrar-se por ele subjugada ou atormentada, a ponto de ser sua vontade, de certa forma, paralisada.

Esses são os verdadeiros casos de possessão, porém é fundamental ressaltar que essa dominação não se efetua jamais sem a participação daquele que sofre, seja por sua fraqueza, seja por seu desejo, pessoas que sofrem de epilepsia ou outras loucuras, que mais necessitam de cuidados médicos do que de exorcismo.

Encarnado para Encarnado

Pseudo-obsessão

Ainda com relação ao aspecto de classificação das obsessões, queremos lembrar aquele envolvimento que denominamos de pseudo-obsessão, e que pode ser explicado como sendo uma ação perturbadora, sem intenção deliberada de prejudicar. Decorre de atitudes egoístas, possessivas e controladoras, de um ser sobre o outro, com o intuito de satisfazer sua vontade tirânica (inconsciente ou não), embora supondo estar fazendo bem ao outro. Apesar da boa intenção, a ação é maléfica por ser escravizadora e desrespeitar o direito de escolha individual.

Comum entre casais em que um dos cônjuges exerce total domínio sobre o outro, a ponto de privá-lo totalmente de liberdade, em nome de um suposto “amor”. Interrompida a ação deste “protetor”, por morte ou afastamento compulsório, pode haver duas reações das vítimas: alívio ou desespero. No último caso a vítima não aprendeu a viver sozinha, por lhe ter sido usurpada a oportunidade de crescimento. A pseudo-obsessão nem sempre acaba com a morte do agente dominador. Pode ocorrer entre pessoas encarnadas e entre desencarnadas e encarnadas.

Conforme a intensidade e continuidade do processo, este pode evoluir para a obsessão propriamente dita.

Pessoas dominadoras que se ocultam sob os conceitos de

| | |
|----------|------------------|
| *CIÚME | *INVEJA |
| *PAIXÃO | *DESEJO DE PODER |
| *ORGULHO | *ÓDIO |

às vezes exercido de maneira tão sutil que o dominado se julga extremamente amado. Até mesmo protegido.

- Marido limita liberdade da esposa
- Esposa tiraniza o companheiro
- Pais que governam os filhos cerceando-os de quaisquer iniciativas
- Amigos que influenciam o modo de agir ou de pensar do outro
- Paixões escravizantes
- Pactos de suicídio, etc.

Desencarnado para desencarnado

Expressões espirituais do mesmo drama que se desenrola entre os encarnados. Os homens são os mesmos. Carregam consigo seus vícios, paixões, conquistas e experiências.

Obsessores ciosos de vingança em geral aliciam outros espíritos mais fracos e vulneráveis geralmente de inteligências inferiores e muito medo para secundá-los em seus processos de vingança. Há casos em que o “Chefe” mantém os outros espíritos sob o efeito de hipnose.

Encarnado para desencarnado

À primeira vista pode parecer mais rara de acontecer mas ao contrário do que se pensa visto que as criaturas humanas, em geral por desconhecimento, vinculam-se obstinadamente aos entes amados que lhes precederam no túmulo.

Expressões de amor egoísta e possessivo por parte dos que ainda estão na carne redundam em fixação mental naqueles que desencarnaram, retendo-os às reminiscências da vida terrestre. Dor, revolta, ódio, remorso... Partilha de bens, disputa de herança...

Recíproca

Pode assumir esta característica em qualquer uma das modalidades que vimos até agora. Assim como os espíritos afins e voltados para o bem cultivam a convivência amiga e fraterna, sob outro aspecto as criaturas se procuram para locupletar-se das vibrações que permutam e nas quais se comprazem.

Não raramente encontramos pessoas que dizem querer se livrar de suas obsessões e quando o dito obsessivo se comunica queixa-se de o encarnado chamá-lo insistentemente e de dizer-se precisado dele, não se podendo separar. Alguns chegam mesmo a proclamar que entre ambos existe paixão, razão pela qual têm de permanecer juntos.

Auto-obsessão

O homem não raramente é obsessivo de si mesmo (Obras Póstumas – Primeira parte – Manifestações dos espíritos – item 58).

Muito poucos admitem esta condição, preferindo sempre colocar a culpa de seus tormentos e aflições aos espíritos. Os consultórios médicos estão cheios daqueles que vão buscar a cura para seus tormentos quase sempre de um passado do qual não conseguem fugir. Dizem que a depressão é o mal do século.

Os auto-obsidiados graves freqüentemente se apresentam subjugados por obsessões lamentáveis. A auto-obsessão é aquela produzida pelo próprio obsidiado, que atrai para si próprio intensas cargas obsessivas, em processo consciente ou semiconsciente, de autopunição ou autodestruição; as formas-pensamentos negativas ou traumáticas, também chamadas entidades-pensamentos, criadas pelo obsidiado, se alojam nos seus chakras e a qualquer momento se voltam contra si próprio, num processo de difícil diagnóstico e tratamento.

A auto-obsessão reflete, muitas vezes, nas explosões de ódio, irritações momentâneas e cenas de ciúme que ocorrem repentinamente, cessando logo depois, deixando a pessoa, atônita e envergonhada, incapaz de explicar o seu próprio conhecimento.

Simbiose

Após esta etapa de classificação dos estágios obsessivos, não podemos deixar de enfatizar que, quando o processo, seja em que nível for, é por demais prolongado no tempo, obsessores e obsidiados se acostumam com a situação tornando-se um autêntico caso de SIMBIOSE espiritual. Só para lembrarmos – a simbiose biológica é a associação harmônica entre seres vivos, com benefícios recíprocos; a de caráter espiritual é semelhante e pode ocorrer entre espíritos encarnados e desencarnados.

Para ilustrar, podemos citar o caso dos médiuns “equivocados” e pouco evoluídos, que costumam desenvolver processo de simbiose com entidades igualmente inferiores. Os espíritos atendem aos chamados dos vivos, e em troca dos “serviços”, sugam do médium as energias vitais que precisam para se alimentar. A maioria destes médiuns que se intitulam “videntes” e que prometem – em troca de dinheiro ou quaisquer benefícios pessoais – adivinhar o passado, presente ou futuro, agem associados a entidades desencarnadas, numa troca maléfica e de resultados catastróficos para ambas as partes.

O que predispõe à obsessão

As imperfeições morais dão azo à ação dos espíritos obsessores (Livro dos Médiuns - item 252)

Assim como temos predisposição para os males físicos, temos também para os males espirituais.

Pensamentos e estados emocionais negativos criam zonas mórbidas em nosso campo mental, facultando a inoculação de pensamento alheio.

Somente existe a obsessão porque há endividados, criaturas que se procuram através dos tempos para acertar os débitos do passado.

Invigilância: a porta para a obsessão

Estai de sobreaviso. Vigiai e orai porque não sabeis quando será o tempo. (Marcos 13.33)

A existência de fatores predisponentes – causas adquiridas em encarnações anteriores – facilita a aproximação dos obsessores que, entretanto, necessitam descobrir o momento propício para a efetivação da sintonia completa que almejam.

Este momento tem o nome de invigilância. É a porta que se abre para o mundo íntimo facilitando a incursão de pensamentos estranhos cuja finalidade é o encontro entre o devedor e o credor.

Exemplos de invigilância

| | | | |
|-------------|--------------------------------------|--------------|-------------|
| Revolta | Idéias negativas de qualquer espécie | Depressão | Desânimo |
| Ódio | Vícios (fumo, álcool, tóxicos, etc.) | Pessimismo | Ciúme |
| Medo | Ociosidade | Avareza | Tristeza |
| Egoísmo | Desregramentos Sociais | Maledicência | Calúnia |
| Impaciência | Falar mal dos outros | Boatos | Insegurança |

O papel da escravização do pensamento

O Livro dos Espíritos – q. 833. Há no homem alguma coisa livre de qualquer constrangimento e da qual desfruta de uma liberdade absoluta?

É pelo pensamento que o homem desfruta de uma liberdade sem limites, porque o pensamento desconhece obstáculos. Pode-se deter o seu vôo, mas não aniquilá-lo.

A obsessão é a escravização temporária da mente. Pelo pensamento nos libertamos ou nos escravizamos. As obsessões acontecem pelo vôo do pensamento, de súbito detido.

Somos escravos do vício, do sexo, do dinheiro, do lazer, da máquina...

O processo obsessivo

“justapondo-se sutilmente cérebro a cérebro, mente a mente, vontade dominante sobre vontade que se deixa dominar, órgão a órgão, através do perispírito pelo qual se identifica com o encarnado, a cada cessão feita pelo hospedeiro, mais coercitiva se faz a presença do hóspede, que se transforma em parasita insidioso” – (Nos Bastidores da Obsessão – Manoel Philomeno de Miranda)

Quando ultrapassam o limite de simples influências, enraizando-se na mente da vítima que passa a viver sob o domínio quase total do obsessor, as obsessões assumem o caráter de subjugação ou possessão e ocasionam sérios danos ao organismo do obsidiado.

Na maioria dos casos não há apenas um obsessivo, mas vários.

Não se deve pensar que tudo que acontece na nossa vida é por influência de obsessores, assim como também não se deve atribuir todas as dificuldades à ação dos espíritos perturbadores.

O obsidiado

“As imperfeições morais dos obsidiados constituem freqüentemente um obstáculo à sua libertação” – Livro dos Médiuns - q.252

Todos nós fomos e ainda somos imperfeitos. Somos os algozes de ontem que fazemos os papéis das vítimas de hoje.

Crianças obsidiadas

“Não é racional considerar a infância como um estado normal de inocência. Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos numa idade em que a educação ainda não pode exercer sua influência? Não há algumas que parecem trazer do berço a astúcia, a falsidade, a malícia, até mesmo o instinto de roubo e de homicídio, apesar dos bons exemplos que lhes são dados de todos os lados?” (Livro dos Médiuns. 199a)

Crianças que padecem de obsessões devem ser tratadas em instituições espíritas com passes e fluidoterapia, sendo fundamental a orientação espírita dos pais que podem ser cúmplices ou desafetos pretéritos reunidos em provações redentoras.

Quem é o obsessivo?

É o irmão a quem os sofrimentos e desenganos desequilibraram, certamente com a nossa participação.

Modo de ação do obsessivo

Consciente ou inconsciente, usando ou não de artifícios e sutilezas é aquele que se aproveita de brechas comportamentais que encontra em sua vítima.

Parasitose espiritual

“Vampiro é toda entidade ociosa que se vale, indebitamente, das possibilidades alheias.” (Missionários da Luz – André Luiz – Cap.4)

Existe vampirização em larga escala, desde os tempos imemoriais. Sempre existiram criaturas que vivem a expensas de outras, absorvendo-lhes energias das mais diferentes maneiras, tanto no plano físico quanto no espiritual.

Assim, os que se encontram apegados às sensações materiais prosseguem, após o desencarne, a buscar todos os gozos em que se compraziam em vida. Para usufruí-los, vinculam-se aos encarnados que transitam em faixa vibratória idêntica.

Outra maneira de vampirização dá-se através de obsessores que por vingança e ódio ligam-se às suas vítimas no intuito de absorver-lhes a vitalidade, enfraquecendo-as e exaurindo-as para conseguirem maior domínio.

Idêntico comportamento têm os desencarnados que se imantam a seres da terra e que foram parceiros de paixões desequilibrantes.

Outros se ligam inconscientemente aos seres amados que permanecem na crosta terrestre, mas sem o desejo de fazer o mal.

O que dizer do trabalho escravo?

As obsessões complexas

Atualmente são aquelas que envolvem a ação de magos negros e aparelhos parasitas ou ainda o aprisionamento em campos magnéticos de vibrações baixíssimas.

Como reconhecer quando alguém está obsidiado

Quando alguém está sofrendo obsessão, há alterações de comportamento físico, mental e emocional.

Qualquer pessoa com conhecimento doutrinário espírita e um pouco de treinamento no campo do atendimento a obsidiados reconhece os sinais dessa alteração. (Percepção de fluídos ou a vidência são bons auxiliares na verificação do estado obsessivo, mas não são meios exclusivos nem infalíveis).

Na obsessão simples, os sinais revelados são tênues, insuficientes para se detectar a influência maléfica, a não ser para quem conheça a pessoa no seu estado normal.

Quando a obsessão se acentua, os sinais de alteração começam a ficar evidentes, tais como:

- Olhar fixo, esgazeado ou fugidio, sem encarar a ninguém;
- tiques e cacoetes nervosos;
- desalinho ou desleixo na aparência pessoal - excentricidade;
- agitação, inquietude, intranqüilidade;
- medo e desconfiança injustificados;
- apatia, sonolência, mente dispersiva;
- idéias fixas;
- excessos no falar, no rir; mutismo ou tristeza;
- agressividade gratuita, difícil de conter;
- ataques que levam ao desmaio, rigidez, inconsciência, contorções, etc.;
- pranto incontrolado sem motivo;
- orgulho, vaidade, ambição ou sexualidade exacerbada.

Na subjugação, quando a pessoa volta ao normal, após uma crise, geralmente se queixa do domínio sofrido e lamenta atos infelizes que praticou.

Na fascinação, os demais notam a fantasia, o fanatismo, a fixidez, o absurdo das idéias, só a pessoa que não.

No Médiun, destacaremos os seguintes sinais obsessivos: (item 243 do “Livro dos Médiuns”):

1. Persistência de um Espírito em se comunicar, bem ou mal grado, pela escrita, audição, tiptologia, etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam.

2. Ilusão que, não obstante a inteligência de médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe.

3. Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e, sob nomes respeitáveis, dizem coisas falsas e absurdas.

4. Confiança do Médiun nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam.

5. Disposição para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis; tomar a mal a crítica das comunicações que recebe.

6. Necessidade incessante e inoportuna de escrever e dar comunicações.

7. Constrangimento qualquer dominando-lhe a vontade. Rumores e desordens ao seu redor, sendo ele de tudo a causa ou o objetivo.

Livro consultado: "O Livro dos Médiuns" - Allan Kardec - Cap. XXIII - 2ª Parte.

12. O doutrinador

Do livro Qualidade na Prática Mediúnica (Projeto Manoel Philomeno de Miranda) – 3ª Parte – O Projeto Responde

...Focalizando agora o doutrinador, quais os padrões de qualidade que deverão guiá-lo no exercício de suas funções?

A primeira consideração a fazer é que o médium doutrinador tem um perfil próprio que o deve caracterizar. E a tônica principal dentro desse perfil deverá ser a racionalidade, o que não significa frieza, mas a base onde vai apoiar-se no campo das idéias, para expressar o seu trabalho num clima de segurança e estabilidade emocional capaz de infundir confiança naqueles que atende.

Diferentemente do médium de transe, que tem uma característica emocional muito vibrátil, o doutrinador ou terapeuta espiritual deverá ser emocionalmente menos oscilante, menos excitável, embora amoroso e disponível.

A mediunidade nele se expressará através da assimilação de correntes mentais, sem participação nervosa, através da intuição, a fim de que se ligue aos Espíritos socorristas que o inspiram sem se envolver mediunicamente com os sofredores que se comunicam e com os quais vai dialogar, o que não o impede de passar-lhes a energia dos bons sentimentos, a força da palavra abalizada e gentil, e as diversas terapias que complementam o aconselhamento.

Essa forma especial de ser médium garante-lhe a recepção das intuições enquanto ouve os Espíritos, mesmo raciocinando para organizar respostas adequadas e coerentes, estímulos e orientações, que passarão sob a forma de reflexões àqueles com quem dialoga.

Como importante se faz em todos os participantes de trabalhos mediúnicos o comportamento moral, no doutrinador essa qualificação se torna vital, essencial, pois como terapeuta espiritual ajudará muito mais com sentimentos do que com raciocínios, sendo a condição moral a única via capaz de estabelecer a sintonia com os Mentores Espirituais e a única força capaz de infundir respeito aos Espíritos rebeldes, ignorantes, primitivos, desarvorados, que são trazidos para receberem as terapias específicas.

Exige-se-lhe, ainda, um largo conhecimento doutrinário e do Evangelho, pois que estes serão a fonte supridora de onde emanarão suas orientações.

A posse desses elementos em nível adequado e razoável enseja ao doutrinador alcançar os seguintes tentos, que lhe deverão constituir os indicadores com que avaliará o seu trabalho:

Saber ouvir, fruto de uma observação atenta, concentrada, sem as tensões emocionais inquietantes do medo e da ansiedade; ouvir primeiro para depois orientar com segurança; rapidez de percepção, derivada de uma intuição clara, que, não acontecendo, fará perder-se em sindicâncias demoradas que prejudicam o atendimento no seu todo; intervenções oportunas e nas horas certas, resultado da interação das conquistas anteriores; e finalmente o uso das terapias complementares à palavra, tais o passe, a oração, a sonoterapia, a sugestão hipnótica e a regressão de memória, que são procedimentos indispensáveis em determinados momentos, e que deverão ser aplicados em consonância com os Mentores Espirituais, facilmente percebidas se estiver funcionando efetivamente a intuição.

Posturas corporais e psicológicas são ainda padrões de qualidade para o doutrinador pois se refletem nos resultados conforme o teor das mesmas, favorecendo o êxito ou limitando-o. Postura correta é o doutrinador colocar-se atrás ou ao lado do médium em transe, evitando

aproximar o seu rosto do dele, para não invadir o campo de aura do sensitivo, resguardando-o assim de constrangimentos e irritação. Caso o médium esteja falando baixo, o doutrinador pedirá para altear um pouco mais o tom de voz em vez de se inclinar em demasia sobre seu corpo.

Assume postura incorreta o doutrinador quando se interpõe entre o médium e a pessoa sentada ao lado, colocando a mão sobre a mesa, o que limita os movimentos de ambos, principalmente do médium em transe. Certas posições, como esta, um tanto largadas ou sem aprumo, podem estar refletindo estados psicológicos ou emocionais não muito adequados: displicência, insegurança, cansaço...

13. Para lembrar quando estiver doutrinando

Já falamos diversas vezes que a doutrinação de espíritos não segue uma receita fixa e assim como cada um de nós é único também são as situações que acontecem.

Abaixo citamos algumas observações a serem lembradas no momento em que estivermos atuando. Este texto foi adaptado do site www.filhosdaestrelaguia.com.br.

- Para direcionar o tratamento da desobsessão, independentemente das incorporações espontâneas, deve o trabalhador fazer a ponte fluídica, colocando levemente, uma das mãos, sobre a cabeça do médium e outra sobre a cabeça do paciente, e orar; pedir que o paciente pense em seu problema, ou seja, em si, se o tratamento for unicamente para ele. Se for em favor de outra pessoa, deve o interessado concentrar seu pensamento unicamente naquela pessoa, antes porém, em qualquer situação, pedir a Jesus que o ajude. Alguns espíritos incorporam sem a ponte, mas para favorecer a incorporação de um obsessor que se esquia, ou que esteja mais distante do obsidiado naquele momento, é que usamos a ponte;

- De início dirigir a palavra ao comunicante incorporado, com voz educada e cortês, cumprimentando-o e dando boas vindas, indagando se ele está enxergando o ambiente da casa. Recuperada a visão do espírito através de passes dispersivos, inicia-se a doutrinação;

- Tentar conduzir o espírito (quando possível e da melhor forma possível) ao entendimento de que ele está desencarnado, ou seja, que ele é um espírito, pois muitos desconhecem tal condição;

- Informar ao comunicante que ninguém está ali para ser julgado e nem castigado, e sim, receber orientação fraternal;

- O passo principal é conduzir o espírito ao Mundo Espiritual, mas para isso é preciso prepará-lo;

- Mostrar ao espírito que não será necessário vingança, porque quem errou vai ter que se ajustar com as leis de Deus. Portanto ele sofreu e está perdendo tempo, sofrendo duas vezes;

- Deixar claro que o perdão não beneficia quem é perdoado, e sim só quem perdoa, pois quem errou vai ter que se corrigir;

- Se o espírito não quiser perdoar, não insistir. O importante é que ele vá para o mundo espiritual, depois o perdão virá;

- Não fazer nenhuma espécie de trato com espírito;

- Alguns aceitam ir para o mundo espiritual apenas para conhecê-lo. Concordar com ele, depois ele aceitará ficar por lá;

- Se ele apresentar firme propósito de vingança, dizer que compreende o seu raciocínio porque foi prejudicado, mas depois mostrar que a justiça de Deus será feita e a vingança é desnecessária;

- Se o espírito se sentir preso ao médium, ou seja, não conseguir desincorporar-se, dizer que ele será liberado se orar. Ocorre que alguns espíritos, dependendo de seu estado mental, precisam ser retidos no médium, enquanto recebem doutrinação, para evitar que lancem

abusos ou ofensas e se afastem sorratamente brincando com a dedicação dos trabalhadores encarnados. Não são poucos os que agem desta maneira, mas ao tentar fugir não conseguem. Reclamam, esbravejam, dizendo que ninguém tinha o direito de prendê-lo. Nestes casos devemos argumentar que ninguém o prendeu; ele mesmo foi quem se prendeu trazendo uma mente carregada de segundas intenções e desajustes;

- Há casos que o espírito comunicante não demonstra nem um pequeno desejo de melhorar-se e de aceitar novos rumos para sua vida, vê todos os trabalhadores espirituais iluminados, compreende os recursos que a Casa dispõe, está sendo bem tratado, posto que todos o são, ainda assim lança deboche, embora esteja preso, então, pedimos à espiritualidade que o ampare e o conduza;

- Não discutir com o espírito, jamais; por mais que ele queira e procure direcionar a conversa para discussão, falando coisas de seu conhecimento e tentando provar que o doutrinador não tem o devido preparo para debater com ele, não aceitar;

- Se o espírito apontar vícios e erros de alguém, não divulgar nada, nem comentar. Manter segredo absoluto. Não ligar defeitos apontados por ele a ninguém. O papel do doutrinador não é este; se entrar num ouvido, que saia noutro;

- Se o espírito estiver sentindo dores, frio, fome, calor intenso, etc., imediatamente disperse esta energia através de passes e insista para que ele acompanhe a melhora;

- Se o espírito não puder falar nada e der sinal de que está ouvindo, porque dificilmente ele perde a audição pode ser que ele sinta algum impedimento pela memória física. Mais uma vez, o tratamento adequado é o passe dispersivo. Se ainda assim o espírito não fala, peça-o que acompanhe a espiritualidade;

- Se o Espírito se apresentar demonstrando ser de grande conhecimento acadêmico, não se intimidar, tratá-lo com mais gentileza ainda; deixar que ele fale à vontade, que primeiro desabafe, depois doutriná-lo. Ele pode ser muito sábio das coisas da terra, mas das espirituais conhece pouco, senão não estaria ali;

- Usar quadros de vidas passadas com muita cautela e caridade quando se fizerem indiscutivelmente necessários para lembrar ao espírito que ele também errou.

- Pedir à espiritualidade para mostrar cenas do mundo espiritual para que o espírito se sinta com ânimo para seguir para lá;

- Afirmar, se preciso for, que o espírito será protegido no mundo espiritual, portanto não deve temer perseguições;

- NUNCA aceitar desafios nem medir forças com espírito. Com humildade o doutrinador sempre realiza um bom trabalho. Jamais revidar ofensas recebidas. Todo doutrinador recebe ofensas. Estar preparado para isso é um dever;

- Não demonstrar medo, nunca. O doutrinador pautando sua palavra na Doutrina, falando com segurança, terá sempre apoio e proteção do alto. Não pode nem precisa ter medo;

- Mostrar ao espírito que ele não está em nenhuma armadilha, como muitos às vezes pensam. Dizer a ele que se fosse armadilha melhor seria que ele continuasse nada enxergando, não é mesmo? Pois enganar um cego é bem mais fácil;

- Quando um espírito insistir dizendo preferir as coisas da terra às espirituais, promova sua indução em sentido contrário;

- Não rir. Tentar a todo custo evitar mesmo em casos extremos. A hilaridade pode ser prejudicial, ou seja, pode ser mal interpretada;

- Ameaças? Não as tomar a sério. Muito menos as temer. Isso é comum quando o espírito sente que o seu perseguido está sendo ajudado;

- Jamais tentar convencer o espírito da existência de Deus. Se ele for incrédulo, tempo será perdido. Fale da vida, da realidade que ele está vivendo, e deixe que esse conceito ele entenderá com o tempo;

- Aos espíritos em estágio infantil, mostrar que lá no mundo espiritual existem papais e mães que fazem o mesmo papel dos daqui. E pedir quadros fluídicos do mundo espiritual mostrando onde vivem os pequeninos desencarnados. Muitas vezes o espírito desencarnou como criança, mas se comunica como se fosse adulto; isso depende da evolução. Tratá-lo na condição que ele estiver;

- Às vezes o doutrinador opta por colocar as mãos, levemente, sobre a cabeça do médium incorporado, a fim de que o espírito receba mais energias, mas se o espírito pedir para retirar a mão de sua cabeça, faça-o, evite aborrecê-lo, porém, se sentir que é muito necessário, insista, mesmo contrariando-o;

- O contato físico deve ser evitado entre doutrinador e médium;

- Ao segurar o médium, quando este tem convulsividade, não o faça com brutalidade, nem com exagero, pois pode machucá-lo ou deixar seu corpo dolorido;

- Incorporação de espíritos em ambiente do lar? Só as casas espíritas contam com guardas espirituais, imantação própria, etc., oferecendo plenas condições de trabalho desobsessivo. Apenas em casos especiais é que devemos permitir incorporação fora do ambiente de trabalho. Espíritos trevosos facilmente penetram em ambiente impróprio para desobsessão e lá passam a residir ou causar desajustes;

- No caso de comunicação de espíritos que demonstram estar desfigurados, com forma de animal, quase sempre, tais espíritos não fazem o uso da palavra, e se apresentam com gemidos, uivos, enfim, sons característicos da forma mentalizada. O espírito pode não conseguir falar, mas ouve. Aplicar passes dispersivos ao mesmo tempo em que pede à entidade que visualize a sua condição humana, orar em voz firme, longamente, impor as mãos sobre a cabeça do médium, e repetir a oração, os convites à visualização e as informações necessárias quantas vezes se fizerem necessárias, até que o irmão deformado tome a forma humana;

- Também ocorre de algum espírito feminino desencarnar em estado de gravidez, e, não poucas vezes leva em seu ventre o futuro bebê. Que o doutrinador não se assuste com isso. Informe que será conduzida a uma maternidade no mundo espiritual, e após os devidos cuidados e exames médicos poderá ter o seu bebê em mãos.

14. Entrevista com Divaldo Franco - *Extraída do site www.plenus.net*

A função das comunicações dos Espíritos sofredores tem por finalidade primordial o seu contato com o fluído animalizado do médium para que ocorra o chamado choque anímico. Allan Kardec usou a expressão fluído animalizado ou animal, porque, quando o Espírito se acopla ao sensitivo para o fenômeno da psicofonia ou psicografia, recebe uma alta carga de energia animalizada que lhe produz um choque. Como se pode depreender, às vezes, quando advém a desencarnação, o psiquismo do Espírito leva com ele todas as impressões físicas, não se dando a menor conta do que ocorreu. Ele continua no local do desenlace, estranhando tudo em sua volta, sem a mínima idéia da cirurgia da morte que aconteceu há muito tempo. Quando se dá incorporação, o Espírito recebe um choque vibratório que o aturde. Se nessa hora forem dadas muitas informações, este estado se complica ainda mais e a Entidade não assimila, como seria de desejar, o socorro de emergência a ser ministrado. O doutrinador deve ser breve, simples e, sobretudo, gentil, para que o desencarnado receba mais pelas suas vibrações do que pelas suas palavras. Imaginemos alguém que teve uma parada cardíaca e subitamente desperta num Hospital de Pronto Socorro com uma sensação de desmaio. A situação é comparável ao despertar pela manhã depois de uma noite de sono. Qual a nossa reação psicológica se alguém, aproximando-se da nossa cama, nessa hora nos diz:

- Você já morreu?

Damos uma risada e respondemos:

- Qual nada! Estou aqui no quarto acordado.

E continuamos, no entanto, a manter as impressões do sono. No caso de um Espírito desencarnado que se comunica, nesse momento é a vibração do interlocutor que vai torná-lo mais seguro, embora as palavras ditas suscitem nele alguns conflitos. Somente são necessários alguns esclarecimentos preparatórios para que os Mentores façam-se recordar-se da desencarnação em outra ocasião. Em casos especiais é viável, quando o Espírito permite, dizer-se que a sua desencarnação foi consumada, pois toda regra é adaptável às circunstâncias. Chega por exemplo, um Espírito dizendo:

- Estou sofrendo há muito tempo, não consigo livrar-me desta dor desconfortável.

Responde o doutrinador:

- Você já notou o que lhe aconteceu? Há muito tempo você está sentindo esta dor?

E o diálogo prossegue:

- Ah! Eu não me lembro. Não tenho a menor idéia.

- Meu amigo, isto é preocupante. Veja bem, examine-se, observe, onde você se encontra. Você sabe que lugar é este?

- Não sei.

-Você se encontra entre amigos. Note a forma como está falando. -Você já percebeu que se está expressando através de outra pessoa?

O Espírito vai ficar surpreso porque está convencido de estar falando com os seus próprios recursos. Terminada a pausa, o diálogo continua:

- Você já notou que até agora estive falando e ninguém lhe respondia, enquanto neste momento estou lhe respondendo? Sabe o porquê? Note que até agora tem pedido ajuda e ninguém lhe apareceu, qual a razão disto?

Enfim o doutrinador deve fazê-lo perceber, gentilmente, que algo aconteceu e ele não se deu conta. (...) Não há, pois, justificativa para a preocupação de dar-se muitos informes. É como dizer-se para uma criança o que ela não tem condição de assimilar. Não adianta falar muito. Tem que ser prático e objetivo. (...) Às vezes, o doutrinador fala em demasia, e não deixa o Espírito expor o seu problema. Observa-se com frequência um hábito que deve ser eliminado: o médium apresenta os primeiros sinais da incorporação e isso depende da organização nervosa ou da constituição psicológica do sensitivo e logo o doutrinador, aproximando-se, e sem ouvir o problema da Entidade, propõe:

-Tenha calma, tenha calma...

O Espírito, nem sequer disse uma palavra, e já foi tolhido de falar. Necessário deixar-se que a comunicação se dê, para o doutrinador sentir o problema do comunicante, a fim de encontrar a forma mais sensata de atendê-lo. Se o Espírito está gemendo, ouve-se dizer:

- Venha com Deus ou venha na paz de Deus. Existe outra fórmula muito corriqueira, que se costuma usar:

- Ore, pense em Deus.

São chavões que não levam a lugar nenhum. O doutrinador tem primeiro que ouvir as alegações da Entidade, para depois iniciar a argumentação específica, como se faz no relacionamento humano. Se alguém está chorando não se diz:

- Calma, calma, não chore, não chore...

Deixa-se a pessoa chorar um pouco, e depois Pergunta-se: - Qual é o problema? Por que está chorando tanto?

Damos outro exemplo:

Aproxima-se de nós uma pessoa muito nervosa, e se quisermos atendê-la, dizemos:

- Pois não? E mantemo-nos em silêncio até a outra extravasar os sentimentos. Depois é que a interrogamos.

Interrogar na hora do desespero cria confusão e a irritação acontece, prejudicando o êxito do atendimento. Portanto, poucas informações são um sinal de bom senso. Na hipótese da Entidade recalcitrar na teimosia, deve-se dizer:

- Você veio aqui em busca de ajuda, deixe-me ajudá-lo.

Tratando-se de Espíritos perturbadores que, por princípio, se deduz que sabem o estado em que se encontram, agindo, portanto, com intenção maléfica, o doutrinador usa outra técnica. Aliás, é bom alertar: a tática do obsessor é discutir para ganhar tempo e perturbar o ambiente. Enquanto está discutindo, irradia vibração desagradável que a todos irrita e provoca mal-estar; enfraquece-se o círculo vibratório e ele se torna senhor das mentes que emitem animosidade na sua direção. (...) Nota-se que o número de obsidiados que se curam hoje, é bem menor do que nos primórdios. A razão disso é porque o Espiritismo em muitos corações tem tido o efeito de uma reunião social, de um clube em que a pessoa vai participar com certa união, mas, saindo dali acabou-se, não mais se interessa, tem a vida profana normal, é o homem social comum, e por isso, os Espíritos que nos observam não acreditam em nossas palavras. Os vingativos não abandonam as vítimas que não demonstrem propósitos de melhorar-se intimamente, nem também levam em consideração as palavras destituídas do respaldo dos bons atos. Desta forma, quando convivermos com os obsessores, a melhor técnica é não discutir com eles, porque são faladores e têm o objetivo de confundir; principalmente os inimigos do ideal superior, as Entidades "religiosas", frias, cínicas, sofistas. A atitude do doutrinador deve ser sempre pacífica e gentil. Caso percebamos a intenção do Espírito em demorar-se além do necessário, digamos-lhe: - Agora, você pode ir. Já lhe atendemos conforme podíamos. Vamos aplicar-lhe uma medicação, e utiliza-se da indução hipnótica. Às vezes o Espírito reage, mas a medicação faz efeito, porque, quando tomamos esta postura, os Mentores Espirituais aplicam-lhes sedativo indispensável para o tratamento específico, hipnose ou certos produtos de origem espiritual que os anestesiaram e retiram-se.

Esta é a técnica ideal.